



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA COM ÁREA DE
CONCENTRAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

MARINA DA SILVA COSTA

Da pedra ao pó: granito e megalitismo no Amapá pré-colonial
(salpicado de ficção contemporânea das Minas Gerais)

Belo Horizonte

2021

MARINA DA SILVA COSTA

Da pedra ao pó: granito e megalitismo no Amapá pré-colonial
(salpicado de ficção contemporânea das Minas Gerais)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia com área de concentração em Arqueologia, do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Petry Cabral

Belo Horizonte

2021

306 Costa, Marina da Silva.
C837d Da pedra ao pó [manuscrito] : granito e megalitismo no
2021 Amapá pré-colonial : (salpicado de ficção contemporânea das
Minas Gerais) / Marina da Silva Costa. - 2021.
242 f. : il.
Orientadora: Mariana Petry Cabral.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Antropologia – Teses. 2. Arqueologia - Teses. 3. Amazônia
– Antiguidades – Teses. 4. Granito - Teses. 5. Cerâmica - Teses.
I. Cabral, Mariana Petry. II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MARINA DA SILVA COSTA (MATRÍCULA N.º 2018660394)

Aos 19 (dezenove) dias do mês de fevereiro 2021 (dois mil e vinte e um), reuniu-se em ambiente virtual, pelo canal do Youtube PG-ANTROPOLOGIA UFMG, a Comissão Examinadora para julgar em exame fina a dissertação intitulada: ***“Da pedra ao pó: granito e megalitismo no Amapá pré-colonial (salpicado de ficção contemporânea das Minas Gerais)”***, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, área de concentração: Arqueologia - linha de pesquisa: Arqueologia Pré-Histórica. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores doutores: **Mariana Petry Cabral – (PPGAN/UFMG) – Orientadora; Camilla Agostini (IFCH/UERJ); Fábio Soares de Oliveira (IGC/UFMG) e José Roberto Pellini (PPGAN/UFMG)**. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Mariana Petry Cabral, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à mestranda Marina da Silva Costa para apresentação da sua dissertação. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente a candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 19 de fevereiro de 2021.

Membros da Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Mariana Petry Cabral - Orientadora

Profa. Dra. Camilla Agostini

Prof. Dr. Fábio Soares de Oliveira

Prof. Dr. José Roberto Pellini



Documento assinado eletronicamente por **Jose Roberto Pellini, Professor do Magistério Superior**, em 19/02/2021, às 14:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Petry Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 19/02/2021, às 14:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilla Agostini, Usuário Externo**, em 19/02/2021, às 16:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabio Soares de Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 19/02/2021, às 16:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0564150** e o código CRC **597C17DE**.

DEDICATÓRIA

Vó Madalena e Vô Zeca: com humilde fé, viveram.

Vó Aparecida e Vô Acyr: com amoroso barulho, viveram.

Pai, cheio de sonhos viveu.

Cheia de saudade agora vivo eu.

A vocês, o meu mais básico alicerce ancestral, dedico tudo que aprendo e observo nesta vida.

Mas é a Ela, especialmente, que agradeço por tudo o que me torno, todos os dias:

Como bem disse Geeta Iyengar: *“o débito com uma Mãe nunca poderá ser pago”*.

Áurea,

Obrigada por permitir que teu ventre reunisse toda vida que sou.



AGRADECIMENTO

De forma dolorosamente sucinta:

Ao Absoluto, cuja expressão quero entender que somos.

Ao meu Self Jovem, por insistir em quem não sou.

Aline, Maíra, Mauro Jr. e Pedro Viana, irmãos do sempre sim.

Mariana e toda equipe do Nuparq/Amapá, chuva fértil condensada em pessoas arqueólogas.

Aninha e professores do PPGAN/UFMG, zelo ameno na subida íngreme.

Lara de Paula, Bianca, Denise e Gabby, fonte de mana no cotidiano acadêmico.

Cor, companheiro no bom e no melhor.

Nunni e Waldeir, parteiros do mundo que acho que vi.

“Para um *humano* que só tem como arma a razão,
não há nada de mais neurotizante do que o contato
com o irracional”.

Frantz Fanon

RESUMO

COSTA, Marina da Silva. **Da pedra ao pó: granito e megalitismo no Amapá pré-colonial** (salpicado de ficção contemporânea das Minas Gerais). 2021. 242 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021.

A pesquisa trata do uso do granito pelos indígenas pré-coloniais na Amazônia, em um sítio megalítico próximo ao município de Calçoene, norte do Amapá. Primando pela estética através da escrita criativa para maior envolvimento dos leitores, o estudo está estabelecido em dois eixos principais onde o primeiro explora o uso do granito, pelos indígenas do passado, como antiplástico na confecção de potes cerâmicos, escavados em poços funerários do sítio arqueológico Rego Grande I (AP-CA-18, Calçoene/Amapá). A inclusão intencional da rocha foi comprovada por lâminas petrográficas feitas a partir das amostras da cerâmica megalítica. O segundo eixo da pesquisa buscou compreender uma possível relação simbólica entre os elementos graníticos presentes no sítio arqueológico e o passado dos povos indígenas construtores das estruturas megalíticas, para além de uma ideia economicista do uso da rocha enquanto aprimoramento da olaria. Dialogando teorias arqueológicas e cosmologia indígena por meio da escrita criativa, foi construída uma narrativa parcialmente ficcional, apresentando os resultados alcançados e propondo novas ferramentas para o fazer arqueológico.

Palavras-chave: Arqueologia amazônica. Megalitismo. Granito. Cerâmica. Escrita criativa.

ABSTRACT

COSTA, Marina da Silva. **From stones to dust: granite and megalithism in Amapá pre-colonial (sprinkled with contemporary fiction from Minas Gerais)**. 2021. 242 f. Thesis (Master's Degree) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

The research deals with the use of granite by indigenous people of the pre-colonial past in Amazonian, near Calçoene town, northern Amapá. It strives for aesthetics through the creative writing seeking greater readers involvement, the research is based on two axes,. the first one presents the use of granite by the indigenous people of the past as antiplastic for making ceramic pots, dug in funerary wells at the Rego Grande I megalithic site (AP-CA-18, Calçoene / Amapá). This intentional inclusion of the rock was confirmed by petrographic slides made from samples of megalithic ceramics. The second axis of the research seeks to understand a possible symbolic relationship between the granite elements present in the archaeological site and the past of the indigenous peoples who built the megalithic structures, beyond the economist idea of using rock as an simple improvement of pottery. Dialoging archaeological theories and indigenous cosmology through creative writing, it was build a partially fictional narrative, proposing new tools for the archaeological doing.

Keywords: Amazonian archaeologie. Megalithism. Granite. Pottery. Creative writing.

Lista de Figuras

1 Sítio AP-CA-18/Calçoene-AP. Autora: Marina Costa, 2018.....	13
2 Colagem: esta é também uma obra de ficção. Autora: Marina Costa, 2021	20
3 Aquarela: Sítio Arqueológico Megalítico AP-CA-18, Calçoene - Amapá. Autora: Brunna Frade, 2020.	22
4 Sítio Arqueológico Megalítico AP-CA-18, Calçoene - Amapá. Autor: Pedro Viana, 2018	23
5 Harpia ou Gavião Real da Amazônia, Uiraçu. Autora: Brunna Frade, 2020	31
6 Bilhete misterioso. Autora: Marina Costa, 2020	32
7 Uiraçu. Autor: Desconhecido, 2020	39
8 Teste de Rorschach. Fonte: Internet, 2020	49
9 Tentativa de mapa. Autora: Marina Costa, 2020.....	67
10 Jupira, reproduzida diretamente do passado. Autora: Brunna Frade, 2020.....	81
11 Cerâmica pré-colonial em formato de ave, sítio AP-CA-18. Autora: Marina Costa, 2015	83
12 Urnas Aristé e Maracá, fonte parecer técnico 219. Autoria: MPF, 2016	92
13 Urna Aristé, oriunda do sítio AP-CA-18. Autora: Mariana Cabral.....	99
14 Sítio AP-CA-18, vista aérea. Autor: Pedro Viana, 2018	120
15 Ilustração do mito "Os Transformados", Friel, 1961. Autora: Brunna Frade, 2020	134
16 Um embrulho misterioso.	136
17 Coleta de granito em afloramento. Autor: Pedro Viana, 2018	139
18 Um rio e uma cadeia de montanhas. Imagem da internet, 2021.....	155

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	5
AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	8
ABSTRACT	9
MAPA	13
INTRODUÇÃO	13
ORIENTANDO	20
NOTAS DA INTRODUÇÃO	21
PRÓLOGO	23
NOTAS DO PRÓLOGO	30
CAPÍTULO 1 – SÍMBOLOS EM AÇÃO	32
1.1 É VERDADE ESSE BILHETE?.....	32
1.2 EU NÃO FALO PASSADÊS NEM SONHANDO	39
1.3 SOBRE NOÇÕES DE VERDADE.....	49
1.4 “COM O SANGUE DE QUEM FORAM FEITOS OS MEUS OLHOS?”	67
NOTAS DO CAPÍTULO 1	78
CAPÍTULO 2 – VIVOS, MORTOS, MATERIALIDADE E FLUIDEZ	83
2.1 “A GENTE ESPERA O ANO INTEIRO POR ESSE TEMPO”	83
2.2 CERTEZA SÓ DA MORTE QUE VIRÁ. O RESTO PODE SER QUALQUER COISA.	92
2.3 AQUI OS VIVOS TEORIZAM SOBRE OS MORTOS	99
2.4 ATENTA NA COZINHA, DERIVO NA PAISAGEM PELA JANELA DA ARQUEOLOGIA.....	120
NOTAS DO CAPÍTULO 2	131
CAPÍTULO 3 – ALÉM DOS MITOS QUE PODEMOS LER	136
3.1 O FOGO MOLDA OS OSSOS, A ÁGUA GUARDA OS CORPOS	139
3.2 AQUELE QUE VÊ NÃO SE ENVOLVE.....	155
3.3 EU VOU VER COISAS QUE EU NÃO VIA ANTES	164

3.4 AS PEDRAS CHEGAM VIVAS AO FIM DA HISTÓRIA	192
NOTAS DO CAPÍTULO 3	203
EPÍLOGO	206
ANEXO I	214
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	238



Walter Funt

INTRODUÇÃO



Sítio AP-CA-18/Calçoene-AP. Autora: Marina Costa, 2018

A gestação dessa pesquisa de mestrado, também conhecida como *dissertação*, tem como principal função ser um dos reais divisores de águas em uma carreira acadêmica – antes graduada, depois, mestra.

A normatização de um prazo para tal faz-se necessário para limitar possíveis delongas que, à medida que adentramos no rico mundo de um objeto de análise, inúmeros fatos e novas percepções de mundo podem transformar o reto caminhar em uma perdição labiríntica. Em um mundo ideal, eu abdicaria do método científico ocidental – normatizado em prazos, delimitado por normas de escrita, ajustado a uma lógica cultural específica de raciocínio – para escrever sob as bênçãos do pensamento indígena que prega, de acordo com o professor Gregory Cajete¹, não isolar o objeto ou fenômeno para entendê-lo, mas percebê-lo, em termos de relações que o ligam a todas as formas de vida. Posso afirmar, de forma otimista, que o espaço acadêmico onde tencionei mestrar-me, a Fafich, na Universidade Federal de Minas Gerais - em Belo Horizonte, tem caminhado, ainda que a passos contidos, como é da praxe da ciência ocidental, para a completa aceitação da necessidade de ampliar as fronteiras rígidas da norma, abarcando outros modos de reunir os saberes, o pensar e as elucubrações. Acredito, modestamente, que meu trabalho, junto aos de diversos colegas com quem tive a honra de dividir o percurso acadêmico², propõe-se como ferramenta, para ajudar a ampliar essas fronteiras, da forma que hoje é academicamente possível: nem muito dentro nem completamente fora do que espera a normativa acadêmica. Espero eu.

Por que isso se faz necessário? Arrisco dizer que a curiosidade humana, em relação ao mundo onde habitamos, possui uma força que não aceita limites. E estamos

justamente em um desses momentos, em que a comporta do desejo de saber está sobrecarregada, prestes a arrebentar. Os diversos movimentos dos povos minoritários, que não mais aceitam a imposição de silêncio feita pelos povos invasores, mostram a que a humanidade verdadeiramente vem. A busca pelas faces de uma “realidade” partilhada leva a maioria de nós a repensar, todos os dias, as formas como lidamos com o micro e com o macro. E é premissa da academia permitir que esse borbulhar de inquietações tenha morada em seu interior. Foi contando com a força desse movimento que permiti a mim mesma um passo em diagonal, em relação ao esperado de uma pesquisa de mestrado em arqueologia. Depois de ficar na ponta dos pés e conseguir enxergar o mundo além do imenso labirinto no qual me engendrei, o que inicialmente eu chamei de contexto de pesquisa, entendi que havia uma forma pura e simples de materializar todo aquele universo confuso: megalitismo, sonhos, cerâmica pré-colonial, boletos, meditação, cosmologias ameríndias, problemas de coluna, ansiedade, passado, bruxaria, *burnout*, terapia, COVID, viagens imaginativas... Eu estava convicta (contínuo, aliás) de que a vida, afinal, é por demais rica para permitir que eu a recorte, ainda que seja na forma de um pesquisa acadêmica. Em suma, círculos de pedras, para mim, nunca foram e nunca serão macro vestígios do passado. São locais onde a vida pulsa ante os meus olhos. Acho. Acabei a dissertação e ainda não consigo explicar direito o que sinto. Quando fui para a faculdade, inócua, eu acreditava na simples expansão de horizontes. Agora ao sair dela, eu percebo que não há outra maneira verdadeira senão a explosão.

Por isso demorei a entender, ou melhor, a aceitar, que normatizar não é cercar, mas sim organizar a amplidão de mundo que existe dentro de cada um de nós, de forma que o resultado seja um idioma comum, que traga a compreensão do meu mundo pelo outro. Logo entendi, porém, que isso não é lá muito verdade, em relação a certos trabalhos científicos. Alguns pares simplesmente não desejam permitir que eu os entenda. E, durante muitos anos, achei que o problema era só meu. A organização normativa deveria ser uma premissa para tentar impressionar afetivamente o outro e não a si próprio, apenas. Assim, pelo bem da aceitação acadêmica de todo um caminho que eu já havia percorrido, tratei de reeducar meu egoísmo e vi, na escrita criativa, a brecha pela qual poderia dar luz ao sítio megalítico, como eu o via, para outros olhos. Espero ter alcançado esse objetivo, a partir do momento em que meus pares, em todas as direções e sentidos, consigam completar o quadro que eu vejo. Seguindo os ensinamentos do Karma Yoga³: a existência individual deve ser um grande servir a todos, que é o um, ao um que é o todo, ao todo.

Encontrei nas linhas de Ana e Francisco⁴ uma razão para focar, para expressar o sentimento que me move mais do que o vaidoso prazer de saber. “*Buscar ou ‘alimentar-se’ demais — de saberes, valores, teorias etc. — pode ensejar angústia e “obesidade”, muitas vezes até paralisante, (...) excesso de informação sobeja sufoca e não produz, necessariamente, conhecimento e sapiência*”. O que foi mais ou menos mesma fala de Mauro Paola, meu mestre de Yoga: “*há o momento em que devemos parar de reunir informações e nos movimentar. O intelecto é como o corpo: precisa de expressão*”. Foi assim que, longe do campo e do laboratório, em isolamento pela pandemia do Coronavírus, finalmente começou o parto da dissertação.

A bolsa rompeu certa manhã de domingo. Ainda ressonando enquanto o sol passava frágil pela cortina de bambu do quarto, tive a nítida sensação de ouvir um burburinho, vindo da mesa de trabalho. Despertadamente intrigada, desci as escadas, pé ante pé, rumo ao falatório desencontrado e, espantada, deparei-me com uma verdadeira anarquia intelectual: pilhas de livros exaltados em altos brados ameaçavam ir às vias de fato com uma imensa quantidade de artigos que, em desalinho, rebatiam aos gritos as anotações espalhadas pelo chão do escritório, empunhando canetas pontiagudas contra seus adversários. Anárquicas afirmações contemporâneas tentavam silenciar os berros de conceitos arraigados; páginas e páginas de escrita iam às vias de fato para defender, cada folha a seu modo, um posicionamento científico ou tradicional. Assombrada, girei nos calcanhares de fininho e, como um passe de mágica, tudo ficou subitamente silencioso. Aquela cultura material exasperada percebera minha presença. Senti fixarem em mim seus muitos olhos ferozes, afinal, eu e mais ninguém era a razão daquela confusão disparatada e em uma debandada de cólera, livros, cadernos de campo, computador, PDF’s, rascunho, desenhos, e-mails lançaram-se em meu encalço! Quando ficou iminente que a fúria argumentativa alcançaria meus calcanhares nus, acordei sobressaltada, ciente do recado desse sonho peculiar: era aquele o dia de narrar a pesquisa.

Pedindo a Ganesha⁵ o poder de transformar tudo o que eu tinha vivido nos últimos anos em uma cadeia verdadeiramente interessante, bonita e, se possível, didática, da arqueologia brasileira, fiz a Ele um puja acendendo uma vela vermelha. Coloquei no *youtube* um *kirtan* sereno, na chama da vela acendi um incenso de alecrim... E nada aconteceu. A tela branca em minha frente me cegava, feito um farol. Desanimada, fui até a cozinha. Fiz um chá de camomila para controlar as ondas de azia que ameaçavam o delicado equilíbrio do meu estômago. Foi aí que a vi. Foi aquela a primeira vez. Eu

contemplava desprentensiosa a trempe do fogão, a mistura quente de azul e laranja, a vista levemente desfocada pela imersão no fogo dançante e então comecei a divisar seu rosto firme. Um olhar altivo, o corpo como um tronco antigo, ela toda crepitava sabedoria. Esfreguei meus olhos e belisquei o dorso da minha mão para ver se, de novo, sonhava e nada pude fazer frente a sua imagem, que agora aparecia claramente: a tez tostada de sol, cabelos nas espáduas, cor de lua cheia, a íris negra e profunda como a noite. Ela olhava para dentro de mim.

Eu sentia que aquela mulher poderia ter vivido há muitos anos, mas também poderia estar ali, na minha cozinha, terminando de preparar o meu chá. Ela assentiu e sumiu. Sacudi a cabeça para afastar aquele estranho vórtice hipnótico, assim que a velha desapareceu. Desliguei o fogo. A água há muito já havia evaporado, o caneco começara a queimar o fundo e não apenas voltei para o computador de mãos vazias como também aturdida. E então algo ainda mais estranho aconteceu. Minhas mãos firmaram-se no teclado e começaram a trabalhar, com sofreguidão. Era como se outra pessoa tivesse se apossado delas, pela primeira vez, e por muito tempo, vi minha mente calada, sem desviar um segundo sequer do que acontecia. Dos meus dedos começou a jorrar uma narrativa fantástica! Eu escrevia sobre uma mulher velha e majestosa, sobre a chuva intermitente na mata silenciosa, sobre um povo indígena do passado que viveu uma grande guerra para proteger imensas pedras de granito que seus parentes, ainda mais antigos, ergueram rumo aos céus...

Escrevi e escrevi, por horas a fio. Até perceber que eu estava completamente afundada em uma história incrível, mas que não iria servir absolutamente para concluir a tarefa acadêmica que me era devida...



Suspirei, a contra gosto fechei o arquivo e abri outro documento em branco para organizar as ideias técnicas do trabalho. Ideias nas quais nem eu mesma estava muito interessada. Foi aí que aconteceu o primeiro estalo, por mais óbvio que agora ele pareça. Eu jamais poderia criar algo que não fosse, honestamente, surpreendente para mim. Começou a voltar à minha memória textos e mais textos de grandes autores da arqueologia que eu havia lido durante todo meu percurso na graduação e no mestrado.

Artigos sobre incríveis campanhas de escavação, excursões de campo em lugares quase inacreditáveis, histórias sobre um passado humano pulsante que foram traduzidas em palavras e tabelas, absurdamente chatas e incompreensíveis para uma mente não doutrinada! Na época, eu não admitia minha falta de entendimento, mas essa é a verdade. Eu lia e relia dados e mais dados de algo consagrado e não assimilava quase nada... Se não fosse por Andrei, Jacqueline, André, Mariana, Luís e sua insistência... bem, talvez eu não tivesse chegado até aqui.

Entendo que em um tempo no qual as máquinas fotográficas não eram itens à mão, literalmente, era mais complexo dar vida a recursos visuais que transportassem para o papel a imensidão possível da arqueologia. Mas, convenhamos, pensemos em tudo o que já foi feito com papel e tinta (e até antes disso) simplesmente pela cadência das palavras em linhas bem organizadas... Foi assim que cheguei à conclusão de que toda a criatividade viva do passado, tão bem representada em paredões rochosos pintados ou gravados, em cerâmicas antigas maravilhosamente decoradas precisava, em minhas mãos, de uma ferramenta mais potente do que imagens digitais, do que lâminas petrográficas, do que vídeos feitos por *drones* ou retirados do *google earth*: eu precisava da benção de Calíope, também conhecida como a magia que emana da literatura.

Comecei a pesquisar sobre o lugar da beleza nos trabalhos científicos, quem sabe mais um flerte inconsciente com a anarquia do método⁶ visando dar outra estética à minha escrita acadêmica. Através de uma conversa – e com isso, em geral, quero dizer que eu li, mas escrevi como se tivesse mesmo conversado com os autores – com Jeanne Marie Gagnebin⁷, tive a certeza de que esse era um prumo firme para a pesquisa sair do laboratório e chegar, satisfatoriamente, ao papel: primando pela beleza literária como forma de ressaltar as possibilidades e as riquezas arqueológicas do passado. Meu objetivo, com o sentimento e a intensidade de um romance, tornou-se descrever as inebriantes sensações de estar onde estive, transmutar concepções e finalmente relatar, de forma leve (ou ao menos mirando a leveza), tudo o que aprendi com os anos de estudos sobre o sítio megalítico de Calçoene, no Amapá. Honestamente, tenho um objetivo mais vaidoso e menos nobre: de cada 10 pessoas que perguntavam sobre a minha pesquisa, 09 diziam não ter a menor ideia de que o AP-CA-18 existe, o que não deveria me surpreender, uma vez que eu mesma, vulgo a interessada, só vim saber de megalitismo na arqueologia brasileira quando já estava na graduação em arqueologia. O fato de não termos pirâmides, espadas milenares e toda a sorte de espetáculos que constitui a arqueologia mundo a fora,

torna a tarefa de prestar atenção em nosso passado um pouco mais difícil e nada atrativa, midiaticamente. Isso para não citar a dificuldade de encontrar e ler os estudos acadêmicos e científicos sobre o tema. Sou uma aluna de pós-graduação que nunca acessou o site de periódicos da Capes em seus sete anos de percurso acadêmico (deixando claro, não me orgulho). Como esperar de uma pessoa que não tem essa obrigação, que não depende disso para seu dia a dia, a iniciativa de simplesmente sentar-se em frente ao computador e de buscar no banco de dados da *Scielo* informações sobre “*o passado indígena brasileiro*”? Não. Precisamos de algo para estar perto. Sem pretensões de que minha dissertação seja uma resposta ou um exemplo. Talvez mais uma leva de sementes de possibilidades de ideias. Veremos. Entregarei esse arquivo para os meus amigos de bar, para a minha mãe, para os meus cunhados e amigos de infância. Quero ver se os olhos deles brilham como os meus, ou como os de todo mundo que pretende um dia ir ao Egito contemplar os 40 séculos que nos contemplam. E, para isso, a melhor ferramenta a que posso ter acesso é a mente de cada leitor. É apresentar algumas peças do quebra-cabeça megalítico amapaense, tentando montar um quadro de uma possível história do passado indígena, de forma que possamos ver e assimilá-lo no agora. Mostrar que o empolgante tesouro da floresta amazônica é a própria floresta, e o porquê de ela precisar ser defendida e guardada por nós. Minha anarquia de método não se resume a dar contornos mais literatos à pesquisa científica, mas também em dar vida a possibilidades científicas por meio da escrita. Se na nossa “realidade” eurocentrada, pedras, animais e panelas de barro só podem se exprimir no mundo da imaginação e dos sonhos... então, que seja.

Conquistei sua simpatia de ouvinte? Será que, ao ler, você vai abraçar minha causa ou julgar meu método como escudo para uma possível inabilidade científica? De toda forma, peço sua licença para usar um ou outro recurso técnico, afinal não é minha intenção, ao menos não sozinha, reinventar a roda. Os sonhos, a meditação, os rituais de bruxaria moderna foram pano de fundo para eu conseguir descrever o verdadeiro cenário, o sítio megalítico AP-CA-18. Entre e sente-se. A aventura está aqui.



Um último, mas necessário, PS: na longa discussão sobre o que é a beleza, eu trabalhei com a ideia de se tratar de algo que nos toca sem que precisemos explicar. Este é um debate talvez tão longo quanto a própria trajetória humana na Terra, uma conversa que envolve as mais variadas correntes teóricas e, portanto, não tenho intenção e nem competência para esmiuçá-la. Não me acredito, de forma alguma, epistemologicamente preparada para contribuir. Pontuo apenas o que acatei sobre a beleza: na Grécia clássica, a beleza era um substantivo, derivado de um adjetivo, cujo significado estava relacionado à questão temporal, mais especificamente, à palavra hora. Belo era algo em conformidade com seu momento e o melhor exemplo é uma fruta madura no pé. Essa “dissertação romanceada” propõe-se, portanto, a expressão de um amadurecimento nos estudos arqueológicos desenvolvidos no presente brasileiro moderno, ano de 2020, com referências e linguagem culturais desse lugar e época nos quais estou inserida, para despertar nos corações que partilham desse átimo de segundo, conhecido como século XXI, um momento de encantamento e, quem sabe, de aprendizado. Talvez eu esteja um pouco verde. Mas meu coração diz que o tempo de colheita não demora e por isso ousou.

Sem mais delongas, comecemos. Pegue um copo de leite quente, um café recém-coado ou um revigorante mate na cuia e aconchegue-se!



Orientando

A leitura desse trabalho exige o uso de algumas ferramentas de construção literária. As palavras ou espaços em branco entre colchetes significam a necessidade de uma pausa para interpretar a seu modo o texto. Quando houver essa sinalização “[]” as situações antes delas precisarão ser degustadas com maior atenção, são indicações de momentos chave para a assimilação de ideias ou sensações possíveis (ou não). Ao final de cada seção, estão todas as notas apontadas ao longo do texto, identificando autores e obras referenciados. Optei por suprimir as esperadas referências ABNT, na narrativa para o melhor fluir da escrita. A exemplo de uma obra que muito me inspira, estética e intelectualmente⁸, acredito que este ainda não é o *lay out* perfeito, mas uma maneira possível de dar ritmo a leitura, o que é importante para envolver os leitores na história/pesquisa. As imagens aquareladas de cada início de sessão foram modificadas por aplicativo, à exceção dos desenhos que ilustram o início de cada capítulo, feitos pelas mãos da incrível artista Brunna Frade, enquanto o mapa que une Calçoene/AP e Belo Horizonte/MG foi elaborado pelas mãos do tarólogo maranhense Waldeir Brito⁹. Na internet há um álbum que chamei de “Pessoas Dissertativas”, um componente que não faz parte da dissertação, mas é fruto da minha vontade de dar rosto às muitas gentes que me ajudaram no processo da pesquisa. Acredito que não existo, caso elas deixem de existir. Por fim, optei por usar, no corpo do texto, o primeiro nome das autoras e autores bibliograficamente referenciados. A grande maioria deles não são meus conhecidos e nunca tivemos um contato “real”, a não ser na situação tradicional: eles como autores e eu como consumidora de seus saberes. De toda forma, é bom ressaltar:



Colagem: esta é também uma obra de ficção. Autora: Marina Costa, 2021

Notas da Introdução

¹ Gregory Cajete é professor de estudos dos povos americanos nativos, linguagem e literatura socioculturais na Universidade do Novo México. Descendente do povo indígena Tewa (México) é autor de livros fundamentados no entendimento/perspectiva indígena de mundo. Vide: <<https://nas.unm.edu/people/faculty/cajete-gregory.html>>.

² Vide as dissertações de mestrado de Lara de Paula e Gabby Hatermman, *Arqueopoesia: uma proposta feminista afrocentrada para o universo arqueológico* e *Voltar, contar e lembrar de Gangan: por uma arqueologia griótica afrodecolonial em Mana, Guiana* defendidas também no PPGAN/UFMG: <https://www.academia.edu/42186008/ARQUEOPOESIA_uma_proposta_feminista_afrocentrada_para_o_universo_arqueol%C3%B3gico> e <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BE6KAD>>, respectivamente.

³ Um dos caminhos de prática ensinados pelo Yoga para alcance da plenitude na vida humana, segundo o *Yoga Sutra de Patanjali*, obra fundamental dos ensinamentos práticos do Yoga (Mendes [trad], 2000).

⁴ Ana Cristina e Francisco Mirtiel Frankson são doutores em Educação e professores acadêmicos que trabalham com o tema de produção estética da escrita acadêmica. Vide *Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenção pedagógica* (MORAES; CASTRO, 2018).

⁵ Conta-se que Ganesha, filho do deus Shiva, cuidava da mãe Parvati, enquanto o Pai passou um longo tempo em meditação nos Himalaias. Ao retornar para seu lar, Shiva encontrou em seu quintal um bellissimo jovem. Tomado de intensa fúria, Shiva decepou a cabeça do jovem, entendendo, ao ouvir os lamentos de sua esposa, que tratava-se de seu próprio filho. Assim, Shiva reviveu Ganesha colocando nele a cabeça de um elefante, o que permitiu que a criança divina passasse a ter acesso a todo o saber do universo, uma metáfora sobre o vencimento da morte pelo conhecimento. Isso torna Ganesha, para o povo hindu, o Deus a quem devemos recorrer para triunfar sobre os obstáculos com sabedoria.

⁶ Agradecendo ao professor Andrés Zarankin pela primeira referência ao termo, e aos 45 do 2º tempo, pela indicação de *Contra o Método*, (Feyerabend, 1977) feita por Mariana Cabral.

⁷ Gagnebim estuda a Estética dentro das grandes áreas Filosofia e Linguagem. Seu mote é sobre a necessidade de darmos beleza para conseguir profundidade na escrita dentre outras percepções sobre o processo de comunicação. Muito me acrescentou o *Lembrar, Esquecer, Escrever* (GAGNEBIN, 2006).

⁸ *Mulheres que Correm com os Lobos*, da psicóloga norte-americana Clarisse Pinkola Estés (2014).

⁹ Os trabalhos de Brunna e Waldeir podem ser degustados no instagram @brunnafrade.art e @waldeirbritto.



Brunna Frade
2020

Aquarela: Sítio Arqueológico Megalítico AP-CA-18, Calçoene - Amapá. Autora: Brunna Frade, 2020.

Prólogo

– AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHH!



Sítio Arqueológico Megalítico AP-CA-18, Calçoene - Amapá. Autor: Pedro Viana, 2018

[]

Meu grito espantou, da árvore mais próxima, uma imensa ave e abafou, por alguns segundos, o contínuo gotejar da chuva que, durante as últimas sete horas, caiu sem trégua sobre as grandes pedras no topo elevado da planície amazônica. Aquele pássaro enorme de cara preta e longas asas brancas, esteve impassível sob o aguaceiro olhando minha frustração sem emitir um pio sequer, exceto após o grito que dei. O piado que ele emitiu era agudo e apavorante. Ele parecia também gritar um aviso, algo como “você não deveria estar aqui”. Seu piar só aumentou minha sensação de mau agouro. Ainda que eu estivesse paramentada, dos pés à cabeça, no melhor estilo *Indiana* dos trópicos, imersa como o professor Jones Jr. em um cenário incrivelmente bonito, bucólico e desafiador, minhas roupas encharcadas me deixavam absurdamente mal humorada, um bocado deprimida e bastante desanimada. Sentindo o corpo gelado, eu ruminava, saudosa, o conforto seco da minha sala de estar mineira, que cheira a café coado e pensava, sem parar, em que raios eu fora fazer ali, a mais de 2.500 km do meu sofá confortável e quente. Eu tinha fome, meus pés boiavam dentro da botina e nada, naquele pavoroso solstício de inverno, parecia funcionar, conforme o meu inocente e bem planejado projeto de pesquisa.

As minhas elucubrações foram ficando profundas. Cheguei a questionar até mesmo de onde eu havia tirado aquela ideia esdrúxula de estudar arqueologia. Era por

isso – eu pensava com meus botões – que a gente não tem nada que seguir os sonhos de infância, ora!! Por que – eu me remoía – não terminei a faculdade de Letras, arranjei um emprego em alguma editora mediana para, quem sabe na aurora de minha vida, enviar um rascunho noturno qualquer almejando um Jabuti? Hoje, provavelmente, eu estaria trabalhando no conforto da minha escrivaninha, contemplando a pequena araucária que nasceu em frente a minha janela, enquanto tentava buscar inspiração para rascunhar alguma aventura de cunho feminista.

Mas, voltando à realidade, tentei esfriar a cabeça. O que significava, para mim, ser arqueóloga, afinal? Naquele momento, eu não parecia, nem de longe, a figura altiva e impecavelmente fresca da Tomb Raider das telas. A situação era bem o contrário: ali, no meio daquela chuva torrencial que caía sobre a savana amazônica há horas, eu estava mais para a sujeira preta das botas da fictícia herdeira rica. Era isso. Eu era o barro arqueológico cinematográfico que Hollywood amassara a troco de bilheteria.

Concomitante ao meu berro, meu primo Pedro, cinegrafista, piloto de *drone* e um dos companheiros da expedição voltou, sabia lá eu de onde, aos pulos, assustado. Vencendo rapidamente a distância que nos separava com suas pernas compridas, após ter ouvido o grito esganiçado que muito provavelmente reverberou pelo sítio todo, ele foi logo perguntando:

– O que foi!!!? – Gritou de volta aquele menino de 2 metros de altura, dreads curtos e os olhos muito arregalados, a mão direita sobre o peito.

– Nada – respondi emburrada enquanto lembrava, culpada, que ele sofria do coração – só estou de saco cheio dessa chuvarada! Vamos juntar nossas coisas para voltar logo. Daqui a pouco, o seu Quito deve aparecer por aí com Mayara e Alê.

Ele suspirou, ainda um pouco alarmado, e concordou. De algum jeito, eu sabia que ele também iria se sentir melhor quando outras pessoas vivas estivessem por ali.



Era sexta-feira, 21 de dezembro de 2018. Aquele dia estava marcado há meses na minha agenda como “O” grande dia de campo da pesquisa de mestrado. A visita ao sítio arqueológico megalítico AP-CA-18 tinha como objetivo coletar amostras de granito em afloramentos da região e aproveitar a época para observar, *in loco*, o solstício de

inverno. Conjuntos de macro estruturas de pedras ao redor do mundo, no presente, são estudadas pela arqueologia como grupos de macro vestígios que recebem a classificação geral de *Megalitismo*, uma junção de termos gregos para significar, a grosso modo, “pedras grandes”. O AP-CA-18, nome oficial do sítio arqueológico amapaense, foi apelidado pela grande mídia de “*Stonehenge da Amazônia*”¹, uma referência a seu distante e mais famoso parente.

Naquela época, minha inocência eurocentrada imaginava que seria possível fazer uma idílica observação cinematográfica do sol nos megalitos de granito do Amapá. Localizado acima da linha do Equador, ainda em território brasileiro, o sítio arqueológico foi erigido em uma das poucas regiões do país onde, em dezembro, oficialmente, têm-se inverno e não verão, como convencionado para o restante do território brasileiro. Na prática europeia, essa época corresponde às noites mais longas do ano, com menos horas de luz diariamente. A partir do solstício de inverno, a luz começa a aumentar gradualmente, voltando ao equilíbrio de mais ou menos 12 horas de luz e 12 horas de sombra, que vai culminar no equinócio de primavera, em média três meses depois. Entretanto, em Calçoene, devido à proximidade com a linha do Equador, a incidência de luz solar e sombra não apresenta essa grande variação, como observada nos países localizados em maiores latitudes (mais distantes da linha do Equador, rumo aos polos norte e sul). Assim, a ideia de que a estrutura megalítica é especificamente um observatório astronômico, nos moldes conhecidos nos países europeus em relação a observação do sol, não faz sentido. E esse foi meu primeiro grande baque, algo que eu já deveria ter entendido, mas tamanha era minha inserção no modo anglo-saxônico de pensar o megalitismo que só me dei conta da minha falha de percepção, após viajar toda aquela distância para me deparar com um clima nada propício a observação do astro, a olho nu: chuva intermitente e um céu completamente nublado! O aguaceiro que caía não me permitiu ver nada relacionado à trajetória solar e, se isso acontecia em 2018 - pensei naquele momento - também assim o foi algumas vezes nos anos, décadas e séculos anteriores... Na prática, então, o local não era simplesmente um ponto marcado de observação astronômica, concluí. A arqueologia confirmou que o AP-CA-18 tinha sido, possivelmente, um lugar para acompanhar a mudança dos astros, mas também teve outra importante função: ser um local de deposição dos mortos.



Os megalitos² brasileiros ficaram mais conhecidos junto ao grande público no início dos anos 2000, ainda que, desde o final do século XIX, já houvesse pesquisas sobre o tema³. Em 2005, mais precisamente após a visita de uma equipe de pesquisadores na região, que já era apontada por moradores locais como local de importantes referências indígenas e históricas, o governo estadual foi alertado e criou um projeto de pesquisa encabeçado pelo setor de arqueologia do IEPA – Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá, para estudar aqueles vestígios. A intenção da administração pública era a de transformar o local em um complexo de visitação, uma oportunidade de dar destaque turístico ao estado do Amapá e conseqüentemente atrair investimentos para a região.

Através de campanhas de escavação, o material resgatado na área foi remetido para o IEPA, uma vez que se tratavam de cerâmicas e de outros artefatos representativos de culturas indígenas pré-colonial, vestígios de populações que habitaram e viveram no norte do país muito antes da invasão portuguesa no ano de 1.500 da nossa era. Cacos de cerâmica assim como potes inteiros, ossos humanos, pedaços de granito foram enviados para estudo e guarda na reserva técnica do Nuparq, setor de arqueologia do IEPA. Muitos são os pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, que buscam essa instituição para analisar esse material, sob perspectivas arqueológicas (em especial relacionados aos estudos de arqueologia funerária e análises cerâmicas), buscando elucidar o ainda pouco explorado contexto megalítico do período pré-colonial do Brasil. Muitas também são as pessoas que visitam as pedras amapaenses, para ver com seus próprios olhos esse grandioso feito dos tempos antigos. Atraídos pelas grandes pedras indígenas, muitos vão até lá para tentar entender como, em uma época sem maquinário ou qualquer tipo de engenharia mecânica aqueles blocos de granito foram erguidos e literalmente plantados na elevação. Era essa uma das questões que me moveram, no início da jornada, e havia se transformado, a partir de então, na busca pela relação entre as pessoas indígenas e o granito. Era disso que eu precisava me lembrar, naquele momento nebuloso e encharcado dia.



Finalmente, Pedro e eu ouvimos o barulho da caminhonete estacionando na entrada do sítio, algumas centenas de metros abaixo de onde estávamos. Nos entreolhamos aliviados, mas Pedro via nos meus olhos a decepção com o clima.

– Não é possível que não vamos conseguir fazer as imagens com o *drone* – ele falou em voz alta, expressando a chateação que era, na verdade, mais minha do que dele.

– É... Acho que não vai rolar – respondi, suspirando. – Bom, começar a pensar em um segundo campo né, ver aí uma data que daria pra você voltar ou, sei lá. – Meu desânimo parecia ter o tamanho da floresta inteira.

Alguns minutos depois, Seu Quito, Mayara e Alê se juntaram a nós e às pedras antigas. De forma surpreendente, no exato momento em que eles pisaram no sítio arqueológico, a neblina e a chuva fina que dominavam o lugar abrandaram e, no céu, um tímido, mas resplandecente sol de fim de tarde começou a aparecer. Era como se ele só quisesse se revelar a pessoas conhecidas... Eu olhava e mal podia acreditar! Das 6h da manhã daquela sexta-feira até às 4h45min da tarde, a chuva praticamente não havia dado trégua e, de repente, ali estava o sol, brilhante e quente, como se tivesse acabado de acordar de um cochilo do almoço. O tempo abriu também no meu rosto. Ver o sol do crepúsculo dourando as pedras, ampliando o tom de verde da mata que nos cercava e transformando a água do igarapé em um grande espelho fulgurante me fez esquecer todo o desconforto que sentia. Não era apenas a alegria de poder fazer as pretendidas imagens aéreas, mas uma verdadeira sensação de calma me invadiu, ao ver aquele lugar, literalmente, sob outra luz. De repente, parecíamos ter sido transportados para outro ponto no universo...

– Uhu! – Pedro gritou, parecendo tão animado quanto eu – Bora fazer essas imagens!

E, mais que depressa, ele ajustou os aparelhos de filmagem, colocou no chão o pequeno inseto de metal e ligou a câmera voadora, fazendo sumir o momento de paz silenciosa com o zumbido ensurdecido daquela maquininha tão pequena. Em poucos minutos, o besouro robótico sobrevoou toda a área do sítio, fazendo imagens de uma altura de mais ou menos 500 metros no entorno das grandes pedras de granito.

Enquanto Pedro filmava, nós quatro acompanhávamos meio amontoados, o funcionamento da pequena engenhoca pela minúscula telinha do controle remoto. Seu

Quito, na paciência costumeira, olhava nossa empolgação com os mesmos olhos calmos que observava a paciente, sua velha conhecida. Quando o *drone* finalmente pousou de volta no chão, o sorriso que demos foi de missão cumprida! Um pouco mais animada, comecei a juntar os equipamentos: bússolas, colheres de arqueólogo (já que ali não haviam pedreiros), câmeras fotográficas, cadeiras, sacolas com o lixo cuidadosamente acondicionado para não deixar ali vestígios modernos... Armazenei com cuidado algumas amostras do granito coletado em um afloramento próximo e, juntos, dirigimo-nos até a caminhonete que placidamente nos aguardava rumo ao descanso merecido. Eu sentia a mochila pesada e estranhamente quente nas minhas costas, era quase como se as pedras soubessem que estavam sendo afastadas dali e quisessem lutar contra isso! Entramos no carro. Ao som do techno brega cuidadosamente selecionado pelo Seu Quito, rumamos para a cidade, onde passamos nossa última noite antes do retorno a Macapá, no dia seguinte, bem cedo. O campo praticamente chegara ao fim. Ao contrário do dia anterior, o sol brilhou imperioso durante toda a viagem de retorno, mantendo-nos hipnotizados pela vista da savana amazônica dourada, tornando pouco necessárias as palavras. Em silêncio, cada um com seu pensamento, parecíamos partilhar de certa melancolia... Sacudi a cabeça, buscando atentar para o planejamento do depois. Em breve estaria de volta à escrivania para colocar todas aquelas pecinhas juntas. Embalada pelo ritmo contínuo da estrada e pela batida elétrica da música local, acabei adormecendo.

Alguns dias e aviões depois, precisamente na véspera do natal, desembarcávamos Pedro e eu, no aeroporto de Confins, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Mesmo com a cabeça fervilhando de ideias a primeira coisa que fizemos foi pagar uma fortuna para comer um pão de queijo, enquanto revivíamos nostálgicos as aventuras no Amapá. Demos risada das propagandas de açaí nas lanchonetes mineiras, pensando no quanto nossos amigos amapaenses ficariam insultados:

– Açaí é religião, isso é blasfêmia! – eu praticamente podia ouvir Alê protestar caso se deparasse com aquela cena: o sagrado fruto amazônico ornado de bananas, leite ninho e granola!

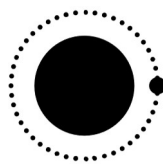
Um dia depois de estarmos em solo mineiro, a ceia de natal em família não teve outro assunto a não ser a distante Amazônia. Regados a muito suco de taperebá, Pedro dava seu depoimento sobre como era um verdadeiro e tradicional almoço amazônico:

– Peixe se come é com açaí e farinha! – era agora sua bandeira, uma lição que ele não cansava de repetir, para orgulho dos amazônicos. Eu ria, lembrando em silêncio

do litro de água gelada que ele tomou logo em seguida à sua primeira prova do “açai de verdade”. Foi um dos poucos momentos em que vimos Seu Quito dar uma gargalhada, a cara de Pedro provando açai “salgado” foi realmente impagável!



Um novo ano chegou, atrasos burocráticos e catástrofes pessoais⁴ trouxeram agosto em 2019. Finalmente os fragmentos da cerâmica megalítica⁵ legalmente liberados pelo Iphan/DF⁶ chegaram às minhas mãos... Já não era sem tempo, o prazo oficial de finalização do mestrado já fora dilatado e eu precisava urgentemente entrar no laboratório mineiro. Setembro trouxe minha primeira participação em um congresso acadêmico internacional⁷, unida a alguns cursos na Índia - uma busca de sabedoria dupla para meu espírito. No final de outubro, a realidade iminente era de que não havia mais espaço na amпуlhetta para adiar a escrita, ainda que pouco do trabalho de laboratório houvesse começado. Tudo parecia nos trilhos, com o devido cansaço de reta final. Era início de novembro, eu corria contra o tempo das férias escolares e passava o dia enfurnada na biblioteca da universidade, revirando prateleiras em busca de livros e autores para tratar da parte de mitologia indígena. Bebendo o café pouco satisfatório da cantina da faculdade e indo para casa tarde da noite, quase diariamente, suspirava pensando nas dificuldades de ser uma pesquisadora brasileira, dependente de uma bolsa minguada para o tamanho da pesquisa que eu realmente queria realizar. Ao mesmo tempo, reconhecia o privilégio de estar na academia, de poder reavaliar o quanto todo esse caminhar científico, dentro das ciências humanas, me deu a oportunidade de recolocar a mim mesma como pessoa no mundo. Em um dos dias onde cheguei em casa, exausta como de costume, alonguei a cervical dolorida, respirando fundo para enfrentar a última tarefa da noite: verificar a caixa de e-mails e, finalmente, desligar o computador que, assim como eu, trabalhava sem descanso. Lentamente me sentei e mexi o mouse, mas antes que a tela tivesse a oportunidade de ligar, notei, bem ao lado da minha mão direita, algo extremamente inusitado depositado em cima da mesa.



Notas do Prólogo

¹ Veículos de comunicação como BBC, Globo e The New York Times, referenciam o sítio brasileiro como Stonehenge da Amazônia, Stonehenge na Floresta Amazônica, na tentativa de indicar do que se trata a partir da mais famosa referência megalítica da atualidade, a estrutura de Somers/Inglaterra. Vide: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151221_amazonia_stonehenge_vale_rb>; <<https://g1.globo.com/ap/amapa/natureza/amazonia/noticia/2019/12/02/erguido-no-meio-da-floresta-stonehenge-da-amazonia-ainda-guarda-misterios-para-a-ciencia.ghtml>>; <<https://www.nytimes.com/2016/12/14/world/americas/brazil-amazon-megaliths-stonehenge.html>>.

² Segundo o Dicionário Houaiss, *megalito* é um substantivo masculino para significar bloco de pedras grandes proporções. Palavra usada na história da arte para indicar grande bloco de pedra bruta ou pouco desbastada em monumentos neolíticos (menires, dolmens etc.) Tomei a liberdade de usar o termo foneticamente como paroxítona, uma vez em geral é a forma como as pessoas pronunciam.

³ Vide SANJAD, NELSON; SILVA (2009); CABRAL, MARIANA PETRY; SALDANHA, (2017); GOELDI, (1905); HIRIART (2012).

⁴ Uma ferida aberta nesse ano que, passado todo esse tempo ainda não deixou de doer, foi o falecimento do meu pai no mês de junho de 2019. A vida não anda, ela corre, sem cansar.

⁵ Esse é o termo que resolvi aplicar à cerâmica escavada sob as pedras, nos poços funerários encontrados na estrutura megalítica. Toda a cerâmica oriunda do sítio AP-CA-18 é, portanto, aqui chamada de cerâmica megalítica.

⁶ Algumas peças de cerâmica (fragmentos) foram remetidas do Amapá (local de guarda oficial do acervo) para análise em Minas Gerais, onde resido e realizei a parte de laboratório da pesquisa. Todo o trâmite realizado com o Iphan consta anexa a essa dissertação como Anexo I.

⁷ Tive meu trabalho de graduação – uma análise experimental de granito como antiplástico cerâmicos – selecionado para participação do Encontro Internacional: Megalitos do Mundo, em Les Lucs-sur-Blogne, na França. Informações sobre o evento vide <<https://immw2019.sciencesconf.org>>.



Harpia ou Gavião Real da Amazônia, Uiraçu. Autora: Brunna Frade, 2020

CAPÍTULO 1 – SÍMBOLOS EM AÇÃO

1.1 É verdade esse bilhete?



Bilhete misterioso. Autora: Marina Costa, 2020

Pensar a humanidade de hoje, a partir de uma caminhada que se iniciou há tempos. Isso, para mim, é o que move a arqueologia, além do fato de que ela precisa de todas as áreas do conhecimento para pensar essa jornada de forma holística. Trocando em miúdos, a interdisciplinaridade, uma palavra grande que reúne em si várias formas de ver o mundo a um só tempo, ajuda a pensar os diversos pedaços do passado para entender, ou ao menos tentar, nosso presente tão plural. Da história da comida à anatomia, todas as áreas do conhecimento contribuem, de algum jeito, com o entendimento dos modos de vida do ser humano no passado, até mesmo a psicologia que, para alguns, talvez fique longe demais dos estudos de cultura material – o objeto por excelência da pessoa arqueóloga. Pedindo licença ao psiquiatra Carl Jung, a ideia de *persona* me parece muito ilustrativa para tratarmos de algo que faz parte do corpus científico em geral e também arqueológico: a noção acadêmica de “verdade científica”. Pensa-se, comumente, que a busca pela verdade é o objetivo da pesquisa científica, alcançada por meio de hipóteses, experimentação em ambiente controlado e validação de resultados. Simplificando a ideia Jung, *Persona* é a “dimensão exterior do indivíduo¹. Medito na ideia de termos uma dimensão exterior e aplico a conclusão lógica, de mim para mim mesma, que a verdade científica pode ser (porque não?) a *persona* dos cientistas. Baseando-se em nossas crenças internas e na exteriorização de nossos estudos e resultados, a prova científica da realidade defendida por cada um de nós, cientistas, é nossa *persona* no meio acadêmico. No momento em que elegemos objetos de estudo, também nos comprometemos, em um pacto

moral, com a instituição a qual representamos e com o público externo, receptáculo final das verdades e noções de mundo que iremos descortinar em nossos laboratórios.

As perguntas que buscamos responder, geralmente, nascem de fatos que intrigam a cada um de nós, como indivíduo, em primeiro lugar. Pelo método científico, tentamos ordenar as causalidades e as circunstâncias que rodeiam nossas vidas, para buscar a tão almejada lógica racional.

A necessidade de provar a realidade de nossa ordenação, em especial para nós, cientistas ocidentais, aparece quase que imediatamente à percepção de um fato. Se há o acontecimento, há o princípio por trás dele, que com certeza será compreensível e reproduzível. Em suma, acreditamos na existência de causas elencáveis desencadeadoras de todas as situações experienciadas, das mais efêmeras às mais complexas. Haveria, então, para toda ação, uma justificativa lógica e racional. Eu era, de certa forma, uma defensora desse paradigma. Ainda que relativizasse a tal verdade, de acordo com o ambiente em que estivesse debatendo para não “tumultuar”, acreditava, no fundo do meu ser que, como cientistas, poderíamos descobrir, se quiséssemos, todas as causas de ser e acontecer, de todas as situações que ocorrem no universo. Isso durou até o momento onde encontrei – durante um inocente alongamento do meu corpo exausto – um bilhete de origem totalmente inexplicável sobre a minha mesa de trabalho.



À luz da luminária, sobre algumas amostras de granito, retiradas dos afloramentos amapaenses, que enfeitavam minha mesa de trabalho – porque nós, pessoas arqueólogas, somos grandes colecionadoras de objetos financeiramente insignificantes, mas de estratosféricos valores sentimentais – havia um pedaço de papel amassado. Com a cabeça levemente inclinada para direita fixei os olhos naquele adereço destoante das minhas conhecidas tralhas. Encostei receosa nos pedaços de granito, que estavam ásperos e frios, como esperado, sobre o pedaço de papel e, desconfiada, tirei-os dali, temendo ver o dito desaparecer perante meus olhos. Mas ele se manteve firme. Sem querer pensar muito sobre o caso, acreditando estar imersa em uma alucinação de cansaço, deixei de lado aquele problema e fui me deitar.

Na manhã seguinte, com a xícara de café na mão, lancei um olhar ressabiado para a mesa e ele estava lá! Cinco minutos de raciocínios conflituosos depois, finalmente o peguei com a ponta dos dedos, em uma simples precaução automática. Estava um pouco úmido, era áspero, tinha mais ou menos o tamanho da metade de uma folha A5 e estava com marcas, como se o primeiro destino dele tivesse sido a lixeira, mas, então, o remetente, em um ímpeto de arrependimento, o alisou e o depositou ali, sobre as pedras. Olhei o papel contra a luz, sacudindo-o de um lado para o outro várias vezes e finalmente o cheguei bem perto dos olhos, cheirei-o e, então, joguei-o rápido, em cima do computador. Nada saiu dali. Não abriu um portal mágico, o papel não pegou fogo e os quatro símbolos estranhos que estavam desenhados nele se mantiveram intactos e compreensíveis. O tal bilhete era mesmo “real”. Com o coração acelerado, a respiração suspensa e minha mente buscando desesperadamente uma lógica razoável para aquilo, já que, por alguns dias, eu estava sozinha em casa e não poderia ser uma brincadeira de mau gosto do meu namorado ateu, comecei a analisar friamente aqueles estranhos símbolos, na esperança de uma iluminação. Encorajada pela inércia do papel, peguei-o novamente, olhei outra vez sobre vários ângulos e... Nada. Finalmente me sentei na cadeira e fiquei observando o tal bilhete por longas horas, até que fui despertada pelo celular tocando e me vi atrasada para uma sessão de desabafo com Lara, Bianca e Denise, amigas do mestrado. Sem querer admitir o quanto estava perturbada, tomei um banho rápido, ajeitei uma mochila com o mínimo necessário, passei a mão nas chaves de casa e saí, atabalhoada, na ânsia de deixar aquele problema para trás.

Mas, durante todo o caminho, eu não conseguia deixar de pensar no tal pedaço de papel. Eu tinha uma certa intuição, quanto a sua origem, mas tentava silenciá-la já que, cientificamente, o que eu imaginava era impossível! Era um fato, o bilhete existia. Meus cinco sentidos o constataram ali!!! Mas... Como?

[]

Logo, encontrei as meninas no restaurante onde marcamos. Bianca começou a apontar a proximidade das defesas de Lara e Denise, essas começaram a falar do cansaço, do medo de não conseguirem a aprovação da banca. Enquanto isso, minha cabeça flutuava, áerea, em outro lugar. Por um momento pensei em contar para elas o que tinha

acontecido, mas não via como abordar o mistério daquele pequeno pedaço de papel sem deixar uma dúvida, ainda que ínfima, quanto a minha sanidade:

– Meninas, ontem apareceu na minha mesa um bilhete. Acho que o passado quer se comunicar comigo – a mesa subitamente seria invadida por um silêncio gelado. Bianca me encararia estática enquanto Denise se despediria apressada sem terminar sua limonada. Lara com certeza desmaiaria sobre a salada.

Assim preferi não falar nada sobre aquele estranho e inesperado bilhete e seguimos conversando apenas sobre o processo de pesquisa, sobre nossas perspectivas e cansaços. Entretanto, foi através dele, do bilhete, que muitas coisas começaram a se encaixar, imediatamente, já na manhã seguinte.

Era tarde da noite, quando eu finalmente voltei para casa. Enquanto estive na companhia das meninas, acabei esquecendo o tal acontecimento, mas, ao destrancar a porta a primeira coisa que fiz foi correr para a escrivaninha. No entanto, o bilhete tinha sumido dali.



Minha ida a campo estava para fazer aniversário. Idealmente, a proposta central da minha pesquisa era trilhar os saberes complexos da Arqueometria, pelo uso de ferramentas das ciências exatas, no meu caso específico, da petrografia, o objetivo era buscar traços de granito nos fragmentos cerâmicos pré-coloniais e, se possível, classificá-los a partir de normativas da geologia, tentando fazer um paralelo com amostras de afloramentos próximos ao sítio arqueológico. As escavações, ideal maior de todas as pessoas com interesse em arqueologia, acredita-se, estavam distantes da minha realidade de pesquisadora, uma vez que as incursões de escavação no sítio AP-CA-18 já haviam sido finalizadas há alguns anos. Entretanto, muito material fora resgatado pelos pesquisadores ligados ao Nuparq e isso possibilitou o desdobrar de várias pesquisas, dentre as quais a minha.

Anos atrás, ainda durante a graduação e já interessada em trabalhar no contexto megalítico do sítio, passei alguns dias em Macapá. Foi quando, conversando com os arqueólogos que atuaram nas escavações, fiquei sabendo que eles tinham identificado granito nas cerâmicas oriundas dos poços escavados sobre os megalitos². Como projeto

de mestrado, decidi que queria continuar prescrutando esse uso que os indígenas pré-coloniais fizeram de rochas no passado amazônico e isso acabou se tornando também meu objeto de mestrado. Foi por esse motivo que fui a campo, em dezembro de 2018, após acerto entre a UFMG – em cujo programa de pós-graduação eu estava vinculada – e o Núcleo de Pesquisa Arqueológica do IEPA, Nuparq, instituição responsável pelas peças que me interessavam e por todo o contexto das principais pesquisas sobre o sítio megalítico de Calçoene. Minha proposta, naquela segunda temporada no Nuparq, era observar o solstício *in loco*, uma vez que há um contexto de Arqueoastronomia vislumbrado para o local, buscar amostras de afloramentos graníticos próximos do sítio e, principalmente, selecionar fragmentos de cerâmicas que teriam granito na composição, a olho nu, para serem laminados e estudados microscopicamente³.

Uma vez nas dependências do Nuparq, passei aproximadamente duas semanas trabalhando na rotina de laboratório. Estudei cadernos de campo das escavações nos megalitos e, a partir das indicações nas anotações de campo da equipe, selecionei as caixas de material nas quais poderia encontrar as peças com granito. Abri uma a uma das, se não me falham a memória, mais de 14 caixas com material cerâmico, e efetuei a seleção de aproximadamente 60 cacos que, em princípio, continham o granito moído em sua composição, adicionado como antiplástico. Separei todos os que me interessavam e após análise e autorização do Lúcio⁴, arqueólogo responsável pelo Núcleo, separei, registrei e embalei cada uma das 58 peças que seriam remetidas para Minas Gerais.

A legislação brasileira de proteção ao patrimônio arqueológico⁵ possui uma norma que rege o trâmite das peças para fora de seu local de guarda, permitindo que o material selecionado no Amapá chegasse até Belo Horizonte, onde ficou então sob a responsabilidade da Universidade Federal de Minas Gerais. Uma vez aqui, eu poderia manuseá-lo para observar a composição e buscar o que me interessava –granito moído adicionado ao barro das cerâmicas – por meio da análise microscópica, que iria confirmar a inclusão da rocha de forma intencional pelas oleiras e oleiros do passado pré-coloniais. O granito, por ser composto de quartzo e outros elementos comumente encontrados nos barreiros de argila, poderia sim estar ali incidentalmente. Por isso a importância do trabalho de verificar, no micro, se essa inclusão era ou não, intencional, uma vez que os parâmetros da geologia poderiam informar sobre o grau de desgaste desse granito, o que, a grosso modo, indica se ele é componente do barro por deposição natural ou se foi ali incluído por ação dos indígenas. A laminação petrográfica permitiria então, seguindo a

lógica da verdade científica, afirmar, perante meus pares arqueólogos, que o granito amapaense foi adicionado na cerâmica pré-colonial por vontade das pessoas que praticavam a olaria e não por obra do acaso. Os indígenas que utilizavam aquele espaço de pedras tinham a intenção de que as cerâmicas ali depositadas, ou ao menos uma parte delas, estivessem também imbuídas da mesma matéria prima que compunha a grande estrutura rochosa erguidas por eles ou por seus ancestrais.

Pelo meu planejamento de pesquisa, seguindo as premissas da Portaria 195, do Iphan, as peças chegariam em Minas Gerais após 40 dias corridos, no máximo, uma vez protocolado oficialmente minha solicitação. Porém, para que eu finalmente as recebesse, passaram-se quase 6 meses. Uma vez entregues, para meu alívio, já que agora o mestrado “estava a salvo”, acertei a primeira conversa sobre a análise petrográfica com o professor Fábio Oliveira, vizinho de departamento, cuja ajuda com a petrografia e a geologia, foi inestimável. Com uma didática incrivelmente lúcida, e a cordial oferta de recursos de seus próprios projetos para custear o processo de laminação de algumas das peças⁶, pode-se confirmar que o granito foi mesmo intencionalmente adicionado à algumas das peças que vieram do Amapá. Foi assim que, no momento do aparecimento do misterioso bilhete, eu estava num ponto delicado de minha trajetória acadêmica: um resultado satisfatório, uma qualificação iminente que visava avaliar o pouco ou nada escrito, ainda que a pesquisa estivesse caminhando e meus dois anos de prazo para defesa da dissertação, na prática, terminando.



Com o cansaço desabando, após um dia de “folga” da pesquisa, a despeito de alguns copos de cerveja com as meninas mestradas, eu confesso que fiquei confusa, mas não dei muita bola para o tal sumiço. Afinal, o bilhete sumira tão misteriosamente quanto aparecera, talvez fosse mesmo “só algo da minha cabeça”. Resolvi não pensar naquela história, a exaustão já me fazendo considerar aquele pedaço de papel um delírio. Talvez os mitos que resgatei na biblioteca, o atraso na escrita, a fadiga do corpo, misturaram meus pensamentos com teorias científicas, animais falantes, saudade da sociabilidade e uma grande confusão mental. Eu sentia a mente pesada, mas ao mesmo tempo um certo alívio em ver que tudo finalmente tomava um rumo e eu poderia terminar esse processo

tão criativamente dolorido que é o de se propor uma pessoa pesquisadora. O saldo bancário no vermelho, as cobranças de produção ainda não atendidas, a hierarquia, as normas do mundo científico, a possibilidade de mudar completamente de ramo mesmo com o mestrado concluído, tudo isso revirava minha forma de lidar com o mundo. E agora a estranheza daquele bilhete com símbolos que eu não entendia, só fazia transbordar toda a ebulição dos últimos dois anos. Já passavam das 2h da manhã, quando me dei conta de que meus pensamentos, fervilhantes, precisavam de um golpe certo para se calar e me deixar dormir. Fui até a cozinha preparar um chá.

Entusiasmada com o aprendizado sobre o poder medicinal de algumas ervas, um “estudo de respiro” que havia iniciado paralelamente à academia, resolvi experimentar uma xícara do chá de breu branco⁷, que eu havia trazido de minha última incursão amazônica. Acreditando na promessa da senhorinha de riso fácil e longos cabelos brancos que me vendeu aquele pacotinho cheiroso, no mercado de Manaus, um estímulo para memória associado a um corpo relaxado, coloquei uma chaleira com água para esquentar esperando um milagre da planta: alinhar as ideias e ter um dia produtivo, ao acordar. Lancei mão da chávena fumegante de breu branco, no travesseiro pinguei duas gotas do óleo essencial da mesma planta, para potencializar ainda mais o efeito fitoterápico prometido e aninhei-me, confortavelmente, debaixo das cobertas degustando o privilégio de ter um lugar calmo e aquecido para assentar os músculos. O abraço de Morfeu não demorou muito. A última coisa da qual me lembro foi de aspirar profundamente o “delicioso aroma da floresta”, antes de o sono chegar, rápido e sorrateiro, após os primeiros goles do chá. Adormeci praticamente sentada, com a xícara quase vazia sob o colo e dormi profundamente.

1.2 Eu não falo passadês nem sonhando



Uiraçu. Autor: Desconhecido, 2020

Algo que sempre me incomodou é que, desde criança, quase nunca me lembro dos meus sonhos. Sei que são vívidos, coloridos, em 3D, mas, poucos minutos depois de despertar, eles não são nem mesmo lembranças. Vez ou outra, uma impressão mais forte acaba acordando junto comigo de manhã, mas antes mesmo do café ter sido colocado na garrafa a tal sensação já se esvai e nenhum indício da noite, além da cama desarrumada, sobreviveu. E se tem uma coisa da qual eu gosto é de sonhar. Por mais que, na grande maioria das vezes, não possamos controlar essas incríveis viagens metafísicas⁸, acho extasiante a sensação embaralhada de uma possibilidade indiscutível e maleável de “realidade”, a qual, por alguns minutos ao acordar, nos tira totalmente o senso de verdade. Foi um pouco disso que aconteceu na manhã seguinte ao fatídico chá.

Tive um longo e sensorial sonho, se é que posso chamá-lo assim, do qual eu me lembrava nos mínimos detalhes, quanto a encadeamento de fatos e sensações. Eu estava claramente sentada na minha mesa, com o bilhete nas mãos. Por alguns momentos acreditei estar ainda revivendo o dia anterior, tentava entender como o bilhete havia reaparecido e olhei para o lado observando a pilha de livros sobre cosmologia, que eu ainda precisava folhear. No sonho, eu pensava apavorada na quantidade de páginas ainda por analisar quando um estrondo avassalador sacudiu as janelas da casa. Olhei para o lado de fora e pude ver um torvelinho se aproximando pelo muro que caíra. No quintal, plantas, roupas no varal, algumas garrafas vazias de vidro, tudo era sugado pelo vórtice de poeira e vento, misturado em uma grande espiral de pó cinza. Sem que eu tivesse tempo para me mover, o redemoinho subitamente adentrou a casa e me arrebatou. Lembro de, com a mão esquerda, tentar agarrar com força o computador, na esperança de conservar intacto o pouco que havia escrito da dissertação! E de repente, tudo se aquietou. Eu não estava

mais na escrivaninha, não via as paredes da minha casa e também não enxergava onde o computador fora parar. Estava tudo escuro e eu sentia muito, muito frio. Tive a nítida impressão de que passara muito tempo nessa condição, mas não sabia precisar.

Tateando o chão, percebi que estava sentada sobre terra batida. Não dava para enxergar praticamente nada, mesmo forçando a vista. Em algum lugar próximo, conseguia ouvir uma água corrente, mas só. Tentei me levantar, porém meu corpo não obedecia, ainda que eu não parecesse estar amarrada nem nada do tipo. Só conseguia mexer os olhos e respirava com certa dificuldade. Comecei a sentir um início de pânico quando ouvi um barulho a minha frente: algo rangendo, parecia estar sendo forçado. Uma fresta iluminou o lugar onde eu estava e pude divisar algumas redes, paredes de palha com prateleiras repletas de potes de barro e ramos de folhas secas dependurados pelo teto. Até que a luz sumiu e novamente a escuridão voltou. Ouvi um baque surdo à minha frente e, como num passe de mágica, consegui mover as mãos. Toquei meu rosto para ver se estava machucada, articulei um palavrão para então perceber que não era capaz de falar. Foi quando um pequeno fogo se acendeu e pude ver que, entre mim e ele, acomodara-se uma mulher estranhamente familiar. De pernas cruzadas, mesmo sentada, ela era muito alta, de ombros largos, braços e pernas musculosas e o torso nu, com muitos colares coloridos. Apesar de seu tamanho, um pouco intimidador, seu rosto transparecia uma atitude extremamente divertida. Seus olhos, sobre a negra e espessa franja, exprimiam uma certa curiosidade e quando eu sorri tentando me lembrar onde eu já a havia visto, ela sorriu de volta.

– Oi – foi o que acreditei ter ouvido ainda que sua boca não tivesse se mexido.

Fechei meus olhos e respirei profundamente, reunindo um poder absurdo para emitir algum som ou ao menos articular os lábios, mas as palavras seguintes foram sonoramente emitidas...Pelo meu pensamento:

– Oi. Eu sou Marina. Onde estou? – Tinha uma vaga ideia de que dizer meu nome seria algo amistoso e tentava manter um controle ainda que toda aquela estranha situação me angustiasse.

– Eu sou Jupira. E você está onde vivo – de novo ela falou mas seus lábios não se moveram! Imediatamente arregalei os olhos. Com uma expressão assustada eu dava a entender que não tinha ouvido, mas compreendia perfeitamente o que aquela mulher havia “pensado”?! Entender como isso era possível era, naquele momento, o menor dos meus problemas.

Percebi que se eu aguardasse, ao invés de interagir, ficávamos em suspenso, como nas cenas pausadas de filme. Tentei relaxar a tensão dos ombros, respirando profundamente⁹, algo que sempre me ajudava em momentos de ansiedade para alinhar as ideias e pensar no que dizer. Foi então que comecei a escutar uma melodia. Jupira cantarolava algo, em um tom grave e profundo e acabei me envolvendo com aquele som, esquecida da estranha situação. Quando por fim ela terminou a canção, eu estava mais calma e pude ouvir, ainda não com os ouvidos, sua voz límpida:

– A mensagem na sua mão, eu mandei. Seu grito espantou o *Uiraçu Rei* e o pio dele me acordou, depois de muitas luas de paz. O que você busca aqui? – ela disse em um tom imperativo de quem exige uma resposta honesta e imediata!

– Quem é *Uiraçu Rei*? – respondi rapidamente de volta. Na falta de uma racionalidade sobre o que estava acontecendo me ative à dúvida mais palpável que pude captar.

– É a ave guardiã dos mortos. – Jupira respondeu, com os olhos intensamente cravados em mim.

–Você está morta??!! – percebi que mesmo com a boca fechada, eu podia gritar!

– E você dorme!

[]

Antes que eu pudesse formular um murmúrio qualquer, o mesmo estrondo ensurdecedor transformou tudo em uma única massa de ervas, potes, palha e eu. Em poucos minutos eu acordava caída aos pés da cama, completamente embolada nos lençóis, desesperada em busca de ar e conseguindo finalmente me libertar da trouxa de algodão tamanho *queen* para ver a xícara quebrada, após rolar escada abaixo. Tonta e assustada, eu tentava entender de onde vinha o barulho que absurdamente alto, ressoava pela casa. Demorou alguns longos minutos até eu perceber que não passava do toque insistente do celular.



Em um primeiro momento, não reconheci o número longo e confuso que aparecia na tela. Forçando o discernimento a tomar assento no presente, entendi que era

uma chamada internacional. Ao atinar que +1 era o código de um telefone canadense, imediatamente entendi que deveria ser Iara, minha melhor amiga que, no final de 2017, se mudara para Ontario. Desde então nunca nos falamos em uma ligação telefônica e a iminência de uma má notícia me fez atender ao telefone com estardalhaço, gritando um “ALÔ” desesperadamente descontrolado.

– Que isso mulher, tá morrendo? – era mesmo Iara reagindo alegremente do outro lado da linha, se divertindo às custas do meu desespero.

Com certo alívio, já que a piada indicava que tudo estava bem, respondi ainda esbaforida, tentando controlar meu ritmo cardíaco:

– Acabei de acordar mulher! O que aconteceu para você me ligar, do Canadá, essa hora?

– Como assim essa hora? No Brasil já devem ser quase três da tarde, não? Vai me dizer que você pretendia dormir o dia todo? Eita gandaia! – E suas risadas contínuas não deixavam dúvida da estranheza da situação. Tirei o celular da orelha para verificar o relógio e vi que Iara tinha razão! Eu havia dormido praticamente 12 horas seguidas. Um pouco confusa, respondi:

– Caraca, é verdade. Nossa dormi demais! Sei lá, tive uns sonhos estranhos...

– Mulher... Mentira! É por isso que estou te ligando!!!

Diante da resposta dela, fiquei imediatamente alerta. Com a cabeça anuviada, ainda sem lembrar direito do que eu sonhara, comecei a pensar que ela sabia, de alguma forma, o que tinha acontecido... Ela continuou:

– Então, eu estava andando aqui pela cidade e vi que ia ter uma palestra de uma brasileira, imagina só. Não que fosse algo que me interessaria, é de uma psicanalista, se chama Neyza alguma coisa¹⁰. Mas eu estou morrendo de saudades do Brasil! Como a palestra ia ter tradução simultânea, fiquei pensando que de repente podia encontrar algum brasileiro lá, trocar uma ideia...

– Sei... – Foi minha resposta monossilábica para dar a entender que eu não estava entendendo nada.

– E aí, mulher, você não acredita! A palestra dela chamava “*De que são feitos os sonhos*”. Achei que ia passar um tempo ali, escutando algumas balelas e tals, mas, ou, essa mulher... Ela é muito boa, você tinha que estar aqui para ver!

A essa altura da conversa, eu já estava totalmente desperta, tentando ouvir e fazer um café ao mesmo tempo, já que o fato de estarmos falando de sonhos exatamente

naquele momento era uma sincronicidade que muito me interessava. Entendendo meu silêncio como encorajamento para continuar, do outro lado da linha, Iara começou a contar como fora a tal palestra.

– Então, a Neyza, a psicanalista lá, começou respondendo a própria pergunta, o questionamento, tema da palestra né, do que são feitos os sonhos. Eu gosto desse povo que vai logo falando o que tem pra dizer, sem enrolação, sabe, geralmente cientistas nunca são assim– muitas risadas aqui e ela continuou:

– Daí ela falou que os sonhos são tudo o que faz parte da vida humana. Saberes e não saberes, decorei bem isso porque lembro de você ficar usando esse jeito de falar depois de ter entrado na faculdade: “coisas e não coisas” – e ela deu outra risada que parecia querer dizer que esse tipo de fala não fazia o menor sentido na vida “real”.

Eu ri junto, sem querer emendar um outro assunto e dei corda:

– Sim, se eu entendi bem, concordo com ela. Também acho que sonhos são nosso jeito particular de acatar o que entendemos e o que não entendemos ao longo do dia, tudo misturado. Acho.

– É, é bem por aí, ela foi falando coisas nessa linha. Mas eu gostei mesmo quando ela disse algo do tipo *sonhos são comunicação e espaço, um espaço de comunicação!* Nem totalmente internos nem externos, foi mais ou menos o que ela falou. E ainda citou uma coisa que achei meio viajada mas faz sentido: diz ela que os sonhos *dão risada* da nossa tentativa de colocar lógica neles. Fraga se não parece aí com as coisas que o povo estuda nessas teorias da Fafich, sonhos agindo como gente – e continuou rindo. Ao mesmo tempo, Iara não podia ter ideia do quanto eu estava, do lado de cá, petrificada.

Aproveitei o momento de risadas para, pela segunda vez, retirar o telefone da orelha. Olhei com atenção a tela, queria ver se realmente aquela conversa acontecia ou se eu ainda estava inserida no sonho do qual julguei já ter acordado. Perdida nessa tentativa de raciocínio, logo a ouvi me chamar:

– Chu? Você tá aí?

– Estou sim, foi mal. É que estou conversando contigo e fazendo um café. Conta mais, parece que foi bem massa a palestra.

– Então, vou te contar a melhor parte. Porque daí ela começou a entrar em uns termos muito técnicos né, um blábláblá acadêmico, algo sobre o que os psicanalistas chamam de valor psíquico do sonho que, segundo ela, vai além de interpretação e por aí vai. Mas saca só isso, até anotei aqui para repetir pra você: “*o ato de sonhar é uma*

experiência de valor muito além da ideia que geralmente temos sobre decifrar seu conteúdo”.

– Massa... Mas e aí? Ela deu alguma referência melhor disso? Meio vago né?

– Bom ela citou Freud e essas coisas batidas que todo mundo na psicanálise cita, mas você sabe o eu que acho né? Freud lá, cheio de problemas tentando parecer bem resolvido. Enfim, quando ela começou a falar desse cara, não prestei muita atenção. Mas aí ela começou a contar que a partir ali do século XIX... Você tá com tempo aí?

– Super, já estou tomando meu “cafezin”, sou toda ouvidos!

– Saudades café coado, viu! Manda pra mim, hahahah! – e continuou: – Então, aí diz a Neyza que a partir do século XIX, o positivismo tratou de refutar a ideia do sonho como previsão de futuro, ideia herdeira daqueles rolês de oráculos da Grécia antiga e pães... A dita “era da razão”, se doía de pensar no sonho como transmissão de mensagens sobrenaturais, de um emissor que eles não podiam provar se existia ou não e então propuseram que os sonhos eram criados a partir das transformações das impressões corporais do adormecido, olha isso!

– Massa, mas não entendi nada – reclamei.

– Nem eu, mas me deixa ver se consigo explicar melhor. É algo assim: a temperatura do local onde se dorme, os ruídos que nosso ouvido consegue captar, porque mesmo dormindo os sentidos não se anulam, ela disse. Resumindo, os processos corporais continuam acontecendo e daí tudo isso vira sonho, mas principalmente na forma de imagens entende! Por isso, aquelas maluquices que a gente sonha: a mente traduz tudo o que sentimos dormindo para imagens! Daí ela, a psicanalista, continuou falando sobre o momento em que começaram a confinar os doentes mentais porque isso levou os médicos a escutarem todos os dias seus delírios... E foi aí, fraga isso mulher, que surgiu a associação entre delírio e sonho e os sonhos passaram a ser desconsiderados na prática científica! Putz, depois que escutei, fiquei pensando: meu, como faz muito sentido, não acha? Por isso que geral não dá crédito para sonho, acha que é coisa de doido!

– Total, total – eu continuava absolutamente atenta na conversa – ainda mais quando a gente pensa que quem não dá crédito é ocidental, principalmente né... Tipo, se você pensa nos indígenas por exemplo, eles prestam muita atenção nos sonhos deles e de quem está próximo. A gente vai lá e, na nossa empáfia, bota o sonho no mesmo saco do desequilíbrio mental, da loucura... Bom, mas então quer dizer que não faz sentido pensar

que o sonhar é algo oposto à racionalidade, mas é justamente uma assimilação dela? Que viagem!!

– Isso! Né? Viagem DE-MAIS! –Iara ressaltou e continuou: – Pensa só, o sonho passa a ser visto pelos “cientistas” como um misto de vivência entre real, aspas aqui, e irreal, aspas de novo, sendo que a gente sabe bem que essa é uma nuance bem delicada né?

Nesse ponto demos boas risadas já que, para começar, nos conhecemos em uma escola de bruxaria e partilhávamos algumas histórias que a ciência e suas verdades tachadas até então, jamais iriam aceitar.

– E que mais? – perguntei.

– Então, daí ela foi falando que com o aumento do movimento psicanalítico, muitos pacientes passaram a procurar tratamento para as mais diversas questões, os tratamentos começaram a incluir um registro detalhado das experiências de cada pessoa, a satisfação ou não dos desejos, levando a uma análise relacionada ao que ela chamou de “necessidades psíquicas essenciais de cada indivíduo”. Ok, você sabe que eu não sou a pessoa com maior foco de atenção do mundo então confesso que nessa hora eu estava viajando total num carinha gato demais que chegou atrasadão e sentou bem na minha frente!

– Hahahahahah – eu ri legitimamente e confessei – já estava te achando focada demais, para ser honesta! Mas conta aí, deu em algo pelo menos ou só desviou sua atenção? – E ri de novo.

– Calma mulher, isso é o final da história. O que importa é que essa Neyza era muito aberta a novas ideias, sabe, achei isso bem legal! Ela disse inclusive que, com os pacientes dela, sempre rolava uma análise de aspectos do sonho, que pareciam promissores, para tratar as questões de cada um que eram... Espera aí, anotei um troço sobre isso em algum lugar... Tá aqui!! *A capacidade de lembrar do sonho e a experiência de contar e compartilhar o sonho e os efeitos de sonhar*. Acho que é uma frase bem feita para falar que entender os efeitos do sonho, no fim das contas, é absurdamente difícil, já que não conseguimos traduzir, na linguagem que conhecemos, o que acontece no mundo dos sonhos.

– Entendi! Ela disse exatamente isso: que não tem como traduzir?

– Sim, foi isso sim, nessa hora até esqueci do gatinho e prestei atenção total, porque também fiquei pensando: a gente sonha e tudo faz sentido, de repente a gente

acorda e não consegue nem descrever o que aconteceu apesar de sentir! É como se tivéssemos mesmo uma linguagem adequada para isso... E olha essa frase, eu anotei também porque até pedi para ela repetir, em bom português, afinal, eu queria dar uma esnobada: “*o sonho apresenta a vivência de forma diferente, numa organização diferente, num ‘tipo diferente de experiência de realidade’*”, algo que um tal de Green falou aí.

– Green?

– É, acho. Não sei. Depois procura aí, joga no *google*. Só sei que, para terminar, ela fez uma analogia com o mundo digital. Curti demais, já que estou total inserida, considerando o emprego que descolei aqui e tal. Daí fiquei pensando se podia pegar algum gancho para aprimorar o trabalho, enfim... Ela disse que *o sonho seria o correspondente mental à função atualizar*. Literalmente, sonhar é dar um *F5* na cabeça para que a gente possa recarregar a página dos nossos próprios pensamentos e conseguir a racionalidade lógica do dia a dia.

– O sonho? *F5*? – parecia genial mas eu não sabia como entender.

– É!! Sonhar é a forma de integrar novos elementos ao que já existem nos “nossos” arquivos mentais, atualizando toda a leitura de mundo anterior, sacou? Tipo, a cada dia, a gente coleta novas informações e o sonho faz a gente meio que atualizar o funcionamento do software, que é a nossa própria cabeça: as imagens, mas principalmente as sensações que sentimos no sonho ajudam a gente a reciclar as próprias ideias...

– Iara, você não tem ideia, estou chocada com tudo isso!

– Hahhahahahaha! Imaginei, mulher, por isso que eu precisava te ligar! Bom, vou nessa. Só queria mesmo te contar isso porque sei que é um assunto que você curte demais. Mas aí a palestra acabou e, adivinha só, marquei de tomar um café com o carinha da fila da frente! E no final das contas, gastei meu inglês à toa, ele é brasileiro. Te conto depois!

Tive que rir. A expansividade com a qual minha amiga era capaz de fazer amigos e flertar, em qualquer lugar e tempo, não tinha mudado:

– Se cuida hein! Bom demais te ouvir, ainda mais logo cedo e com um assunto que explodiu minha mente!

– Cedo? – então quem riu foi ela, mandou um beijo e desligou.

Demorei um bocado para aterrissar. Deu tempo do café esfriar na xícara e ainda assim eu continuava pensando sobre o sonho ser a forma de atualizar nossas vivências pelas sensações do sonhar... Resolvi dar uma olhada nas pesquisas dessa Neyza... Se antes a referência parecia interessante, agora, pensando no meu *F5* depois da noite anterior,

ouvir o que alguns autores tem a dizer sobre o tema, parecia essencial. Pesquisando rapidamente, vi algumas outras pontuações dela falando sobre o lugar onde o sonho acontece, chamado por alguns outros pesquisadores, a própria Neyza inclusa, de o lugar do “entre”: o sonho descrito como um local de encontro! Ler isso, me fez suspender a respiração por alguns minutos. As linhas estavam lá, claras, para que eu relesse mesmo após me beliscar: de acordo com a psicanálise, *“o sonhar é a ação humana que cria este lugar onde o encontro pode acontecer. É uma experiência de inclusão que tem seu valor na experiência em si, nos significados que esta experiência permite alcançar e também naquilo que lhe escapa, pois a ausência da experiência é outra experiência”*.

Eu não tinha muita certeza, se entendia o que estava lendo ou se tentava enfiar minhas sensações de um sonho recém desperto em uma teoria científica. Por fim, lembrei de algumas coisas que um amigo psicólogo falou a respeito de Jung, sobre os sonhos serem imagens individuais enquanto os mitos são imagens coletivas, pensando em quanto alguns mitos, por vezes, parecem sonhos para nós que temos outra cosmologia, baseada na dita “racionalidade”. Jung também acreditava, pelo que li, que nosso isolamento moderno resultou na perda de uma relação com o cosmos, cobrando um alto preço: a perda das implicações simbólicas¹¹. Esse dito simbolismo perdido, entretanto, poderia estar tentado ser compensado, segundo a psicanálise, pelos símbolos que aparecem nos sonhos! Seríamos, portanto, completamente racionais durante a vigília, mas todas as noites, visitamos um mundo que racionalmente não conseguimos explicar, que inevitavelmente adentra nossas mentes, cujo conteúdo é expresso em uma linguagem de natureza conhecida, mas parcialmente incompreensível para nosso estado desperto e, por isso, nós, a ciência, relegamos o sonhar à caixa de fatos cuja importância para a realidade é secundária, portanto, inexplorada. Para mim, não mais. Eu sentia ter cruzado um limiar.



O resto do dia passou e a noite me encontrou ainda mergulhada em artigos aleatórios sobre sonhos e sonhar. Já sabemos bem que a internet é um imenso poço sem fundo, no qual um *link* atrás do outro nos leva a um patamar mais denso. De repente eu tinha 30 abas abertas no navegador, estava baixando loucamente diversas referências que, provavelmente, eu jamais iria ler como por exemplo “analogias acadêmicas entre sonhos

e a sabedoria popular do jogo do bicho”! De repente me obriguei a puxar um resquício de sanidade, fechei o *firefox* e ia desligar o computador no exato momento em que minha mente se deparou com a imagem de uma ave de rapina! A palavra *uiraçu* atingiu minha memória feito um raio! Eu tinha certeza de que fora algo relacionado ao sonho, o nome daquele pássaro estava repentinamente nítido e pulsante na minha cabeça! Esquecendo do meu ímpeto de abandonar as pesquisas na rede fiz uma busca por Uiraçu e, em um site de estudiosos de aves, encontrei a imagem do tal Uiraçu Rei, inclusive com um áudio em que o canto, supostamente dessa espécie de pássaro, poderia ser ouvido¹². Cheia de um entusiasmo apreensivo que se traduzia em dedos travados e gelo na barriga, acionei o play na dita página e de repente senti minha garganta fechar. O que ouvi ali me transportou imediatamente de volta para o temporal no sítio megalítico, há quase um ano, me fazendo sentir de imediato a umidade nas roupas e a chuva fria no rosto. Era como se eu tivesse sido transportada para viver de novo aquele dia, simplesmente a partir da emissão de um som. Precisei de mais um, dois, três *plays* no áudio de 10 segundos para aceitar que era exatamente o mesmo pio que ouvi, logo após gritar toda minha frustração com a arqueologia, em pleno AP-CA-18: um piado longo, agudo, agourento, que poderia facilmente ser um sinistro alerta! Só podia ser a mesma ave!! O site mencionava ainda uma lenda a respeito do pássaro comer crianças... O que me lembrou Jupira dizendo a respeito dele ser o guardião dos mortos...

[]

JUPIRA!!!!

[]

O sonho voltou à minha memória, enevado como são os sonhos, mas trazendo novamente a estranha sensação de que aquele, em específico, era muito mais do que isso! Levantei de supetão da cadeira e fui até a cozinha onde revirei a embalagem caseira do tal chá de breu branco, buscando alucinação ou qualquer coisa parecida como um possível efeito colateral. A minha racionalidade queria uma explicação... Mas não havia nada!

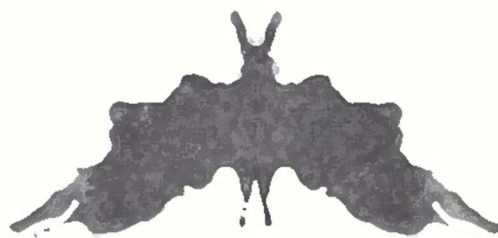
A custo, desisti de buscar um fundamento cientificamente sensato para aquilo tudo e passei a noite em claro, outra vez área, dividida entre um estado afetado de distração e

rascunhos pouco práticos para entender o que aconteceu. Facilmente me dispersava, recordando detalhes do sonho, sem saber se era sonho ou memória criada, ansiosa em transformar a vivência onírica em experiência prática, mas como bem dito por Neyza, ao tentar traduzir a vivência adormecida, nada parecia fazer sentido. Na minha cabeça, eu construía a figura de Jupira para não perdê-la, me agarrava ao nosso diálogo como um fato, tentava evocar a sensação de sua presença física, algo tão denso no sonho! Eu tentava, a todo custo, pensar em uma maneira de construir uma ponte entre a realidade e a experiência. Eu estava ficando louca.

Mais um dia passou e outra noite chegou, e eu estava exausta de tanto tentar raciocinar. Arrumei a cama para tentar ter umas horas de descanso, dessa vez não tomei nem mesmo água antes de deitar. Foi enquanto ajustava os lençóis que percebi algo estranho, colocado entre a fronha e a espuma. Ao retirar a mão, olhei embasbacada para o bilhete, perfeitamente alisado e dobrado em quatro partes, colocado delicadamente dentro do meu travesseiro perfumado com breu.



1.3 Sobre noções de verdade



Teste de Rorschach. Fonte: Internet, 2020

As populações do ocidente moderno – excluindo dessa generalização os povos indígenas e as comunidades tradicionais – assimilam o espaço em que vivem, a partir do meio sócio cultural previamente construído por conhecimentos de mundo eurocentrados¹³, partilhados há várias gerações por seus antepassados. Os educadores sociais da maioria dos brasileiros são seus próprios familiares, professores, amigos e uma

grande mídia de inclinações duvidosas, todos inseridos em uma visão de mundo similar: a de que o ideal de vida a ser alcançado e valorizado é o modo cosmopolita moderno, próspero e tecnológico da vida europeia. A perspectiva crítica individual precisa emergir nesse meio enviesado e posteriormente ser validada ou refutada pelo método científico, detentor de legitimidade mas, vejamos só, também baseado em balizadores eurocentrados.

Essa colocação resume, de forma rasa, a postura que assumimos frente a outros humanos não componentes das sociedades ocidentais modernas e frente a outros seres que não partilham do nosso sistema de saber/realidade: descrédito. Como herança da invasão europeia, na qual os novos lugares, uma vez dominados, foram submetidos aos conquistadores e obrigados a assimilar sua visão de mundo, tendemos – mesmo passados 500 anos – a considerar o saber externo a tal modelo de conhecimento, via de regra, como atrasado, supersticioso, duvidoso, falso, ingênuo, fanático e uma série de adjetivos similares que, eufemisticamente, querem dizer equivocado.

Partindo desse princípio, no qual o eu correto é o eu que partilha do método da ciência moderna ocidental e o eu equivocado é aquele que acessa o saber por outros métodos, um homem francês moderno, totalmente inserido no eurocentrismo dominante, agitou a chamada epistemologia da ciência – trocando em miúdos – a disciplina que pensa e filosofa sobre a ciência e seus métodos, ao declarar que pode sim haver outros meios para acessar a realidade, se é que existe apenas uma realidade, se é que a realidade é algo “real”. Nada que já não tenha sido dito em outros ambientes, talvez de outras formas, mas foi Bruno Latour¹⁴ quem conseguiu, na bolha das ciências humanas e em sua linguagem repleta de analogias e críticas ácidas, fazer tremer as bases do discurso científico contemporâneo eurocentrado dentro da antropologia convencional. Tentei, de diversas formas, contato com Bruno. Queria ele me explicasse, com palavras de dia da semana, como diria Rosa, o que ele essencialmente apregoa. Para minha tristeza, não tive retorno dos e-mails, não consegui um @ para seguir e, infelizmente, dei com os burros n'água, quando bati na porta de onde disseram ser sua residência, na região do Vale de Loire. Assim precisei me virar com minhas próprias elucubrações a partir do que consegui, a certo custo, assimilar de sua obra.

Bruno concorda, fato inegável, que a ciência ocidental mantém um padrão nos países onde o domínio europeu ocorreu no passado remoto ou recente. Por isso sua obra *A Esperança de Pandora*, de cara chamou minha atenção, eu que sou mais uma julgadora

de títulos do que de capas. Ainda que comece aí certa controvérsia da qual partilho em minha escrita, uma vez que referenciar a Grécia como ponto de partida só permite a imediata associação de saberes para aqueles ocidentalizados, Bruno usa a persona da mítica primeira mulher moldada a pedido de Zeus, para “dissecar cuidadosamente os componentes aparentes e ocultos das atividades e dos pensamentos dos cientistas”¹⁵.

Conta-se que Pandora recebe uma caixa com a determinação de não abri-la nunca. Consumida pela tão humana curiosidade a respeito do que de tão deslumbrante poderia haver dentro daquela caixa, Pandora descumpra a regra imposta e libera todas as maldades existentes como a inveja, a crueldade e a fome. No fundo da caixa, porém, existia algo dúbio: a esperança, que estranhamente prolongaria a agonia humana de forma indefinida, dando à humanidade a possibilidade de suportar todo o mal. Usando o problema de Pandora como sua analogia central, Bruno vem nos contar que são dois os medos que mantêm a humanidade (ocidental e moderna, não custa lembrar) presa à incessante busca pela(s) verdade(s): um individual e outro coletivo. No nível pessoal, cada um de nós tem o medo de não acessar o real, caso não estejamos constantemente comprovando as coisas do mundo. Em um nível comunitário, ou coletivo, obrigamo-nos a fixar a realidade de acordo com nossa época ou cultura para a sociedade, na tentativa de manter o que podemos chamar de um prumo compartilhado. Ambos os medos têm em comum o fato de estarem intrinsecamente ligados à noção da existência de uma realidade. Segundo Latour, o medo de a vida ser apenas uma grande ilusão ou a projeção de uma loucura da mente é o que nos leva a buscar constantemente formas e meios de provar a realidade dos fatos. Em suma, a ciência se justifica no desejo de não sucumbirmos à dita loucura da ausência de entendimento sobre o porquê de vivermos. Em um paradoxo que seria cômico, se não fosse trágico, consigo concluir, pelas linhas de Bruno, que é apenas provando que existimos, que conseguimos existir.

Após ler essa obra, mais perdida na curiosidade pandorística do que propriamente pensando na bibliografia do mestrado, consigo entender – ou ao menos imaginar – o porquê de Bruno não ter respondido a nenhum de meus convites para jantar. Que assunto espinhoso! Olho para mim mesma, para meu trabalho que começa a ganhar forma através da estruturação de três capítulos e penso: em uma mão tenho o campo, as lâminas petrográficas, a teoria arqueológica, o granito. Na outra, sonhos estranhos, mitos incompreensíveis para a minha persona cientista, a perspectiva de outros povos sobre rochas ígneas, enquanto entidades ativas e independentes da vontade humana, o passado

e o presente. De um lado, tento ser racional e perseguir resultados coerentes com a realidade comprovável, admitida pela universidade. Do outro, acredito em mundos fantásticos, seres atemporais, feitiçaria, meios acessíveis e acessados de conexão entre o ontem e o agora. Do lado de fora do meu portão, mestranda de uma respeitável universidade federal. Aqui dentro de minhas paredes coloridas, buscadora de toda forma de vida invisível aos olhos, de Shiva à Fadas. Se não fosse aquele bilhete que agora está firmemente pregado no meu quadro de avisos, sob a vigilância constante do meu olhar, eu deixaria toda essa insanidade guardada nas páginas do meu diário, junto de outros segredos inconfessáveis, e seguiria minha vida na academia sem nunca mais pensar sobre isso como uma questão, rendida à arqueometria como bandeira de produção. Afinal, em Minas Gerais eu nunca vi, sequer ouvi, o pio de um uiraçu de verdade.

Mas ali estavam aqueles símbolos. Concretos, sobre a superfície lisa da cortiça. Nos dias subsequentes ao sonho e ao bilhete, eu havia contado ao Cor-Jesus, meu companheiro momentâneo de morada e vida, sobre toda a história do bilhete, acontecida em sua ausência de poucos dias. Conhecedor do meu gosto por reinos imaginários e religiões as mais diversas, além de ser firme em seu ateísmo convicto, ele sorriu divertido dizendo com ares de quem realmente investiga:

– Algum colega seu, com certeza, está te pregando uma peça. – E sorriu como quem resolve o mistério.

Abri a boca para contestar, mas resolvi... deixar para lá. Latour não tinha ajudado muito e eu estava tomada pela incômoda sensação de algo irreal travando meu mundo. Comecei a achar que buscava simplesmente um motivo de procrastinação.

Passou-se mais um final de semana inteiro, no qual eu remoí o tal sonho, segurando o bilhete e ouvindo insistentemente o pio do Uiraçu na internet. Certa tarde, Tiriki, minha gata companheira de uma década de vida, correndo do Bono, o atrapalhado cachorro gigante, casa a dentro, acabou pulando na minha mesa de trabalho esbarrando em um vidro de tinta *Parker* que estava, descuidadamente, aberto sobre a mesa. O vidro tombou em cima de algumas folhas de rascunho, manchando tudo com um imenso desenho negro disforme, que depois de me gerar raiva, aguçou minha curiosidade uma vez que a imagem formada ficara muito semelhantes aos borrões de tinta que certos psicólogos usam para analisar mentes ditas confusas¹⁶. Gritando, irracionalmente, com os bichos que nem se deram por rogados e continuaram a correria quintal a fora, comecei a recolher e limpar a bagunça feita, enquanto a imagem disforme e sem sentido nas folhas

de papel me proporcionou uma louca epifania: eu deixaria, sob as pedras de granito amapaenses, um outro bilhete... Se Jupira começara com uma pergunta eu deveria tentar enviar minha resposta.



Foi pensando nessa ideia de comunicação com um ser dos meus sonhos que, em um ímpeto de autoconfiança, resolvi convidar Donna Haraway¹⁷ para um café. Ao contrário de Bruno, Donna prontamente respondeu ao meu primeiro e-mail, agradecendo ao convite e dizendo que sim, viria “com muito prazer, cigarros e conjecturas”. Haraway é uma dessas pensadoras com a qual eu gostaria de, realmente, dividir uma xícara de café coado na minha cozinha, em uma tarde amena de verão, como as que tivemos no final de 2019. Como a imaginação é minha, decidi encenar esse encontro. Coloquei um litro de água para ferver, quatro colheres cheias de pó torrado e moído no coador de pano amarelado e arranjei a mesa com uma toalha antiga, herança de vó Cida, duas xícaras de borboleta e açúcar mascavo.

Donna chegou e já foi entrando, sem falsa cerimônia, como bem me agrada. Sentou-se na cadeira mais próxima da porta e logo puxou a cigareira vermelha do bolso da blusa larga de botão. Pediu um isqueiro e recebeu uma caixa de fósforos, uma vez que não se acende velas ou incensos com fogo falso (vulgo isqueiro) assim esse é um instrumento do qual não preciso. Ela deu de ombros e acendeu seu primeiro cigarro. Escorada na parede da cozinha tragou com gosto durante longos minutos, acompanhada pelo meu profundo silêncio de quem nunca deixou um convidado sequer fumar na mesa de café.

Logo em seguida, pediu para encher sua xícara:

– Tem açúcar? – E perguntou, parecendo distraída, a que devia mesmo o convite.

Eu, tímida que estava frente aquela sumidade intelectual, pude apenas gaguejar com uma voz sumida que queria entender:

– A obje... objeti..., objetiviiii...Objetividade! – consegui!

– A objetividade, Mariiina – ela disse enquanto olhava diretamente para minhas pupilas – é uma fábula! Uma fábula mal contada por “eles” – e aqui ela, irritadiça,

levantou uma sobrancelha, enquanto matinha uma expressão de cumplicidade, como se eu entendesse perfeitamente quem são os tais “eles”!

– O que os cientistas acreditam ou dizem acreditar e o que eles realmente fazem está circundado, CIRCUNDADO – ela reforçou – de relações frouxas!

– Hum hum – uma onomatopeia de concordância era todo o som que eu poderia exprimir naquele momento.

– Sim, veja você: presa nesse dilema entre um sonho e uma pesquisa e recorrendo a Latour, valha-me!!! Não tenho nada contra o Bruno, que fique claro, mas por vezes ele complica demais! Sonho e saber. Não acha que são ambos lados de uma mesma moeda?

– Eu pen... penso que sim, dona Donna – respondo depois de soprar a xícara e tomar um longo gole do café quente.

– Mas o que eu queria mesmo saber – prossigo – é como eu faço para a academia acreditar nisso que eu acredito?

– Ora essa! Academia!! Você se preocupa demais com a academia! – poderia vê-la dizendo, enquanto colocava a ponta incandescente do cigarro em riste bem perto do meu nariz temeroso – Se não parar de se preocupar com eles e ceder totalmente ao que eles querem que você faça, você não só não irá crescer e florescer como prejudicará as únicas pessoas que realmente acreditam na ciência: os não cientistas!

Isso pesou em mim de tal forma que engasguei! Donna gentilmente me daria um copo d’água e com pesados tapas nas minhas costas continuaria dizendo, entredentes, unindo fala e cigarro em uma só articulação:

– Há muito deixei de acreditar que células são células ou organismos, organismos. Vamos conhecer o mundo através da prática! Que seja científica, com os diabos, mas prática! Prática é convicção! O mundo é o fabricar de objetos, sejam eles micróbios, *quarks* ou genes! Certo?

E puxando uma longa baforada do terceiro cigarro já quase no fim, ela olharia para mim, inquisitiva.

– Cer... certo! – Eu estaria pronta a concordar, enquanto tirava do forno uns tantos pães de queijo dourados e aromáticos. Pelo visto, dado a estimulante permissão do meu silêncio e o avançado da tarde, a convidada seguiria noite a dentro com a prosa e nossos estômagos roncavam.

– Menina! Muito bom isso que vocês nomearam de pão com queijo! – O peso do assunto seria interrompido pela leveza areada da maior iguaria mineira.

– Não, não, dona Donna. É pão DE queijo – finalmente dominante em algum tema, eu não poderia deixar de esclarecer.

– Como é?

– Pão DE queijo. A gente usa queijo para fazer a mistura que vira o pão, não colocamos simplesmente queijo no pão, entende? Pão e queijo vira tudo uma coisa só!

– Isso!!! – Ela responderia em êxtase – Assim é sua ciência: composta do que acredita e do que quer acreditar! Não se iluda, nada do que você argumentar vai realmente significar novas descobertas. Você não precisa reinventar a roda como diz, e eu concordo; mas talvez reexplicar a roda, quem sabe! E de uma forma que mais pessoas expressem aquele sorriso de entendimento sobre algo familiar, como quando sentem dor ou alegria. Em algum nível, somos todos capazes de apreender o universo, o que precisa ser adaptado é a forma de contar!

Estaquei entre uma mordida e outra. Isso fazia sentido. Parecia ser mais difícil de colocar em prática do que a própria pesquisa em si, mas ressoava, totalmente, em algum lugar do meu coração.

– Aproveite, Mariiina. Você pode usar seu senso místico, ou seja lá como chama isso, para traduzir, converter, mover significados do particular para o universal.

– Dona Donna, é isso que você quer dizer então com *Saberes Localizados*?

– Bom, talvez nem eu mesma consiga expressar exatamente o que quero dizer, compreende? Mas de certa forma, sim. Para passar o que você diz sentir, precisa nomear onde está e onde não está, entender seu estado mental e físico, pontuar a SUA perspectiva com a consciência clara de que ela é sua. Compreende?

– Acho que sim – eu tentava alinhar as ideias enquanto ela tragava longamente o final do nono e último cigarro da cigareira, apagando a guimba com fúria na réplica de cerâmica marajoara sobre a mesa. Continuei:

– Você quer dizer que se eu me colocar como pessoa e através disso focar o que sei, posso desdobrar, sem receios, a forma como assimilo o mundo ao meu redor?

– Yes!! – Ela soltaria um espasmo de alegria. – Percepção ativa em relação ao mundo e aos saberes do mundo! O amor envolvido na apreensão do ponto de vista alheio precisa ser real, essa é única realidade possível, compreende? Isso é objetividade! Quem vai lhe contar verdades sobre o mundo é uma mulher que você viu em um sonho? Que seja! Ame a visão que essa mulher lhe passa. Decodifique o que ela lhe disser, a partir de sua perspectiva crítica, desconstrua saberes para que eles façam sentido em seu mundo

desperto! Não negue, não reprima, divida! Dividir é multiplicar, pense bem, multiplicar é fazer emergir vários posicionamentos. A partir de cada um desses posicionamentos, precisamos nos responsabilizar pelas várias diferenças que a multiplicidade pode fazer aparecer!

– Você quer dizer, então – eu tentava tatear com o máximo possível de cuidado, uma vez que entendia que estava entendendo, mas não tinha certeza – que tentar ser universal é um erro? O que é preciso mesmo é ressaltar a parcialidade que sou e só assim poderei elevar a “minha ciência” como algo a ser respeitado. É isso?

Aqui ela me encarou diretamente e a seriedade na cozinha, de repente, poderia ser cortada com a faca de manteiga:

– Você quer realmente ser ouvida?

– Sim! – respondi, ciente da única resposta verdadeira que eu tivera naquele diálogo.

– Então desça de qualquer muro no qual tenha subido. Assuma sua visão, interprete seus próprios conceitos e aceite que nem todos irão compreender de onde vem sua fala. Apresente-se vulnerável como você é, simples como seu cotidiano se mostra e deixe de pensar que seu público sabe do que você fala. Explique o que achar necessário, sempre, do seu jeito, da melhor forma possível para ser entendida. Lembre-se: se há uma falha de entendimento, o problema é do comunicador. Preste contas do que o mundo parece a você da forma única e parcial que é justamente a sua.

Calei-me, pois não tinha mais perguntas a fazer e já havia muito no que pensar. Estava confusa sobre os conselhos dela, pensava um pouco em Bené Brown¹⁸ e sua teoria de abraçar a vulnerabilidade para ter sucesso. Aquela conversa fictícia pareceu ter tirado um grande peso das minhas costas, desfazendo um nó que impedia o fluir da escrita e, em parte, ressaltando que eu deveria falar sobre o que era importante para mim até então, naquela história toda de pesquisa: o sonho com Jupira. Mal sabia eu que o sonho seria apenas o começo.

Naquele momento eu estava, de certa forma, aliviada em ter aval para ser eu mesma, falar da minha experiência e não precisar transmutar o que acredito de forma espremida e rota em uma carcaça fria e disforme, conhecida como método¹⁹. Sorri levemente ao chegar à tal conclusão e pude ver ainda, antes que a imaginação se desvanecesse por completo, que dona Donna saboreava com gosto e honestidade o último pão de queijo, sorratamente surrupiado do tabuleiro, enquanto eu lavava algumas

vasilhas na pia. Ela estava tão inebriada pelo paladar que parecia nem sentir o fio quente de manteiga escorrendo e lambuzando seu antebraço.



Uma vez resolvido o que para mim era quase um dilema moral, o próximo passo foi começar a escrever para valer. O bilhete de Jupira, com seus 4 enigmáticos símbolos, não me davam pistas de como inferir um alfabeto inteiro que fosse mutuamente compreensível. Nunca fui muito boa em decifrar hieróglifos, e tentar começar a partir daquelas 4 marcas enigmáticas talvez levaria toda uma vida de pesquisa. E, infelizmente, eu não tinha esse tempo. Foi aí que atinei para algo que partilhávamos, como bem percebi no sonho: o AP-CA-18 era nosso ponto de contato. Decidi que aproveitaria dessa partilha espacial e tentaria usar algum sistema simbólico que a levasse a me procurar novamente, uma vez que, claramente, ela sabia como acessar os meus sonhos. Era algo mais difícil do que acertar na loteria, mas era a melhor chance (e talvez a única) que eu tinha.

Comecei então a escrever um bilhete sem muita convicção do que fazia, pensando, que, caso tudo isso fosse, em algum nível, “possível”, Jupira teria coisas muito mais importantes para fazer do que ficar conversando com uma pessoa pertencente a sabe-se lá qual tempo e mundo. Ignorei essa chamada do meu Galvão Bueno particular²⁰ e fui procurar um pedaço de papel que servisse aos meus propósitos.

Achei por bem manter a beleza rudimentar do bilhete que recebi, seria uma delicadeza importante mostrar que dediquei tempo àquela tarefa e assim retirei uma grossa folha de papel reciclado de uma caderneta especial de viagens que conservava para me acompanhar nos meus melhores roteiros. Na melhor das tentativas, comecei a desenhar o que eu via como o sítio arqueológico idílico e tentei expressar o que eu buscava ali. Estranhamente, minha casa pareceu sumir enquanto eu trabalhava na tarefa, lançando mão da caixa com 36 lápis de cor, num misto de tentar unir memória e imaginação para expressar algo sem usar palavras. Todo meu pensamento e atenção convergiam para uma representação que, de alguma forma, fizesse sentido para mim e para ela.

O desenho tornou-se algo como o espelhamento de um lugar que eu conhecia, era o reflexo de algo que eu acreditava, profundamente, tratar-se do lugar onde estive e, ao mesmo tempo, detinha um toque especial que, até aquele momento, eu nunca admitira:

que as realidades temporais se permeiam e podemos, uma vez estabelecido o contato, partilhar alguma forma de diálogo através do tempo. Granito, cerâmicas, pássaros, plantas, água e silêncio eram as tintas das canetas com as quais eu trabalhava para conseguir, talvez, ouvir o eco de mim mesma chamando Jupira.

A contragosto, umas quatro horas e meia depois, considerei o desenho terminado. Olhei a folha de longe, chateada com minha capacidade quase inexistente de colocar em um plano cartesiano toda a amplitude 3D da vida. A primeira coisa que me chamou atenção é que, no desenho, eu havia esquecido completamente da chuva, assim como de mim mesma. Nem eu, nem ela, constávamos ali! Deixando de lado esses detalhes, dobrei o papel com cuidado e coloquei o “mapa” debaixo das, agora, “pedras de recado”. Desliguei e fechei o notebook, apaguei a luminária que ajudava a prolongar meu dia com sua luz artificial e decidi descartar, definitivamente, o chá de breu branco para ter certeza de encontrar por mim mesma a porta pela qual eu pretendia passar. Fui dormir sentindo um misto de ansiedade e expectativa.

Na manhã seguinte, ao despertar sem contratempos ou sonhos confusos, verifiquei, para minha imensa frustração, que a folha com meu desenho estava exatamente no mesmo lugar onde a deixara.



Enquanto da janela que dava para a rua eu via o ipê vizinho tentando espiar sobre o muro da nossa casa, distraí-me com a ideia de que olhar tudo de longe talvez me desse um pouco do fôlego para eu repensar o que eu vinha produzindo até então. Assim, fechei a cortina ao indiscreto vizinho florido, peguei a mochila e saí em direção ao ponto de ônibus, pretendendo ir até o centro da cidade. Com sorte, em 10 minutos, eu poderia ver gente de verdade, agindo com normalidade suficiente para me fazer sentir, novamente, parte do mundo real. Começava janeiro de 2020 e mal sabíamos que em breve, o conceito de normalidade do mundo estaria totalmente revirado. De toda forma, era uma agradável manhã de domingo, poucas pessoas passeavam pela rua, uma vez que estava cedo. Os espaços públicos se encontravam melancolicamente vazios às 7 horas da manhã. Desci em plena Praça Sete e me dirigi ao Café Nice, precisava mesmo de um bom café coado e uma pão de queijo para a barriga faminta.

– Meu pai dizia que se você gosta muito de uma coisa, você se torna essa coisa. Acho que um dia, Marina, você vai virar um pão de queijo – lembrei, com saudades, de um amigo que me falou essa verdade.

Como sempre, homens de cabeça branca, boina xadrez e colete de lã estavam de pé, do lado de fora do café, em rodas de saudosas conversas, melancolicamente a concordar sobre como tudo era melhor em seus tempos de juventude. Constrangida, como eu sempre ficava naquele território tão denso de histórias, pedi uma tímida licença ao grupo octogenário que barrava a passagem para conseguir chegar até o caixa. Entreguei ao atendente alguns reais trocados, esperando por duas fichas verdes e uma vermelha a serem permutadas no balcão por um “cafezin com pão de queijo”. Ao receber um sorriso e a xícara das mãos da atendente de óculos e chapéu de chef, fechei os olhos para, satisfeita, aspirar o aroma do café preto. Quando os abri notei, ao meu lado, uma moça morena, de óculos grossos e olhar perdido no infinito enquanto parecia degustar, com o mesmo prazer que eu, o precioso líquido quente. Tive a impressão de reconhecê-la e sorri apenas pela simpatia de compartilharmos um momento semelhante. Foi ao dar a primeira mordida no pão de queijo que me veio a lembrança de quem ela era, em um milésimo de segundo, exatamente antes de eu me engasgar frente à aquela oportunidade inusitada!

Tossi sem parar até que ela me passou um guardanapo de papel, com a mesma expressão calma que exibia minutos antes de eu perturbar a paz de seu café:

– Obrigada, Artionka!²¹ – consegui dizer, tão logo recuperei a fala.

Ela sorriu e respondeu:

– Então você me conhece?

– Sim! Quero dizer, na verdade faz pouco tempo que comecei a ler alguns de seus artigos. Mas jamais pensei em te encontrar tomando um café em plena Praça Sete, em um domingo de manhã!

– Nunca pensou que me encontraria no melhor café com pão de queijo de Belo Horizonte? Como assim? – ela riu divertida enquanto sorvia outro longo gole de café.

– Bom, a gente pensa que essas coisas só acontecem em filmes, né! Eu sou a Marina, estudante de arqueologia!

– Olá Marina! – ela respondeu de forma muito simpática, enquanto eu já emendei uma pergunta ansiosa:

– Não me diga que agora você é professora da UFMG?

– Não, continuo em Campinas por hora. – ela respondeu – Vim para uma reunião lá mesmo e resolvi ficar o final de semana para passear por BH.

– Que legal, mas que pena... – foi o que pude comentar – Você seria uma grande contribuição para nosso departamento!

– Agradeço – ela disse, sorrindo – Em qual disciplina você tem lidos meus textos?

– Na verdade – esclareci – tenho lido para o mestrado. Estou tentando dialogar com mulheres que discutam a ciência, os modos de saber indígena, a velha nova tentativa de colocá-los em pé de igualdade com as disciplinas na academia. – Concluí.

– E também com as teorias que estão no cerne delas não é mesmo? – Artionka perguntou sorrindo, expressando reconhecimento, parecia lembrar-se de alguns embates pelos quais já passou em sua carreira acadêmica:

– Pois é, exatamente! Olha, eu gosto muito da forma como você escreve, sabe? De um jeito leve, ainda que os assuntos sejam pesados, mas o que quero dizer é que você é muito tranquila de ler!

– Obrigada, Marina. Marina, não é?

– Sim.

– Pois saiba, Marina, que algumas pessoas, colegas e às vezes alguns alunos, me abordam dizendo que meus textos são por demais políticos. No começo, eu ficava desconcertada, hoje já não me dou ao trabalho de mudar a expressão com a qual recebo essa crítica. Vejo que essas pessoas não compreendem quão política é a antropologia! Que dirá a escrita da qual fazemos uso.

– É... verdade! Bom, em defesa dos alunos, quando entrei na faculdade, pensando apenas na Arqueologia que eu gostaria de estudar, fiquei com certa preguiça de fazer as disciplinas de antropologia obrigatórias, não entendia de jeito nenhum o porquê. Mas posso dizer que foram justamente os estudos de antropologia que mudaram minha forma de ver o mundo, o que foi fundamental para a arqueologia que me propus a fazer. Sinto como se realmente tivesse começado a enxergar depois da faculdade, sabe?

– Sei sim. Mas você sabe também que precisa ir além, não é? Digo, quem lê dissertações, artigos a não ser os acadêmicos? Quase ninguém. Você, muitos de nós, precisam estar em outros ambientes. E para isso a forma de escrever é fundamental.

– Exatamente isso que tenho pensado! E também o que tem me deixado extremamente incomodada. A necessidade de me ater a um formato, os artigos que ficam

restritos às revistas que apenas nós vamos ler... Queria inovar, mudar um pouco em relação ao que esperam que eu faça, mas confesso que tenho medo de não ser aceita, de “repetir de ano” – eu disse dando uma risada nervosa.

Ela sorriu, compreensiva e parecia verdadeiramente interessada no que eu dizia.

– Posso te entender nisso também. Já deve ter ouvido alguém disser que “talvez, depois do doutorado, você possa inovar” ...

– Com toda certeza!

– Bom – Artionka mudou um pouco de assunto – mas sobre o que é mesmo sua pesquisa?

– Resumindo? Sobre o uso de granito pelos indígenas construtores de megalitos no Amapá.

Pude ver que o rosto dela se iluminou com a curiosidade típica de pessoas que se encantam com as maravilhas da Amazônia brasileira. Foi aí que tive abertura para fazer uma descrição um pouco mais detalhada da pesquisa. Artionka fez algumas perguntas, parecia realmente interessada no que eu vinha buscando e, se não fosse ela cortar uma das minhas frases, quando eu falava dos tempos passados e presentes do sítio, para contar algo a respeito dos Palikur, a etnia objeto de seus estudos que era também do meu interesse, em pouco tempo eu estaria contando para uma renomada cientista política que conheci Jupira em sonhos...

– Sabe, Marina – ela me interrompeu – eu escrevi, em algum de meus artigos, que passado, presente e futuro estão conectados. As pessoas acham interessante essa perspectiva, mas penso que poucos se detêm realmente sobre o que essa afirmação pode estar dizendo. Para mim, o que entendemos por *temporalidade* é uma inter-relação entre todos os entes do planeta: indígenas ou não indígenas, e aí entra você, por exemplo, animais e também os seres espirituais, um termo que os indígenas tendem a ouvir com muito mais naturalidade do que nós, tanto cientistas quanto público ocidental, estamos todos em conexão.

– Sim, eles encaram o sobrenatural de uma forma muito mais “natural” do que a gente – eu concordei, sem saber se entendera todo seu comentário.

– Bom, eu não chamaria de “sobrenatural” – disse ela, fazendo aspas com as mãos – ainda que muitos autores usem esse termo com constância, a Lúcia²², por exemplo, mas, de certa forma, com cuidado, é por aí mesmo, você tem alguma razão. Mas o que quero que você compreenda é que quando afirmo que as temporalidades não são lineares, é

justamente para chamar a atenção para o momento presente, a volta da espiral em que estamos colocando os nossos pés agora. Estamos em pleno momento de loucura do mundo, por exemplo. É o tipo de instante que se repete ao longo da história e precisamos entendê-lo como outra volta da espiral e não como uma sequência do passado.

A explicação dela era bem interessante e fiquei pensando sobre como entender o tempo de uma forma não linear, enquanto ela buscava mais dois cafés no balcão.

– No nosso caso, falando de Brasil – ela colocou as xícaras, eu agradei, enquanto ela continuava – a loucura veio na eleição de um presidente visto como retrógrado. Caminhávamos, como se tudo estivesse nos eixos, embora muitos soubessem que não estávamos e, de súbito, nos vimos em outubro de 2018, com tudo revirado: conceitos, ideias, derrotas e vitórias. A maioria daqueles que vivem em uma bolha parecida com a nossa, tomo a liberdade de te incluir em um círculo de pensamentos similar aos meus, estão agora se perguntando: quando o mundo ficará são de novo?

– Acho que estou sim, nessa bolha. E a resposta que tenho é: eu não sei mas espero que seja logo. – completei, muito séria.

– Pois é. Eu também não faço ideia – ela disse, com um tom triste de incerteza – Mas o ponto é: sabe o que faz o mundo enlouquecer de tempos em tempos?

– Não tenho a menor ideia – respondi com honesta curiosidade.

– A ação predatória dos brancos. Ela é a principal causa de as coisas saírem dos eixos e de nos acreditarmos, por vezes, sem futuro.

Enquanto Artionka tomava um outro gole de café, de olhos perdidos na quina da parede, senti a sensação incômoda de fazer parte do grupo que ela culpabilizava. Eu estava na posição de branca cuja ação de consumo, somada a de outros como eu, pouco a pouco, acabava com o mundo de todos. Pertencendo a uma categoria privilegiada, eu tentava a pensar e a repensar em como poderia ajudar a modificar as coisas para que o mundo se tornasse um lugar mais justo, ou pelo menos mais equânime, para todas as pessoas que vivem nele. Diante do meu silêncio incômodo, Artionka retomou sua explicação:

– As falas indígenas se encaminham todas em uma direção muito semelhante à das pesquisas científicas atuais, quando pensamos sobre problemas que atingem a todos nós: as lideranças falam o que as etnias acreditam sobre o desmatamento, sobre o uso de combustíveis fósseis e sobre as consequências climáticas dessa exploração. Você, como estudante de antropologia, já deve ter vistos muitos mitos indígenas, agora pense neles da

seguinte forma: o mito conduz, por diversas vias, a um mesmo entendimento e conclusão: prenuncia uma catástrofe.

– Nunca tinha pensado por esse lado... – respondi, um pouco perdida no raciocínio.

– Nós aprendemos a pensar, do nosso lugar de privilégio, dentro da sociedade dominadora, que a catástrofe é uma mudança negativa, mas para a maioria dos povos indígenas, dos mitos, a catástrofe resulta sempre em aprendizado. Trazendo para o agora, a catástrofe para os brancos é resultado de uma ganância exploratória que beneficia, em sua maioria, apenas alguns deles mesmos. Tudo visa ao dinheiro, uma fala que não é minha, mas a tomo emprestada, porque acredito nela. Só que isso não é verdade para os indígenas. A catástrofe vem em suas vidas, ao menos nos tempos míticos, quando um aprendizado desconhecido para a comunidade era necessário. Trazendo para o hoje, estamos num momento em que, de forma descarada, falas e perspectivas distorcidas sobre os indígenas e a maneira deles tão equilibrada de enxergar o mundo apontam para um novo apogeu de pensamentos retrógrados, compreende? Uma força de barra para tornar todos iguais. E talvez nisso resida a maior dificuldade de equiparar os saberes.

– O que você quer dizer é que, se o próprio presidente da república repete, em rede nacional, ataques a povos diversos, não tem motivo para o povo que o elegeu pensar diferente? – Questionei, para ver se entendia.

– É bem isso, para pior. No caso desse senhor e de outros líderes mundiais também, a fala dessas pessoas tem consequências não apenas para seu povo branco, mas para a humanidade, em sua existência presente e futura. – Ela concluiu, me olhando profundamente.

Eu captava que algo ali me levaria a um ponto importante, mas confesso que não entendia bem o que aquilo tudo tinha a ver com minha pesquisa.

– Para resumir nossa conversa, Marina, já que as horas voam e, infelizmente, tenho um vôo agora de manhã; estamos em um momento que talvez nenhum de nós, com menos de 50 anos, tenha visto uma dita esquerda e outra autoproclamada direita voltando suas baterias contra a ciência! Esses dois lados, historicamente opostos, concordam que há um inimigo comum e um inimigo que, por séculos, foi considerado por ambos quase um deus! Parece mesmo ter algo de muito louco, não acha?

Tive que rir e concordei com um sinal de cabeça.

– E porque a ciência agora é um inimigo? – Ela prosseguiu. – Porque a catástrofe está acontecendo, a ciência é a prova de que os brancos exigem algo mais de sua realidade, mas certas estruturas não podem ser derrubadas. Em suma, os privilegiados não querem abdicar de suas posições.

Parecia que eu começava a ver um sentido no que Artionka dizia. Ela terminou seu café e concluiu:

– O técnico é o novo progresso. Olha nosso vocabulário atual: “custo benefício”, “economia”, “*know how*”... De onde vêm todas essas ideias? Das escolas brancas, fundadas por brancos, criando oportunidades de inserção em um mercado de trabalho governado por grandes senhores brancos, independentemente dos sistemas de crença ou do saber. A pessoa se adequa para entrar ali e poder sobreviver.

– É... Concordo. E é aí que, nos seus artigos, você fala algo sobre uma imparcialidade inexistente?

– Exatamente! Suprimir o outro, em virtude de uma universalidade inventada e conseqüentemente suprimir uma outra “ciência” em nome do universal. A ciência acadêmica é, de certa forma, parte disso.

Eu já tinha muito sobre o que pensar, de uma conversa inocente em um café. Precisava aproveitar aquele encontro antes que a professora sumisse em direção a Confins.

– Artionka, me dê sua opinião, voltando aqui para meu problema de escrita: você entende que quando a academia exige que eu escreva dentro de uma norma ela, inconscientemente, deseja prosseguir em seu projeto desenvolvimentista, de equalização de todos?

– Conscientemente, eu diria. Escrever dentro da norma é estar em um lugar de disputa política, que visa anular o outro, seja esse outro você mesma ou sobre quem ou o que você fala.

– Puxa! Eu pensava que isso era ruim, mas não que era assim tão grave! – Respondi, realmente perplexa.

– Talvez, por isso, estejamos aqui nesse diálogo em pleno domingo de manhã. Sabemos que os tempos urgem mudança. Não apenas em documentos, teses, dissertações e normas, mas em tudo aquilo que pretende o universal, desconsiderando outras formas de lidar.

– Então o que pretendo enquanto escrita, não está assim tão errado? –

Questionei.

– Não li o que você escreveu. Mas, pelo que me diz, você está tentando dar espaço àquilo que acredita estar distante da realidade acadêmica. E é natural a dificuldade, pois a norma te fez acreditar que os povos indígenas são iguais, que todos os seus leitores são iguais... Só que isso é um erro, seja no ontem ou no hoje. Todos os povos são diversos entre si, assim como o são os povos indígenas. A igualdade na qual são enquadrados é uma questão política, para que interlocutores brancos tenham equivalência de posição quando falam por indígenas. Tornar o cosmos um mundo comum é uma criação pacificadora dos não indígenas para seus objetivos de dominação.

– Essa ideia do universal, tão arraigada em nós, então é devida a utopias construídas para não lidarmos com a diferença do outro e dos outros? É por isso que queremos a universalidade de saberes?

– Bom, é uma resposta. A questão é: é possível universalizar o saber? Experiências e memórias são compartilháveis entre os indígenas e aceitas, mas os brancos tendem a reconhecê-las apenas através de comprovações uma vez que diferem das suas. Mas, agora, os indígenas entendem que precisam fazer uso da palavra, do corpo, frente à ciência branca buscando romper silêncios, serem vistos, apresentar sua forma de pensar, seu jeito de viver. É um momento de catástrofe, entende?

– Entendo... – Falei incerta, ao que ela respondeu:

– Vou concluir para você algo que realmente precisa para repensar seu trabalho: se sua meta é não objetificar os indígenas, que há mil anos atrás construíram uma estrutura megalítica, não basta compreender o passado, é preciso imaginar como serão os novos tempos! A ficção científica, a ciência, as existências e experiências indígenas nos oferecem alternativas para a transformação do planeta, permitindo que possamos sair do período colonial e encontrar liberdade de movimento para pensar e buscar meios de garantir um porvir às novas gerações. Você quer que em 10 anos alguém sofra os dilemas que você tem sofrido para escrever sua dissertação?

– Não! Realmente espero que, em dez anos, muita coisa já tenha sido superada. Se eu realmente puder querer algo, gostaria de que a ciência branca fosse só mais uma ferramenta para falar do mundo e que a gente pudesse usar os sentidos, os afetos para conseguir que o outro prestasse atenção no que dizemos ou fazemos e para que prestemos atenção no que os outros dizem ou fazem, verdadeiramente.

– Afetos? – Ela questionou, um pouco duvidosa.

– É – respondi – Acredito que podemos dar sentido às coisas e às pessoas, não só racionalizando... Eu queria que a academia fosse uma conversa verdadeiramente ampla e sincera sobre os modos de aprender. Menos trilhos fixos e mais picadas abertas no mato, talvez. – Eu ri, da minha própria tentativa de analogia.

– Parece uma boa ideia. Talvez você possa arrumar uma forma de edificar a prática desse seu desejo...

– Quem sabe! – Respondi, esperançosa.

– Meu conselho: faça disso a sua bandeira política. Ou melhor, sua bandeira dissertativa. Os povos indígenas se batem com o Estado há séculos e, se resistem até hoje, preste atenção, é porque enxergam a si mesmos, à sua política como algo que está para além do Estado. Eles sabem que podem vencer, ainda que seja difícil. Entendeu?

Sem que eu respondesse, ela terminou de pé seu terceiro cafezinho. Me deu um abraço silencioso e correu porta a fora, imagino eu que para o ponto de táxi, logo na esquina. Esqueceu sobre a mesa um lenço vermelho, que peguei de pronto e saí correndo, para tentar devolver. Só deu tempo de vê-la fechando a porta do carro branco, que seguiu em direção à Avenida Antônio Carlos, provavelmente, para tomar a pista exclusiva que levava até o aeroporto. Olhei para o carro que sumia, para o lenço vermelho em minha mão e pensei que ele poderia encarnar a tal bandeira que eu deveria hastear no quintal da minha vida acadêmica.



1.4 “Com o sangue de quem foram feitos os meus olhos?”



Tentativa de mapa. Autora: Marina Costa, 2020

Enquanto membro de uma sociedade pautada na modernidade, no consumo, em uma perspectiva fissurada do futuro (a memória dos antepassados não é um forte dos núcleos familiares ocidentais), o conhecimento que tenho de meus ancestrais para abruptamente em meus avós. Não fui uma dessas pessoas afortunadas que teve contato com bisavós ou até mesmo trisavós e mal sei seus nomes ou já vi suas feições em fotografias. E infelizmente meus quatro avós, que possuíam essas memórias, já faleceram.

É o processo natural, o velho fenece para que o novo se erga, mas só fui me dar conta do quanto poderia aprender com eles muito tempo depois da partida. Ainda assim guardo certas histórias, principalmente das avós, histórias que foram e são recontadas pela minha mãe e pelas minhas tias. Elas falam dos modos de vida das mães em suas infâncias, às vezes, reinterpretam algum pensamento e tentam dar opiniões, acreditando que são como as que suas mães dariam. Dessas histórias percebi que minha avó paterna e minha avó materna eram mulheres muito diferentes, ainda que vivendo na mesma época. A seu modo, cada uma interpretava o mundo e expressava seu saber assumindo posturas bem diversas perante a vida, mas nunca excludentes de outros saberes.

Vó Madalena, mãe do meu pai, era uma mulher extremamente supersticiosa. Parece que, desde muito nova, ela acreditava em forças ocultas agindo sobre as pessoas e confiava em sua fé católica como a única proteção necessária para a família numerosa. Depois de casada, foi morar com o marido, meu avô Zeca, na pequena cidade de Tiros, em Minas Gerais. Ele era barbeiro, filho de um tropeiro viajante, conhecedor de plantas medicinais, meio curandeiro e, enquanto a vó cuidava das seis crianças que tiveram, o vô tentava conseguir dinheiro suficiente para sustentá-las. Eram tempos difíceis, de dinheiro pouco e muita reza. Lembro do meu pai dizer que, quando chovia forte, e meu avô fora

de casa, minha avó ficava desesperada frente aos raios e trovões da tormenta, acreditando que eram castigos divinos pelos pecados da humanidade. Temendo pela família, ela escondia a si mesma e as crianças debaixo da mesa de jantar e fazia todos rezarem juntos, até a tempestade cessar, sem permitir que nenhum deles saísse dali. Minhas tias contam, ainda com indignação, a história de um espertalhão mal intencionado que sussurrou ao ouvido da vó histórias sobre a casa onde moravam ser também local de habitação de assombrações e outras “coisas do demônio”. Minha avó, a partir de então, não teve mais um dia de paz. Tanto fez que conseguiu convencer meu avô a vender o imóvel, a preço de banana passada, para as mãos de um “sócio” do espertalhão. Foi assim que decidiram deixar para trás as maldições e mudaram-se para Belo Horizonte com os meninos pequenos.

Já a vó Aparecida, a mãe de minha mãe e de seus seis irmãos, era conhecida como uma mulher “a frente” de seu tempo, pelo que dizem. Completamente à vontade em seu quase um metro e meio de altura, não se fazia de rogada para olhar o mundo sempre de cima, com uma ruga de dúvida na testa, em relação a tudo e a todos. Acyr, meu avô materno, trabalhou como chefe da estação de trem de Marinhos, nos idos dos anos 1940. Conseguiu esse bom e invejado emprego, uma boa remuneração, o que permitiu que eles adquirissem uma grande e confortável casa, em um ponto nobre da então jovem cidade de Brumadinho. Foi lá que criaram os sete filhos, ele no trabalho diário e ela como dona da casa, gerenciando as economias e a educação da família. Alheia às fofocas da cidade pequena e sem grande interesse em relacionar-se com os vizinhos, uma vez que havia trabalho de sobra com sete crianças. Contam que, em certa manhã, ela surpreendeu-se ao encontrar um “trabalho” na porta de casa. Alguns alimentos foram deixados junto a uma vela acesa no portão. Uma senhora moradora da rua, conhecida na vizinhança pelo prazer que tinha em “mexericar”, correu para contar que alguém encomendara aquele “feitiço”, visando estragar a vida farta que sua família levava. Dizem que, sem pensar duas vezes, a vó entrou em casa, foi até a cozinha onde pegou uma vassoura e voltando para a rua varreu com vigor os itens “sobrenaturais” para o meio da rua. A vizinha, que encarou boquiaberta aquela audácia, ficou paralisada enquanto observava minha avó lavar o passeio com água e sabão, assobiando uma seresta. A vó então fechou a torneira, limpou as mãos no avental e bateu com força o portão, voltando para seus afazeres sem titubear. Ao ser questionada por tal atitude atrevida, anos depois, ela dizia que sempre fora uma mulher ocupada demais para se preocupar com feitiçaria.

Pensar em ancestrais me faz falar de suas vidas porque acredito que dessas duas formas tão diferentes de ver o mundo veio a mistura que compõe meu modo de lidar com as realidades “reais” e “alternativas”. Penso que herdei das “vovós” um pouco de minhas percepções, crenças, querereres e desconfianças. Elas moldaram, da forma que melhor puderam, as ideias de meus pais, que por sua vez impingiram em mim as primeiras noções de mundo. O que preciso ressaltar, algo que só percebo ao alinhar tais ideias no papel para escrever uma dissertação, é que, independentemente de suas crenças, vó Madalena e vó Cida sempre se deram muito bem. Disso consigo me lembrar.

Ouviam, sempre com um sorriso no rosto, os casos uma da outra, trocavam fartas receitas de domingo, falavam de outros tipos de pontos de tricô e, acredito, compartilhavam das mesmas experiências de fé. Enxergavam as esferas divinas de forma um pouco diferente, mas pareciam ter um idioma comum, quando na companhia uma da outra, iam tratar dos mistérios da vida. Um idioma pautado, principalmente, no respeito pelas trajetórias de cada uma, na honestidade da forma de cada uma ver o mundo e na certeza de que a verdade alheia precisa, acima de tudo, ser respeitada. Queria que elas ainda estivessem aqui.



Alguns dias depois do café com Artionka, nada ainda mudara na minha escrivadinha, debaixo da pedra. Eu não tinha também tido a coragem de tirar meu desenho de lá, o que era assumir a falha do método. Era uma quinta-feira muito quente. O verão começava a se despedir e a tarde azul resultou em uma noite fresca, perfeita para a visita de alguns amigos que vieram compartilhar um vinho ao redor da fogueira no nosso quintal. Iríamos celebrar meu aniversário passado e o fim do mestrado que eu acreditava iminente. Suspirei fundo e comecei a pensar em me arrumar, quando ouvi a campainha tocar. Pela primeira vez, alguém chegara mais cedo. Lancei um último olhar fixo no mapa sob a pedra, pensando no quanto nada daquilo fazia muito sentido e em como eu precisava logo deixar a escrita fluir. Coloquei o papel no bolso, com receio de algum convidado resolver mexer no que não devia e disposta a esquecer, ao menos por uns momentos, que eu era uma pós-graduanda em busca de inspiração sobrenatural, desliguei a luz e fui mergulhar em diálogos despreziosos sobre tudo e nada.

Trocamos algumas histórias sobre a Índia e seus costumes ocidentalizados para venda, histórias que ainda pareciam exóticas, mesmo na era da internet. Distribuí algumas rudrākshas²³, acendemos incensos perfumados e muitas foram as onomatopeias assombradas frente aos casos sobre como eu não consegui tomar um café coado ou uma caneca de cerveja durante 30 dias, “na cidade sagrada do Yoga”. Também era difícil para eles, como foi para mim, aceitar que os indianos não usam papel higiênico, um mau hábito reservado para os turistas que não sabem como cuidar de seus corpos. Pensar que costumes como esses, em pleno 2020, deixavam meus amigos incrédulos me fazia lembrar da postura de certas pessoas em relação ao “invisível” plenamente factível para outros povos – a diferença acatada pela emanção de duas palavras: “eu vi”.

Foi uma noite leve e divertida, um prenúncio aos meses de reclusão que viveríamos em breve. Algumas risadas depois, um a um os convidados foram se retirando e eu fiquei assistindo o fogo morrer na última acha de lenha. Em um movimento de devaneio, retirei do bolso o mapa que desenhei, olhei para ele profundamente e o lancei no resto da chama que terminava de queimar. A bolinha de papel quicou na madeira, caiu no fogo, deu um estouro e pulou outra vez, entrando em combustão em pleno ar, liberando uma luz esverdeada para segundos depois não deixar absolutamente nenhum vestígio sobre a fogueira. Achei aquilo de certa forma incômodo, mas imaginei que fosse alguma reação das tintas dos lápis de colorir. Observei as últimas brasas se apagarem e a fumaça rosada que subiu pelo céu, rumo à imensa lua prateada. Só então, entrei.



Acordei no dia seguinte com leves sinais de desidratação, a cabeça latejando e a boca ressecada. Ainda assim, eu tinha uma resolução e abri o computador para rever o trabalho feito até então. Suspirei, virei de uma vez o copo de chá frio de boldo garganta a dentro e tentei focar minha atenção no arquivo delimitado pela ABNT, tão amargo quanto a planta para o fígado.

O cursor estava parado na descrição de relações interdisciplinares da arqueologia. Eu tentava imaginar como reconstruir a história da disciplina e os motivos pelos quais as pedras erguidas estariam ali, sob um ponto de vista da continuidade natural da cultura dos povos. Havia, entretanto um imenso incômodo com tudo aquilo. Me sentia

a própria personificação de uma antiquária, com roupas cor de cáqui bem passadas, o cabelo preso em um coque feito com esmero, reescrevendo teorias embasadas nos pensamentos sobre os padrões humanos comportamentais existentes, desde que o mundo é mundo. Ou seja, eu estava ali fazendo o empoeirado mais do mesmo, repetindo, feito um papagaio, coisas com as quais eu não concordo totalmente, mas que resultariam no ato de ganhar um satisfatório petisco²⁴!

Resolvida, depois de tantos conselhos de peso, a abandonar essa estratégia, comecei a centralizar minha atenção na arqueologia pautada nas noções dos povos atuais sobre seu próprio passado, nas formas de outras culturas apreender o mundo em que vivemos e nas teorias a respeito de uma descentralização do saber arqueológico²⁵, ideias oriundas de uma disciplina que cursei durante o mestrado e que muito me fez pensar. Essa sim era uma ideia que ressoava nos meus próprios saberes. Teorias construídas com ajuda de amplas perspectivas de mundo, explicadas através do entendimento que povos tradicionais possuem do presente atingindo em cheio as perspectivas universalistas defendidas no início histórico da arqueologia acadêmica. Para meu alívio, tais teorias já estão fazendo grandes buracos no cientificismo arqueológico, questionando a dita realidade científica, a noção de sobrepor o passado de outros povos a todos eles, a partir de verdades impostas por um mundo eurocentrado. Esse era o tipo de conversa que realmente me animava, ao mesmo tempo em que também me causava preocupação, uma vez que eu tinha como mote na minha pesquisa o olhar da Arqueometria, talvez a subdisciplina mais cientificista de todas as que compõem a Arqueologia. Buscar, por meio das ferramentas tecnológicas e da racionalidade das ciências exatas, perscrutar o invisível microscópico nos vestígios arqueológicos. Eu esperava que essa ferramenta pudesse me ajudar a provar – o que significa literalmente ver para o mundo científico – que o granito habita a cerâmica pré-colonial de forma intencional. Comecei a me preocupar que o incêndio ateado pelo movimento intelectual decolonial, que eu tanto gostava de ver queimando as tradicionais teorias arqueológicas, se alastrasse pelo meu próprio quintal.

Fato era que eu estava agora num caminho sem volta. Desmistificar certos preconceitos das visões tradicionais era uma das obrigações com as quais me propus, a partir daquela fatídica disciplina. Eu, como habitante contemporânea de outros mundos, tinha que tentar contribuir para uma modificação verdadeira no jeito arqueológico de observar o passado. Epifania! Era aí que eu poderia lidar com a teoria de forma mais

próxima às minhas próprias convicções. Eu tinha em mente exatamente a pessoa que poderia dar um peso na guinada definitiva da minha escrita.

Animada, escrevi para ele e, surpresa, recebi sua resposta. Alguns dias depois eu estava conectada, via *Skype*, com Ian Hodder²⁶. Logo de início ele disse não ter muito tempo, um dito que eu imaginava constante em sua vida, mas fosse pelo contato inusitado e, quem sabe atrevido, de uma humilde mestrandia ou por interesse pessoal em explanar suas opiniões sobre um assunto, de certa forma, polêmico, Ian concedeu-me alguns minutos de seu atarefado dia:

– Hodder, não sei como agradecer pelo seu tempo, então vou direto ao que quero saber. – Comecei, disposta a parecer muito prática. – Meu pedido de uma conversa com você é por estar vivendo um momento confuso na minha carreira incipiente: tenho uma paixão enorme pela arqueologia mas estou em uma grande crise de consciência. Como contar a história de outros, com os quais eu não tenho nenhuma proximidade, temporal ou geográfica, sem me apropriar indevidamente dessa história como fizemos no passado?

– Marrina... – Ele começou com um suspiro de compreensão cansada. – Vou ser direto também, porque realmente tempo é uma coisa que me falta. Considere a tateabilidade do mundo como algo que só acontece após elaborarmos um conceito, ok? Quero dizer, quando conceituamos, nos tornamos entendedores das relações diretas e indiretas entre comportamento e cultura material, pois é disso, basicamente, que se trata a arqueologia. Como falei há pouco mais de trinta anos, nos anos 1980 e você deve saber bem...

– Sim! – Interrompi animada – Preciso admitir que foi pouco depois de eu nascer!

– Justamente – ele retomou – sei que a juventude é algo repleto de dúvidas, mas quero que você entenda que sua crise é supérflua. É importante para sua formação de caráter mas contra produtiva, ok? Se ela fosse real, nenhum de nós estaria trabalhando no passado remoto da humanidade, pense bem. Quando assumimos um caminho para fazer arqueologia, propomo-nos a tratar nosso objeto de estudo da forma mais confortável, ou menos incômoda, possível. De certa forma, cada teórico, a seu tempo, buscou realizar esse fato. Não entrarei no mérito das muitas falácias que foram ditas em nome de uma Arqueologia científica, mas foquemos no presente ou não conseguiremos andar rumo a um futuro.

– Hodder, sendo direta de novo, você está dizendo que esse é um problema de consciência meu? – Protegida pela tela, eu poderia falar qualquer coisa naquela conversa.

– Bom, lembrando que eu não sou psicólogo, é exatamente isso. Não confunda você com sua pesquisa! Você faz o estudo, mas tire do foco seu egocentrismo. Pense na humanidade que pretende representar e aja com o maior respeito em relação a todas as culturas, sejam ela vivas ou extintas. Dê nisso o seu melhor.

Eu engolia aquelas palavras como se estivesse tomando um xarope muito amargo, mas vital. Tentei seguir com a voz o mais controlada possível, já que a crítica faz parte do caminho de qualquer um que se proponha a ser pesquisador:

– Certo, confesso que é algo que eu precisava ouvir, ainda que seja difícil aceitar que estou sendo egoísta. – Alfinetei visivelmente irritada, dado meu histórico de dificuldade em aceitar. – Mas como eu, uma pretensa mestra, sem título ou bagagem “respeitável” posso criticar os métodos daqueles com uma longa carreira antes de mim?

– Bom – ele respondeu, com certo enfado – simplesmente porque você é uma pessoa do presente que está pensando sobre tais questões! No presente, temos concepções mais claras sobre a humanidade e as relações entre as pessoas, de uma forma, digamos, mais honesta e inclusiva. Criticar os métodos passados da disciplina é uma premissa, a partir do momento que passamos a falar em ética no fazer arqueológico. Essa noção vai variar de povo para povo, de pessoa pesquisadora para pessoa pesquisadora, mas, no geral, ética em arqueologia significa: se há um ator, material ou imaterial, que aponte algo em relação ao passado de um lugar ou de um grupo de pessoas, você deve tentar ao máximo compreender a fala desse ator e permanecer fiel a ela, durante seu trabalho. Essa noção é o motivo de surgirem correntes que entram em embate com as anteriores, agregando novas técnicas, pensamentos e formatos ao fazer arqueológico. A arqueologia é mesmo essa disciplina híbrida e nada que seja híbrido é facilmente aceito. Usamos recursos das ditas ciências duras, aliadas às percepções proporcionadas pelos estudos das relações humanas. É um caminho do meio que pode nos permitir sermos precursores de uma forma mais integrada de ver o mundo.

– Certo, Hodder – eu interrompi para concordar e aproveitei o gancho – tenho pensado muito na arqueologia como a ponte entre a ciência, que seria o tátil, e o imaginável, o intangível, sabe? Uma espécie de união de perspectivas que, na grande maioria das vezes, extrapola os limites de definição científica, principalmente porque não concordo com a ideia de uma verdade universal. Honestamente, o que você acha disso?

– Bom, Marrina, são conceitos! Mas conceitos muito abstratos para falar de arqueologia. Isso pode mais confundir as pessoas do que ajudá-las, entende? Pense: imaginável. Isso nos leva um pouco para o campo da ficção e não somos inventores de histórias, mas contadores de uma possível versão dos fatos a partir de evidências. E tátil, quantas coisas na arqueologia não são nem mesmo visíveis... Sobre o que é mesmo sua pesquisa?

– Falo do granito utilizado pelos indígenas pré-coloniais em um sítio megalítico no Amapá, aqui no Brasil.

– Interessante, pois veja bem: o granito que você encontra nesse sítio não tem necessariamente algo a ver com o “tátil” – ele logo disse, obrigando-me a silenciar minha discordância imatura para continuar ouvindo sua conclusão. – Vê o problema? Abandone conceitos velhos ou novos, na maioria das vezes não precisamos deles. Pense em elucidar com clareza. Pense que somos todos arqueólogos, é inerente ao humano a curiosidade sobre o passado. Você deve dar caminhos, mas não limitar o pensamento de quem quer que seja. Por mais que você pense de forma ampla, ainda deve deixar claro que sua perspectiva é sua e por isso está aberta a ser questionada. Conceituar é limitar.

– Acho que entendi. – Realmente era um achismo – Para terminar, uma última pergunta. Você acredita que passado, presente e futuro acontecem simultaneamente, pensando na teoria física de mundos paralelos²⁷? Acredita que podemos estar falando, na qualidade de arqueólogas e arqueólogos, de um tempo que, em algum lugar do espaço, continua acontecendo?

Nesse ponto ele deu uma risada profundamente escandalosa e, ao que parecia, verdadeira. Acho que como a referência famosa que era, talvez ele não esperasse uma pergunta avulsa, que talvez estivesse fora das pesquisas que ele tem feito. Ao retomar à câmera, Hodder me olhava divertido:

– Olha, eu acredito em coisas que meus adversários teóricos adorariam saber! Mas essas são minhas concepções pessoais, não tem nada a ver com o Hodder dos *papers*. Cá entre nós: uma vez que sou conhecido por falas que se antagonizam ao corrente, à medida que o tempo passa, hoje, posso afirmar que o Hodder do presente não acredita em bruxas. Mas de que elas existem, ele não tem dúvidas. Se era isso... Até breve.

E a ligação foi finalizada com um seco clique virtual.



Essa *call* foi a pá de cal para a pretensão de manter a mim mesma dentro da tradicionalidade. Finalmente acho que estava em paz com minha escolha. Desliguei o computador, peguei a bolsa e mais uma vez rumei para a “vida comum”, rumo a uma lanchonete que servia o melhor milk-shake da cidade, e eu precisava comemorar. O fim de tarde ensolarado respingava no rosto das pessoas caminho a fora, parecia mesmo que sentíamos o *lockdown* que ocorreria ainda no próximo trimestre. Crianças gritavam e corriam na praça, a juventude sentada no gramado partilhava pipoca e risadas, alguns grupos de percussão deixavam a sensação festival de que o carnaval já estava logo ali. Toda aquela história de sonho ou bilhete tinha sumido da minha mente depois de queimar na fogueira o mapa frustrado e eu pensava apenas na entrega da pesquisa, afinal.

Já dentro da lanchonete, notei logo à minha frente, na fila, uma senhora exótica, muito sorridente, falante, usando uns adereços coloridos e chamativos. Ela conversava alto com o atendente do caixa, usava um vestido laranja com estampa de grandes formas geométricas nas cores as mais diversas. Tinha na cabeça um turbante roxo brilhante e nos pulsos várias pulseiras de contas coloridas, além de longos colares no pescoço. Quando finalmente retirou seu pedido passou por mim, ainda aguardando e cravou no meu rosto um olhar perscrutador, realçado por muito rímel. Ela abriu um largo sorriso que era ao mesmo tempo simpático e assustador (me lembrou o gato de Cheshire, que apenas confundia a já tão atrapalhada Alice). Sacudi a cabeça para sair daquele transe momentâneo e finalmente retirei meu tão desejado milk-shake. Com a iguaria em mãos, busquei um lugar mais afastado, no Shopping Center barulhento, para me acomodar. Enquanto olhava para os lados em busca de uma mesa livre ouvi um “*psiu*” insistente. Ao olhar para trás, vi a mulher exótica de olhar enigmático acenando para mim, me convidando para sentar junto a ela. Demorei um segundo para arriscar, lutando entre a curiosidade de conversar com alguém desconhecido e o receio de seus olhos tão estranhamente julgadores cravados em mim. Deixei de lado essa besteira, afinal eu estava na Savassi, um território livre para as mais diferentes expressões humanas e não tinha nada com o que me preocupar. Pelo menos foi o que tentei achar.

Um pouco sem graça, sorri e me sentei. Ela sorriu de volta enquanto aspirava seu refrigerante “dietético, por favor” de forma muito barulhenta. Paralisada, com os

dentes mordendo o canudo de plástico e os olhos ainda fixos em mim, aguardei que ela manifestasse o motivo pelo qual me convidou para sentar. Seu sorriso alargou-se ainda mais, se é que isso era possível, e finalmente ela disse:

– Achei que você não ia mais chegar!

Engasguei e em meio a uma tosse asfíxiada cuspi para todo lado um pouco do precioso chocolate. A custo, me recuperei para soltar de forma gritada uma interrogação:

– O quê??? – Fazendo com que muitas cabeças, imediatamente, se virassem na nossa direção. Ela repetiu, ao mesmo tempo em que me repreendeu:

– Não seja escandalosa! Disse apenas que achei que você não fosse chegar mais, hora essa! De toda forma prometi que iria falar com você, esperei e, bem, aqui estou.

Com a inércia de alguém que se vê em uma situação completamente inimaginável, aguardei em silêncio e de olhos arregalados que ela continuasse falando. Pacientemente, ela voltou a beber seu refrigerante imitando uma criança que, divertida, tentava irritar um adulto rabugento, fazendo borbulhas ao soprar dentro do copo. Vendo que eu não me incomodava, ela terminou de beber, sorriu novamente com as duas mãos começou a tatear os muitos colares em seu pescoço. Sem desviar de mim o olhar, ela retirou delicadamente um deles, de pedras escuras e mudando completamente de expressão, me entregou o colar, com muita cerimônia e seriedade.

– Mandaram que eu finalmente o entregasse a você. Também recebi das mãos de alguém que nunca tinha visto, pelo menos não do jeito que estamos acostumamos a ver, você sabe bem do que estou falando. Não posso dizer que foi um presente, assim como agora, também não acho que o seja para você. Ao dizer isso, ela deu uma risada estranhada, guinchada – mas acho que compreendo porque agora deve estar em suas mãos. Aliás, Marina, você gosta de cebolas empanadas? Precisa provar as que fazem nesse lugar!

– Espera um pouco – eu disse – quem te mandou aqui? Como é que você sabe o meu nome?

Outra vez eu tentava me agarrar a perguntas que pudessem ser respondidas de forma mais ou menos lógica. Ela;

– Ora, não seja tonta! A nova Ominará do povo das pedras!!!

E, de novo, engasguei com o milk-shake. A mulher exótica, prontamente, se levantou e, apertando com força as minhas bochechas, continuou falando:

– Não sabia quem encontraria aqui, mas ao olhar para você, tive certeza. Não posso dizer como, mas conheço bem esse povo da floresta e sei que eles não gostam das nossas perguntas tolas. A única coisa que posso dizer é: você precisa usá-lo dentro de cinco dias, não importa o que aconteça!

Ela me olhava com urgência. Eu olhei para o colar que ela colocou em minhas mãos... Eram pedras extremamente leves, de um tom escuro e opaco, mas ao mesmo tempo brilhantes e densas...Eu olhava quase hipnotizada para aquele adereço rústico, quando a mulher colorida se virou de uma vez, jogou na lixeira o copo de plástico e, inclinando a cabeça, lançou-me outro de seus assustadores sorrisos, deu um tchauzinho mecânico e se foi. Levantei-me de uma vez, mas antes que eu pudesse abrir a boca ela sumiu entre as pessoas que iam e vinham pela praça de alimentação.

Caí pesadamente na cadeira. Eu não sabia o que pensar. Lembrava insistentemente do Amapá, pensava nas grandes pedras de granito, voltava na minha mente o sonho com Jupira e tentava entender o porquê de meu mundo estar, querendo ou não, do avesso... Olhei para o copo vazio e me percebi em um redemoinho de emoções contraditórias. De repente notei que minha única opção era aceitar tudo aquilo como a normalidade, a manifestação de que eu deveria usar meu lugar de privilégio para falar de granito e de outros tipos de verdade.

Ao chegar a casa, ainda permaneci um tempo embasbacada, e me dei conta de que isso começara a ser uma constante. Nada fizera muito sentido nos últimos meses. Sentei na rede da varanda e fiquei brincando com o colar entre os dedos. O sol se punha no ipê rosa do outro lado da rua e alguns raios atingiam diretamente as pedrinhas negras, dando um brilho de crepúsculo ao colar. Ele era bem bonito e, estranhamente, parecia que éramos velhos conhecidos. Ao longe, uma música repetitiva provocava em mim um estado introspectivo, enquanto eu pensava no que de mais estranho poderia acontecer ainda.



Notas do Capítulo 1

¹ Almeida et al, (2015) foram, principalmente, os autores que me ajudaram a começar a entender as pesquisas e trabalhos de Carl Jung.

² Realizei um estudo do granito em cerâmica arqueológica através de busca de referências e um exercício de experimentação arqueológica, em meu trabalho final de conclusão de curso, 2017. Há um artigo de minha autoria, no prelo, que trata dos principais resultados da intrusão experimental de granito em cerâmica.

³ Esse processo – chamado de *Laminação Petrográfica* – foi feito em parceria com o IGC – Instituto de Geociências da UFMG, graças ao interesse do professor Fábio Soares de Oliveira, a quem sou imensamente grata por todo o suporte, inclusive com recursos de suas pesquisas, para o desenvolvimento de meu trabalho.

⁴ Pela possibilidade de destruição das peças no processo de laminação eu não poderia selecionar nada que fosse indicativo da morfologia do pote, como bordas ou fragmentos com pinturas.

⁵ O IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, é o órgão governamental responsável pela fiscalização e orientação de guarda e tramitação de todo bem arqueológico localizado no país. O processo de solicitação das peças para estudo foi todo orientado por uma normativa (Portaria 195/2016) e encontra-se disponível para apreciação como anexo I.

⁶ No total foram feitas 9 laminações, o que sairia em uma média de R\$ 4.500,00 (Vide: <http://www.lamir.ufpr.br/lab/index.php/tecnicas-analiticas/valor-das-analises/>). Um recurso alto para a pesquisa na Universidade Pública, em especial na área de ciências humanas, que não apenas é relegada a uma menor importância, na hierarquização popular brasileira, quanto tem sido extremamente sucateada no atual governo federal. Um fato lamentável, uma vez que “sem um fim social, o saber será a maior das futilidades” (Gilberto Freyre).

⁷ Segundo Oliveira, (2005) o uso popular da planta está relacionado a suas propriedades anti-inflamatórias, analgésicas e eficaz contra problemas gastro-intestinais mas devendo ser administrado com cuidado por sua toxicidade. Em conversa com o professor Moacir Biondo, aposentado da faculdade de farmácia da Universidade Federal do Amazonas e hoje estudioso das plantas brasileiras no tratamento de doenças, localmente o Bréu Branco é conhecido por induzir a alucinações e fantasias.

⁸ De Freud a Lacan, passando por Jung, a temática dos sonhos atualmente é extensamente tratada na psicanálise mas, timidamente, trabalhada nos estudos antropológicos de pesquisadores ocidentais. Uma esperança é a leva de pesquisadores indígenas começaram a colocar esse tema, tão interessante, de volta nas preciosas análises antropológicas e arqueológicas acadêmicas. Vide para referência ao tema Lourenço & Padovani (2013); Tuttoilmondo (2004); Mendes (2005); Barreiros & Previatti, (2019); Werneck, (2012); Binswanger, (2002); Zarias, (2019). Vide ainda a DreamScience Foundation uma instituição que se propõe a estudar e pesquisar os sonhos: < <http://www.dreamscience.org/>>.

⁹ O Ujjāyī Prāṇāyāma, conhecido como respiração profunda, é um exercício respiratório, segundo o Hatha Yoga, ajuda a acalmar os batimentos cardíacos, tranquilizando a mente. Para mais informações, recomendo o professor Pedro Kupfer em <<https://www.yoga.pro.br/ujjayi-pranayama-respiracao-oceanica/>>.

¹⁰ Essa parte ficcional história é baseada no artigo *De que são feitos os sonhos*, Prochet, (2013).

¹¹ Serbena (2010) ajuda a elaborar o final dessa parte do capítulo, trazendo algumas análises Junguianas sobre o inconsciente e nossa relação com o mundo.

¹² Conhecido também como gavião-real-falso ou uiraçu-falso, seu nome científico *Morphnos guianensis* significa relativo ou originário da Guiana. Ouça o pio do Uiraçu neste link: <<https://www.wikiaves.com.br/wiki/uiracu>>.

¹³ Segundo o dicionário Houaiss, o eurocentrismo pode ser definido como a influência política, econômica, social, cultural etc. exercida pela Europa sobre outras áreas geopolíticas, em especial aquelas nas quais a colonização foi exercida por países europeus (meu complemento).

¹⁴ Toda a referência a Latour é baseada na obra *A Esperança de Pandora*, primeira tentativa de acessar as brechas do método científico por autores aceitos por este mesmo método.

¹⁵ Descrição da editora Unesp, que publica uma das edições brasileiras.

¹⁶ Apesar de ser o teste psicológico mais conhecido pela população geral, em função de sua utilização em diversas obras de ficção (*Watchmen*, por exemplo), pouco conhecimento se tem em relação ao teste: são apresentadas sucessivamente à pessoa sob avaliação 10 placas (cinco coloridas, cinco em escalas de cinza) com diferentes padrões simétricos de manchas de tinta. A pessoa deve mencionar o que vê em cada uma. As manchas são todas propositalmente difusas e amorfas, sem significado próprio e nem estão atreladas a uma resposta correta. O teste, criado por Hermann Rorschach na década de 1920, se propõe a ser projetivo (conceito freudiano). Uma situação em que o paciente, quando confrontado com estímulos ambíguos, projeta sobre eles aspectos de sua própria personalidade. A partir dessas evidências, o aplicante treinado do teste conseguiria compilar, de maneira retroativa, aspectos fundamentais da personalidade e da saúde mental da pessoa testada.

¹⁷ Todo o diálogo imaginado a seguir foi construído com embasamento no artigo *Saberes Localizados*, Haraway, (1995). A exceção de um imenso amor por pão de queijo, o que deve ser realidade em qualquer nível de fantasia, qualquer que seja a personagem não vegana.

¹⁸ Com um misto de auto ajuda e terapia sobre fragilidade humana, a obra da pesquisadora norte americana (doutora em serviço social) Brené Brown, *A Coragem de ser Imperfeito*, ficou em 1º lugar na lista do *The New York Times* (ainda que eu não saiba exatamente o que isso signifique). Ainda que tenha sido indicado por Daiana, eu consegui até hoje assistir apenas ao Tedx, o que foi – confesso com medo de represálias – interessante. Caso haja interessante, o vídeo pode ser visto em: https://www.ted.com/talks/brene_brown_the_power_of_vulnerability?language=pt

¹⁹ Mais complexo do que falar de sonhos é falar do que é seriedade a pesquisa. Existe um ideal de cientista que usa óculos, vive em laboratórios, não tem vida social e seria uma espécie de enciclopédia ambulante. A maioria dos pesquisadores sérios que conheço são pessoas coloridas, cheias de histórias divertidas e incríveis para contar, e com uma extensa bagagem de amizades graças a atenção que dispensa aos outros. Talvez eu habite as ciências humanas demais. Mas quero deixar claro que seriedade e eficiência não são mutuamente excludentes, assim como um pouco de riso não deixa ninguém menos inteligente.

²⁰ Para alguns adeptos brasileiros do estudo de magia, o *Galvão Bueno* é a voz em nossa cabeça que a todo momento tenta nos chamar ao racional e desqualificar qualquer tentativa mental de acreditar-se acessível a outras realidades da mente.

²¹ Todo esse diálogo é baseado em alguns trabalhos de Artionka Capibaribe: Capibaribe, (2018); Capibaribe, (2016); Capibaribe,(2010).

²² Van Velthem em sua obra *O Belo é a Fera* (VELTHEM, 2003) usa por inúmeras vezes a palavra “sobrenatural” para descrever as relações do povo Wayana com entes não humanos que estão inseridos no dia a dia dos indígenas. A autora não faz um nenhuma observação, como é a intenção do comentário fictício de Artionka, para situar que sobrenatural é uma categoria ocidental e não faz sentido quando se trata do cotidiano indígena Wayana mas ela é elencada na obra, acredito, para deixar claro que trata-se de uma realidade não ordinária ou inaceitável, para nós, pesquisadores ocidentais.

²³ As **rudrákshas**, também conhecidas como “Lágrimas de Shiva”, são as sementes de uma árvore que cresce na Índia, com as quais se fazem os japamálá, os tradicionais colares de 108 contas utilizados para contagem de mantras. São muito tradicionais na Índia pela sua associação com o Deus da Mudança – Shiva – e com a crença de que são curativas para o corpo físico. Ganhar uma **rudráksha** é um sinal de reverência entre os hindus.

²⁴ Trata-se dos primórdios da disciplina, cuja base para discussão é Taylor (1948); Willey & Phillips (1955) e Binford (1962). Sem desabonar o valor da teoria arqueológica, trata-se de uma discussão já trabalhada por autores como Hodder (1999), Haber (2011) e González-Ruibal(2008).

²⁵ Sobre este tema, baseei-me nas referências da disciplina “Arqueologia e coletivos humanos” do segundo ano do mestrado (2018/2º semestre) que incluíam autores como Marshall (2009), Salerno (2012), Million (2005) e Schaepe et all (2017).

²⁶ Essa parte da história foi baseada principalmente no artigo *Interpretación em Arqueología* de Hodder (1988), dentre outras percepções do autor.

²⁷ A teoria dos multiversos, ou dos mundos paralelos ou ainda teoria “M”, tem sido debatida no mundo da física por cientistas renomados como Stephen Hawking, Thomas Hertog e Michio Kaku a partir das ideias de James Hartle, nos anos 1980. Basicamente, o Big Bang teria criado incontáveis universos, alguns parecidos com o nosso tanto em relação ao planeta em que habitamos como em relação a sociedades e indivíduos em que eventos similares podem ocorrer simultaneamente, com diferenças pontuais em relação aos acontecimentos terrenos (a possibilidade de dinossauros não terem sido extintos, por exemplo) portanto resultado em não sabermos, exatamente, em qual universo nos encontramos. Uma teoria dessas, debatida pelos mais renomados cientistas no mundo acadêmico, faz a pesquisa baseada em encontros no sonho parecer “fichinha”.



Jupira, reproduzida diretamente do passado. Autora: Brunna Frade, 2020

“(…) A visão é um dos sentidos que mais se desenvolveu nos animais. E em nós humanos captura uma tal variedade de informação (formas, padrão, cor, profundidade, movimento) que é fácil entender porque é considerada nosso sentido mais importante e central. Mas essa capacidade tem seu preço, pois nos empurra para dois extremos inadequados: de um lado, a crença de que o que vemos é tudo que existe e, de outro, o medo daquilo que se oculta na “escuridão”. Ficamos entre a sensação de saber tudo e o medo primitivo do desconhecido. Uma das formas de lidar com o desconhecido, fonte do medo e do terror, é ignorá-lo, negá-lo (…).”

Jorge Quillfeldt¹, Biofisco da UFRSC [Fronteiras da Ciência – Podcast T11 E04 – Desvelando mundos invisíveis]

CAPÍTULO 2 – VIVOS, MORTOS, MATERIALIDADE E FLUIDEZ

2.1 “A gente espera o ano inteiro por esse tempo”



Cerâmica pré-colonial em formato de ave, sítio AP-CA-18. Autora: Marina Costa, 2015

Depois do campo no Amapá, minha relação com o tempo chuvoso ultrapassou os limites cerceadores da frustração momentânea chegando a algo próximo de um respeito saudoso. Antes do solstício, eu enxergava a chuva como algo existente para meu bel prazer, uma graça da natureza a me proporcionar um momento idílico e reconfortante, muitas vezes desejado ao cair da noite. Mesmo na Amazônia, antes daquele dezembro de 2018, mantive essa visão egóica de que a chuva, ao final da tarde, era um presente para nós, humanos, refrescando o calor abafado da floresta e pintando aquele céu com tons de rosa alaranjado, transformando o dia que findava em poesia metafísica. Mas era essa mesma chuva que, ao cair pela manhã, insistia em transformar meu dia em uma molhada e incômoda senda. Eu, meu... Naqueles dias, eu não percebia como me enxergava maior do que a chuva. Na companhia de Keyla e Alê, as manhãs chuvosas transformavam nossa caminhada diária na necessidade de pedir um transporte particular até o trabalho. Eu ficava admirada com o humor impassível que elas expressavam, como se nada de maçante estivesse acontecendo e a mudança de planos fosse algo totalmente previsto e aceitável. A praticidade com que reorganizavam toda a rotina era motivo mais do que suficiente para eu manter minha boca bem fechada, engolindo qualquer tipo de reclamação contra o clima. Foi só em Minas Gerais, meses depois de estar de volta, ao me deparar com a primeira manhã chuvosa, é que finalmente entendi o quanto não importava minha pequenez cosmopolita frente à grandiosidade climática. Foi por acaso que me lembrei de uma frase da Alê. Estávamos de saída para mais um dia no laboratório, ela olhava

sonhadora a chuva caindo na varanda e como quem filosofa com sua própria mente, comentou em voz alta:

– A gente espera o ano inteiro por esse tempo!

[]

Lembro-me de quando ouvi essa frase pela primeira vez. Da confusão silenciosa que senti. Eu só conseguia questionar como, remoía em minha ignorância sulista, alguém poderia esperar o ano inteiro por chuva duas vezes ao dia? À época, não dei à fala dela a devida importância. Mas essa frase ficou fixada em minha mente, porque eu a ouvi de outro nortenho, exatamente nos mesmos termos, em uma ocasião parecida. Eu precisava de uma câmera mais portátil do que a que eu havia levado, para registrar os fragmentos cerâmicos no laboratório com mais precisão. Depois de gastar um pouco de sola de sapato no centro de Macapá cheguei a terceira ou quarta loja especializada em eletrônicos que, infelizmente, também não tinha o que eu procurava. O vendedor, entretanto, de quem eu lamentavelmente não me lembro o nome, foi extremamente simpático. Ele se dispôs a buscar no sistema da loja em qual das filiais eu poderia conseguir o que eu queria, evitando assim meu caminhar sem rumo que já acontecia há algumas horas, sob o tempo quente e abafado da capital amapaense. Enquanto a busca no sistema da loja nos mantinha na espera de uma resposta virtual positiva, ele contemplou, pela porta de vidro, a chuva do fim de tarde que, para meu desgosto, resolveu nos brindar justamente no momento em que eu me preparava para sair.

– A gente espera o ano inteiro por esse tempo...

Ele falou em um tom quase apaixonado, emitindo um suspiro encantado que cabia exatamente o conforto e o aconchego de algo muito desejado e obtido.

[]

Era a segunda vez que eu escutava aquele disparate! Como minha intimidade com o vendedor era ainda menor do que com Alexandra, sorri amarelo sem aparentar concordância ou discordância do que ele dizia e deixei a loja, agradecida pela gentileza do rapaz, mas acreditando piamente que ele era outro amazônico com convicções equivocadas de mundo. Um pensamento bem tolo-centrado como pude perceber, tempos depois.



Como há muito não fazia, resolvi me preparar para celebrar Litha², a celebração da bruxaria moderna do solstício de verão. Nessa época o sol, no ápice do calor, doura a terra, resplandecendo a fertilidade das plantas viçosas e cumprindo a promessa da renovação da vida no mundo. Eu, entretanto, ao contrário da “energia” que envolve essa época do ano, vivia dias frios e cinzas, de extremo luto e perda: o falecimento do meu pai, o mestrado em vias de ser concluído, um emprego que eu detestava e que me assombrava para o retorno, uma vez que minha licença para estudar não tinha mais motivos para ser estendida, e uma profunda introspecção regada a muitas dúvidas sobre o que fazer da vida, ao completar 35 anos e estar, de certa forma, sentindo que os caminhos pelos quais andava não me serviam mais. Mesmo sem me sentir iluminada pelo calor do astro rei, resolvi reunir alguns elementos chave, para celebrar solitariamente o ápice da roda do ano: dias longos e quentes, noites curtas e frescas, a reunião da sabedoria necessária ao perigoso período invernal, que não iria tardar.

Sobre uma toalha na grama acendi um incenso de canela enquanto contemplava o Leste, visualizando mentalmente a presença de fortes ventos ao nascer do sol. Em seguida me virei para o Sul, acendi uma vela vermelha e clamei pela potência quente do calor do meio-dia. Voltei-me para o Oeste, enchi um cálice com água filtrada depositando nele uma pitada de sal ao mesmo tempo em que visualiza um imenso mar escuro, tensionado pela potencialidade do dia que morria. E finalmente, de frente para o Norte, peguei em minhas mãos um citrino que trazia a sensação do calor estabilizador da terra, reinando sobre a morte que trazia o aprendizado da mais escura das noites. Por fim, sentei-me no centro do espaço sagrado, delimitado entre os quatro elementos criadores da vida, e com uma taça de vinho e um pão caseiro não tinha intenção maior a não ser pensar no que eu havia vivido durante todo o ano ali. Os cães estavam presos, Cor-Jesus ia passar a noite na casa da mãe e, sabendo-me só, dei início ao meu rito despreziosamente corriqueiro.

Desde os quinze anos, que me “auto iniciara” nas sendas naturais da bruxaria, eu praticava sentindo um misto de crença e descrença no que realmente significava me dedicar a algo que era totalmente avesso a cristandade familiar. Ao me sentar em um círculo mágico, no espaço sagrado evocado para a prática, sempre me ocorria o

questionamento da racionalidade de minhas ações, uma censura velada do meu senso de ridículo. Naquele dia, especialmente, percebi ser a primeira vez, após começar a estudar Antropologia, que eu buscava me conectar outra vez a algo que eu deixara de observar. Respirando fundo, suspendi a autocrítica, refugiei-me no lugar dentro de minha mente onde a lógica científica não conseguia entrar e, intuitivamente, busquei por alinhamentos visualizados, exercícios de concentração que alteravam minha percepção de forma inexplicável. Eu tentava, a cada rito, buscar, de olhos fechados, uma realidade cuja existência, de olhos abertos, questiono. Em resumo, nos meus devaneios meditativos, tenho certeza de que aquilo que vemos não é tudo o que existe. E a magia é a ferramenta que sempre me permitiu vislumbrar sensações das quais, em vigília, eu apenas desconfio.

Em leve transe, abri os olhos da mente e encontrei-me em uma floresta escura, no espaço denominado por alguns como “entre mundos”, um lugar que não é necessariamente imaginado, mas também não faz parte da realidade. Tudo corria como o esperado, até o momento em que ouvi, alto e distante, o longo uivo de um cão. Assustada, mas sem despertar do transe, percebi que por algum motivo desconhecido, eu não era capaz de me mexer. Após essa estranha noção sensorial eu, imediatamente, desmaiei³.



Minha rotina no Amapá, ao trabalhar com a coleção pertencente ao Nuparq, era longa e monótona, mas, ao mesmo tempo, eletrizante. Eu chegava ao laboratório, todos os dias, entre 8h e 9h da manhã para trabalhar na reserva e abrir as caixas de materiais recuperados nas escavações do AP-CA-18, era como se houvesse, a cada momento, a possibilidade de voltar centenas de anos no tempo. Nos primeiros dias, dediquei-me aos cadernos de campo, lendo páginas e mais páginas de descrições detalhadas sobre os dias de escavação e os fatos ocorridos no campo. Por vezes, até me esquecia de que estava ali trabalhando. Eu adentrava nas narrativas de um jeito que conseguia visualizar os detalhes descritos nos relatos dos cadernos de forma quase hipnótica. Era pela orientação dos pesquisadores, dos arqueólogos, dos técnicos e dos estagiários do Nuparq, naquela época, que eu conseguia identificar em quais caixas de material eu deveria buscar os fragmentos que poderiam me interessar para a laminação. Pelos relatos detalhados da escavação, eu definia quais as quadrículas e níveis iriam fornecer maior variedade de contextos

relacionados ao granito. Com profundidades variando entre 10cm até mais ou menos 1,70m, escavados no solo, as amostras que seriam observadas nas lâminas microscópicas foram escolhidas, a partir da relação direta com achados, como urnas funerárias e pedaços brutos ou ferramentas feitas da rocha. Eu pinçava, por meio da escrita da equipe do IEPA, o que de mais pontual poderia haver para localizar achados importantes para o meu objetivo: cerâmicas.

Foi dessa forma que tive minha atenção retida a uma descrição sobre os achados no poço 3. Entre 80cm e 90cm, abaixo no solo, a equipe escavou uma urna Aristé⁴ e uma lâmina de machado. Imediatamente, essa descrição evocava um contexto cujo conjunto de fragmentos cerâmicos eu deveria olhar com mais cuidado. Outra passagem registrada nos cadernos de campo, a qual me chamou atenção, relacionava-se ao poço 4, escavado em torno de 20cm a 30cm, revelando um pequeno bloco granítico bruto junto aos cacos cerâmicos. As anotações dos cadernos de campos falavam ainda em fragmentos ósseos cremados, centenas de cacos cerâmicos distribuídos de forma homogênea nos níveis mais superiores ou concentrações de fragmentos cerâmicos, ora do lado esquerdo, ora no centro ou, por vezes, na parte superior de algumas quadrículas, espaços de 1 X 1 metro, delimitados pelos arqueólogos para escavação sistemática do sítio.

Relatos de vasos inteiros em níveis não muito profundos, entre 30cm e 40cm, logo abaixo do nível do solo, também foram descritos com certa regularidade. Há uma descrição interessante apontando lateritas concentradas em volta de algumas vasilhas colocadas em um dos poços, chamando a atenção para o uso de outros tipos de rochas⁵ e não apenas ao do granito, no contexto megalítico. A arqueóloga Clarisse Jacques, que escavou uma urna, proveniente do sítio AP-CA-18, conta ter encontrado laterita no sedimento no qual os ossos estavam depositados. Nessa mesma urna, um fragmento de granito foi depositado no centro da vasilha, colocado por cima de ossos longos dispostos de forma horizontal e paralelos⁶. Outra associação interessante são as cerâmicas com fragmentos zoomorfos –por exemplo, em forma de pássaros – e certa constância em relação ao uso da pintura vermelha, em muitas das peças cerâmicas encontradas.

Munida de todas essas orientações e ideias, realizei a separação dos exemplares que iriam ser enviados para Minas Gerais, após liberação do Nuparq e do Iphan. Contando com a ajuda de Cristina, funcionária do Nuparq, detentora de uma memória infalível, eu consultava as anotações de quadra e nível dos cadernos de campo, retirava da reserva a caixa correspondente, separava, um a um, os conjuntos de vestígios cerâmicos,

devidamente identificados, e observava as peças individualmente, com uma lupa de bolso para selecionar no máximo dois exemplares de cada conjunto de peças. Os demais fragmentos eram devolvidos ao repouso silencioso da reserva.

Meu norte era selecionar fragmentos pouco representativos do contexto, que não fossem indicativos de partes importantes para reconstrução da forma original das peças, como as bordas ou base dos vasilhames. Também não poderiam ter qualquer vestígio de pintura ou modelagem, uma vez que esse material poderia ser destruído no processo de laminação. Todos esses cuidados são consenso da comunidade arqueológica para atender aos requisitos de uma lei federal⁷, que rege os bens arqueológicos brasileiros, assim como outras normativas do Iphan para preservação do patrimônio arqueológico nacional.

Após esse trabalho que demandou aproximados seis dias de análise, identificando com cuidado as peças retiradas da reserva, medindo, fotografando e desenhando cada um dos fragmentos, pude então embalar e registrar individualmente cada peça. No total reuni 57 cacos cerâmicos que, de acordo com minha análise a olho nu, poderiam apresentar granito em sua composição. Foi ainda adicionado ao conjunto uma amostra de granito bruto que estava dentro de uma das urnas funerárias. Iniciei os trâmites de solicitação de autorização do Iphan para movimentação do acervo e realização da pesquisa e, após essa etapa, começamos a preparar o campo. Eu precisava ainda de uma amostra de granito coletada *in loco* e observar o sol fazer uma trajetória no céu para meu bel prazer pessoal. Como já sabemos, não foi bem assim que as coisas aconteceram em seguida.



Acordei sentindo o rosto úmido, mas estranhamente não estava com frio e nem com as roupas molhadas. Abri os olhos e divisei um céu cor de chumbo, com nuvens pesadas e cinzas apesar de ainda ser dia claro. Demorei um pouco para entender que não estava mais no meu quintal, já que tinha absoluta certeza de que era noite, no momento em que desmaiei. Apoiei as mãos no chão e, um pouco tonta, me sentei, tentando identificar, o mais atentamente possível, a origem do murmúrio abafado que chegava aos meus ouvidos. Parecia um canto em coro, permeado por batidas rítmicas de tambores, vindos de algum lugar não muito longe. Olhei ao redor e não vi nada além do que

aparentava ser um largo riacho e algumas árvores esparsas. Levantei sem maiores dificuldades, limpei as mãos no jeans enlameado e tentei observar melhor onde eu estava. Tinha a impressão de não ser um lugar estranho, mas não conseguia me localizar de imediato. Continuava na tentativa de reconhecimento quando uma forte batida vibrou às minhas costas, silenciando o canto, murmurado e me fazendo virar imediatamente, com o coração em sobressalto.

Percebi, distante a uns 200 metros de mim, a elevação e, nesse momento, entendi exatamente que lugar era aquele! Tentei caminhar o mais silenciosamente possível, até o topo da elevação, de onde parecia estar vindo o som ritmado. Poucos passos depois, vi surgir a ponta do maior dos monolitos e, em seguida, as demais pedras começaram a aparecer... Minha mente precisou aceitar que, de alguma forma, eu desmaiara no bairro Saudade, em Belo Horizonte, para acordar nas imediações de Calçoene, próxima ao sítio arqueológico AP-CA-18, um lugar aonde eu não sabia chegar se não fosse guiada. E o que era melhor, ou pior: eu não estava sozinha. Concluindo que eu não poderia explicar de forma racional ou lógica de que forma eu tinha simplesmente acordado a quase 3 mil quilômetros de casa, afastei essa preocupação momentânea da cabeça e comecei a margear a elevação, pensando em chegar ao caminho que me era razoavelmente familiar e, no caso de algum problema, correr até a estrada que eu sabia estar próxima para pedir ajuda.

É claro que eu não pensava que a estrada, muito provavelmente, não estaria lá. O instinto de proteção que deveria existir em mim estava totalmente sobreposto pela imensa curiosidade que me dominava e pela necessidade de não surtar. Olhei para o igarapé, agora devidamente reconhecido, e pensei que ele também poderia ser uma “salvação” do que quer que estivesse acontecendo naquele momento, ainda que o fato de eu não saber nadar fosse o último dos impedimentos para que eu chegasse cada vez mais perto do que se passava no círculo de pedras. O medo, não apenas de desconhecidos, mas também de uma situação totalmente fora de uma ótica dita real e controlada, existia, mas seu apelo estava sufocado pela expectativa pulsante daquela situação incrivelmente incomum. Eu me sentia em um sonho lúcido, algo que acontecera poucas vezes em minha vida!

De repente as vozes recomeçaram a emitir um longo e profundo canto. Aproximando-me sorrateiramente, com o coração na boca e as pernas bambas, pude vislumbrar que havia pessoas ali e não eram poucas. contei, por alto, algo em torno de quarenta, entre mulheres, homens e crianças; um número suficientemente grande para

cercar toda a área externa das pedras principais, as maiores... Havia algumas pessoas mais velhas, mas eu só imaginava que eles assim o eram pelo branco de seus cabelos, uma vez que os corpos mudavam pouco em relação àqueles com a cabeleira escura. Pelos traços, com toda certeza, tratava-se de um grupo de indígenas! Tanto as mulheres quanto os homens exibiam o dorso nu. Elas usavam longos colares no pescoço, de tamanhos e cores variados e, ao contrário deles, vestiam saíotes cor de terra molhada. Já eles usavam apenas uma tira de palha ao redor da cintura, da perna e do braço esquerdo, na altura da canela e do antebraço. Eles tinham as faces pintadas de preto e tocavam instrumentos similares a tambores e a flautas. As mulheres tinham o rosto tingido de vermelho e assim também era repetido nos corpos dos mais velhos e também, ao que parecia, no das crianças. Os pequenos eram poucos, apenas 3 meninas e um menino, que deveriam ter entre seus 7 e 10 anos. Usavam indumentárias parecidas com as dos adultos, estavam pintados da mesma forma mas não usavam os adornos dos mais velhos, nem os colares nem as tiras nos braços e pernas. Ainda assim, eram todos muito parecidos: os olhos levemente puxados, a pele morena, os cabelos lisos, compridos e retos, os corpos fortes! Tinham também os mesmos olhares: muito pretos e profundos! Eu estava tão absorvida em observá-los, e em caminhar ao mesmo tempo, que acabei pisando em falso, caindo e torcendo levemente o pé esquerdo. Dei um grito imediatamente, abafado pelo reflexo protetivo da minha mão direita tapando a boca, enquanto a canhota tentava segurar, para que meu corpo não batesse direto no chão de terra. Sentindo o coração acelerar ainda mais, percebi assustada que apenas um dos rostos se voltou na direção do meu grito e um novo choque elétrico percorreu meu corpo quando identifiquei que se tratava dela!

[]

Com a face fechada e um olhar ainda mais penetrante que o dos demais, o rosto pintado não escondia o semblante divertido, momentaneamente petrificado em uma expressão de seriedade concentrada. Eu tinha certeza: era Jupira! Quase imediatamente ela voltou o olhar para as pedras, como se nada houvesse acontecido, e abrindo seus lábios entoou uma nota grave, profunda e fechada⁸. A atmosfera tornou-se sombria, para meus sentidos estrangeiros e logo em seguida todas as vozes presentes se uniram à dela, em um canto longo e soturno, emitido para o céu que, de repente, escureceu⁹. A chuva que caía fina repentinamente se fez torrencial e continuou copiosa, enquanto eles sustentaram

aquele som fechado, por alguns longos minutos. Subitamente, ao erguer das mãos de Jupira, o canto foi silenciado de uma só vez, a chuva parou ao mesmo tempo e as nuvens fechadas começaram a se dissipar, permitindo que uma réstia do sol, prestes a se pôr, aparecesse, iluminando exatamente o grupo na elevação.

Nesse momento, Jupira me olhou novamente e entendi que ela assentia com o olhar, como se desse permissão para que eu observasse o que se passaria então, mas, ao mesmo tempo, deixando claro que eu não deveria me aproximar mais do que a distância na qual já me encontrava. Sentei-me no chão, com as pernas cruzadas, e logo em seguida um casal passou por mim, ambos seguravam juntos ao colo da mulher um pequeno embrulho. Foi nesse momento que comecei a desconfiar de que nenhum deles, além de Jupira, podia me ver. O casal praticamente me atravessou sem me notar, o que reforçava a ideia de que não me enxergavam como eu os via. De alguma forma, eu estava ali mas incorpórea! Os dois continuaram andando até chegar ao centro do círculo de pedras e param exatamente ao lado da pedra furada, por onde o último raio de sol passava. Ajoelharam-se e deixaram sobre uma das lajes de granito o pequeno embrulho, ao que o homem, carinhosamente, descobriu um pedaço de tecido que foi então iluminado pelo sol. Assustada e ao mesmo tempo intrigada, vi que se tratava do esqueleto de um bebê, que pelo tamanho diminuto, morreu praticamente ao nascer.



2.2 Certeza só da morte que virá. O resto pode ser qualquer coisa.



Urnas Aristé e Maracá, fonte parecer técnico 219. Autoria: MPF, 2016

Uma vez concluída a separação dos fragmentos, o grupo composto de 57 cacos cerâmicos e 1 pedaço de granito estava devidamente embalado, identificado, acondicionado em uma caixa de isopor e rumaria do Nuparq diretamente para o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. O registro visual e descritivo fiel das peças é uma condicionante do Iphan, para que toda informação arqueológica resgatada não se perca, em caso de destruição com objetivos científicos.

Ao lidar com o ontem, inevitavelmente, lidamos com aqueles que já se foram, fato que sabemos, mas não podemos afirmar que compreendemos muito bem. Talvez por isso as histórias “sobrenaturais” arqueológicas sejam muito contadas nas resenhas pós-campo, mas pouco publicadas nos periódicos científicos, pela óbvia dubiedade do tema. Ainda assim, a carreira da maioria dos profissionais contém uma ou outra passagem inexplicável, sempre lembrada, a título de curiosidade ou de adrenalina, revelando certo poder incomum da pessoa arqueóloga, que é a capacidade de estar perto de um mundo pouco frequentado por outros pesquisadores. Atire a primeira pedra aquela ou aquele que nunca sentiu um frio na espinha sem motivo, ao perscrutar o passado em alguma reserva técnica do presente, ou ao dar uma colherada em um monte de terra debaixo da qual um passado longínquo enterrado se mostra na forma de um crânio de orbitas vazias.

Para ilustrar, lembro-me de um fato minimamente curioso que vivi nos dias de trabalho na reserva do Nuparq. Era feriado em Macapá, a equipe não iria para o laboratório e resolvi trabalhar sozinha, já que não poderia me dar ao luxo de um dia de folga pelo pouco tempo que dispunha para organizar o que eu precisava da coleção

megalítica. Assim, fui terminar o processo de embalagem das peças e, naquele dia, cheguei bem cedo ao IEPA que, logicamente, estava sem o movimento costumeiros de funcionários e também fechado para visitação do público, o qual ia até as dependências do Instituto, buscando apreciar o acervo do Museu Sacaca, tradicional ponto turístico de Macapá. Fui recebida pelo porteiro, única alma humana viva nas imediações, além de mim mesma e, após destrancar a porta do laboratório e ligar as luzes, tranquei a porta atrás de mim, indo para os fundos, onde o material no qual eu trabalhava se encontrava aberto sobre uma das mesas de análise.

Ao passar pela vitrine das urnas, que todos os dias me impactavam visualmente, deixando em meu peito uma sensa o mista de respeito e apreensão, minha mente inoportuna resolveu puxar da memória todas essas tais histórias de acontecimentos estranhos já ouvidas nos círculos de “arqueologia de resenha”. Respirei fundo tentando afastar essas as lembranç as enxeridas de museus assombrados, fiz uma inclinação levede cabeça aos ancestrais que ali me observavam e apressei o passo, acendendo todas as luzes possíveis pelo caminho, ainda que fosse dia.

Em pouco tempo, eu estava totalmente imersa no trabalho, esquecendo as histórias fantásticas e hipnotizada pelas formas dos cacos, pelas texturas e pelas possibilidades que eles continham. Eu procurava desenhar a morfologia das peç as, o melhor que permitia minha limita o artística. Anotava largura, comprimento e altura de cada fragmento, pesava-os em uma balanç a de precisão, fotografava cada pedaço de cerâmica, devidamente identificado em rela o   quadrícula e ao nível a que ele, originalmente, pertencia¹⁰. Em seguida, eu ia preenchendo uma planilha construída para identifica o individual das peç as retiradas do acervo, em que um número interno de controle e de imagens detalhadas relacionou o fragmento   caixa-arquivo originária a qual cada peç a procedia. As quadrículas e níveis arqueológicos de onde foram recuperadas mais uma descri o da peç a, com especifica o morfológica ou de formato, caso fosse possível, finalizava a tentativa de não desfaltar o acervo. Finalmente, eu embalava cada fragmento em uma fofa camada de plástico bolha, junto   cópia do desenho com suas medidas e identifica o numerada. Os embrulhos individuais eram então reunidos em um único pacote etiquetado novamente, com a identifica o do sítio arqueológico, das quadrículas e dos níveis originários da peç a. O nível de detalhe ao trabalhar com cada fragmento e o automatismo adquirido, depois de algum tempo, fazia minha cabeç a divagar... Eu pensava na possibilidade de acessar outro tempo, uma estranha sensa o

*outlander*¹¹ de que, a qualquer momento, segurando um daqueles cacos eu acordaria mil anos atrás. Tenho certeza de que estaria no afloramento, coletando pedaços de rocha deslocada para, em seguida, me unir aos indígenas e começar a produzir o antiplástico que...

TÁAAAAAA!

Meu coração acelerou quando de repente ouvi um grande estalo!! Imediatamente acordei do devaneio, paralisada, já que estava sozinha no laboratório e não fazia nenhum sentido o que acabara de ouvir. De imediato, peguei o celular a fim de mandar uma mensagem para o Lúcio, quem sabe pedir socorro, pretendendo me prevenir de qualquer problema, real ou imaginário, que estivesse acontecendo ali. Enquanto eu buscava o número dele, fui corajosamente investigar a origem barulho. Com o coração aos pulos, claro, a primeira coisa que fiz foi olhar para as prateleiras repletas de urnas e cerâmicas dos sepultamentos, em uma vã tentativa de conferir se tudo estava estático, como a dita realidade pregava que deveria estar. Suspirando de alívio ao perceber que nada ali aparentemente se movera, voltei para os fundos do laboratório e percebi um estranho cheiro de queimado no ar...

Foi então que ouvi um barulho chispado e percebi apavorada, que a tomada de uma das lâmpadas de aumento que eu estava usando para observar as peças soltava algumas faíscas brilhantes! Sem pensar duas vezes corri até a parede e puxei o cabo de energia que acabou estourando na minha mão! O susto foi muito maior do que o ferimento e incomparável ao alívio de encontrar uma resposta física e visível para o sufoco. Ainda assim, logo em seguida, reuni todos os meus pertences o mais depressa que pude, apaguei as luzes e, com a devida contrição que eu poderia oferecer àqueles objetos antigos por qualquer lapso que pratiquei, dei por encerrado o dia de trabalho solitário no laboratório. Respirei aliviada ao encontrar outras pessoas na rua e fui a busca de algo que desse densidade ao meu estômago em detrimento da minha imaginação leve demais.



Depois que descobriram o rosto do pequeno esqueleto, o homem e a mulher – que segundo a minha lógica, unicamente, deveriam ser os pais da criança – tomaram lugar

no círculo, misturando-se aos demais. Eles não aparentavam tristeza muito menos o desespero típico que toma conta dos vivos, quando a morte resolve surpreender, principalmente pessoas muito jovens. Já de mim emergia um sentimento de pena, quase de culpa, uma sensação estranha ao ver aquele ser, tão pequeno, inerte sobre as pedras... Mas no rosto deles, dos que talvez fossem os pais da criança morta, eu enxergava quase júbilo...

[]

Perdida nos meus próprios achismos, despertei ao ver Jupira ajoelhando-se ao lado do pequeno embrulho de ossos que jazia no solo. Com as mãos erguidas, viradas para o oeste, os olhos fixos no sol que morria, seus lábios moviam-se em sussurros inaudíveis, apesar do completo silêncio dos demais. No exato momento em que o sol se punha, iluminando com uma explosão de tons laranja aquela parte do céu, Jupira manteve seus olhos muito abertos, praticamente sem piscar, fitando o crepúsculo. Aos poucos, o som da sua voz foi se fazendo ritmado, ainda que eu não conseguisse entender absolutamente nada do que ela dizia, e os demais assentiam batendo ritmicamente os pés no chão. A cada tempo da sua fala, os demais entoavam uma resposta em coro, em um único grito alto e forte, emitindo uma espécie de assertiva, algo parecido com **Asato Ma**¹². Eles agiam como se estivessem encenando algum ato recorrente, tal a sincronicidade de atitudes das pessoas indígenas ali presentes.

Por fim, do mesmo momento que o lusco fusco que prenunciava o início da noite chegou, Jupira pegou o pequeno esqueleto e o ergueu, exibindo-o ao resto do dia que morria. Diante de um pesado silêncio, no qual minha própria respiração ficara suspensa, ela foi então ladeada por três mulheres: a que havia levado a criança até ali - a sua frente; uma menina muito nova, que parecia ter seus sete anos de idade - à sua direita, carregando uma pedra de granito muito branca; e, finalmente, uma mulher mais velha, à sua esquerda. Era alta e majestosa, com a fronte envolvida por um cocar de longas plumas pretas, contrastando com seus cabelos muito brancos, ela tinha nas mãos um pequeno pote de cerâmica, sem nenhum tipo de adorno ou pintura.

Em seguida, Jupira abaixou-se e, junto com ela, a menina que lhe ofertou a pedra. Jupira segurou o granito e o colocou dentro do embrulho, com se dotasse a criança morta de um novo coração. Ela enlaçou o crânio descarnado e cobriu as órbitas vazias com seus polegares ao mesmo tempo em que soprava a caveira da criança, parecendo dar vida ao

frágil esqueleto. Em seguida, a outra mulher enrolou novamente o tecido ao redor dos ossos e colocou, delicadamente, o bebê dentro do pote cerâmico, cedido pela mulher mais velha. A “mãe” então segurou a urna em seus braços, tal como se embalasse pela última vez seu bebê no colo e em silêncio, agora, amparada pelo homem que a acompanhou no início, dirigiu-se para um poço aberto, que ficava exatamente ao lado da pedra furada. O homem ficou ali, parado, enquanto a mulher adentrou no poço e abaixou-se, parecendo adentrar em uma câmara lateral. Fiquei com a visão limitada pelas pessoas que estavam na minha frente, mas pude ouvir, depois de alguns minutos, um grito lancinante, que transparecia uma mistura de exultação e de sofrimento, vindo das entranhas da terra. Outros longos minutos de completo silêncio se passaram e então a mulher reemergiu, com o cabelo pregado na fronte suada, um sorriso ténue no rosto e sua aparência, que antes era resoluto, agora estava enfraquecida. A sua figura foi recebida com gritos de júbilo pelos demais, que sorriam e erguiam as mãos como se comemorassem um retorno do qual duvidaram. As crianças começaram a gritar a girar ao redor dela, enquanto Jupira, sorrindo, aproximou-se da mulher e depositou em seu pescoço um colar, com pequenas pedrinhas brancas, muito parecidas com o granito que foi colocado junto a criança sepultada. Enquanto isso, alguns homens se dirigiram a uma imensa laje granítica que estava sob o chão, juntos, ergueram-na e tamparam com ela o poço do sepultamento. Todos os presentes se aproximaram e começaram a jogar, sobre a laje, cacos cerâmicos retirados de um grande cesto trançado, que foi arrastado até ali, momentos antes, pelo homem, o que eu acreditava ser o pai do bebê inerte. Os indígenas atiravam os cacos, os mais velhos riam, como se fizessem uma competição entre si, enquanto alguns adultos pareciam ponderar cuidadosamente cada um dos fragmentos que depositavam na laje granítica. O rosto de Jupira transparecia um olhar de satisfação e acolhida. Em seguida, uma porção de terra foi despejada sobre os cacos e o que quer que estivesse acontecendo de solene, parecia estar se encaminhando para o fim.

Outras quatro mulheres surgiram do meu lado, cada dupla carregava, com dificuldade, enormes potes cerâmicos com desenhos incisos e muita pintura. As bordas abertas e decoradas com pontos retilíneos formavam um pescoço ligeiramente mais fino, circundado por linhas vermelhas. O corpo dos potes grandes o suficiente em altura e largura, para caber um adulto agachado, estava todo preenchido por linhas entrelaçadas pretas e vermelhas. Nunca vi potes tão maravilhosos como aqueles. Chegando ao centro do círculo de pedras, as indígenas se aliviaram da carga e se postaram ao lado dos potes,

em prontidão. Duas crianças contornaram todo o círculo, entregando aos presentes cabaças cortadas ao meio e, em fila, os que recebiam os recipientes dirigiam-se aos grandes potes onde Jupira e a velha de cocar preto enchiam suas próprias cabaças decoradas, diferente das demais, com o líquido branco que iam retirando dos vasos. Elas então depositavam uma quantidade generosa da bebida nas cabaças dos demais, que recebiam sorrindo, como se agradecessem, e se retiravam bebericando seus recipientes. O ambiente tornou-se leve, festivo, ainda que a chuva, desde o pôr do sol, tivesse voltado a cair levemente.

À medida que a lua subia e a noite se tornava mais densa, a alegria do povo das pedras ia aumentando. As conversas foram tornando-se mais barulhentas e a música de alguns, mais alta. Homens e mulheres entoavam cânticos, enquanto outros promoviam batidas rítmicas nos tambores de palha e couro. Alguns homens mais velhos sopravam flautas que pareciam feitas de grandes ossos de animais. O riso estava em todos os rostos, as cabaças eram ocasionalmente levantadas para o céu, mulheres jovens apontavam a lua cheia enquanto acariciavam a própria barriga com uma mão e seguravam as pedras megalíticas com a outra. A atmosfera era de vida e harmonia, em todo o ambiente que nos cercava. Eu estava profundamente confusa e ao mesmo tempo maravilhada¹³.

A lua já ia alta e brilhante no céu quando Jupira, sorridente, afastou-se dos demais e sentou-se no chão, cruzando suas longas pernas em uma postura de contemplação das estrelas que começavam a surgir no Leste. Alguns instantes depois ela voltou seu rosto subitamente, como se tivesse acabado de se lembrar da minha presença ali. Lançou-me um olhar significativo, mas, ao mesmo tempo, intimidador. Eu, que tentara me manter quieta, desde o momento em que ela me notou pela primeira vez, observei com apreensão sua mão esquerda erguer-se, imperativamente. Mas ela apenas empunhava a cabaça cheia do líquido leitoso em minha direção, como se brindasse à distância. Com a mão livre tocou o maior dos colares em seu peito, feito com pedras negras brilhantes, parecido, mas muito maiores do que as que compunham o presente estranho que recebi da mulher exótica que me encontrara na lanchonete, dias atrás. Em um reflexo automático, sorri e levei à mão ao meu próprio colar, dando a entender que eu havia recebido o “presente” e estava profundamente agradecida. No exato instante em que toquei as pedras, a visão de Jupira, das pedras, da noite e do povo indígena em festa começou a ficar embaralhada, senti uma tontura estranha e o mundo ficou outra vez escuro. Um zumbido indescritível me fez apertar com força os olhos e pela segunda vez

naquela noite percebi que meus sentidos iriam ser totalmente desligados contra minha vontade.



Após o feriado macapaense, com as peças devidamente separadas e organizadas, a expectativa para o campo só aumentava. Graças à Mayara e Alê, separei os equipamentos necessários à incursão eminente, pensando na sorte de poder retornar para observar, *in loco*, o solstício de inverno. As horas passaram-se em uma expectativa ansiosa. Pedro finalmente chegou, na madrugada, da viagem à Calçoene, entrando de forma espalhafatosa, às 4h da manhã, no hotel onde eu dormia profundamente:

– Que calor do cão faz nesse lugar!

Eu acordei assustada, mas ri, e respondi:

– É muito bom te ver também!

O resto da história foi o começo de tudo: ele adaptou-se rapidamente ao calor, como faz com qualquer dificuldade na vida, adaptou-se também à chuva certa duas vezes ao dia e, nos poucos minutos de sol que tivemos no sítio megalítico, captou as imagens aéreas com as quais eu sonhava em construir uma ideia de paisagem na dissertação. As coisas mudaram dia a dia entre aquele solstício e essa escrita. Não sei se foram as pessoas, as imagens, o clima ou os sonhos e visões com Jupira. O que era um sítio inerte virou uma veia pulsante de vida. Mas essencialmente, tudo se mantém como sempre foi e talvez eu é que tenha começado a deixar as coisas fluírem.



2.3 Aqui os vivos teorizam sobre os mortos



Urna Aristé, oriunda do sítio AP-CA-18. Autora: Mariana Cabral, 2010.

O que sabemos sobre nossos primeiros confrontos com a morte, em um passado longínquo, enquanto humanidade é que ela não é encarada, necessariamente, como um acontecimento rotineiro. Acredita-se que 400 mil anos antes do presente, uma das nossas espécies ancestrais, o *Homo heidelbergensis*, já efetuava ritos para marcar a morte de um indivíduo. Um enterramento encontrado na Espanha¹⁴ apontou características funerárias, a partir da identificação de comportamento complexo em forma de tributo simbólico aos mortos. Apesar de alguns estudiosos defenderem que se trata de uma deposição natural de ossos humanos no local, ressalta-se a necessidade de mais estudos. Assim, seguimos buscando arqueologicamente algo próximo a um ponto de virada, o momento a partir do qual passamos a considerar a morte de um semelhante como fato exigente de dedicação social.

No Brasil, o que sabemos a respeito do trato com os mortos por nossos ancestrais vem dos estudos arqueológicos e etnológicos principalmente. A arqueóloga Anne Rapp Py-Daniel, professora do curso de arqueologia da UFOPA, no estado do Pará, tem como principal linha de pesquisa a Arqueologia das Práticas Funerárias, que foca especialmente nos registros arqueológicos funerários das terras baixas da América do Sul. Partindo do princípio de que um diálogo entre a etnologia e a história indígena pode nos revelar muito do que aconteceu no passado, os estudos de Anne trazem ricas informações para pensarmos a relação dos indígenas brasileiros, de centenas, ou mesmo milhares de anos atrás, com seus mortos.

Começando pela lembrança de que uma parte considerável da arqueologia, inclusive o seu público, tende a voltar o foco para aquilo que está materializado, junto aos

sepultamentos (vestígios materiais), no caso do sítio AP-CA-18, a característica arqueológica que o leva a ser entendido como um “cemitério indígena pré-colonial” são as urnas cerâmicas que contém ossos descarnados, o chamado sepultamento secundário, quando os corpos, após a morte, têm suas partes moles retiradas manualmente ou em função de exposição ao tempo, para depois serem sepultados. As urnas funerárias são achados que indicam a relação de um local escavado com uma possível simbologia relacionada à morte, uma vez que esse tipo de invólucro é mais resistente às intempéries do tempo e acaba, conseqüentemente, sendo encontrado mais amplamente nas escavações. As urnas funerárias, segundo a pesquisa de doutorado de Anne feita em 2015, estão presentes na maioria dos contextos arqueológicos funerários estudados nas terras baixas da América do Sul, incluídas aí as formas de enterramento na Amazônia. Isso remete a algumas ideias em relação à constância da produção cerâmica, a um amplo compartilhamento dessa escolha para guardar os corpos mortos, a produção de olaria específica para acondicionamento de restos mortais humanos e a finitude dos corpos vivos possuindo, muito provavelmente, uma relação importante, quanto ao significado da vida de um corpo cerâmico em paralelo à morte de um corpo humano.

A Etnoarqueologia, ao tratar de práticas funerárias, faz interessantes conceituações. Anne aponta um detalhe, que parece óbvio, à primeira vista, mas merece uma atenção apurada: os locais de sepultamento são socialmente escolhidos. Na cosmologia ameríndia, em geral, morre o corpo, mas não morre o espírito. O vivo, na qualidade de ser animado, deixa de existir para dar lugar ao morto, como presença metafísica ou etérea. Como diria o antropólogo Viveiros de Castro, “morrer é cessar de ser humano e virar outro”!¹⁵ Para os indígenas Araweté, que habitam o atual estado do Pará, morre-se muitas vezes na vida... Esta é também a realidade do povo Wayana, que vivem no Pará, Guiana Francesa e Suriname: cada vez que há doença, que se trabalha demais, morre-se um pouco.

Com algumas curiosidades, mais do que dúvidas propriamente ditas, em mente, entrei em contato com Anne, para uma tentar agendar uma conversa¹⁶. Anne prontamente me retornou. Ficou interessada na pesquisa e se dispôs a uma conversa rápida, enquanto cuidava da casa, obrigação que nossa persona cientista, muitas vezes, não considera digna do currículo.

– Oi Anne, boa tarde!

– Oi Marina, tudo bem? Marina, né?!

– Isso! Marina, mesmo. Primeiro, obrigada por essa disposição em me ajudar a elucidar algumas questões. Como te expliquei no e-mail, estou trabalhando na minha dissertação a respeito da intrusão de granito nas cerâmicas pré-coloniais do sítio megalítico AP-CA-18, próximo a Calçoene, em Macapá. Eu li alguns dos seus artigos e uso você como principal referência para falar das práticas funerárias no passado amazônico. Minhas perguntas têm como objetivo dar um entendimento mais acessível da arqueologia para mim mesma, em primeiro lugar, por isso quis ouvir de você algumas coisas que os artigos acabam não pontuando!

– Entendi! Fiquei interessada em saber da sua pesquisa, no e-mail você disse que tem trabalhado na perspectiva da escrita criativa, não é isso? Depois me passe suas referências? Eu tenho trabalhado com educação nas escolas nesses últimos anos, além de trabalhar com muitos alunos de comunidades tradicionais e tenho muito interesse nas discussões voltadas para os processos ensino – aprendizagem-posicionamento político. Mas, falando do sítio... Não foquei no uso do granito nos contextos funerários...

– Anne, te mando as referências, pode deixar! Tenho usado autores da pedagogia e educação, principalmente, mas também da geografia¹⁷, porém confesso que ainda é um tatear, sabe? Na arqueologia, tem alguns trabalhos do José Pellini¹⁸, as escritas de colegas como Lara de Paula e Gabby Hartemman, que também me inspiraram bastante! Essa questão da linguagem delimitar o leitor e o aprendizado é algo bem problemático, não é?

– Eu acho que a escrita ou a fala tem que ser inclusiva, mas também acho que nem todas as inclusões são possíveis, sempre temos um público selecionado... Minha experiência de vida é que a gente vai aprendendo a falar/escrever para os diferentes públicos. Somos nós que temos que ter flexibilidade e não o público...

– Concordo bastante, Anne!

– Mas vamos falar de arqueologia funerária, pode começar!

– Anne, sobre o tema, você diria que existe algo muito específico do Brasil?

– Marina, tua pergunta é muito ampla, mas...– No momento que ela começou a responder, um barulho muito alto nos interrompeu, mas logo ela retomou a conversa, me situando:

– A máquina de lavar roupas está aqui do meu lado, você vai sofrer aqui comigo um pouquinho, mas vai dar certo. Vamos lá: todos os lugares são diferentes. Aqui, a gente tem uma especificidade por estarmos falando de uma grande diversidade. Quando falamos do Brasil, estamos nos referindo a centenas de povos indígenas! Essa grande

diversidade aparece na região amazônica, no litoral, no sul do país... Também temos muita diferença na quantidade de trabalhos que são realizados nessas diferentes regiões. A arqueologia amazônica, hoje, é muito mais pesquisada do que a arqueologia de outras regiões, então temos muitos dados para a parte norte, poucos para o nordeste, por exemplo. Olha, na verdade, essa é uma pergunta muito difícil de ser respondida.

A máquina de lavar ao fundo, em seu trabalho sem descanso, permitia uma cadência monótona para eu me concentrar melhor na segunda pergunta:

– Entendi, mas e como pesquisadora da área, você acha que nossos sentimentos atuais em relação à morte, pensando nas formas de lidar com os mortos no presente são muito diversos do trato que os pré-coloniais brasileiros dispensaram a seus mortos?

Dessa vez o áudio demorou um pouco mais a chegar. Fui beber uma água, tentando pensar se eu estava falando algum grande absurdo. Lidar com a morte no presente é algo complexo, quem dirá perscrutá-la no passado. Alguns minutos depois, a campainha da mensagem gerava certo alívio com a certeza de uma resposta.

– Marina, fiz um áudio gigante e consegui perder tudo aqui! – Era a voz de uma pesquisadora frustrada com a tecnologia, conheço muito bem – Vou tentar lembrar tudo que falei... Olha, eu acho que não podemos fazer uma análise temporal dessa maneira, pré-colonial e pós-colonial, creio que a análise tem de ser feita também de maneira territorial, de maneira religiosa, de maneira política, ou seja, de muitas outras formas. Se usarmos exemplos de hoje, não de populações tradicionais, mas da nossa sociedade, repara, por exemplo, o que são velórios em áreas de grandes centros urbanos e de áreas rurais: os primeiros envolvem geralmente poucas pessoas, a família imediata, amigos próximos, pouca gente, pessoas que se relacionaram com aquele morto buscando prestar homenagem, estar junto da família. Já no segundo caso, a proximidade social leva quase todos os moradores do lugar para o velório! Um surto de doença, por exemplo, se ocorre hoje, impacta também emocionalmente, porque, nesses casos, há uma completa desestruturação do que pensamos em relação a um bem morrer, dentro das nossas cosmologias, a supressão do rito de velório, por exemplo. E aí, pensando nas populações tradicionais, temos outra situação: os povos indígenas atuais foram interditados de praticar e de realizar seus próprios ritos de passagem pelas nossas instituições modernas. Não é simplesmente “a religião entrou nas aldeias”, mas existem proibições estatais, intervindo no que é tradicional, a exigência legal de padronização dos ritos mortuários... Por exemplo, eu coorientei um aluno Waiwai, que fala de como a igreja batista, em área

Waiwai, impactou a maneira de eles tratarem os mortos. Já não podiam mais queimá-los, a igreja proibiu, queria que eles os enterrassem, mas os indígenas não podiam, porque em sua cosmologia, isso aumentava a quantidade de feitiços sendo realizados dentro da comunidade... É tudo muito mais complexo, estou simplificando, mas o meio termo para os Waiwai foi começar a fazer os enterramentos dentro de casa, porque assim os vivos conseguiam controlar o corpo do morto. Não era o ideal, a partir da perspectiva Waiwai inicial, mas foi uma adaptação após uma imposição do Estado e da Igreja que desconsidera todo um sistema cosmológico relacionado à questão da morte... Por tudo isso, é muito difícil de responder sua pergunta simplesmente usando o filtro temporal! Não podemos dizer que o contato que aconteceu 520 anos atrás, alterou algo no passado, o contato é um processo diário, ainda temos populações que mantêm distância, que escolhem não estar perto da nossa gente, que sabem que ficar longe do “brasileiro” é bom.

A máquina de lavar seguia firme ao fundo, enquanto eu estava emolada em perceber que minhas noções sobre morte, mortos, presente e passado eram absurdamente generalistas...

– Entendi, Anne. Nossa, são muitas nuances que nunca tinha considerado! Falando um pouco da prática, sobre sepultamentos primário e secundário, o que você pode me dizer a respeito?

– O sepultamento primário, normalmente, tem um tempo mais reduzido, na maior parte dos casos, logo após uma pessoa falecer, ela é colocada no que vai ser o local definitivo, é enterrada, sepultada. Enquanto o sepultamento secundário vai envolver várias etapas, uma dedicação ao morto, especificamente ao corpo do morto, por mais tempo. Tem-se o tratamento desse corpo que vai passar por deposições em lugares temporários até chegar ao local definitivo. É todo um processo de tempo, de manipulação. A questão chave é o tempo dispensado ao cuidado com o corpo do morto.

– Entendi! E sobre destaque que alguns mortos possuem dentro das sociedades amazônicas, você acredita que isso está relacionado a alguma forma de hierarquia? Já existem registros de tratamentos diferentes em relação a situação social que podem ser confirmados, por exemplo, pelo tipo de urna usada no enterramento? Digo, de relacionar a cultura material com posição social após a morte?

– Olha, são muitas as sociedades amazônicas, como disse, estamos falando de diversidade, isso é fundamental ter em mente. Em alguns casos a resposta é: sim, eu acho que a hierarquia pode estar relacionada às formas de enterramento, mas aí vem a questão:

de qual hierarquia estamos falando? Muitas vezes são hierarquias ligadas ao papel que aquela pessoa executava, que ela tinha em vida. Os Kaxinawá têm uma fala muito interessante, eles enterram as pessoas de acordo com o gênero com o qual elas se construíram em vida, o papel que elas construíram. Uma mulher que tinha, o que eles consideram, um papel de homem é enterrada como um homem, os gêneros são fluidos. Da mesma maneira eu fico imaginando essa coisa de posse, ricos e pobres, são conceitos muito nossos, não acha? Obviamente existe uma seleção das pessoas que são enterradas, a gente vê isso, por exemplo, no caso do Amapá, no sítio que você está estudando, lá de Calçoene. Não é possível imaginar que todas as pessoas eram enterradas nos cemitérios megalíticos de Calçoene, a gente sabe que precisou haver uma seleção devido ao tamanho estimado das sociedades no passado. Não entendemos direito essa seleção, se ela é feita por clãs, por diferenças de família, pelo que estamos chamando de hierarquias, status... Ainda não entendemos esse processo. Sabemos que algumas pessoas têm acesso a esses locais, não sabemos nem se pode ser dito que são locais privilegiados, porque não sabemos quais são os outros locais onde outras pessoas foram enterradas, compreende? É preciso muita pesquisa para termos um panorama mais realista. Mas, tentando te responder, vamos ter, por exemplo, relatos mais recorrentes de tratamentos diferenciados para chefes e xamãs, especificamente, na etnologia: o xamã, essa figura que não só é uma pessoa, como a alma dele, quem ele é em muitas sociedades, é muito poderosa, exige certo controle. Várias populações caribes, por exemplo, enquanto queimam os corpos das pessoas, enterram os de xamãs, não os queimam, por que eles têm medo de que algo seja liberado... O próprio conceito de alma, da maneira como o entendemos nas sociedades cristãs, é diferente da maneira como certas sociedades indígenas entendem. Algumas acham que temos uma, duas, três almas... Mas acredito que é difícil existir uma sociedade em que todos sejam vistos de maneira igual, sempre tem uma diferença, mas não que essa diferença menospreze uns aos outros, entende? Algo que vemos em relação a tratamentos diferentes acontece entre crianças e adultos, porque crianças não são adultos plenos, para a maioria das cosmologias, não passaram por todos os ritos. A morte de uma criança afeta principalmente a família, enquanto a morte de um adulto muitas vezes afeta a comunidade como um todo. Os tratamentos funerários são diferentes, às vezes mais simplificados, às vezes mais perto de casa. Agora, em relação às urnas, isso já é um pouco mais complicado. Lá em Calçoene, temos as urnas antropomorfas, extremamente decoradas e temos os vasos que tem ossos dentro, mas também muito material remexido... Eu não diria em

momento nenhum que os chefes estão nas urnas decoradas e as pessoas comuns em urnas sem decoração, porque as urnas de Calçoene que eu escavei, muitas vezes, tinham dois, três indivíduos dentro. Então não são para um chefe especificamente... Talvez seja para uma família? As urnas decoradas que estamos trabalhando em Tauari, perto de Tefé, não sei se você as conhece, são muito ornamentadas, com muita policromia, antropomorfas, muito desenho geométrico. Até agora, o que percebemos, já escavamos cinco delas, é houve tratamento secundário, queima do corpo e, depois, a colocação dentro desses vasos, um cuidado muito grande sobre como isso foi feito. Percebemos que tem uma urna muito grande que coordenou a deposição das outras: todas as demais foram colocadas depois dessa maior, mas não sabemos se são pessoas que morreram ao mesmo tempo, provavelmente não, mas o momento de colocar no chão foi o mesmo¹⁹!

– Anne, em um dos seus artigos você fala sobre certo antagonismo, observado na etnografia, entre a explicação da morte oriunda da feitiçaria, algo comum na cosmologia ameríndia e os mitos, que explicam a morte como processo natural. A que você credita essa diferença?

– Na verdade, esse antagonismo é muito comum na maior parte das sociedades, na nossa inclusive. Aprendemos a lidar com essas diferenças de interpretação. Acho interessante que, se pegamos os mitos indígenas, a morte surge porque alguém fez algo que não deveria, é até muito parecido com o que tem na bíblia. Temos uma questão de um erro cometido e a morte como punição. Mas, ao mesmo tempo, várias populações acabam considerando que a morte para uma pessoa jovem é algo não natural, por exemplo, não é normal que a pessoa morra em sua plenitude de saúde, o que faz sentido ainda mais em sociedades que tinham pouco contato com doença. Por isso, os relatos associavam as mortes a feitiços, quando não eram “normais”, por idade avançada ou por conflito, o que, para mim, reforça um pouco a ideia de que tinham poucas mortes relacionadas a doenças. A doença, nesse caso, é vista como uma morte também para várias sociedades, cada vez que você adocece, cada vez que você se estressa, cada vez que você passa por uma situação de crise, você morre um pouco. Então a morte, na maior parte das sociedades indígenas, é um processo²⁰. E muitas vezes a morte é vista como reversível: no Xingu, os Waujá falam muito disso, você vai ter o xamã muitas vezes tentando negociar com as almas para que as pessoas voltem, para que elas não partam, para que a pessoa fique. Nem sempre eles conseguem.

– Anne, e considerando seu apontamento da presença de urnas em muitos contextos arqueológicos de sepultamentos, o que podemos dizer sobre cerâmica e morte, acha que elas estão ligadas em algum nível metafísico?

– Marina, reforço que não existem urnas em todos os contextos funerários arqueológicos! No sítio Hatahara, por exemplo, temos um momento de enterramentos mais antigo, relacionado a urnas funerárias, depois outro momento, outra ocupação que não tem urnas²¹. E aí vemos que, no fim das contas, as urnas têm um papel importante, mas não exclusivo: cestarias, invólucros em geral, muita coisa que não se preserva no registro arqueológico pode ter sido utilizado também. Ficar pensando nas urnas é um problema nosso, de visibilidade, as cerâmicas se preservam melhor então são encontradas mais facilmente e o material ósseo, dentro dessas urnas, muitas vezes também se preserva melhor porque elas criam uma proteção literal, fazendo com que os processos tafonômicos mudem ali dentro, cria-se um micro ambiente diferenciado que vai ajudar na preservação, em muitos casos. Acho que, muitas vezes, isso é da minha experiência, muitas pessoas não conseguem identificar que tem pó de ossos, não conseguem diferenciar ossos de crianças de ossos de fauna, não é que todos os contextos vão ter urnas cerâmicas, é que elas são mais fáceis de encontrar e de se relacionar aos contextos funerários. Até acho que pode ter uma predominância de sepultamentos secundários, mas não de urnas. Podemos fazer uma análise por sociedades e aí sim, em algumas delas, a cerâmica vai permitir a manifestação da identidade do indivíduo, eu acho, e outras pessoas também, que esse é o caso das urnas Maracá, das urnas Caviana, nas quais se têm o indivíduo manifestado na urna! Ainda assim acho complicado fazer uma associação da cerâmica com a morte, em muitos casos - acho que não estamos vendo a palha, não estamos vendo as penas e em várias sociedades, ainda mais na região do escudo das Guianas, existem até desenhos e relatos antigos da importância desse material, que não se preserva bem.

– Entendi! Anne! Nossa, eu queria que os artigos pudessem ter a proximidade da fala! A autoria é a mesma, mas parece que se abriram muitas janelas na porta do que li sabe! Só tenho que te agradecer muito, por ter dedicado seu tempo para me esclarecer um monte de coisas!

Ela agradeceu também e nos despedimos. Eu tinha, e Anne jamais poderia saber o quanto, muita informação para rever e repensar. Quiçá, todas.



Algo úmido e gosmento roçava meu rosto. Bono limpava com a língua um pouco de barro que eu tinha na testa. Demorou alguns minutos para que eu acordasse, e a custo abri um dos olhos percebendo que o sol já tinha nascido. Sentei-me de uma vez, assustada, respirando fundo e com o coração descompassado, era como se eu tivesse acabado de acordar de um sonho aterrador. Arregalei os olhos para ter certeza de que estava de volta ao meu quintal. O celular tinha 1% de bateria, o suficiente para eu descobrir que eram pouco mais de 6 da manhã. Levantei-me, de um pulo, para cair de joelhos em seguida, com as mãos segurando firmemente minha cabeça: uma dor dilacerante fazia meu crânio pulsar, da testa à nuca. Com custo, engatinhei até a cozinha, me ergui devagar segurando com força na pia e bebi vários copos de água, em uma ânsia sedenta como se eu estivesse completamente vazia. Respirando fundo, tentando conter a dor e ainda mal conseguindo abrir os olhos, me dirigi à sala e vagorosamente subi os 7 infinitos degraus que me levavam até a cama onde desabei. Com a roupa suja de lama, sem me importar com a brancura dos lençóis, usei a pouca energia que restava para fechar a cortina, tampando a luz ofuscante que desafiava minha enxaqueca.

Dormi por quase 15 horas. Ao despertar, por volta das 9 horas da noite, eu não tinha uma noção muito clara de como eu tinha ido parar no meu próprio quarto. A cama estava limpa, eu vestia um pijama e estava de banho tomado. Algumas lembranças foram voltando à medida que eu me levantei, mas nem todas. Fui para a cozinha, em busca de algo que pesasse o estômago e à medida que ia me sentindo mais desperta, pensava sobre o que tinha acontecido e ficava cada vez mais em dúvida se eu estava mesmo acordada ou se, ainda de algum jeito, sonhava.



Uma das formas de entender um sítio arqueológico é pensar nesses espaços como resultado da passagem do tempo sobre as vidas humanas que estiveram ali. O ciclo de nascimento e vida gera marcas que podem ficar gravadas na terra, ainda que essa não seja

a intenção do cotidiano. O contrário se dá com a morte. Os registros que possuíamos foram, em geral, justamente pensados para resistir à passagem do tempo.

Os mais diversos vestígios, ou a ausência deles, propiciam que enxerguemos em certas nuances possibilidades do passado. As teorias acadêmicas, os métodos de pesquisa desenvolvidos pela Arqueologia desde o século XIX, são caminhos testados e cada vez mais aprimorados para chegarmos a uma elucidação do ontem que seja partilhada pelas existências. O raiar do século XXI veio agregar a tecnologia às pavimentadas, estradas do método científico arqueológico. Uma das recentes correntes teóricas, a Arqueologia do Contemporâneo, trouxe novas formas de pensar a teoria, ampliando o fazer arqueológico de forma que este ultrapasse os limites impostos pelos muros das universidades, pelas paredes dos laboratórios, para buscar, na visão de pessoas externas à essas instituições, outras formas de contar e de interpretar a história do ontem. O que não quer dizer que se apregoa o abandono das técnicas corroboradas, mas sim que a junção ou a suplementação de métodos aclamados por outras formas de observação até então “desautorizadas” pelos detentores da técnica torna-se cada dia mais uma constante. Pensar a arqueologia, a partir da visão tradicional contemporânea, é aumentar o poder especulativo da disciplina, enquanto perscrutadora do passado, a partir de perspectivas mais inclusivas, mais diversas e, porque não, mais realistas. É derrubar o muro limitante do eurocentrismo para compreender outras formas de ver o mundo, tão diverso do continente europeu.

A história, como sabemos, tem sempre muitas versões. Por muito tempo tornou-se conhecida apenas a versão redigida pelos dominantes, em detrimento do saber dos dominados. A ética da disciplina caminha no sentido de reparar esse dano, assimilando todas as vozes para uma reconstrução do(s) passado(s) do(s) mundo(s). Começamos não apenas a nos silenciar para ouvir, mas também a admitir que não sabemos e precisamos aprender com os povos tradicionais contemporâneos sobreviventes: etnias indígenas, remanescentes quilombolas, famílias ciganas e outros povos detentores de saberes ancestrais até então desconsiderados pela ciência. Esse *modus operandi* de nos despir do jaleco, no meu ponto de vista, é a principal importância da arqueologia do contemporâneo, cuja maior contribuição é o aproveitamento do espaço privilegiado da Universidade, ainda hierarquizado e corroborado como legítimo, para fazer eco às falas das minorias, historicamente silenciadas por sistemas opressores, econômicos ou políticos, que a própria universidade ainda sustenta.

Foi após ter contato com autores dessa corrente que comecei a rever o campo da minha pesquisa sob uma ótica na qual eu oprimia os saberes locais, ainda que os utilizasse. Saí do Sudeste buscando significar riquezas pré-coloniais de um cenário brasileiro de megalitismo, simplesmente confiando no diploma que recebi como legítimo portador da verdade. Em hora nenhuma, meu planejamento de trabalho considerou incluir os conhecimentos locais às minhas técnicas acadêmicas de pesquisa. “Entender” o AP-CA-18 parecia depender apenas da minha capacidade de assimilar os contextos com um objetivo esperado do resultado.

Recordo-me de alguns moradores de Calçoene, com quem conversei em busca de informações pontuais sobre onde ir, como ir, sem me atentar para os interesses que transpareciam nas falas sobre aquele lugar, sem tempo para ouvir as experiências individuais e aprender perspectivas. Lembro-me apenas de perceber que, vencida a desconfiança natural em relação a minha pessoa estrangeira, a maioria dos moradores da cidade abria suas memórias para falas orgulhosas de sua herança, sobre algo tão importante para tantas pessoas em tantos lugares. Ali estava eu, uma sulista abdicante da arqueologia de seu próprio lugar de nascimento para me dedicar a uma realidade outra. Muitos calçoenenses contaram sobre como as famílias, por gerações, sabiam da existência daquelas “pedras de índio”, como eles mesmos cresceram brincando naqueles locais, indicando que, não muito longe dali, nas terras do avô ou de um tio, outras estruturas como aquelas existiam. Todos queriam me contar algo, quando se espalhou na pequena cidade que os arqueólogos estavam ali, mais uma vez, para saber sobre as grandes pedras. Infelizmente só pensei em abdicar dos meus estritos planejamentos de campo e embarcar em suas histórias muito depois de voltar. E ao sentar para tentar montar o quebra-cabeça da pesquisa, pude perceber que, por mais que eu olhasse acuradamente para as peças que havia encontrado, eu não tinha a alma pronta para falar da maioria delas.

Para minha sorte, localizei no caderno de campo a transcrição, ao acaso, de algumas entrevistas feitas com os moradores no entorno do sítio pelos arqueólogos, estudantes e técnicos que trabalharam nas campanhas de escavação do Nuparq. Ao reler essas anotações percebi que, de algum jeito, o sítio poderia hoje falar por si.



Inácio Batista, na época dos trabalhos de campo do IEPA, algum momento entre 2008 e 2012, tinha 58 anos e exercia a profissão de barbeiro. Ao ser perguntado sobre o que achava do sítio arqueológico²², ele falou o que muitos acreditam ser a real busca da arqueologia, concluindo com o que muitos pensam que deveríamos estar fazendo:

– As pedras são muito interessantes, parecem figuras humanas e animais... Ah, são bem bonitas! Olhe, eu acho que foi um local de coisas muito importantes aqui, muito valiosas. Aquilo lá pode ter sido um marco de um tesouro... Ou apenas a curiosidade mesmo deles, né? Do povo do passado de colocar as pedras lá... Agora, sabe o que eu queria mesmo compreender de vocês, cientistas? É se vai ter energia no caminho ou asfalto para poder chegar até lá. Porque tem que ficar favorável aos turistas, né? A gente precisa de renda nessas terras!

[]

Outro entrevistado foi José Taylor da Silva. Motorista, então com seus 46 anos de vida. Foi entrevistado por Márcia, da equipe do IEPA. Pelos fragmentos do diálogo registrado nos diários de campo, imagino que a conversa deles tenha sido mais ou menos assim:

– Senhor José, o senhor conhece o sítio arqueológico das pedras indígenas, daqui de Calçoene?

– Olha, menina, eu não sabia que [as pedras] estavam lá, viu? Só ouvia as pessoas falarem, mas nunca subi naquela área mais alta. Veja só, não sabia que no meu terreno havia um tesouro desses! Eu acho que é um tesouro para as pessoas! Muita gente daqui, vocês mesmos, quando vêm estudar essas coisas antigas, dizem que foram os índios que colocaram as pedras ali, e eu acho que é verdade, porque a gente aqui não tem notícia de alguém que tenha feito uma coisa dessas e, se fosse alguém da cidade, ou seus parentes, iam se gabar, né? Tenho que ir lá ver essas pedras ainda, ver esses potes que o povo diz que tem lá ou tinha? É tanto trabalho nessa vida que tem hora que nem sobra tempo para a gente pensar no tanto de vida que já teve por aqui, não é não?

Nem fala, Seu José, nem fala... A gente tem mania de achar que vai ter tempo, não é? [...]

[]

Jair Nunes da Silva, estudante da cidade tinha 15 anos, nos idos de 2008, e foi entrevistado pela Zenilce, sobre o sítio AP-CA-18:

– Jair, você já viu outros locais com vestígios arqueológicos aqui na região? – imagino que tenha sido essa a pergunta que ela fez. Com o deslumbramento típico de quase todo espírito novo, Jair respondeu, de acordo com as anotações:

– Moça!! Encontrei um machado de pedra no meu terreno, que fica a 25 km de Calçoene. Dessas coisas que a gente sabe que não é da natureza, pela perfeição!! Também já achei pedaço de cerâmica dentro do rio. E lembro até que tinha pintura pelo lado de dentro. Achei bem bonito, sabia que não podia só ser pedra de água! E, olha, eu queria mesmo saber como é que esses indígenas que vocês dizem terem vivido aqui há tanto tempo faziam para pintar os vasos? Como eles faziam essas tintas? Hoje a gente vai ali e compra e parece tudo muito simples, mas ainda assim muita gente não sabe fazer essas coisas tão bonitas, eu não sei! E outra coisa, porque que eles se instalaram ali, justo perto do igarapé? Sabe me dizer se eles moraram muito tempo por lá? Porque esse lugar é bonito demais né? Se fosse eu, ia querer ficar também a vida toda por aqui, olhando esse sol grande e bonito que doura as árvores de tarde...

[]

Eu acho que iria querer também viu, Jair. Eu acho que iria...



– Acordou?! Achei que ia ter que te despertar com um beijo!

Não dei atenção ao gracejo.

– Fiz uma sopa.

– Obrigada, trem! – Agradei e já fui pegando o prato. Ao ouvir a palavra “sopa” percebi como estava faminta.

– Você fica aí mexendo com essas bruxarias, uma hora vai acabar enfeitada, hein? Como é que vou explicar para a sua mãe que você fez um ritual de bruxaria e não acordou mais? – Cor-Jesus falava em tom de deboche e ao mesmo tempo de curiosidade disfarçada de preocupação. Respondi, enquanto me servi de mais algumas conchas:

– Não tem nada a ver com bruxaria, só estava com muita dor de cabeça. – respondi com a aceitável normalidade de uma típica indisposição.

– E está melhor? – ele questionou, ainda desconfiado.

– Bastante! – afirmei, sem deixar transparecer que a minha satisfação maior era o estômago por encher!

– Limpei o quintal – ele continuou – e guardei as coisas que você deixou, mas teve um problema...

– Que problema?? – Estaquei. Parei de comer com a colher suspensa no ar e fiquei olhando para ele, com um nó na garganta, medo de ouvir que de alguma forma um portal atemporal foi aberto e um vento estranho trouxe para nossa realidade várias coisas que não deviam estar aqui, de acordo com as leis da física quântica e....

– O Bono pegou um colar seu e esfaçalhou ele todo. Sobraram algumas pedras quebradas, mas ele destruiu tudo o que pôde e deve ter enterrado o resto.

– Ah, tá!

E voltei a comer, distraída. Cor simplesmente riu. Eu senti um misto de alívio e frustração. Só bem depois é que fui atinar para o fato de que, se algum dia houve alguma chave para acessar o passado, considerando que o que vivi não passou de uma alucinação incrivelmente realista, o vira-lata medroso que mora na nossa casa havia acabado de selara porta.



Maio de 2020. O isolamento social imposto pelo vírus globalizado fechava seu terceiro mês e com ele a necessidade de refazermos nossas vidas a partir de uma perspectiva de limitações individuais. Para alguns privilegiados, o trabalho remoto transformou-se na obrigatoriedade de ficar em frente às telas, afora o uso pessoal que já fazíamos delas. Era esse meu caso. Ao mesmo tempo em que conciliava um novo emprego com o andamento do mestrado, eu pensava em como poderia ter feito a pesquisa se, à época, estivéssemos em um *lockdown*. O novo normal, entretanto, trouxe uma ferramenta que poderia me ajudar, de alguma forma, com a parte “falha” da pesquisa. Retomando alguns contatos com o pessoal do Amapá eu poderia continuar aprendendo com a visão dos nortenhos a respeito da sua herança megalítica. O método esteve sempre

aqui, pelo menos desde alguns anos, mas ainda estávamos tão ligados na necessidade de presença, que não pensávamos nas distâncias que poderiam ser encurtadas via fibra óptica.

Foi assim que acionei a equipe a qual me acompanhou, de forma mais próxima, na visita ao sítio megalítico, quase um ano e meio antes. Lúcio, Robeli, Alexandra, Keyla e Mayara concordaram em fazer uma conversa aleatória sobre a vida de arqueólogos, o trabalho no Nuparq, o sítio de pedras de granito. Eu não queria saber nada de muito teórico, me interessava agora entender, ainda que tardiamente, o que eles pensavam de lá. Pela incompatibilidade de horários para uma *live* pedi que me respondessem algumas perguntas da forma que ficasse mais fácil: áudio, vídeo, vídeo-chamada, e-mail. Ironicamente, o isolamento obrigatório mostrara o quanto estavam amplificadas as formas de nos comunicar.

Os “depoimentos” chegaram separados, mas a transcrição das conversas vai ser, de forma fictícia, colocada em uma mesa redonda virtual. Como cenário um ambiente iluminado e amplo, sem decoração, paredes bege, uma grande mesa redonda e cadeiras giratórias, distantes umas das outras pelo menos 1,5m, ainda que no ambiente virtual, o transmissor da COVID-19 não seja um dos vírus com o qual precisemos nos preocupar. A ausência de adereços na sala é um toque ingoldiano²³, intencional, para que o foco fique nas pessoas, na concentração em histórias que talvez nunca fossem contadas. As perguntas sempre são respondidas na ordem do retorno que obtive²⁴: Robeli, filho legítimo de Calçoene, cuja ajuda foi fundamental para que eu acionasse pessoas e chegasse até o sítio; Alexandra, arqueofilósofa, leitora de bons livros, a melhor guia e tradutora dos costumes amapaenses que conheci. Keyla, simpatia nordestina em forma de pesquisadora tarimbada; Mayara, mana de olhos firmes e de passo certo, faça chuva ou sol, literalmente; e Lúcio, a junção mais perfeita da praticidade e primor pela estética que já conheci.

Com a saudade emergindo dos meus olhos, a primeira pergunta, no melhor estilo Lagarta expelindo fumaça é:

- Quem são vocês?
- Eu sou Robeli, bacharel em Geografia pela UNIFAP, atualmente servidor público municipal em Macapá, Agente de Saúde atuando na linha de frente contra a COVID-19.

– Meu nome é Alexandra Guimarães, tenho 23 anos, sou amapaense, formada em História e atualmente atuo como apoio técnico no Nuparq.

– Meu nome é Keyla Frazão, sou arqueóloga, nordestina, filha do sertão do Piauí. Deixei o meu lugar de nascimento para estudar na cidade grande e escolhi a Amazônia como segundo lar.

– Me chamo Mayara, tenho 28 anos, sou mulher amazônica. Nasci em Belém, no Pará e atualmente resido no extremo norte do Brasil, em Macapá. Sou geógrafa, formada pela UFPA, mas desde 2013, venho me dedicando à Arqueologia.

– Boa tarde Marina, como vai? Meu nome é Lúcio Flávio Siqueira Costa Leite, tenho 39 anos.

Retomo a palavra:

– Oi! – E abro um largo sorriso – Vocês todos já sabem o quanto ajudaram na minha pesquisa e agora informo que estarão também exaltados na escrita. Uma coisa que não perguntei quando nos conhecemos: como chegaram a trabalhar no Nuparq?

Robeli começou a contar:

– Minha trajetória até o Nuparq se mistura com a primeira vez que ouvi falar das pedras de Calçoene. Eu estava no segundo ano do ensino médio. Os professores resolveram realizar um trabalho de campo lá no sítio arqueológico. Eu já tinha ouvido falar daquele lugar, mas, até 2009, nunca tinha ido até ele. As pesquisas em Calçoene começaram em 2005 e, ao longo desse período, houve grandes rumores na cidade a respeito desse sítio arqueológico. Então, em 2009, fui com a minha turma da escola e foi quando tive meu primeiro contato com arqueologia. Conheci o João e a Mariana, ela explicou para o grupo de alunos do que se tratava aquele sítio arqueológico e isso despertou meu interesse na disciplina. Concluí meu ensino médio em Calçoene, fiz o vestibular aqui na capital e, dois anos depois, tive a oportunidade de participar de um processo seletivo para atuar no Núcleo de Pesquisa Arqueológica do estado do Amapá, no IEPA. Passei no processo, participei de uma entrevista, expliquei que eu era de Calçoene, que eu tinha interesse em trabalhar na área e, mesmo sendo da Geografia, consegui uma bolsa.

– Alê, conta para a gente sua trajetória.

– Sou a única mulher de quatro filhos, fui criada por várias mulheres, minhas tias, minha avó, que considero mãe, e pela minha mãe biológica, todas oriundas do Pará. Sou a primeira, e até agora a única da família, a entrar no curso superior e foi na universidade

que tive contato com Arqueologia. A professora Irislane, que ministrava a disciplina de Pré-História Brasileira, me informou de uma bolsa, fiz a seleção e fui aprovada. Comecei sendo orientada pela Mariana Cabral, que me ensinou muito e por quem tenho profunda admiração, e fiquei mais alguns anos desenvolvendo trabalhos com material lítico.

– Sua vez, Keyla! – Chamei:

– Bom, se engana quem pensa que Arqueologia era meu sonho de criança. Prestes a prestar o vestibular, e com várias ideias de profissões a seguir, fui apresentada aos caminhos e perspectivas daquela que, mais tarde, se tornaria o meu trabalho. Encontrei na Arqueologia uma aproximação com as pessoas e suas coisas, do passado e do presente, e pude manter viva a minha memória, através das minhas vivências atuais. A minha paixão pela profissão e o desejo de imergir em outras experiências me encorajaram a me inscrever em uma seleção do Nuparq/IEPA, no ano de 2017, e cá estou.

Mayara ainda não voltara, uma vez que se ausentou para buscar uma água. Então passei a palavra ao Lúcio:

– Trabalho no núcleo de arqueologia do IEPA, Nuparq desde 2009, quando ocorreu minha institucionalização com a arqueologia. Em 2007/2008, trabalhei no município de Oiapoque, na divisa da Guiana Francesa com o Amapá, como professor de história. No final dessa temporada, eu retornei pra Macapá e, já trabalhando em uma escola da periferia da cidade, encontrei-me com um colega da graduação que estava no laboratório de arqueologia do Iepa, na época. Falou da escavação em que esteve trabalhando, com dois arqueólogos gaúchos, na época, os gerentes do Nuparq. Perguntei como fazia para participar e ele disse para eu aparecer por lá que me apresentaria para a Mariana, à coordenadora. E... Foi o que eu fiz. No dia seguinte, eu apareci de jeans e *All Star*, para participar da escavação. Conheci o João Saldanha, a Clarice, passei uma temporada de mais ou menos 20 dias com eles. Em janeiro de 2009, acabei encontrando o João por acaso, conversamos e eu perguntei sobre algum tipo de estágio ou trabalho voluntário dentro da arqueologia. Ele disse para aparecer, foi o que eu fiz no dia seguinte e fui aceito. Comecei lavando material, depois fiz uma especialização em patrimônio e acabei fazendo meu mestrado na UFPA. Em 2016, surgiu a oportunidade de assumir a coordenação do Nuparq e é essa minha função hoje!

Passei então para as perguntas sobre o sítio megalítico:

– Vocês se lembram da primeira vez que ouviram falar das pedras de Calçoene? - Como a história de Robeli já fora contada, Alexandra foi a primeira a responder.

– A primeira vez que ouvi falar delas foi durante a graduação, na disciplina de Pré-História Brasileira. Embora hoje muita gente conheça o lugar como um sítio arqueológico e já tenha alguma noção sobre arqueologia, acho que esse sítio ainda continua gerando muita curiosidade, o imaginário das pessoas sobre o sítio é bem diverso.

Keyla então complementou com seu depoimento:

– Foi durante o meu primeiro ano de graduação. Na época, a grandiosidade e a forma de organização das estruturas dos “megalitos de Calçoene”, todo aquele granito sobre o solo, foi o que mais me chamou à atenção. Hoje, após conhecer o sítio e ter tido contato com diversos trabalhos já realizados, a minha percepção vai além da singularidade desse tipo de sítio no Brasil: não dá para não destacar o caráter simbólico e ritualístico do local!

Mayara, que acredito ter emendado um cafezinho depois da água, foi novamente saltada para passar a vez ao Lúcio:

– Olha Marina, eu acho que foi já trabalhando no Nuparq. Lá no Núcleo, tinham algumas fotos de Calçoene, Mariana e João sempre falavam dele e, em 2009, antes de ir para Manaus, houve uma escavação... 2010 na verdade! Surgiu então uma oportunidade para escavar o lugar e eu me integrei à equipe.

Na sequência, quero saber sobre as histórias que conhecem a respeito dos megalitos. Uma vez que existe, no senso comum, ideias, as mais diversas, sobre as estruturas. Minha curiosidade é entender como o público chega até os profissionais que estão “legitimados” para atuar no local:

– Não posso deixar de citar o seu Lailson, o Garrafinha – começou Robeli – porque a melhor história que tenho sobre o lugar vem justamente dele. O Garrafinha, que já foi guarda-parque do AP-CA-18, nos mostrou, em 2009, alguns vasilhames que haviam sido enterrados. Ele começou a explicar a história de como ele havia encontrado aquele lugar, a princípio, ele disse que foi com o pai dele, que estavam subindo o rio para pescar quando correram atrás de um bando de queixadas, porcos selvagens ali da região, e se depararam com aquelas pedras... Anos depois, segundo ele, ao guiar um grupo para abertura de um ramal, acabou reencontrando o lugar das “pedras fincadas”.

Já Alê repetiu a ideia mais comum sobre o sítio megalítico:

– Bom, todo mundo sabe que embaixo das pedras foram encontrados vários potes com ouro!²⁵

Keyla, apontou:

– Diferentes histórias, diversidades de interpretações surgiram com a visibilidade do sítio, contudo, me chama atenção aquelas que atribuem essa “construção” a outros povos “extraterrenos”! É como se as pessoas não aceitassem que algo tão singular pudesse ser obra de povos indígenas antigos que viveram nessa região.

Mayara, definitivamente, havia desistido da nossa conversa, assim foi Lúcio que trouxe a cereja do bolo das histórias sobre os megalitos:

– Bom, para mim, elas são um observatório, um lugar sagrado, construído, pensado estrategicamente! Um lugar de ida e vinda das pessoas que o construíram, um lugar de retorno, aquela configuração, uma condição única do que está ali... Um lugar especial! – Dava para perceber a relação de pertencimento que ele sentia pelo AP-CA-18. – Mas a melhor história que conheço é a da caverna que existe embaixo das pedras. Ela é cheia de ouro e leva a uma outra dimensão. Tem várias histórias que o Garrafinha contava sobre esses poços secretos, o que é legal, sabe? Acho que demonstra um tipo de relação profunda com esse espaço!

A última pergunta tinha um cunho imaginativo, afinal somos cientistas curiosos sobre o ontem:

– O que vocês perguntariam às pessoas construtoras desse monumento, caso conseguissem voltar ao passado?

– Uma única pergunta é até difícil, né? – Robeli respondeu de pronto, ressaltando o quanto imaginar, definitivamente, não é algo simples. – Se eu pudesse voltar ao passado, chegar diante daquele grupo indígena que habitou ali, e pudesse realizar uma única pergunta, com certeza ia querer saber por que eles construíram aquele lugar. Porque um círculo de pedras? Aquele monumento megalítico, o que eles pretendiam com aquilo? O que eles buscavam?

E em sua ânsia de respostas eu via exatamente as minhas mesmas inquietações!

– Eu gostaria de saber quem foram as pessoas sepultadas ali. – Respondeu Alê, precisa e direta em sua perspicaz maneira de observar a vida!

– É claro que, para além do que as evidências científicas sugerem, pensar o local como um registro de atividades pretéritas, nos gera curiosidades... – Keyla introduziu sua curiosidade particular – Mas eu ia mesmo querer saber até que ponto as interpretações sobre a materialidade desse sítio são coerentes com os modos de vida daquele povo do passado!

Lúcio resumiu o que talvez seja a grande dúvida de quase todas as pessoas que um dia possam ver, ao vivo, as pedras:

- É... Uma pergunta difícil! Eu acho que curioso como sou, acho que... Bom, eu sou muito dos porquês, minha pergunta seria “por que vocês construíram isso?”.

- Uma última pergunta, mesmo! – Precisei apontar algo que era um incômodo meu, mas que, pelo que entendi, fazia diferença para todo mundo! – Se fosse para associar uma única palavra com **CHUVA**, o que vocês diriam?

- Sem dúvida nenhuma: *repiquete*.

- Calma aí Robeli – interrompi – eu não sei o que é isso!

E ele, em sua tranquilidade elegante, gentilmente respondeu:

- Repiquete é um fenômeno que ocorre quando as águas sobem muito²⁶. Chove muito na região, e quando chega o período de muita água, muita chuva, ocorre o repiquete: isso é o que mais me marca com relação a Calçoene.

Depois foi a vez de Alexandra associar:

- *Descanso*. Aqui em Macapá existe um sol para cada pessoa, é muito quente. Chuva e açaí são a nossa religião. Quando chove, nós paramos e apreciamos a chuva. É tempo de deitar na rede e descansar.

- *Renovação*. – Era a palavra de Keyla.

- Uma palavra para associar a chuva... – Foi a vez de o pensativo Lúcio dar sua contribuição – Eu gosto de chuva... Não sei, acho que *intensidade*. Chuva me faz recordar da infância, mas acho que tem uma coisa de intensidade, força, não é só água, você tem tudo associado, os ventos, os trovões, os sons... Acho que tem essa coisa da força, que desperta admiração, mas também um certo temor.

Apaguei a luz da sala. No escuro e no silêncio, as ideias permaneceram e nós saímos dali, mais ou menos como acontece com um sítio arqueológico, acho. Sentimento demais, muito que assimilar, mas no escuro... Mesmo em um encontro imaginado, muita coisa pode ser descoberta. Eu, por exemplo, descobri que chuva, de algum jeito, é *reviver*.



Os dias depois de Litha tornaram-se uma obsessão. Eu precisava lembrar cada detalhe, exatamente como que aconteceu. Refiz todos os passos do ritual no próximo

esbath²⁷, acendi o mesmo incenso, me sentei em meditação no mesmo horário, usei os restos do colar de pedras como um talismã, para tentar encontrar de novo o gatilho exato que, de alguma forma, alterou meu local geográfico para uma realidade além do tempo e do espaço, sem que eu necessariamente tivesse saído do lugar. Quanto mais eu pensava, mais me confundia, mais acreditava que minha mente estava perdendo o tênue fio que a ligava à sanidade.

Ao abrir os olhos, pela ducentésima vez, firmemente sentada na grama do quintal, me dei conta de que, o que quer que tenha ocorrido, se é que ocorreu, não era algo facilmente acessível. Eu olhava o resto do colar, que eu acreditava firmemente ser a resposta física para a experiência psíquica, e me perguntava se deveria mesmo tentar remontá-lo. Era como se ele tivesse perdido seu peso, deixado de ser um objeto vivo ao se tornar algo quebrado. Desisti e comecei acreditar que, novamente, toda aquela história fora criada, um recurso da minha imaginação para que eu pudesse fazer perguntas ao passado, ter o que contar na dissertação.

Comecei a pensar em como colocar ordem nos capítulos, logo no dia seguinte iria recuperar o trabalho com um fio de meada e minha cabeça, que outrora fervilhou de perguntas, foi se acalmando. Ainda distraída com a chama de uma última vela acesa, perdida no ir e vir da pequena labareda, tive a impressão de ouvir um sussurrar em meu ouvido:

– “Aquele que se envolve, não vê”.

Aquilo me deu de tal forma um estalo que levantei de um pulo, momentaneamente, esclarecida. Sorrindo, tornei a me sentar. A vela queimou até não sobrar nem mesmo um resto de pavio queimado e eu, finalmente satisfeita, pude dormir sem sonhar.



2.4 Atenta na cozinha, derivo na paisagem pela janela da arqueologia.



Sítio AP-CA-18, vista aérea. Autor: Pedro Viana, 2018

– Marina, a TCC²⁸ acredita que nossa relação com o mundo se dá a partir da edificação de esquemas mentais. Construimos esses esquemas, ou modelos reativos, para nos adaptarmos às diversas realidades pelas quais transitamos desde que começamos a compreender o mundo, tanto para superá-las quanto para nos proteger, emocionalmente, delas.

– Daiana, não entendi muito bem essa história de esquemas. – Respondi, tentando ser o mais honesta possível com a minha terapeuta, uma vez que a lógica parece ser essa.

– Eu construí esses esquemas para me proteger do mundo?

– Bom – ela continuou pacientemente, ainda que a sessão já estivesse bem próxima do final – não necessariamente proteger. Na idade adulta, os esquemas em geral, vão mais te atrapalhar do que te ajudara viver. Beck diz que as fantasias de cada indivíduo são seus esquemas, uma espécie de roteiro para reagirmos à experimentação individual do mundo. Quando as pessoas começam a compreender a atuação desses esquemas, conseguem organizá-los e lidar melhor com os conflitos em suas vidas, seja de relacionamento consigo mesmo ou com outras pessoas. O que acontece é que, analisando, conseguimos parar de responder com automatismo, geralmente o que gera conflito em determinadas situações.

– Então esses esquemas, que eu mesma construí, interferem na forma como eu me relaciono com o mundo e, conseqüentemente, comigo? – Eu estava verdadeiramente interessada em entender.

– Por alto, sim! – Foi a resposta de Daiana – Uma coisa que temos clara, quero dizer, nós, terapeutas, é que afeto e cognição não são circunstâncias dissociadas! Os esquemas cognitivos organizam o comportamento, a partir do afeto correspondente com

o qual são carregados, compreende? – Fiz que sim, com olhar de não, ela captou a mensagem e tentou elaborar melhor. – Para cada afeto/afetação recebidos sua mente elabora uma resposta a partir da qual você toma atitudes sobre a forma de lidar com aquela determinada situação que a vida lhe apresenta. Seu jeito de reagir é, portanto, construído a partir de experiências do passado. Um exemplo: se você tem histórico de abandono, suponhamos que na infância seus pais foram ausentes, você pode desenvolver um esquema de solidão e automaticamente ficará distante das pessoas por um medo inconsciente de ser novamente abandonada. Percebe como uma ação do passado influencia o todo, ao longo da vida?²⁹

– Percebo...Acho. De verdade, acho que comecei a entender. O que você quer dizer é que minha forma de agir com o mundo foi criada por noções que hoje habitam o meu inconsciente, é isso?

– Via de regra, sim. Temos consciência de nossas reações aos esquemas, que são nossas crenças, só não temos consciência dos esquemas em si. Beck costumava dizer que o que perturba o ser humano não são os fatos, mas a interpretação que fazemos deles.

– Muito interessante isso... Daiana, o que você me diz das pessoas que vivenciam a fantasia como se fossem situações irreais? Que acessam histórias, por exemplo, tendo a certeza que estão lúcidas a ponto de perder a noção da própria realidade em que vivem?

– Você quer dizer como acontece nos sonhos, algo assim? Em que sentido, Marina?

Imediatamente senti que havia acendido o alerta vermelho da psicóloga. É claro que eu não queria falar mais do que já tinha dito, se é que tinha dito algo, afinal, não sabia quais eram os tais esquemas que Daiana acreditava que eu havia construído para mim mesma. Mas se tinha um lugar onde eu poderia achar respostas aceitáveis, era ali e, de alguma forma sutil, eu precisava tentar:

– Deixa eu tentar explicar: quando estou lendo, por exemplo. Fico tão envolvida na história que é como se eu realmente estivesse vivendo a leitura... Por vezes, é preciso algo acontecer do “lado de fora” para eu poder sair daquele devaneio, entende? Minha pergunta é, podemos ter algum esquema que nos permita acionar outras formas de ver o mundo?

– Ah, sim - ela parecia aliviada, mas eu não tinha certeza disso – bom, isso é explicado pela capacidade de abstração ou concentração que certas pessoas conseguem acionar, não necessariamente por um esquema. Claro, existe a evasão às circunstâncias,

mas isso já são indícios de patologias, como a esquizofrenia, por exemplo, mas não tem nada a ver com o que temos trabalhado em nossas sessões. – Sorrindo, ela completou:

– Tudo bem por hoje? Nos vemos em 15 dias?

– Claro – era a única resposta que eu poderia dar – obrigada, Daiana. Até!

– Até!

Encerrei a sessão virtual de terapia, ainda sem saber o quanto eu podia confiar na dita realidade que minha terapeuta acreditava habitar.



Felipe Criado Boado é um arqueólogo espanhol. Ele discute, entre outros temas, Arqueologia da Paisagem, pensando os lugares onde nos instalamos como sociedade e a forma com a qual modificamos esses locais, através da atividade humana de permanecer. No mundo inteiro, existem várias vertentes e discussões sobre a perspectiva de um sítio arqueológico, com base em noções oriundas dessa corrente teórica, da ideia de paisagem, de perspectivas modernas e também conservadoras sobre o que podemos inferir do passado de um local, a partir de suas características ambientais, geológicas e pós-humanas. Boado faz longas discussões sobre o tema, baseando-se em sua proposição de que o fazer arqueológico, dentro de coordenadas espaciais, deve pesar a paisagem enquanto produto humano³⁰.

Nós, humanidade, no presente e mesmo no passado, segundo Felipe, utilizamos o espaço físico para criação de outras realidades, mediante a aplicação de uma ordem imaginada, a qual ele vai nomear de *espaço social*. Esse espaço simbólico, nas palavras do arqueólogo espanhol, pode ser sentido ou... Percebido. De todas as lentes que focam paisagem na arqueologia, essa é a que mais se encaixa à minha míope maneira de compreender as histórias que me interessam. Aprofundar na análise do sítio AP-CA-18 a começar pelo tema paisagem seria interessante, mas reconheço minhas limitações para tal. Como bem disse Robeli, em alguma de nossas conversas, “seria muito incrível conseguir estudar o tema a partir da ideia de que os indígenas do passado construíram uma paisagem que 1000 anos depois continua a chamar atenção, a intrigar, a despertar sensações, a interferir no nosso atual espaço social”.

O pouco que posso falar, em termos de paisagem, vem principalmente das ideias de Mariana Cabral e João Saldanha, a principal literatura sobre o AP-CA-18. Esses autores falam de novas formas de pensar a monumentalidade de lugares megalíticos na Amazônia³¹, da necessidade de ampliarmos nossa visão para além das análises tradicionais em arqueologia, a qual, com frequência, relacionamos tipos cerâmicos a culturas “fictícias”. Mariana e João nos instigam a rejeitar a concepção da cultura material – especificamente dos potes, nesse caso – como reflexo direto das sociedades que as produziram e criaram, para repensar tais objetos, repensar essa cultura material como seres atuantes, e não inertes, à mercê das vontades humanas. Prosseguem afirmando que os vasilhames são a representação simbólica, materializada, de formas de ver o mundo, assim como a monumentalidade megalítica vai além da necessidade de calendários astronômicos ou delimitação de locais de sepultamento. Estruturas nas quais o sol se alinha à configuração das pedras podem significar algo mais do que um antigo conhecimento dos astros? Precisam significar algo mais? Eu acreditava que não, até estar lá, em pleno solstício, e não conseguir enxergar nenhum raio de sol nas pedras. André Prous, que primeiro me orientou no meu engatinhar acadêmico, disse, certa vez, que traduzir círculos de pedras sempre como referência da cultura astronômica de um povo é uma forma simplista de olhar para essas estruturas. Os conhecimentos dos povos tradicionais em relação ao movimento dos astros, dizia ele, vão muito além de observar o movimento do sol através de estruturas de pedra. Há indícios de que eles tinham noção das estrelas, pelas épocas de chuva ou estiagem e muitas vezes independiam de instrumentos ou observatórios astronômicos para se localizar. Se esses suportes monumentais fossem realmente necessários, como a arqueoastronomia apregoa, o que explicaria seu desaparecimento nas sociedades indígenas atuais? André costumava fazer essa pergunta e eu nunca consegui uma resposta satisfatória.

É limitador acreditar que os povos indígenas de hoje não conseguiriam observar os astros por não terem estruturas monumentais edificadas, assim como é limitador acreditar que os povos indígenas do passado só conseguiam fazê-lo pela construção de grandes locais de pedras. Retomar esses primeiros passos, dentro de uma perspectiva arqueoastrônômica, lembrou-me também de uma conversa com Cássio, um astrônomo que, nos idos de 2014, trabalhou no IEPA. Pelo interesse comum no tema, tivemos uma curta conversa na qual ele me contou sobre sua estadia com o povo Palikur³². Encontrei, em meu diário de campo, uma frase dele que resumia bem as primeiras orientações de

Prous: “o observatório dos Palikur são os olhos, não há nada entre eles e as estrelas. Acho que seus antepassados também não precisavam de observatórios astronômicos, assim como eles não precisam. Por isso eu não acredito que os megalitos sejam, simplesmente, um lugar de observação dos astros. É, com certeza, algo muito maior”.

À luz das ideias de Felipe Boado, a fala de Cássio é um convite para perscrutar a monumentalidade silenciosa do AP-CA-18, cujo mistério, para mim, tem o granito como personagem principal. A grande maioria dos mortos da etnia que viveu ali eram enterrados, muito provavelmente, em lugares independentes da estrutura, pelo que entendi da conversa com Anne. As pedras poderiam ser uma interferência intencional no ambiente cotidiano, algo que o povo indígena antigo sabia ser transformador, marcado, relevante. Eles sabiam que através das estruturas seriam notados. Isso era intenção. Como era a intenção colocar granito nas cerâmicas que também estariam ali. Por quê? Talvez fosse minha pergunta, caso eu pudesse voltar no tempo e encontrá-los.

Arqueólogos que bebem nas correntes mais modernas do pensamento teórico, enxergam no processo de edificação de monumentos megalíticos uma necessidade de marcar e de visitar, com constância, lugares delimitados pelos ancestrais. Esses locais de revisitação, de sociabilidade, podem ser interpretados como marcadores de continuidade, gatilhos para acionar a memória atemporal de uma comunidade do presente e suas relações antigas com o espaço e com o tempo. Podemos falar de uma tradicionalidade ancorada em uma ancestralidade, representada no nível material mais permanente, um ponto de observação erguido para a vida que virá depois... Por meio da monumentalização, socialmente justificando o amanhã que mais uma vez se ergue, em círculo, religando-se ao ontem, fechando assim uma ideia de sincronicidade eterna, ausência de fim ou de começo. Parece bonito. Mas é abstração.



Olhando para o longínquo, ao colocar minha mão reta sobre os olhos, sou capaz de enxergar, no horizonte criativo da arqueologia, técnicas para “sentir” o passado e não apenas elucubrações meditativas. Vejo maneiras de interagir com os espaços arqueológicos que, uma vez desenvolvidas, poderão nos levar a compreender o ontem de

forma muito mais ampla do que a simples praticidade do caminhar da humanidade a partir da sobrevivência. Como, ao longo de poucas décadas, ampliamos em centenas de vezes nossa visão macro e micro - da criação do *Google Earth* ao desenvolvimento dos mais avançados microscópios petrográficos - acredito que teremos, brevemente, ferramentas tecno-sensoriais para captar os sons do passado de um ambiente arqueológico³³, para experimentar a existência humana a partir da sensação física de climas reconstruídos por simulação computacional e, quem sabe, poderemos vestir realidades virtuais que nos permitirão compreender como diferentes corpos interagem com os diversos espaços... Quem sabe poderemos nos sentir como gigantescas Castanheiras amazônicas ao vento, recebendo no mais alto de seus galhos os dez quilos de um Uiraçu-Rei, que parou para observar a floresta do topo.

Ecoss dessas ideias, que parecem saídas de um *Sci-Fi* indígena cosmopolita, já estão sendo captados pelos ouvidos científicos do mundo arqueológico. Um par desses ouvidos responde pelo nome de Catherine Frieman. Responsável por questionamentos, no mínimo, incômodos às vertentes mais tradicionais da arqueologia. Fiquei curiosa para entender a relação do pensamento dessa jovem estudiosa com sua prática da disciplina. Australiana, com pouco mais de trinta anos, Catherine prontamente aceitou conversar um pouco sobre suas percepções quanto aos rumos da arqueologia. Usando o *wi-fi* e um serviço gratuito de comunicação por vídeo, depois de uma troca gentil de cumprimentos, pedi a ela que falasse um pouco de sua vertente teórica³⁴:

– Catherine, por que você acha que estamos tão presos à ideia de enxergar o passado?

– Sabe “Marinaaaa”, eu me pergunto isso num texto que escrevi há mais de dez anos! Inacreditável, não parece? As coisas mudaram bem mais lentamente do que minha juventude otimista previa naquela época...Realmente achava que, em 2020, já estaríamos conseguindo sentir o cheiro do passado nas pesquisas arqueológicas...

– É estranho perceber que tudo que sentimos é o cheiro do medo em relação a uma pandemia... – Falei, um pouco pessimista. Era setembro e a situação mundial ainda não dava sinais de melhora.

– É verdade! Mas vamos falar de arqueologia, essa pandemia com certeza não é um assunto que nos deixará mais leves, principalmente você, morando no Brasil deste momento! – Ela respondeu, tentando retomar um assunto mais empolgante – Eu

realmente pensava que muita coisa mudaria radicalmente em uma década e, confesso, um pouco do meu otimismo se mantêm. De certa forma, realmente muito mudou!

– Catherine, eu ainda faço parte da parcela da população que separa o momento de entrar no laboratório dos momentos nos quais - e realmente acredito no que vou dizer, as realidades podem ser atravessadas! Digo, acho a ciência um lugar quase impossível para falar de sensações, mesmo em 2020! Então me conta, o que mudou? – Ela deu uma risada animada e continuou:

– Vamos lá! Desde sempre eu tenho dito que não quero tirar o mérito da visão ou de todo conhecimento que construímos através dela. Ok, existe a visão. Mas e os demais sentidos? Veja bem, eu não sei você, mas amo cozinhar! E sempre acreditei que eu podia ser uma grande chef de cozinha, afinal qualquer um pode cozinhar, o que não significa que qualquer um deva fazê-lo, não era mais ou menos isso que dizia o ratinho do *Ratatouille*? Bom, eu tinha vontade, eu entendia as receitas, eu comprava os ingredientes, mas as coisas sempre saíam um pouco imperfeitas, para não falar erradas. Comecei a tentar entender e percebi que eu estava presa no modo de fazer! Eu fazia tudo exatamente como estava descrito, eu media, eu pesava, eu tomava a temperatura do forno com termômetros precisos e, mesmo assim, nada saía do meu fogão tão magistral como as fotos mostravam. Então, um dia, tomei uma resolução insolente para alguns: decidi que iria me desatrelar daquelas experiências de outras pessoas e assumir o controle da minha cozinha! Deixei de lado as receitas famosas, os chefes renomados, seus modos metódicos de fazer e comecei a prestar atenção na temperatura da casa, conforme o dia nascia ou morria, se havia ou não correntes de ar passando pela cozinha, se o forno estava quente demais ou ainda calorosamente frio para o delicado suflê. De certa forma, veja bem, eu usava a intuição. Comecei a perceber, nas idas à feira, a tenacidade dos alimentos, seus cheiros secos ou úmidos, seus formatos e aí entender se deveria ou não armazená-los na geladeira e por quanto tempo ficariam bem ali. E foi assim que comecei a prestar mais atenção nos sabores e perfumes que saíam das panelas, aprendi a escutar o ponto de ebulição da água, a ter o ouvido atento para o craquelar da massa folhada pronta no forno. Não demorou muito para que eu entendesse que só fiquei satisfeita com o resultado do meu esforço, quando aprendi a cozinhar com o corpo todo, usando todos os sentidos!

– Uau! – Eu estava realmente empolgada porque entendia perfeitamente aquela analogia – Falando assim, parece uma coisa simples, quase mágica. Pensando aqui, é bem o que minha mãe faz quando tira do forno um almoço maravilhoso, enquanto hora

nenhuma deixou de prestar atenção em nossa conversa ao pé da mesa! Eu nunca tinha percebido o quanto ela está completamente inserida no que faz mesmo tendo a visão fixada em mim!

– Exatamente, você entendeu! Metaforicamente claro, é exatamente essa a forma que penso poder aplicar os saberes do corpo à arqueologia que faço.

– Mas, então, me diga: como você reproduz no campo o que faz na cozinha?

– Pense bem! Se você escavar e analisar materiais arqueológicos apenas atenta ao que seus olhos estão vendo, uma enorme riqueza de detalhes pode ser perdida! Ao simplesmente olhar, você se esquece de que tudo aquilo visto deriva de um processo anterior em que corpos humanos do passado estiveram inseridos. Como aquele local, que hoje chamamos de sítio arqueológico, afetou a pessoa que, vamos colocar assim, deixou ali seu machado de pedra, como ela sentiu o frio que de repente soprou ou como, ao sentir o cheiro de um animal perigoso, ela se preocupou simplesmente em buscar um esconderijo, deixando imediatamente de pensar em sua machadinha que naquela circunstância tornou-se apenas um peso literal...

– É, faz sentido... – Eu seguia seu raciocínio.

– Pois bem – ela retomou animada – continue comigo! Sabemos que algo disso vem sendo tratado na arqueologia da paisagem e fico realmente feliz por saber que essas percepções começam a ser levantadas por colegas mundo a fora. A humanidade tem desenvolvido câmeras fotográficas em altíssima resolução, tecnologias capazes de filmar a partir de distâncias quase estratosféricas, mas se você voltar no passado, e não digo num passado longínquo, há apenas trezentos anos, talvez pouco mais, você seria queimada como bruxa se mostrasse a alguém a riqueza de detalhes que podemos abarcar com as poderosas 6 polegadas de nossos smartphones!

Senti um frio na espinha ao pensar em como “boa vontade e empolgação” na época errada podem destruir uma carreira. Catherine continuou:

– Claro que, primeiro, precisamos entender, além dos nossos aparelhos sensitivos, como se dá a construção do que percebemos pelos outros sentidos que não a visão. Os sons, os cheiros, os gostos, assim como as imagens, podem criar alguma espécie de pegada no presente para serem, de alguma forma, percebidas no futuro?

– E alguém já te respondeu essa pergunta, Catherine? – questionei, ansiosa por uma resposta positiva. Ela riu alto do outro lado e respondeu que infelizmente não, mas tinha fé em um retorno breve. Depois continuou falando:

– Nossos sentidos são moldados, principalmente, pela cultura na qual somos criados. O fato é que temos, em tese, o mesmo aparelho biológico que sente e classifica odores, mas ele foi adaptado de acordo com nossa realidade e inserção geográfica. E nesse sentido a visão é mais ou menos universal, não vou entrar aqui nos pormenores. Mas todas as pessoas, independentemente de onde nasceram e cresceram, podem dizer que estão vendo o seu objeto de estudo – o Stonehenge da Amazônia, não é isso?

– Isso – respondi.

– Pois bem, todos que tenham o aparelho visual em perfeitas condições irão ver o que você vê. Mas com certeza você irá encontrar alguém capaz de sentir diferenças no cheiro da água ao pisarem no local pela primeira vez e essa será a informação associativa imediata que elas terão do lugar!

– Engraçado... Agora que você disse isso veio na minha cabeça o cheiro do mato aquecido pelo sol. A primeira vez que pisei no sítio estava muito quente e isso ficou gravado na minha memória, ainda que eu não consiga reproduzi-lo...

– Isso mesmo! Você se lembra do que viu, provavelmente tem fotografias que reforçam sua memória daquele dia, mas não tem outros estímulos ou ferramentas para reconstruir o cheiro que sentiu!

Estava impactada pelas explicações de Catherine. Ela, entendendo meu silêncio como assertiva, continuou o raciocínio:

– Não vou entrar em toda a discussão sobre como a visão foi hierarquizada e as críticas à racionalização e ao iluminismo, para colocá-la na posição de destaque que ocupa, pois, provavelmente, é uma coisa que você já sabe, isso tem sido muito discutido nos últimos anos, em parte, puxados pelas críticas de Ingold e não é esse o tema que quero ressaltar. Mas acho importante e reforço a necessidade de repensarmos o uso dos outros sentidos, a exemplos dos estudos etnográficos contemporâneos, que têm sido feitos com algumas sociedades e sua organização auditiva, mostrando formas de estudar a sensorialidade de sociedades do presente e, em consequência, uma necessidade, digamos, de desenvolvermos ferramentas para pesquisar essas manifestações no passado. Ufa, falei um bocado. Bom, mas é isso. E parece que, de forma bem incipiente, é um pouco do que você busca fazer em sua dissertação, segundo me explicou. Sua forma de perceber o passado através da imaginação e da escrita é um meio legítimo de suscitar o mais incrível, mas infelizmente esquecido, direcionador da ciência: o “por que não?”.

– Vou ter que rir ao ouvir você Catherine, porque eu estou justamente me sentindo a menos cientista das estudantes – não pude deixar de comentar.

– Para mim, isso não é, assim, um mau sinal – Foi a resposta simpática dela.

– Catherine, não vou mais tomar seu tempo, então queria que você me falasse sobre uma última coisa: pensando em tudo que você tem discutido, como acredita que podemos sentir o passado de uma forma que não seja imaginada, que traga dados substanciais para nossas discussões arqueológicas?

– Não me surpreende que essa seja sua pergunta final, pois todos nós, no laboratório, buscamos a materialidade dos dados, no fim das contas. Mas, se eu pudesse apostar em um caminho, diria que a chave está em alterar a forma como lidamos com nossos sentidos no agora. A arqueologia, mais do que outras ciências humanas, tem avançado nessa forma de pensar os espaços e a relação do corpo com eles. O que um sentido capta, como diria Geurts, é assunto do corpo todo. Precisamos voltar o olhar para o holístico, deixando de enxergar o espaço apenas e pensando em como toda nossa percepção é acionada para entendimento dos contextos. E claro, os corpos são diferentes! Em tamanho, em funcionamento, quero dizer a base biológica está lá, mas o acionamento vai se dar conforme o ajuste de cada corpo a cada situação. Outra chave para isso: diversidade. Buscar várias descrições, ao invés de focar em uma apenas. Vemos cada vez mais que a arqueologia não pode, de forma nenhuma, ser construída por uma ou por poucas pessoas “autorizadas”. É definitivamente um trabalho coletivo.

– Concordo, concordo muito. E só posso agradecer pela conversa!

E antes que eu concluísse o agradecimento, ela me interrompeu como se tivesse esquecido algo muito importante:

– Marinaaa, uma última coisa! Não vá entender o que eu disse como um menosprezo à visão, hein?! Sabemos que todo um conjunto de fatores biológicos se desenvolveu, porque a própria forma de enxergar foi aprimorada pelos primatas! Temos mais receptores sensoriais em nossos olhos do que em qualquer outro órgão sensorial do corpo! Desvalorizar o que vemos ou a visão é tão grave quanto creditarmos apenas a esse sentido o encontro das respostas que buscamos!

Ressalva feita, Catherine concluiu:

– Do mesmo jeito, pensar que qualquer outro sentido isolado vai nos trazer respostas sobre o passado é um grande erro. Uma crítica ampla, que vá além da crítica pontual, apenas pelo que é visto ou não visto, é um bom ponto de partida. Se eu pudesse

colocar um lema no meu laboratório, ou nas minhas campanhas de escavação, seria: ao analisar como o espaço é enxergado, misture essa imagem ao percebido! E aí comece realmente a pensar a arqueologia daquele lugar.

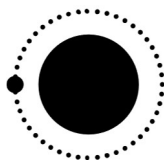
– Certo! Olha, eu sei que falei que era a última pergunta, mas a partir dessa sua última colocação, vou te pedir uma dica! Como colocamos o seu lema em prática?

– Não sei! Mas posso falar como eu faço. Fico sempre muito atenta ao momento em que estou em campo. Descrevo o que sinto, tento detalhar a menor pista de como meus sentidos foram despertados, em qualquer situação, e não apenas no horário oficial de trabalho, do acordar ao adormecer, por assim dizer, estou atenta. Tenho sempre um diário comigo no qual registro a mim mesma e o que acontece ao meu redor, falo do campo... Isso me permite trazer muita coisa que é ignorada do ponto de vista científico, mas é extremamente importante para meus *insights* técnicos. Eu acredito que tratar a forma como percebemos o sítio, isolando aquilo que capta cada um dos sentidos e considerando apenas o que enxergamos como aceitável é, no mínimo, limitador, para não dizer incorreto.

– Vamos ver se entendi: no meu caso, ao invés de considerar apenas meus dados e imagens do drone e máquinas fotográficas, eu deveria prestar atenção no que aconteceu desde que meus pés pisaram na elevação das pedras, descrever como meu corpo foi reagindo até finalmente chegar ao que tenho em mãos. Juntar tudo isso no mixer da minha cabeça, colocar para assar no forno de teorias contemporâneas e, algum tempo depois, desenformar esse possível passado do AP-CA-18 em uma dissertação de mestrado?

– Hahahhahahahah – outra vez, sua risada espontânea – para seu caso específico, essa parece ser uma receita excelente!

E após encerrar esse encontro virtual, aprendi como há mais coisas entre arqueologia e a arte de fritar um ovo do que eu jamais iria imaginar.



Notas do Capítulo 2

¹ Jorge Alberto Quillfeldt é professor titular do Departamento de Biofísica da UFRGS, um dos fundadores do programa de Pós-Graduação em Neurociências da instituição. Realiza intensa atividade de popularização científica, produzindo e apresentando o podcast *Fronteiras da Ciência*, desde 2010. Vide referências <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4782281D1>>.

² O solstício de verão, ou Litha, na religião Wicca, marca o dia mais longo do ano. Ao contrário de outros nomes de Sabbats, Litha não recebe seu nome de nenhuma divindade pagã. É o antigo nome anglo-saxão para o mês em que o solstício de verão ocorre – Junho, no hemisfério norte. Aparece no manuscrito *De Temporum Ratione*, atribuído ao Venerável Beda, um monge inglês do século VII. Originalmente, sua grafia é Liða, e a palavra significa, literalmente, suave ou navegável. Trata-se de uma referência aos ventos nesta época do ano. Vide referências em: <https://www.penumbralivros.com.br/2016/12/roda-ano-litha/>

³ De forma simplificada, a descrição aqui do “rito de Litha” corresponde a uma forma de celebração pagã moderna. Os quatro elementos são fisicamente representados e segue-se uma visualização, em estado de Alfa para alterar a percepção do magista e transportar a mente para um estado de vigília alterada onde pode-se acessar a realidade de outros mundos e realizar magia. Uma descrição mais detalhada do que envolve o universo da bruxaria e da celebração de Litha pode ser consultada na obra *A Dança Cósmica das Feiticeiras* (STARHAWK, 1989).

⁴ Segundo Cabral & Saldanha, o pesquisador francês Stephan Rostain (1994) apontou que a cerâmica Aristé, encontrada na região do Amapá e também na parte sul da Guiana Francesa possui uma cronologia que vai do século IV ao século XV d.C (CABRAL; SALDANHA, 2008).

⁵ Os cadernos de campo apontam laterita e esteatita, além do granito, no mesmo contexto do sítio megalítico. A laterita é um tipo de rocha que forma-se em solos muito alterados, com grande concentração de ferro enquanto a esteatita comumente conhecida como pedra-sabão é uma rocha de baixa dureza mas resistente a altas temperaturas e de facilmente esculpida.

⁶ Esse é um trabalho não publicado, constando dos registros do Nuparq em relação ao sítio AP-CA-18.

⁷ Lei Federal nº 3924, de julho de 1961 é uma normatização em relação aos monumentos arqueológicos do Brasil. Segundo o artigo 5º dessa lei, qualquer ato que importe na destruição ou mutilação dos vestígios arqueológicos pode ser punido segundo leis penais, salvaguardado interesses científicos.

⁸ Muitos são os estudos que relacionam os sítios megalíticos com alguma atividade relacionada ao uso de sons. Alguns deles: *Songs of the Stone: An Investigation into the Acoustic Culture of Stonehenge e Experiencing the past? The development of a phenomenological archaeology in British prehistory*, (TILL, 2010) e (BRÜCK, 2005).

⁹ Para além dos estudos sobre os lugares megalíticos e os sons, o violonista Rodrigo Praxedes traz a informação de “uma área desenvolvida na teoria musical trata dos estudos entre tonalidade e sentimentos na composição musical, remontando à percepção de compositores clássicos a exemplo de Bethoven, que costumava associar alguns tons sonoros com certos sentimentos como paixão, intempestividade. Dentro da teoria musical, fala-se de textura e tessitura, características sonoras pelas quais os profissionais recorrem a determinados tipos de expressão como sons doces. É algo subjetivo, questionado por certos pesquisadores mas validados por outros”. Para ilustração vide o trabalho de Danilo Ramos (2008) e Filippo Baraldi (2016).

¹⁰ Esse trabalho está disponível para conferência como Anexo I, documentação encaminhada ao Iphan para solicitação da movimentação de peças arqueológicas.

¹¹ Você não achou mesmo que eu passaria essa dissertação inteira sem tocar na mais clichês de todas as séries de tv já produzidas sobre megalitismo e viagens no tempo, não é?

¹² Asato Ma, aqui usado para ilustrar a ficção da narrativa, é uma invocação de antigos textos hindus que quer dizer “da morte, conduza-me à imortalidade”. Falta-me conhecimento etnológico brasileiro para uma

referência talvez aproximada (ainda que imaginada) do que poderia ter sido dito em um momento como o da história, mas está nos meus planos um estudo mais aprofundado para, quem sabe, enriquecer ainda mais essa história em um futuro. Para ouvir o mantra: <https://www.youtube.com/watch?v=4XNUjnGqldw> e a título de curiosidade: <https://www.yoga.pro.br/o-yoga-e-a-morte/>

¹³ Essa narrativa é baseada em alguns estudos arqueológicos e etnoarqueológicos sobre práticas de enterramentos e arqueologia funerária na Amazônia: Py-Daniel, 2015; Py-Daniel, 2016; Py-Daniel, 2016; Testart, 2008; Ribeiro, 2007; .

¹⁴ De acordo com estudos do paleoantropólogo espanhol Juan Luis Arsuaga, conforme noticiado pelo jornal El País <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/05/ciencia/1522948095_388069.html>

¹⁵ O diálogo com a antropologia para pensar as questões da arqueologia funerária é baseado nos artigos e ideias de McCallum, 1996; Viveiros de Castro, 1986; Viveiros de Castro, 1982; Barcelos Neto, 2007.

¹⁶ Ao contrário dos encontros com outros pesquisadores até aqui, a conversa com Anne não ocorreu apenas no mundo das ideias. Gentilmente, ela me respondeu a algumas perguntas que fiz embasadas em seus artigos e no meu conhecimento prévio de arqueologia funerária. Nossa conversa ocorreu por whatsapp no dia 25 de maio de 2020.

¹⁷ Os artigos referentes a escrita criativa são Carvalho, 2015; Camargo & Santos, 2010; Pereira, 2013. Outras referências são o artigo de Márcia Moraes e Alexandra Tsallis, da psicologia <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2016000100004>. Quanto a abordagens na geografia, existem trabalhos tratando de análise da paisagem a partir de uma poética da escrita a exemplo das pesquisas de Fernanda Rennó < <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/JSSS-8DMH7M> >.

¹⁸ Além de toda a contribuição oral, o artigo *O Jardim Secreto* (PELLINI, 2014) muito me ajudou na construção dessa forma de narrativa para a arqueologia.

¹⁹ Esse trabalho tornou-se tema de uma pesquisa de mestrado de uma aluna, coorientada por Anne na Universidade Federal de Sergipe. Infelizmente, não obtive retorno de Anne por mais dados para referenciar devidamente a aluna, cujo primeiro nome é *Karen*.

²⁰ Um outro exemplo dessa forma de entender o processo de adoecimento, segundo conversa com Mariana Cabral, são os Wajãpi, que usam a mesma palavra para morrer e desmaiar.

²¹ Para mais informações, vide a publicação *Sítio Hatahara: estruturas funerárias, residenciais ou ambas?* (KAZUO TAMANAHA; RAPP PY-DANIEL, 2009)

²² É importante deixar claro que essas transcrições não são literais, ainda que todos os nomes e dados dos entrevistados estejam transcritos exatamente como foi anotado nos cadernos de campo pelos pesquisadores do Nuparq. Para dar fluência ao texto, optei por inserir alguns conectores, mas nada que mude, essencialmente, a fala dos moradores de Calçoene.

²³ Uma brincadeira com a ideia de “trazer as pessoas de volta à vida” a partir da escrita de Tim Ingold (INGOLD, 2012).

²⁴ Cada um dos participantes desse “diálogo” me enviou suas respostas por um meio de comunicação e, a partir dos retornos, estruturei essa mesa redonda. Mayara, uma das arqueólogas que esteve mais próxima de mim durante o campo e com quem muito me identifiquei, infelizmente não pode retornar as perguntas e fica aqui, como importante contribuição desse trabalho.

²⁵ Seria? =]

²⁶ Precisei procurar alguns vídeos para entender melhor, apesar da explicação de Robeli: repiquete é uma espécie de ‘efeito sanfona’ dos rios e igarapés da região no período chuvoso: as águas sobem e descem rapidamente, tornando as águas, de certa forma, imprevisível. Acho que, se eu posso tentar interpretar o

que Robeli sente, é um certo deslumbramento frente a força da natureza que as chuvas amazônicas proporcionam.

²⁷ Um esbath, para os pagãos atuais, é o ritual feito no plenilúnio, a celebração da lua cheia, a face Mãe da Deusa na maioria das tradições de bruxaria moderna.

²⁸ Ou Terapia Cognitiva Comportamental é um modelo de psicoterapia fundado por Aaron Beck, psiquiatra americano, na década de 60. Essa abordagem considera que desenvolvemos, desde o nascimento, um sistema particular de percepção do ambiente que nos cerca, processamos internamente os eventos do cotidiano e organizamos nossas respostas ao mundo em esquemas ou estruturas mentais de resposta às experiências. A proposta, portanto, é identificar o padrão de reação de cada indivíduo ajudando-o analisar e modificar comportamentos automáticos que geram frustração e comportamentos disfuncionais, para atitudes mais adequadas e otimistas perante a vida em sociedade.

²⁹ Além das orientações nas minhas sessões de TCC, o artigo *Fantasias Freudianas* me ajudou a compreender, melhor, a que tipo de experiência eu estava sendo submetida no consultório. (LOURENÇO; PADOVANI, 2013).

³⁰ Essa superficial discussão sobre o tema, impossibilitada de aprofundar-se pela amplitude da questão dentro da arqueologia, é pensada tendo como referência o texto *Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje* (CRIADO BOADO, 1999).

³¹ Principalmente a partir das ideias contidas no artigo *Estruturas Rituais Pré-Coloniais na Costa do Amapá* (SALDANHA; CABRAL, 2016).

³² Segundo alguns autores (Rostain, 1994) de acordo com fontes etno-históricas o povo Palikur, etnia que hoje habita o Amapá e a Guiana Francesa, seria “herdeiros” dos povos construtores dos megalitos.

³³ Considerando um estudo recente, muito popular entre o público leigo, que recriou “a voz” de uma múmia a partir da impressão 3D de seu aparelho fonador <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51233905>> parece que esse futuro não está mesmo assim tão longe.

³⁴ Gostaria muito que não, mas esse foi um dos encontros fictícios da dissertação. A “conversa” com Catherine é baseada em seu artigo em conjunto com Mark Gillings *Seeing is Perceiving* (FRIEMAN; GILLINGS, 2007).

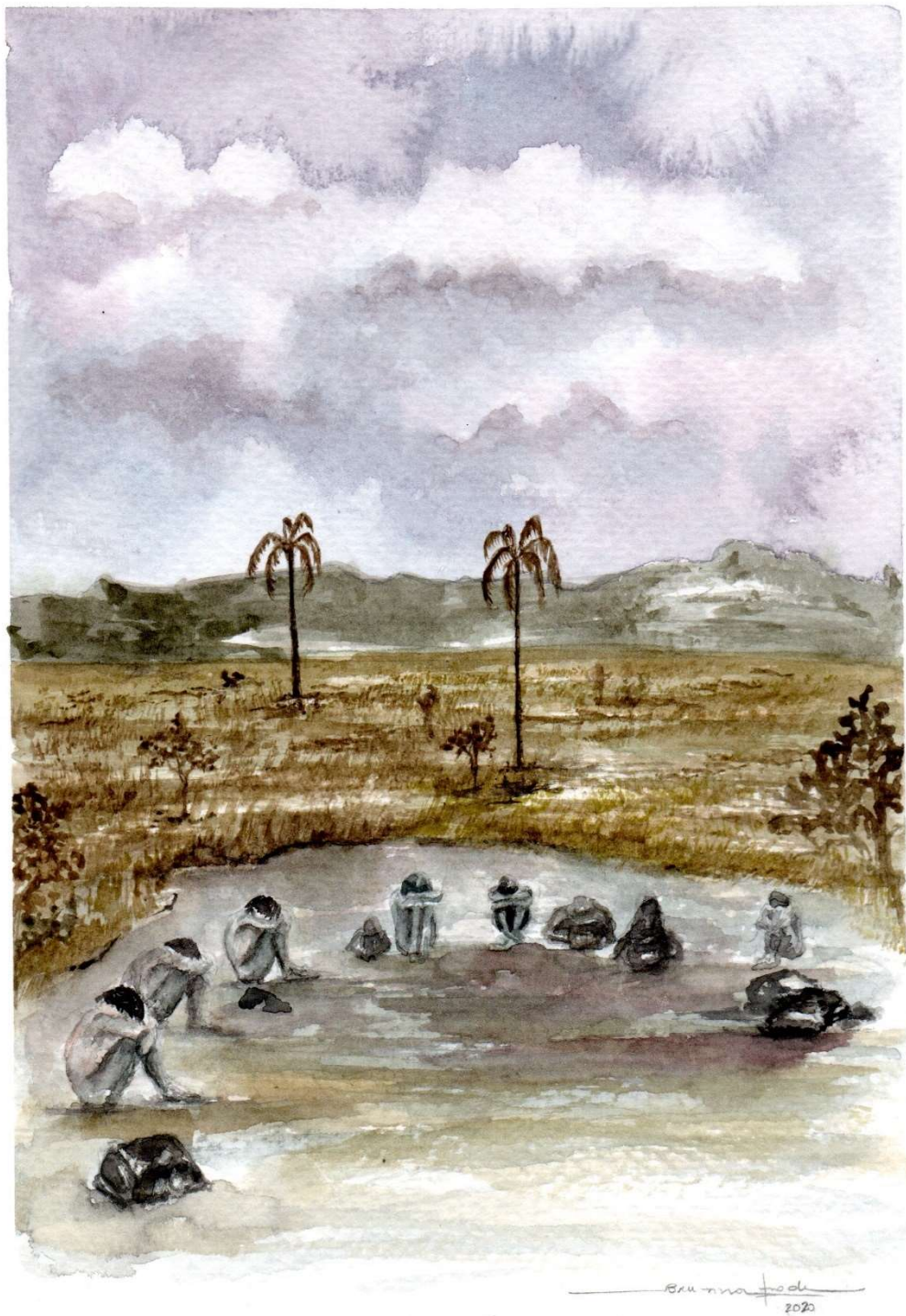


Ilustração do mito "Os Transformados", Friel, 1961. Autora: Brunna Frade, 2020

— *A própria vida é apenas uma visão, um sonho.*

Foi eletrizante. (...) Eu tivera esse mesmo pensamento mil vezes nas minhas divagações!

— *Nada existe. Tudo é um sonho. Deus, o humano, o mundo, o Sol e a Lua, a imensidão das Estrelas, um sonho, tudo um sonho. (...) Nada existe a não ser o espaço vazio... E você!*

— *Eu?*

— *E você não é você. Não tem corpo, nem sangue, nem ossos, você é apenas um pensamento.*

(...) Num momento você terá percebido isso e então me banirá das suas visões e eu me dissolverei no nada do qual você me fez... Já estou indo, estou me dissolvendo, estou desaparecendo. Dentro em breve você estará sozinho no espaço sem limites, para peregrinar eternamente em suas solidões ilimitadas, sem amigo ou companheiro, pois você permanecerá um pensamento, o único pensamento que existe, e, por sua própria natureza, inextinguível, indestrutível. (...) Sonhe outros sonhos, e melhores!... Estranho, estranho que você não tenha suspeitado disso há anos, há séculos, milênios, eras, pois você tem existido, sem companhia, por todas as eternidades. Estranho, na verdade, que você nunca tenha suspeitado que este Universo e seu conteúdo fossem apenas sonhos, visões, ficção! Estranho, porque eles são tão franca e histericamente insanos, como todos os sonhos: um Deus (...) criou o humano sem lhe ser pedido, e depois tenta transferir a responsabilidade dos atos humanos ao ser humano, em vez de honradamente colocá-la no lugar que lhe cabe: em Si mesmo. E finalmente, com absoluta obtusidade divina, convida esse pobre e abusado escravo a adorá-lo!... Você percebe, agora, que todas essas coisas somente são possíveis num sonho. Você percebe que elas são puras insanidades pueris, as tolas criações de uma imaginação que não está consciente de suas monstruosidades. Numa palavra, percebe que elas são um sonho e você é o criador desse sonho. Os sinais do sonho estão todos presentes, você deveria tê-los reconhecido mais cedo... É verdade, o que eu lhe revelei. Não há nenhum Deus, nenhum Universo, nenhuma raça humana, nenhuma vida terrena, nenhum Paraíso, nenhum Inferno. É tudo um sonho, um sonho grotesco e tolo. Nada existe a não ser você. E você nada mais é que um pensamento. Um pensamento andarilho, (...) um pensamento sem lar, peregrinando desesperado pelas vazias eternidades!"

Ele desapareceu e me deixou amedrontado. Porque eu sabia, eu percebia, que tudo o que ele tinha dito era verdade.

Mark Twain – O Estranho misterioso

Capítulo 3 – Além dos mitos que podemos ler



Um embrulho misterioso.

Junho de 2020. Vivemos (e dependendo de como o futuro for sendo descortinado, especialmente no Brasil, ainda viveremos por algum tempo) os altos e baixos da pandemia e da quarentena. Fiquei feliz por poder trabalhar em casa, enfureci-me com os disparates do presidente, assisti atônita ao aumento do número de mortos dia a dia, senti a doença se aproximar do meu círculo de conhecidos, tive picos de produtividade e experimentei o fundo do poço da ruminação mental a respeito do dito novo normal. Meditei, fiz exercício, maratonei seriados, comi e bebi demais. Tudo pelo que passamos serviu também para travar minha escrita, de novo e outra vez. Eu não fazia ideia de como, “presa em casa”, poderia finalizar o que faltava das análises de laboratório.

Fato é que, quase dez meses depois da necessidade de ficarmos em casa, o vírus era ainda uma realidade constante para os brasileiros. A Universidade havia retornado, virtualmente, da melhor forma que deu para abarcar todo aquele fluxo borbulhante de gentes e saberes. O meu prazo, de novo e outra vez prorrogado, agora graças à COVID-19, de novo e outra vez, chegava ao fim, e eu sentia que era mesmo o final. Foi assim que, em uma escura noite de lua nova, sentei em frente ao computador e abri a versão 8 da dissertação, roendo as unhas de nervosismo para conseguir encaixar a parte final da pesquisa sem que o todo ficasse completamente destoado.

Lembro que, naquela noite sem lua, o quintal que eu via da janela estava estranhamente quieto demais. Tentei observar se a luz do poste havia queimado quando senti uma corrente fria adentrando a janela, um excêntrico prenúncio de inverno que, estranhamente, ainda estava longe demais. O silêncio reinante só era perturbado por algum vizinho que escolhera justamente aquela noite para ensaiar uma sinistra percussão. Por fim, aquietei a mente o máximo que consegui, concentrada no cursor piscando ao final do *Capítulo 2*. O computador exigia, das pontas dos meus dedos, algo que minha mente ainda não tinha ideia de que como iria formatar.

Minto. Na verdade, eu sabia que era hora de lidar com os tais dados duros da pesquisa, mas como fazer isso sem tornar a narrativa tediosa ou deslocada, estava a ponto de me enlouquecer. Respirei fundo, ajeitei-me na cadeira e levei a mão à prateleira, debaixo da escrivaninha, buscando um livro. Acabei por derrubar um incenso ao acaso, que calhou ser de mirra. À minha frente, o incensório, uma pequena vaca indiana de cobre, parecia me olhar com expectativa, entendi aquilo como um pedido e acendi a vareta aromática. Passei a me distrair com a fumaça branca dançante, fazendo círculos enigmáticos em minha direção... Foi quando uma batida forte no portão me despertou, em sobressalto.

– Um minuto! – Gritei, tentando não parecer tão assustada, enquanto passava um lenço ao redor do pescoço, ao mesmo tempo em que rumava para a porta da sala. O cachorro imediatamente correu na minha frente, farejando freneticamente enquanto eu abria o portão:

– Pois não? – Sem enxergar direito, os óculos haviam ficado esquecidos sobre a escrivaninha, divisei na escuridão da rua um homem exageradamente alto, absurdamente corpulento que, com toda certeza, não deveria ser tão assustador como parecia naquele momento. Mas a noite profunda, a visita inesperada e a miopia em ambos os olhos instigavam a minha já muito fértil imaginação. Ele respondeu com uma voz rouca, saída das profundezas de algum lugar muito escuro:

– Marina é você?

– So - sou. – Gaguejei, começando a sentir uma leve dormência nas pernas.

– Entrega. – Ele disse, enquanto bruscamente empurrou um pacote em minhas mãos.

– Mas eu... Mas eu não pedi nada – Rebatí, mais intrigada do que amedrontada, sem saber se estava com medo dele ou do que ele queria me dar. Um pouco impaciente, ele respirou fundo e seu tom de voz ficou estridente:

– Aqui é o número 1919, certo? – E apontou para o muro. – Olhe aqui, o endereço é exatamente este, está vendo? E seu nome, olha só, está escrito ao lado. Se você é Marina Costa e o endereço é este – ele disse, apontando para mim e para a casa ao mesmo tempo – então, o pacote só pode ser para você!!

Seu agudo falsete imediatamente voltou para a rouquidão profunda de antes:

– Assina aqui, por favor! – O imperativo pedido era praticamente sinônimo de “assunto encerrado”.

Contra todos aqueles fatos, aquela figura apavorante, a noite escura, a rua vazia e a impaciência de alguma forma justificável, eu não tinha nenhum argumento sequer. Fingi conferir novamente o destinatário, para aparentar uma coragem completamente inexistente,

peguei a caneta que aquele homem me apontava e rabisquei um M qualquer no local onde estava escrito “recebido”.

– Desculpe! – Ao devolver o recibo, tentei aliviar um pouco a tensão do momento. – É que eu realmente não estou esperando nada. Pode me dizer quem mandou? – Perguntei com cautela, tentando dar um tom de simpatia à minha desconfiança.

– Olha, moça, ligaram para contratar meu serviço, eu busquei isso no Bairro de Lourdes. Aí tem o remetente, você pode conferir tudo. Boa noite.

– Ok. – Respondi, amuada. Ao menos eu sabia que o Bairro de Lourdes existia o que tornava aquela figura um pouco mais realista.

Era sábado, passava das dez horas da noite. Observando melhor, eu podia ler o cansaço nos olhos muito escuros do entregador e, qualquer que fosse a surpresa que me aguardava, com toda a certeza ele não tinha nada a ver com ela, estava apenas fazendo seu trabalho. O mínimo que eu podia fazer era parar de atrapalhar.

– Obrigada. E desculpe a confusão.

Ele não respondeu, mas conseguiu articular um sorriso abatido. Colocou o capacete e ligou uma moto barulhenta e tão grande quanto seu corpanzil. Observei enquanto ele virava a esquina e, quase posso jurar, vi chamas saírem da roda de trás!! Apertei meu peito para segurar o coração que tentava, de todo jeito, pular dali, olhei para os dois lados da rua e fechei o portão pesado com um estrondo. Subi as escadas de volta à casa, concluindo que já era mais que hora de parar a maratona de filmes de terror.

Na porta da cozinha, repeti automaticamente o rito sagrado das coisas externas que adentravam a nossa casa, após março de 2020. Lancei mão do borrifador com álcool 70%, que já ficava estrategicamente posicionado na bancada da entrada e aspergi abundantemente o líquido em todo o embrulho, frente, verso e laterais. Foi só então que me dei conta da imensa burrada que eu fazia e parei de apertar o borrifador antes da última esguichada. Dolorosamente, me lembrei que o álcool borrava tudo em que tocava e foi exatamente isso que me impediu de descobrir o nome e o endereço da pessoa que mandara aquele envio.



3.1 O fogo molda os ossos, a água guarda os corpos



Coleta de granito em afloramento. Autor: Pedro Viana, 2018

Adriene Tacla, falando sob a perspectiva da arqueologia funerária, afirma que o desconhecido, o âmbito do “sobrenatural” representado pela morte tem alimentado a imaginação humana em todas as sociedades e épocas. Ao ler seu artigo¹ penso sobre a colocação: “*enterramentos representam marcos na vida social, pontuam a memória pessoal e coletiva, impõem ruptura na ordem social e criam elos entre gerações presentes e pretéritas, fundando pontes entre o mundo dos mortos e dos vivos*”. Uma frase muito bem elaborada para exprimir a ideia de que é a morte, e não a vida, o que verdadeiramente nos impacta.

Fico pensando, ao ler a resenha de Adriene, o quanto nosso dia a dia está impregnado pelo cessar biológico da vida. Os ritos que marcam a morte, na forma de marcos sociais, os quais, agora, em tempos pandêmicos, muitos de nós lamentamos a impossibilidade de acontecerem, parecem apontar para uma questão inegável: a morte é um limiar do desconhecido. Uma passagem entre o mundo dos vivos – que acreditamos conhecer bem – e o mundo dos que se foram – que evitamos especular, principalmente na qualidade de cientistas. Penso que os mitos indígenas, da mesma forma que nossos mitos pagãos, católicos, espíritas, religiosos em geral, são todas expressões diversas de ensinamentos a respeito dessas realidades, perscrutadas por todas as culturas, mas evitada nos laboratórios. O discurso mítico, como diria o inevitável Lévi-Strauss², não trata a realidade como lenda, mas organiza a realidade a partir de experiências sensíveis: o presente como resultado de ações do passado, as relações de parentesco legitimadas pelos seres mitológicos que, conhecedores da realidade holística, estabelecem as ordens sociais de convívio e dão à humanidade, como forma de compensação, os modos de bem viver. Ou seja, o ensinamento de fundo poderia ser: uma vez que contra a

morte não há o que se fazer, aceite-a como parte natural do existir, desfrute das dimensões que podem abrigar a vida até que ela cesse.



“ – O que faz a alma de uma pessoa quando chega no céu?

– Vive. Elas vivem lá sempre em festa, fazendo *chidin*, *uman chani*, *nixpupima*, *bunavai*, *kachanava* [rituais]. Dizem que elas estão sempre se divertindo. Lá, diz-se que não têm mais dor de dente, não sofrem mais, não comem mais.

– Não comem?

– Dizem que elas estão sempre em festa, fazendo *sai sai iki* [ritual]. Todo mundo animado. É aqui que a gente trabalha no sol quente e come. Sofre muito. Mas onde elas estão não é assim. É tão bom lá, dizem que elas não sofrem mais.

– E lá elas namoram?

– Dizem que não; isso é aqui. Eu acho que lá elas não fazem mais extravagância. Não têm dor de cabeça, não têm nada, não têm mais história. Não morrem mais.”³



Comecei a acreditar que para entender os megalitos precisaria entender os mortos e, para entender os mortos, dependia absolutamente dos vivos. A próxima etapa era acionar alguns antropólogos brancos, referências, na minha própria língua, de saberes indígenas contemporâneos, para tentar sanar minhas dúvidas, que não eram poucas, sobre o que seriam os ensinamentos contidos nos mitos. Confesso que estabelecer contato com a mão por detrás das muitas penas já utilizadas era uma tarefa mais difícil do que parecia⁴. Mesmo eles falando no bom português, muitas vezes, eu não entendia. Encontrei Cecília que, aprendendo com o povo Kaxinawá, explicou-me a forma de eles verem a morte. Para os Kaxinawá morrer é um processo resultante da combinação de capacidades⁵ possíveis de agentes humanos e celestiais. Eu até tentei tirar mais do que isso do papel, mas dialogar com as palavras estáticas sobre o fundo branco das publicações, silencioso e inerte, como a morte, era algo difícil e perigoso! Eu queria movimento. Entender como alguns brancos podiam escrever com tanta naturalidade

sobre o morrer do outro, sabendo tão pouco do nosso próprio morrer. Queria perguntar se tinham medo ou curiosidade perante a própria morte, se estavam prontas para a “ceifadora”, a “indesejada”, aquela que é tão mal vista no lado “civilizado” da humanidade.

– Cecília, você sabe me explicar o que os Kaxinawá querem dizer com “celestial”?

Eu ensaiava perguntas, gesticulando para a parede branca à minha frente, enquanto imaginava escutar respostas na quietude do ar imóvel... Ler esses artigos iluminava algumas frestas, mas não dissipava a penumbra na qual eu me encontrava.

Pensei em Artionka. No final das contas, você nunca deixa de ter apreço por alguém com quem divide um pão de queijo. Lembro-me de ela falar⁶ sobre como as religiões ocidentais atraem os indígenas com a oferta de uma imortalidade após a morte, algo menos dolorido do que o conhecimento mítico Palikur apregoa: “longe das entidades do fundo da água e do fundo do mato, onde vivem os sobrenaturais perigosos”... Mas que perigo é esse que o povo Palikur teme? Qual o *modus operandi* dessas entidades? Eu me embolava ainda mais no novelo de questionamentos enquanto discava, ansiosa, o número que ela havia me passado, naquele distante domingo em que a COVID-19 não era uma ameaça sequer imaginada e ainda éramos livres para um café na praça. Com o sangue agitado de expectativa, ouvi uma conhecida voz metálica alertar, enfasiada: “esse número não existe”.

[]

Revirei as prateleiras empoeiradas da estante bagunçada que guardava todo tipo de referência que reuni durante as disciplinas, campos, leituras... Encontrei Lux Vidal falando da antiguidade do povo Palikur⁷ e um insight me soprou a ideia de perscrutar essa linha do tempo, talvez ali morasse a resposta, no acúmulo de saberes. Registros históricos na região do baixo Oiapoque, dizia Lux, falam desse povo indígena já no princípio do século XVI, reportando-os como habitantes da região há cerca de quatro séculos. Esse cenário antigo poderia trazer outros apontamentos dos mitos, mas o assunto não enveredou por essa senda.

Insisti no telefone para falar com Artionka e de novo tive que me contentar com: “esse número não existe”. Peguei seus artigos, por eles pude ouvi-la discorrer sobre certas nuances sobrenaturais que era capaz de perceber ao conversar com os Palikur, ao ouvir histórias sobre o *ihamwi*, os “pajés mergulhadores”, a única pessoa indígena habilitada a transitar entre o plano terrestre e o “mundo do fundo”, que fica diretamente abaixo da terra. Os *ihamwi*, segundo disse, conseguem transitar entre os mundos, pois são diferentes dos outros humanos: “[...] *enxergam*

*longe as coisas que vão acontecer, enxergam o futuro, enquanto nós somos **puvebdiye**, igual a farinha fina, tudo igual*". Quando ela falou, soube por Matheus Batista, um palikur, que a morte do *ihamwi* é diferente e o enterro dele é diferente, precisei de um copo de água para retomar a leitura. Podia sentir o cheiro do atalho, um encurtamento para a direção certa que eu procurava. Mateus a ajudou com relatos, dizendo que conheceu, até aquele momento em sua vida, três *ihamwi* e que a morte deles está relacionada a chuvas e trovoadas:

*“Hoje pode tá verão, então ele morreu agora, não demora vai chover e vem muita trovoadada de trovão forte que parece que vai furar a terra. Isso eu já vi. Agora o enterro dele, lá nos Palikur nós tamos acostumados a enterrar a pessoa com a cabeça na direção do leste na direção que nasce o sol, mas o *ihamwi* não, ele é enterrado com a cabeça na direção do oeste onde o sol desaparece”.*

Foi o que ele disse para Artionka em Macapá, lá pelo ano de 2001. Tudo isso fez eclodir na minha mente a conhecida percepção, uma sensação dúbia de tocar as cortinas de outro mundo, ainda com o receio característico do que pode estar por detrás delas. Insisti e disquei o número de Artionka mais uma vez... Nada! Enviei um e-mail para Lux Vidal, devolvido pela mão invisível da internet com uma estranha mensagem de caixa postal inexistente, caracteres indicando erro misturados a uma negativa em língua inglesa pouco compreensível ao meu internetês. De repente, tive um estalo: e se eu estivesse em um limbo? Toda a vida fora dos portões está paralisada e só eu vivo aqui, a procurar respostas⁸.... Imediatamente, liguei para minha mãe e, infinitos toques depois, ouvi seu “alô”, sempre disposto a me atender. Suspirei aliviada:

– Oi mãe! Tudo bem por aí?



Após o desastre com o assepsia do pacote, eu o coloquei ao lado do computador, dividida entre a curiosidade de abri-lo ou a sensatez de ignorá-lo completamente. Cheguei a arremessá-lo, com ímpeto, na lata de lixo, mas rapidamente fui tirá-lo de lá, com medo de que algum karma desconhecido pudesse se abater sobre mim. Por fim, decidi guardá-lo por mais uns dias. Quando fui depositar o pacote borrado na prateleira, Bono, o cão destruidor de presentes duvidosos, pulou, surrupiou o embrulho das minhas mãos e saiu em disparada para o quintal! Sem pensar duas vezes, corri atrás do animal atrevido, que olhava para trás e rosnava, carregando o embrulho entre os dentes enquanto desviava com maestria das minhas investidas

para pegar de volta o que, estranhamente, era meu. Por fim, consegui acuá-lo no canto do muro, a custo arranquei da sua bocarra o pacote, que agora estava também rasgado e babado. Ainda raivoso, o vira-lata atrevido rosou e latiu, como se fosse avançar em mim, uma reação inesperada para o sempre dócil cão da casa... Tão firme quanto pedia a raridade da situação, gritei o nome dele e com um tom firme e obriguei-o a sentar, olhando direto em seus olhos da forma mais intimidadora que consegui. Quando ele entendeu que não teria alternativa a não ser acatar a ordem de manter-se quieto – sabe-se lá por qual estranho instinto de respeito, uma vez que suas habilidades de caçar e destruir, com certeza, eram muito maiores do que a minha – ele começou a ganir e se contorcer e foi se refugiar em algum canto escondido do quintal. Entrei de volta em casa, com o coração aos pulos e joguei, com raiva, o tal pacote sobre o lugar mais alto que pude encontrar no escritório. Não vi mais o cachorro até a manhã seguinte, quando ele, ainda cabreiro, chegou perto de mim pedindo o carinho matinal.



De volta ao trabalho, comecei a folhear ao acaso um livro que ganhei quando visitei Macapá pela primeira vez. Fui com Marcony até o Instituto Iepé⁹, para sanar sua curiosidade antropológica de acessar todos os espaços de cultura indígena do Amapá em 5 dias. No final das contas, foi uma ótima ideia.

A obra apontava algumas referências à água como um tema central nas mitologias e cosmologias dos povos indígenas da região, conhecida como Baixo Oiapoque¹⁰. De descrições de viajantes do século XVI até histórias colhidas recentemente, a narrativa esclarece que, mesmo tendo sofrido com a escravidão, com doenças e com guerras (internas e externas), os sobreviventes das etnias Galibi, Karipuna, Palikur e Galibi-Marworno dentre outras nações habitantes atuais do vale do Uaçá, localizado no norte do estado do Amapá, têm nessa região os cenários de seus mitos: locais de savanas alagadas, ilhas e florestas tropicais, imponentes montanhas, como a mítica Cajari.

Por meio das informações reunidas no livro do Iepé, fica clara a ideia da importância das águas para o saber mítico, um espaço que envolve a existência de seres sobrenaturais, residentes nos mares e rios da região, além da perspectiva da chuva sendo presença constante, interpretada pelos indígenas como símbolo da renovação da vida¹¹.

Para os Palikur¹² o primeiro homem nasceu de dentro do mar. Em uma região onde metade do ano a chuva é uma presença constante, enquanto, na outra metade, sua ocorrência é rotineira e naturalmente aceita; dá para entender a importância central dessa temática no cotidiano dos povos do extremo norte amapaense. Ainda chama atenção, mas não surpreende, dado o contexto, as habilidades desenvolvidas por esses povos para conviver nesses ambientes aquáticos, não apenas no que tange à sobrevivência, mas também aos meios navegáveis de transporte, um saber muito respeitado por outros indígenas e pelos brancos que conhecem a região.

O mito Palikur sobre a origem do mundo, segundo contou o palikur Manoel Labonté para Artionka, narra a existência indígena misturando, segundo análise da antropóloga, dogmas e histórias cristãs. Possui elementos que chamam a atenção por serem recorrentes em outros mitos: o mundo vem da água assim como a água é sinal do findar da existência, coletiva ou individual. Terra e água se opõem como conceitos de materialidade e metafísica. Casas de pedras abrigam pessoas metamórficas, transformadas, seres perigosos, e a relação com o desconhecido é sempre de curiosa proximidade e de medo. Lux Vidal, falando sobre a cosmologia palikur, aponta outros elementos importantes, se voltarmos o foco para o contexto funerário e megalítico do sítio AP-CA-18: há um *“movimento cíclico, que se inicia com a morte (...) e termina com a morte (...). Chama a atenção o paralelismo existente entre os acontecimentos que se desenvolvem ‘neste planeta’ e no ‘mundo do fundo’”*. Outro ponto que cabe no contexto: Lux cita a materialização das aves como paradigma do invisível, dos habitantes dos campos alagados, das regiões costeiras e das margens dos rios. São os pássaros auxiliares dos pajés para a realização de viagens para outros mundos. Lembrei do Uiraçu, mas lembrei também que, na primeira vez em que comentei com Mariana sobre esse pássaro e sua relação com os mitos, ela puxou da memória, divertida, a lembrança de encontrarem, durante a escavação do sítio, cerâmicas zoomorfas em formatos de pássaros e incisões, na própria cerâmica, que lembravam o formato de aves... Não respondi nada, mas praticamente pude ouvir o pio do Uiraçu mais uma vez.



No dia seguinte, acordei sentindo uma energia renovada. Estava finalmente cheia de ideias para trabalhar o último capítulo da dissertação. Mas logo que pulei da cama senti um choque muscular e uma dor sem igual travou a minha lombar. Foi-se pelo ralo minha disposição

intelectual... Se o corpo está quebrado, a mente não se alinha, já diria algum sabedor sabido das coisas. Com custo, consegui chegar até a cozinha, fiz uma pasta de cúrcuma com gengibre e óleo de rícino para aliviar localmente a dor¹³ e, acompanhada de uma bolsa de água quente, me sentei da forma menos incômoda possível no sofá. Frustrada em meus planos de escrita, recostei devagar nas almofadas e, no exato instante em que suspirei profundamente, vi o pacote, do qual eu havia me esquecido completamente já há algumas semanas, sobre a prateleira.

– Cor? – Chamei, sem tirar os olhos do embrulho.

– Oi! – Ele respondeu longe, de algum lugar do quintal.

– Chega aqui, por favor? – Pedi, com a voz mais tranquila que consegui.

Poucos minutos depois, ele apareceu na porta, com as mãos sujas de terra e a testa queimada da solda, uma companheira quase mais constante do que eu.

– Oi! – Sorri. – você pode pegar aquele trem ali pra mim, em cima da prateleira vermelha?

Ele deu alguns passos e alcançou o que eu pedia. Entregou-me o embrulho com um sorriso que indicava acreditar que minha folga era maior do que minha limitação física.

– Obrigada! – Ofereci um beijinho.

E antes que eu tivesse tempo de pedir uma xícara de chá, ele voltou correndo para sua oficina. Respirei fundo, tentando me esquecer da camomila, e olhei para o pacote em meu colo. Forcei minha vista ao máximo para tentar enxergar o remetente, quem sabe o tempo produzira algum milagre e daria para ter alguma pista. Mas é claro que isso não aconteceu. Então puxei a fita adesiva transparente que prendia o pacote e desajeitadamente rasguei tudo de uma vez só. O embrulho se desfez e caiu no chão, espalhando o que pareciam ser fotografias.

Esquecida da minha condição limitada, ajoelhei-me e comecei a recolher aqueles estranhos papéis, enquanto olhava um a um, à medida que os recolhia do chão. Eram cerca de 90 imagens semelhantes, uma mescla de fundos verdes, amarelados, prateados, com pontos brilhantes, roxos e pretos que tanto podiam ser fotos desfocadas de uma floresta sob o céu noturno quanto imagens do próprio firmamento coalhado de estrelas. Se antes eu não fazia ideia de onde viera aquele “presente”, agora eu tinha quase certeza de que alguém me pregava uma peça. Recolhi as fotografias, sentei novamente no sofá e repassei as imagens, tentando ver algum detalhe que me escapara, uma referência qualquer que acionasse a familiaridade com o que meus olhos captavam. A todo o momento eu me lembrava do motoqueiro “fantasma”, falando meu nome e sobrenome, confirmando meu endereço. Analisei o tipo do papel, olhei sob vários ângulos, tentei resgatar possíveis escritas no verso... Por fim, após sentir outra

pontada nas minhas costas idosas, a mente distraiu-se do mistério. Coloquei as imagens dentro de uma pasta em uma das gavetas do escritório e decidi arquivar esse episódio no capítulo de “coisas inexplicáveis da minha vida”.



No dia seguinte, felizmente, acordei bem melhor e logo enviei uma mensagem para Mariana. Há muitos dias não nos falávamos, eu queria saber como ela estava e precisava também de uma orientação. Não tinha conseguido ir mais do que duas vezes ao museu para ajudar nos resgates do incêndio que acontecera há mais de um mês¹⁴ e eu sabia o quanto ela e a equipe, que comparecia todos os dias para escavar aquele cenário triste, estavam emocionalmente exaustos.



Oi Mariana! Está tudo bem?

Como foi no resgate essa semana?

Desculpe mesmo não ter ido, fim de mês foi meio caótico...

Me dê notícias sua!

Outra coisa, eu queria tentar conversar com a Lúcia Van Velthen...

Você acha que ela me atenderia?

Beijo, me orienta =]

Se Cuida!

Lúcia foi uma lembrança de estalo. Um livro dela, na verdade, me acompanhou por uns alguns meses, no ano passado, e toda a discussão que ela fez sobre estética do povo Wayana. Perdi as contas de quantas vezes li “sobrenatural”, nas mais de 400 páginas de sua etnologia. Talvez uma conversa abrisse janelas etnoarqueológicas para ajudar a pensar o passado megalítico e o que eu não podia ver.

Meia hora depois, ouvi o bip que indicava a chegada de uma mensagem no celular. Mariana me retornou com um áudio de quase 5 minutos, algo bem diferente do modo prático de ela agir. Fui logo ouvir o que ela dizia, um pouco preocupada:



Ei Marina!

Nossa, não tem sido fácil viu. Não preocupa, eu sei que às vezes a coisa não sai como planejamos. Mas realmente escavar um incêndio não é escavar um sítio arqueológico. A gente até age como se fosse. Mas não é. A camada perturbada de um sítio, aquela onde encontramos vestígios misturados, sem contexto, é a única camada que temos. Um incêndio é perturbador. Em meio à estante de uma coleção, encontrei fragmentos ósseos arremessados da estante em frente. Sobre pranchas metálicas dobradas pelo fogo, há restos vegetais que não queimaram. Ao expor o piso forrado de cacos de telha, amálgamas do forro sintético abraçaram, com a mesma energia, falanges, costelas e cacos de vidro. Debaixo das estantes, a areia do reboco e ossos pulverizados se transformaram em um único sedimento. A estratigrafia não é formada de terra, mas de prateleiras metálicas, retorcidas, invertidas, arremessadas ou apenas desabadas. E que estranha surpresa encontrar, debaixo de uma pilha, formada por dezenas dessas prateleiras entremeadas de telhas e uma triste quantidade de ossos humanos, lá, embaixo de tudo, já sobre o piso, uma telha inteira, intacta. Em meio à desordem generalizada que nossa coleção se transformou, aquela telha inteirinha parecia colocada ali como um lembrete duro: aqui reinou o caos. Um incêndio é caótico. Estamos na sexta semana de escavação. Não houve um único dia que eu não tenha aprendido algo novo, que eu não tenha me surpreendido com algum achado, que eu não tenha me perguntado quando isso vai acabar. Eu aprendi coisas que talvez eu preferisse não saber, como o fato de os ossos se moldarem com fogo. Me surpreendi com coisas pequenas, como um cordão de palha que sobreviveu em meio às cinzas. E sigo me perguntando quando isso vai acabar... mas eu já sei a resposta. Um incêndio não acaba. Mas além de destrutivo, existe também algo poderoso. Essa inacreditável resistência dos materiais mais delicados, que foram queimados, arremessados, desabados, encharcados com água, e mesmo pisoteados, e que resistiram, (r)existem, existem de novo, agora. É nessa resistência que reside agora a minha força. Resistência que parece nos contaminar, como equipe. Cada elemento que retiramos dos escombros é um compromisso firmado pela sua existência. Um incêndio, estranhamente, é isto: resistir. Bom, para responder a sua pergunta... estou seguindo. Vou procurar o telefone da Lúcia para você”¹⁵.

Terminei de ouvir o áudio com um nó no estômago. De repente o peso de 2020, que eu também tentava segurar com as mãos sobre a cabeça, oscilou e apertou um pouco mais. Respirei fundo e engoli seco. Os colegas no museu estavam aguentando. O Brasil seguia aguentando, todos os dias. Eu tinha que aguentar também.



- Bom dia, por favor, eu falo com a Lúcia?¹⁶
- Sim, quem é?
- Oi, Lúcia! Aqui é Marina, da UFMG, sou aluna da Mariana Cabral, tudo bem com você?
- Oi Marina. Tudo bem e com você? Mariana me falou sim que você ia entrar em contato!
- Obrigada por me atender! Prometo que não vou tomar muito o seu tempo.
- Fica tranquila, menina! Ao contrário de muitos que acreditam que a pandemia já acabou, eu não pretendo ir a lugar algum tão cedo.

Com uma risada, levemente debochada, Lúcia permitiu que eu ficasse tranquila para conversar. Nem preciso dizer que me simpatizei de imediato! Continuei:

– Nem me fale Lúcia, não está nada fácil, né? Mas, deixando de lado essa catástrofe, não sei se a Mariana te falou, mas eu estou, antropológicamente, muito interessada no sobrenatural! Vi que é algo que você menciona bastante no seu livro e queria saber mais sobre o assunto. Preciso confessar que meu interesse expande a esfera acadêmica, para ser honesta, digamos que estou também em uma busca pessoal sobre outras realidades sabe? – eu tentava deixar o assunto mais leve.

– Fique tranquila, Marina, eu acho que entendo bem o que você está tentando dizer, assim, tão cheia de dedos. – Ela respondeu, enquanto dava outra risada. – Continue!

– Então, Lúcia, o que eu tenho pensando muito, em relação ao passado indígena é muito referenciado nas etnografias do presente. Sobre essa relação, entre aspas, natural, desses povos com outras realidades que, para eles, verdadeiramente permeiam o mundo físico. Tenho tentando entender como isso poderia acontecer, do ponto de vista da etnoarqueologia. Também

me pergunto o porquê de a coexistência de mundos diversos ser algo tão naturalizado entre as pessoas indígenas e, ao mesmo tempo, tão ignorada por nós, cientistas, quando muito classificada na caixinha de crenças.

– Marina, veja bem. Acredito que você já sabe o que vou falar, mas é sempre bom lembrar: a diversidade e a origem das nossas lentes. Fomos criados sobre a ótica exploratória e colonialista que diminui o conhecimento do outro para domá-lo, a partir da verdade (aqui também entre aspas, tá?), para subjugar o outro ao nosso conhecimento que é (aspas de novo) superior. Vamos precisar de muitas aspas nessa conversa ainda, infelizmente. Agora, para os povos indígenas, não há essa verticalidade de vivências, veja bem! Eles, de maneira muito mais lógica, a meu ver, não se consideram acima de nenhuma forma de vida, existe essa horizontalidade. Uma vez que estamos com isso em mente, vamos puxar lá atrás a origem dessa naturalidade, como você descreveu. Nos tempos primevos das cosmologias ameríndias, foram estabelecidos os domínios espaciais que perduram até o presente, certo?

– Sim, estou acompanhando! – Assenti. Lúcia retomou:

– Os seres sobrenaturais e os humanos, então, nos tempos primevos, não conviviam em um mesmo plano! Os espaços eram bem delimitados, havia uma interação perpétua e tudo, como você já deve saber, era gente: as plantas eram gente, os bichos eram gente e os humanos eram gente também. O que os mitos trazem são justamente os motivos pelos quais esses espaços, antes delimitados, e essas formas, antes similares, foram misturados - os motivos de o universo ter sido modificado. Geralmente, isso acontece a partir de ações equivocadas, provocadas pelas gentes humanas que resultaram nas situações caóticas que a vida apresenta hoje.

– Entendi – eu ia dizendo – confesso que muitas vezes ainda me pego pensando sobre os mitos como realidades fantásticas. Eu entendo que isso vem da minha educação colonizada, da minha forma distorcida de enxergar esses outros saberes. Existe uma chave automática para conseguir mudar nossa forma ocidental de entender os mitos, Lúcia?

– Ah este seria o melhor dos mundos não é acha? – ela respondeu – mas como tudo o que é considerado melhor, talvez seja também uma utopia. O que precisamos mesmo é trabalhar a compreensão e a aceitação das realidades culturais diversas, para ver se chegamos nesse lugar comum.

– Verdade! – Aproveitei aquela dica para colocar mais uma dúvida – Mas, Lúcia, tem algo que me intriga muito na sua escrita: você fala bastante da relação da água com o sobrenatural. Eu estou tentando ligar os pontos do sítio que estudo, um contexto funerário com

megalitismo que fica próximo a cursos d'água... Essa possível relação dos mortos com o ambiente aquático... O que você pode me dizer sobre isso?

– Marina, precisamos entender então o que interpretamos como domínio aquático. No caso do sítio que você pesquisa, são as águas dos rios e igarapés amapaenses não é isso? Mariana comentou alguma coisa. Bom, é claro que precisamos do bom senso que exige a etnoarqueologia, mas, falando do que o povo ayana observa, os seres aquáticos são genericamente referidos como *tuná*, os ‘corpos’ líquidos, onde vivem os peixes e crustáceos. Seu ‘ventre’, ou as águas profundas, representam as ‘entranhas’ ou *iêtepiú* em língua wayana, e constituem locais onde se alojam os sobrenaturais, genericamente designados como *ipó*: os mais temidos predadores de todo cosmo wayana! Portanto, esse mundo aquático compreende, indubitavelmente, o meio onde vivem os principais inspiradores da estética wayana, o foco do meu trabalho, que são os seres sobrenaturais. Veja bem, de algo obscuro, nebuloso que, em tese, causa medo, e aí falo principalmente da nossa forma ocidental de compreender o sobrenatural, vem a beleza da arte wayana.

– Você quer dizer então que a inspiração criativa wayana vem do sobrenatural? – Eu perguntava, de olhos arregalados, do lado de cá.

– Podemos dizer que sim – Lúcia respondeu – fazendo uma grande generalização do pensamento indígena wayana. Agora, sua síntese pode gerar, erroneamente, um paralelo com as musas gregas, por exemplo, algo intrínseco ao conhecimento ocidental e relacionado com a ideia de inspiração criativa. Mas existe nisso um grave erro de interpretação. Entendemos as musas como seres reais? Não, e isso não faz diferença na nossa lógica herdeira da arte grega. Mas os sobrenaturais, definitivamente, existem para os Wayana e isso reverbera em todo o mundo wayana e para além dele. Usar uma lógica única para interpretar o mundo leva ao erro, na maioria das associações que fazemos, de comparar, uma vez que tentaremos sempre classificar a partir da nossa base cultural. A chave, e para isso temos uma chave, é entender e acatar a diversidade de visões e explicações. Nada que Lévi-Strauss já não tenha explicado em tempos atrás. Para compreender os sobrenaturais como os Wayana os compreendem, ou ao menos para tentar, devemos vê-los como um registro de simultaneidade entre o passado e o presente. Os sobrenaturais constituem entes que evoluíram nos tempos primordiais e continuam operantes nos tempos atuais, integrando a vida wayana. Eles são atemporais e existem, assim, essa é sua natureza de existir! Como você bem disse, tendemos a interpretar os mitos como histórias fantásticas e talvez esse seja outro dos nossos erros comparativos. Os componentes da sobrenaturalidade dos Wayana, designados genericamente como *ipó*, como lhe disse, habitam

espaços não ocupados pelo ser humano, os domínios celeste, aquático e subterrâneo. Não vivemos no céu, não vivemos na água muito menos no subsolo, concorda? Os *ipó tunawaré* são seres que habitam as profundezas dos espaços aquáticos, da calha do rio, especificado ‘morador do rio’; os que vivem nos confins das florestas, nas serras, nas sumaúmas e nos lagos interioranos são referidos como *ipó iturtaré*, ‘morador da floresta’; e os que habitam o domínio celeste são *ipó kapiúwaré*, ‘morador do céu’. Muito embora dominem a totalidade dos espaços, excetuando-se a aldeia, ressaltado, todos os sobrenaturais são compreendidos como seres aquáticos.

– Então existe toda uma rede social sobrenatural confluindo para a água?

Lúcia riu e continuou:

– Podemos entender que sim... Bom, os componentes cosmológicos evoluem e se agrupam por categorias, algumas das quais estão presentes em todos os domínios, céu, água e subsolo, como falei, exercendo certas influências físicas nos humanos, cujos primeiros sinais são arrepios e tremedeiras corporais. Depois vêm os pesadelos, ou *kurópon*, que indicam certa interação com a sobrenaturalidade e prenunciam estágios posteriores, caracterizados por comportamentos aberrantes em que o indivíduo, à noite, se embrenha na floresta ou se joga nas águas do rio para encontrar, efetivamente, o sobrenatural que o persegue!

Preciso confessar que, enquanto a ouvia e tentava assimilar esses saberes como realidade, uma parte da minha mente ainda insistia em encaixá-los na caixa de alegorias simbólicas. Tal era a incoerência, uma vez que aquilo que eu presenciaria, essa mesma mente insistia em apontar como real. Enfim, a hipocrisia... Assim, a única coisa que comentei foi:

– Nossa, isso é um bocado...Assustador.

– Sim, lidar com o desconhecido não é algo fácil para nenhum indivíduo ou cultura, pelo que sei. Mas, voltando para a concepção Wayana, humanos e objetos revelam sua natureza artesanal ao se associarem nominalmente à matéria-prima que os constitui, como estabelecido desde os tempos primevos. Os Wayana se dizem *wama ihem*, ‘possuindo arumã’, e como descendentes da mulher mítica primordial, compartilham com ela atributos físicos, tais como a estrutura da pele, que vem a ser o resultado do entrançamento das tiras de arumã. A fabricação dos humanos não termina com o nascimento, os corpos representam obras que são, repetidas vezes, modeladas e restauradas ao longo da vida por meio de curas xamânicas, de reclusão pubertária, de rito de iniciação, de nascimento de filhos e até mesmo depois da morte, com a cremação do cadáver. Esses mesmos aspectos, com as necessárias ressalvas, podem ser observados em relação ao tratamento conferido aos objetos.

– Espera aí Lúcia, você quer dizer que o povo wayana projeta tais percepções corporais na cerâmica, por exemplo?

– Não apenas na cerâmica, mas também na cestaria, como expliquei, na tecelagem... Em todas as expressões artesanais que produzem. A maestria artesanal está, invariavelmente, acompanhada de um profundo conhecimento das narrativas míticas e das práticas rituais, por compreenderem estes como domínios intimamente associados.

– Lúcia, mas se há esse apreço todo, mais do que apreço, digamos, essa relação intrínseca entre objeto e sobrenatural, quando as pessoas morrem, o que acontece? Os pertences têm o mesmo destino de seus donos?

– Em relação a isso, o que acontece geralmente é o abandono de determinados objetos das pessoas mortas. Esse abandono é feito em um espaço específico, um local de vegetação emaranhada, depois da periferia residencial. Os objetos são então dispostos de modo a estarem direcionados para a casa do finado artesão ou possuidor. Esses objetos não são tocados, sob nenhuma hipótese, e ficam apodrecendo sob a ação do tempo, oculto dos olhares da comunidade. O destino conferido às posses de um morto, além dessa forma que te expliquei, podem ser também a queima ou a quebra para posterior lançamento nas águas do rio. Os objetos podem ainda ser enterrados com o corpo da pessoa morta, em obediência a seu pedido, caso ocorra, geralmente num contexto de agonia expressa.

– Sei... – Eu tentava raciocinar sobre todas essas informações.

– Agora, pensando sob o ponto de vista da arqueologia, Lúcia – pontuei – seria difícil fazer a associação do destino desses objetos abandonados, sem ter um referencial etnográfico como esse, por exemplo... Caso eu encontrasse objetos dentro das urnas funerárias de Calçoene ou nas imediações, teorizaria como dois tipos de descarte diferentes! Se houvesse uma forma de sentir o objeto... Talvez daria para ouvir como ele foi parar ali...

– Não entendi. – Lúcia me interrompeu e eu percebi que divagava...

– Nada, só umas ideias aqui.... – Tentei sair imediatamente pela tangente – Quero dizer, muita coisa que hoje não vejo como intuir apenas através do registro arqueológico...

– É verdade. Não temos mesmo ideia da multiplicidade de destinos para os artefatos, entre outras coisas, por outros motivos, não os enxergamos como seres autônomos, assim como os indígenas os enxergam. Para grande parte de nós são apenas coisas inertes, cuja vida útil, como já dizem, está diretamente relacionada à funcionalidade.

Esse é um ponto muito tocado nas discussões da arqueologia do contemporâneo, o quanto nossa atividade predatória avançou, inclusive, para cima dos objetos. Ainda que não seja

uma forma unânime de enxergar, dentro da arqueologia, é um ponto importante a pensar: o quanto não apenas a visão de mundo pode mudar, mas também de como ocorre a interação entre gentes humanas e gentes não humanas nesse mundo...

– Veja bem Marina, lembrei de um exemplo que vai ajudar a entender essa relação entre arte, mito e seres sobrenaturais. A produção da *tukuxipan*, a casa cerimonial wayana, até os dias de hoje tem uma relação direta com o mito! No tempo mítico, ela foi idealizada pelos gêmeos demiurgos, seres primordiais sobrenaturais, que convidaram os jaguares, devoradores da mãe dos demiurgos e inimigos destes, conseqüentemente, para uma festa. Não vou entrar em detalhes relacionados às noções de guerras, que seria interessante aqui, mas o importante é entendermos que, de acordo com o mito, a cúpula da *tukuxipan* caiu sobre os jaguares enquanto eles dançavam, transformando-se em pedra e os prendendo em seu interior. Existe uma referência geográfica atual que é vista como essa casa petrificada mítica, uma das serras dos contrafortes do Tumucumaque.

– Lúcia, então não apenas a água, mas as pedras tem uma importância no trato com os sobrenaturais?

– Não apenas a água ou as pedras, mas também o ar, o céu, as plantas, lembre-se: tudo está em relação com os objetos, que constituem elementos propiciadores de distinção entre os humanos e os demais componentes cosmológicos, não há algo fora dessa esfera de relações. Até mesmo as cores. Na concepção wayana, o vermelho se conecta com a humanidade e o ser social, com o sangue, inclusive o sangue menstrual; o negro se liga com a animalidade e o mundo antissocial, com as fezes e com a impureza; e o branco é mediador, ligado aos humanos em situações periféricas, com o sêmen e com os elementos fertilizadores. Isso não apenas num contexto metafórico, mas refletindo a necessidade de conhecimento para ação no dia a dia. Ao viajarem pelo rio, por exemplo, os Wayana evitam o uso da pintura vermelha, pois os sobrenaturais aquáticos são atraídos pelo cheiro do urucum, principal planta responsável por essa pigmentação. Aí você pode dizer que a relação é então com o aroma e não com a visão da cor em si. Mas uma coisa não está descolada da outra entende? Os sobrenaturais poderiam ser atraídos pelo cheiro forte do jenipapo... Mas é o urucum que chama atenção.

– Lúcia, eu estou aqui tentando transportar todas essas referências para os contextos do passado. Essa riqueza etnológica é uma verdadeira lente de aumento para mim! Além de toda essa questão do lidar com o sobrenatural tão naturalmente – nesse momento rimos juntas do que eu tinha acabado de dizer –sério! E nesse ponto, me conte uma coisa, você acha que, de

alguma forma, podemos nos acostumar ao sobrenatural? Deixar de lado o ceticismo científico e assimilar o sobrenatural como parte da realidade que todos habitamos?

– Marina – percebi que ela respirou fundo antes de continuar – talvez sim. Entendo o que você quer dizer, mas, ao mesmo tempo, isso tornaria tudo natural, não acha? Essa relação dual é, como todas, problemática. Para mim, são tantos anos trabalhando em relação a estética ou a etnoestética, que as assimilações oníricas do mundo indígena aconteceram. Não deixaram de ser especiais, veja bem, mas tornaram-se acessíveis ao meu entendimento. Muitos pesquisadores perceberam a dimensão cosmológica da estética indígena e nossa conclusão, e não entenda que é uma conclusão fechada, mas é a que temos agora, é a de que estética não é representação, não é metáfora, os objetos, as imagens e os cantos são coisas vivas!¹⁷ Para mim, essa estética que vem dos seres primevos, dos mitos é a materialização de uma dinâmica entre o visível e o invisível, na qual não adentrei diretamente, mais por uma questão de recorte do meu trabalho. Talvez meu interesse realmente nunca tenha sido puxado para o que chamam de “xamanismo”, como acontece com outros autores... Pelo que me lembro, a Isabelle Giannini¹⁸ por exemplo, pesquisa um pouco esse lado do sensível...

– Não conheço os trabalhos dela! Queria ter mais alguns anos de mestrado para continuar lendo sobre o tema.

– Pelo que percebi até agora, você iria acabar mudando de tema!

– É, pior que acho que é verdade!

Do outro lado, ouvi de novo a risada firme e, logo em seguida, Lúcia se despediu. Nem percebi o quanto tempo tinha passado e eu já estava seriamente considerando apresentar para o colegiado outro projeto de pesquisa...



3.2 Aquele que vê não se envolve



Um rio e uma cadeia de montanhas. Imagem da internet, 2021.

Depois da conversa com Lúcia Van Velthem, retomei minhas anotações para pensar sobre tudo o que falamos. Era um sábado de fins de agosto. Eu havia acabado de me sentar e abrir a versão 9, depois de todo o ritual buscador de inspiração e clareza mental: limpei a poeira da mesa, busquei uma água fresca para deixar ao alcance das mãos e escolhi, ao acaso, um incenso para acender na janela. A manhã de fim de inverno estava esplendidamente azul e, apesar da fiação confusa do poste de luz que entrava pela janela, uma visão pouco animadora, o pé de tomate ao lado estava carregado de flores amarelas e os tomatinhos vermelhos faziam um bonito contraste de vida com o muro cinza. Um bem-te-vi que nos últimos dias adquiriu o hábito de me visitar pela manhã, cantava satisfeito no ipê, agora seco. Toda essa paisagem me fez viajar até perceber que precisava tomar o bonde de volta para o capítulo três. Ele começava a ganhar forma, mas eu sabia que ainda tinha um bocado de limões para espremer, precisava de uma limonada com gosto de tais lâminas petrográficas...

[]

Tec

[]

Tec

[]

Tec tec

TÁTÁTÁTÁTÁTÁTÁTÁTÁ!

[]

Eu digitava palavras sem muito nexos, apagava tudo e ao me dar conta já estava praticamente afundando as teclas do computador. Fiquei pensando se isso é o novo arrancar as

folhas da máquina de escrever e embolar o papel para arremessá-lo, com raiva, na lixeira transbordante...

Alguma coisa não estava certa. Na prateleira ao lado, um esquecido livro me chamou atenção: *Lendas do Índio Brasileiro*¹⁹... Comecei a folhear, sem muito interesse, aquela leitura não acadêmica que Alberto, o autor, chamou de “lendas de beleza e verdade poéticas”. Sorri, Alberto parece ser um bom senhorzinho. Disse ele que conversava com Guimarães Rosa quando este confessou a vontade que tinha de ter escrito “*Como a noite apareceu*”²⁰, um mito indígena compilado por Couto de Magalhães e publicado no livro *O Selvagem (1876)*. Alberto, muito erudito, evocou também, em paralelo aos mitos indígenas, Kafka e Borges, que, segundo o diplomata (a profissão de Alberto), são autores o quais, com “perspectivas diferentes”, poderiam ter reescrito alguns dos mitos da coletânea. Fiquei por entender se ele considera os mitos que reuniu tão reais quanto acordar transformado em inseto. Espero que sim.

Sei que a problemática vai muito além da minha interpretação ou da de Alberto. Resvala em nossa forma de aprender sobre os tempos cosmológicos de outras culturas, uma educação completamente inexistente nas nossas noções colonialistas de apreensão do mundo as quais consideram o conhecimento de outros povos, na melhor das hipóteses, simplório. *Macunaíma*, *Cobra Norato*, *A Moça Retrato da Lua* são obras de autores²¹ brasileiros consagrados na literatura que buscaram referência, admitida ou sob suspeita, nos mitos das mais diversas etnias brasileiras, mas transformaram esses ensinamentos em histórias com personagens desprovidas de caráter, cujas perspectivas descabidas imperam em detrimento de um ponto fundamental atualmente apontado pela antropologia, em relação às cosmologias indígenas: a perspectiva de um mundo horizontalizado, o respeito por todas as formas de estar no mundo, tão importante para o equilíbrio da vida quanto as visões dos próprios indígenas.

Ao final do prefácio, Alberto disse que muitos homens rurais (e mulheres também!! Eu faria questão de ressaltar, se ele cá tivesse vindo beber um café coado) ainda hoje explicam o mundo com personagens, histórias e metáforas, uma herança de nossos antepassados indígenas... Nossos. Ele se considera um pouco indígena, veja bem! E concluí que as “lendas” são herdadas. Sorri mais animada e comecei a leitura de *Areme Etui Kare Ettaeddu – A Pesca das Mulheres*, quando fui subitamente interrompida pelo toque do celular que, surpreendentemente exercia sua função primordial de telefone.

– Alô? – Falei, após perceber que não se tratava de um spam com DDD 011.

– Marina?

– Eu!

– Ei, Marina, você está boa?

– Tou! – Respondi, por pura educação. A pessoa que falava do outro lado da linha parecia mais do que me conhecer, aparentava simpatizar com a minha pessoa, mas, ainda que no fundo da minha mente aquela voz soasse familiar, eu não fazia ideia de quem estava falando do outro lado da linha.

– Marina, você não deu notícias, estou te ligando para saber se você recebeu o pacote que mandei!

[]

Senti uma pontada fria na barriga. Pensei em desligar o telefone, falar que a pessoa ligou no número errado, alegar que não sabia do se tratava... Mas o máximo que consegui fazer foi ficar muda e suspender a respiração, na absurda esperança de que a pessoa que ligou esquecesse que eu estava ali.

[]

– Marina? Alô? Marina??? Algum problema? Alô?

Desliguei o telefone. Joguei-o o mais longe que pude e sai apressada para respirar no quintal.



Eu não sabia bem onde estava²². Acordei deitada sobre a grama, com um saio curto ao redor da cintura, o dorso e as pernas expostas ao sol, sentindo uma sensação de tranquila naturalidade despudorada, ao me ver de seios expostos em plena luz do dia. Na verdade, sorri quando reparei nas pedras do colar, misteriosamente restauradas ao redor do meu pescoço, descansando sob o colo. Enrolei o colar nos dedos, enquanto cantarolava satisfeita uma melodia alegre, quando ouvi, perto de mim, um murmúrio de várias vozes, borbulhantes e límpidas feito água corrente. Olhei para trás, como se já soubesse, e as vi reunidas na beira do rio, várias mulheres indígenas, das mais diversas idades, velhas, crianças, jovens... Algumas delas me faziam sinal para que eu me juntasse à sua festa de fim de tarde dentro do rio. Levantei-me animada e entrei nas águas caudalosas, me sentindo corajosa uma vez que não sabia nadar,

ainda que, naquele momento, isso parecesse não fazer diferença. Apoiadas em pedras, nós conversávamos, gargalhávamos e transformávamos o banho em um verdadeiro festejo de força feminina. Jogando água umas nas outras, ríamos cada vez mais alto falando do desajeito dos homens, comparando maliciosamente certas partes de seus corpos aos pequenos ou grandes peixes que desciam com a correnteza. Também falávamos dos nossos quadris, apontando para aquelas que pareciam grandes jacas enquanto outras eram comparadas aos beijos matinais, retas e sem volume. Ríamos da pluralidade das gentes, mas com encanto, não com deboche... A tarde ainda estava quente e a sombra fresca das árvores dava a entender que vivêramos sempre assim, apesar de eu saber que estava ali há pouco tempo, mas o suficiente para entender que era um mundo bem diverso de onde eu estivera até então. Saí da água e me sentei, de pernas cruzadas, a contemplar de longe a conversa, dando um palpite aqui ou ali. Estranhamente eu não podia entender o que eu mesma dizia, mas elas concordavam comigo e juntas caíamos todas em risadas que duravam minutos.

Foi de repente que surgiu, exatamente no meio do rio, uma *ipie*, lontra enorme e brilhante, fêmea, como todas nós. Uma vez na margem, a lontra sacudiu-se toda, molhando as mulheres mais próximas e deixou a nossos pés uma porção de grandes peixes dourados. As mulheres agradeceram com afagos e gritos e então recolhemos os peixes, rumando para a aldeia. De novo, aquela sensação estranha de pertencimento, ao mesmo tempo em que, no fundo da minha mente, eu negava ter relação com aquele lugar. Deixei de pensar nisso, quando, ao chegar à aldeia, vimos, pelo semblante carregado dos homens, que as mulheres conseguiram a comida, depois de dias da caça frustrada masculina, não os deixava lá muito felizes. Ainda assim, fizeram a fogueira e assaram os peixes para comermos juntos, sem dizer nada sobre como a lontra era a verdadeira caçadora de comida para nosso povo.

Dias depois acordei na cabana de Jupira. Deparei-me com sua barriga enorme, à espera de criança. A vida seguia um curso leve e eu passava com ela todas as noites e manhãs. Conversávamos longamente. Eu, curiosa, queria saber quem colocara aquela menina ali, ao que ela apenas sorria, não me deixando alternativa senão também sorrir. Passaram-se meses até que nasceu uma bebê muito branca, diferente de todos que ali viviam e, por isso, Ceuci, o nome que ela ganhou, era sempre vista com um medo respeitoso. Ceuci mal nascera e já saíra andando pela aldeia, falante e ativa, tão curiosa e sabida, que conseguia impressionar a todos, qualquer que fosse o estado de espírito de quem se aproximava. Foi com grande tristeza que um ano depois de nascida, a pequena pereceu até morrer. Ajudei Jupira a enterrá-la dentro de sua própria cabana e, mesmo que eu estranhasse o fato de ela não ir para as pedras na elevação, Jupira nunca

me esclareceu o motivo de mantê-la perto de nós. Seu destino era outro, era apenas o que ela dizia. E, todos os dias, por um ano e um dia, ela determinou que eu deveria regar sua sepultura com água do igarapé, ao nascer e ao pôr do sol. No segundo dia do ano que passou, brotou ali uma planta que fez Jupira de novo feliz. A partir daí, minha tarefa era preparar o caxiri dos ritos funerários e aprendi com Aceanga, avó de Jupira, a receita que a avó da avó do tio da mãe dela ensinou.

Foi pouco tempo depois que a velha Ominarã, Aceanga, morreu. A aldeia planejava uma grande festa para seu enterro, os preparativos duraram quase duas luas inteiras, tempo que levou para o corpo da anciã ser completamente descarnado no topo de uma colina, vigiado pelos Uiraçus. Foi esse também o tempo necessário para terminar sua urna, que ela mesma começara a fazer em vida, com granito moído e barro vermelho. Jupira passou a mão na urna da avô e a levou para os afloramentos perto da aldeia, onde ficou um ano e um dia acordando o espírito da pedra para ele levar Aceanga para os reinos de Palop. Foi Jupira também quem fez a tampa do pote, com muito granito e sem pintura, mesmo que o corpo todo da urna tivesse traços pretos, bem finos, ao longo do pescoço para baixo realmente parecendo, depois de pronta, o corpanzil de Aceanga, dependendo do jeito que a gente colocava o pote no chão. Depois de seca e queimada, era ali que a Ominarã ia morar para sempre, ouvi alguns sussurros de que ela não precisava mais voltar. Seus ossos fortes foram colocados no pote e quando chegou a próxima noite de lua, fomos fazer festa nas pedras em pé. Janira, cunhada de Jupira, me ajudou a carregar o imenso pote de caxiri, feito do corpo renascido de Ceuci, a Ominarã bebê.

Foi quase chegando ao topo da elevação que vimos surgir o corpo de peixe de pele Tirum, velho pajé inimigo de Aceanga, dos tempos em que os dois eram jovens e outros tipos de gente. Imediatamente a fila de gente humana parou. Era contado pelo do povo antigo que depois que Tirum fez surgir a Primeira Água, que aprisionava os corpos para nunca chegarem ao descanso na rede de pedra, Aceanga o impedira. Naquele tempo, muitas aves, Ariramba, Socó, Garça, Marreca, Aani, e Andorinha, chamadas por Aceanga que vestia sua roupa de Uiruaçú, subiram para as mais altas árvores das margens a vigiar as tramoias de Tirum. Descobriram que ele tinha planos de aprisionar gente na água, para fazer o que quisesse da floresta. Foi por isso que a Ominarã preparou uma emboscada e, na roupa de Uiraçu Rei, deu um rasante sobre Tirum, que agora era peixe paiwoe e pulava para longe, rio abaixo, tentando sumir. Aceanga comeu Tirum e livrou o povo de sua maldade, não o deixou nunca mais nascer e viveu com seu espírito dentro da barriga. Até aquele dia, ninguém nunca mais o tinha visto. Ao vê-lo, tivemos certeza de que agora ele estava livre. Tirum se transformara em um encantado

e voltara para se vingar do povo de Aceanga. Mas Jupira foi rápida, já que a Ominarã morta soprou saber em seu ouvido. Logo que viu Tirum, a neta pajé pulou para frente de todo o povo, gritou o grito mais estridente que já se ouviu e cuspiu na cara do feiticeiro mau, evocando o Princípio da Água. Ele começou a queimar e desfez-se em uma densa fumaça negra, que se misturou com a água escura do igarapé e, finalmente, sumiu. Foi como se a festa voltasse outra vez! Gritando vitória terminamos a subida, para plantar a Ominarã na barriga da terra, o lugar ao qual ela pertencia agora que era de novo semente de vida.

Jupira olhava direto para o sol, no momento que esse ele se escondia para deixar a noite reinar. Depois, ela pegou a urna de sua avó e entrou no poço, e muitas horas apreensivas se passaram até que seu corpo jovem voltou. Foi outra festa, porque plantar gente era a mais difícil de todas as coisas. Da pedra em forma de cavalo, subiu uma névoa branca, sinal de que a Ominarã rumava para viver na casa de pedra de Palop, onde o sol nasce, onde terminam a terra, o céu e as águas, em uma lindíssima maloca de pedra brilhante. A velha, que dizia ser seu maior bem naquela terra a rede de arumã, agora iria dormir para sempre em uma rede de pedra lisa e suave, recebendo as almas dos nossos que morressem a partir desse dia.

Mas, quando estávamos voltando, a nuvem de fumaça negra cercou Jupira, a luz brilhante da lua se apagou de vez, a noite ficou escura e densa demais. Jupira ficou paralisada, seu semblante fechou-se de repente e, dura feito uma lápide de pedra, caiu como morta, de olhos vidrados. Choramos e gritamos seu nome e ouvi quando ela sussurrou, com voz de quem sabe o que diz:

– Abrirem o caroço de tucumã, soltaram a noite sem fim. Sem o kujubi, a manhã não vai raiar. Você que anda pelos mundos, sobe na serra do gancho da lua e busca a pedra nanacy. E então caiu em sono profundo e parou de falar.

Chorei e chorei em desespero, enquanto preparavam a urna de Jupira, pois os velhos diziam, lamentando a má sorte, que nada podia salvar nossa Ominarã jovem, uma vez que o sol não nascia mais já fazia três dias. Não me deixaram ir à serra do gancho da lua, disseram que mulher branca não podia ir a lugar sagrado. Desesperada, perdida em muita dor, me joguei no rio para morrer presa no reino das águas. Quando perdi a consciência, senti nos ombros a fínada de mil agulhas e tossi muita água enquanto o Uiraçú me suspendia e me carregava pelo céu sem luz. Depois de muito voar, ele me soltou sobre a serra e, gritando algo que não entendi, se foi. Caí, me esfolei toda, mas fui atrás da pedra nanacy, como Jupira mandara. Ela sabia o que dizia mesmo que eu não soubesse o que fazer. Encontrei uma velha acorada no fogo. Perguntei seu nome. Silêncio. Perguntei de novo. Nada. Tentei pegar um coquinho que

queimava perto da fogueira e ela bateu com força na minha mão. Sentei quieta e calada. Dias depois, ela disse que seu nome era Pelénosamó. Fez um psiu, em tom de quem manda, e com os dedos me chamou, para que eu chegasse mais perto. Acocorei-me a sua frente e a vi mordiscar para comer, sozinha, um grande pedaço de mandioca ainda com tucupi. Não pedi. Ficamos paradas muitos dias ali e todos eles foram escuros, nunca amanhecia. Quando teve certeza que eu ia esperar até virar pedra, Pelénosamó abriu sua mão direita, e me mostrou duas pedras em brasa.

– Pegue essas wato e coloca uma na boca dela.

Disse isso e sumiu. Apertei bem as brasas na mão e desci correndo a montanha, até a aldeia. Quando passei pelas pedras na colina vi que alguns parentes tinham virado pedra. Foi assim, dizem, que ficamos conhecidos por Tuparí, o povo de pedra. Muitos parentes formaram um semicírculo ao redor da pedra do céu e da pedra furada, eles eram mais de 100 contornando o túmulo de Aceanga, a velha Ominarã. Como os ainda vivos me contaram depois, os que estavam lá foram esperar o dia raiar nas pedras antigas, com esperança de que os seus parentes que já viviam com Palop intercedessem. Com a frente virada para o nascente, esconderam o rosto entre os braços, sobre os joelhos, esperando e chorando, esperando e chorando, esperando e chorando. Mas a luz do sol não quis mesmo vir. Eles perderam a coragem de se mexer e no meio daquela escuridão ficaram esperando e... Viraram pedra.

Corri e me coloquei ao lado do corpo de Jupira, na parte de baixo da elevação, já quase toda coberta da água do repiquete. Deitada sob um monte de troncos, ela ia ser levada pelas gentes do fundo do rio, não ia ser descarnada, jamais nasceria outra vez, era a maior das maldições. Puxei sua cabeça e abri sua boca. Coloquei sob a língua dela uma das brasas que a velha encantada me deu. Dentro em pouco seu corpo começou a ficar vermelho, ela abriu os olhos e tossiu, tinha fogo nas vistas, mas via. Só a noite escura que atormentava seu povo, nosso povo, agora o povo de pedra, é que não voltou.

Voltamos ao que sobrou da aldeia, avistamos o pequeno Jacipi, criança sem mãe, filho do sol, diziam uns. Durante muito tempo, ele entrara na minha cabana todos os dias, aos gritos, me acordava de sonhos profundos onde eu vestia roupa de kirahi, tinha uma casa quadrada de pedra sem estar morta e parecia feliz em uma vida onde eu parecia dormir. Jacipi sempre me acordava desses sonhos ruins e me dava penas coloridas, me puxava pela mão para andar pela mata a ouvir seus gritos bonitos. Ele era um menino atarracado, tinha uma penugem negra cobrindo a pele do corpo e nunca aprendeu a falar uma palavra sequer da língua do povo, não queria, eu sabia. Vivia correndo pela floresta, arrulhando e rindo, feliz com a escuridão.

Um dia acordei antes dele. Me escondi. Ele entrou correndo e rindo, como sempre, mas quando não me viu deitada na rede de palha começou a chorar desconsolado. Chorou, chorou, gritava... Senti tristeza da minha maldade, corri para ele, peguei no colo e abracei o menino pássaro, chorando, chorando. Apertei tanto o menino que as pedras do colar no meu pescoço se fundiram com o corpinho macio e as minhas lágrimas encharcaram sua penugem. De repente ele piou alto, sufocado, arrulhou de olhos fechados, estendeu duas longas asas crescidas nas costas e ganhou a porta, em um voo rápido e bonito para fora. Quando ele cantou de novo, do lado de fora da cabana, o sol nasceu. Jupira olhava para o leste, sentia a luz que clareava o dia e dizia: *tudo é como deveria ser. Tudo é gente, Ceuci é gente, Jacipi é gente, Nanacy é gente, você é gente também*. Ela tentava me ensinar, e eu sorria sem saber o que dizer por que não conseguia de jeito nenhum aprender.

O som estridente da criança kujubi foi aumentando até se tornar insuportável, o Sol raiou imenso e quente e eu segurei apertada minha cabeça, sentei de olhos fechados, tentando acabar com aquele grito, com a cabeça doendo, confusa com todo aquele barulho e a custo abri os olhos para ver que outra vez meu celular tocava insistente. Respirei fundo, como se estivesse voltando de um mundo ainda mais longe do que o mundo dos mortos e, ao sentir minha mão formigando, abri os dedos, já sem sangue, brancos de tanta força e vi que segurava firme uma pedra preta que manchou minha mão.



– Oi? – atendi assustada! A pessoa logo me chamou pelo nome:

– Marina, tudo bem?

De novo, aquela voz familiar. Reinava na minha cabeça uma confusão de sonho, de memórias distorcidas, realidade ao mesmo tempo em que eu olhava ao redor e tentava entender onde estava enquanto falava ao telefone:

– Tudo...Sim – Respondi.

– Acho que ontem a ligação caiu e depois eu não consegui retornar. – Ele continuou – Só queria saber se você recebeu o pacote, fiquei preocupado porque você não deu notícias, não viu o bilhete para me ligar?

– Na... Não – Eu seguia, monossilábica.

– Gente, será que eu me esqueci de mandar? Talvez tenha se perdido... Bom, pelo menos você recebeu, fico aliviado. Como prefere fazer? A UFMG ainda não reabriu, posso tentar um pedido de entrada no IGC e aí marcamos no laboratório? Ou podemos marcar uma conversa virtual mesmo...Eu envio as fotos e te explico o procedimento de laminação, a análise que foi feita, acho que não perde tanto assim... O que você acha? – Ele perguntava e, ao mesmo tempo, tomava um novo fôlego. – E aí podemos ir conversando, você me passa suas dúvidas, acho que, de repente, é melhor não sair mesmo, não é? Essa coisa toda do vírus...

Imediatamente tudo ficou claro: quem enviou o pacote, que pacote exatamente era aquele e quem estava comigo ao telefone...

– Claaaaaaro, claaaaaro Fábio! Como você está?

– Bem... Acho que estou bem, apesar de tudo – e suspirou –bem!



“O reino de Palop pode ser alcançado por homens, mulheres e crianças, desde que vençam os perigos – nem todos chegam. Os mortos que falham ficam morando na metade da estrada do Maramepeter, numa grande maloca semelhante à dos mortais, e não de pedra. A comida também é como a dos homens. Tantos são os mortos fracassados que suas malocas são numerosas como as casas de uma cidade grande. Não é bom nem ruim morar aí – é como entre os vivos – mas não a vida sonhada da aldeia de Palop.”²³



– Desculpe, eu acabei de acordar, tive um sonho estranho, estou um pouco zozna... Recebi sim o pacote, nossa, nem te agradecei, que dias tem sido esses?! As lâminas! – Tudo de repente ficou muito claro. – Estão incríveis, parecem mesmo obras de arte, nem entendi e já estou impressionada e ... – Prossegui, tentando fechar de volta no saco escuro da razão a minha imaginação fértil.

– Ah que bom, Marina! Que alívio, porque eu não sei bem onde você mora, aí pedi o endereço para Mariana. Eu ia entregar pessoalmente, mas tive que cuidar de outras coisas, acionei um serviço de entrega pela internet, enfim, nessa pandemia a gente tem se virado como pode, né?

– É, acho que esse é bem o lema de 2020 – respondi. Fábio continuou:

– Fico aliviado que aquelas belezas chegaram à suas mãos! Não são incríveis? Sei que você já as tinha visto no laboratório, mas são mesmo bonitas, não são? Confesso que quase não te mandei, ia emoldurar e colocar na minha parede. – E aqui ele deu uma sincera risada.

– Ah Fábio, eu sou suspeita para falar, né?! – Admiti – Mas confesso que esse mundo micro me surpreendeu demais. – E com essa verdade declarada, pude o sentir ele sorrir do outro lado da linha.

– Sei bem como é! Então está ótimo Marina, veja como quer fazer e me acione, tá? A gente combina. Abraço.

– Outro! Tchauzinho!

– Tchau!

[]

Eu começava a recuperar o senso de atividade. Levantei, preparei um café, sentei em frente ao computador. Na gaveta, estavam as provas materiais do que eu buscava, a jornada parecia estar terminando e, com ela, pensava eu, toda essa confusão louca de sonhos, visões, episódios sem explicação. Tentando me sentir feliz, percebi que estava melancólica por estar vendo o epílogo tão de perto.



3.3 Eu vou ver coisas que eu não via antes

Lembro-me de que, quando comecei a escrever a dissertação, eu já sabia do formato específico para esse tipo de trabalho. Além dessa norma e de um limite temporal previamente acordado, também me incomodava o fato de que o que eu sabia, até o momento, era deficiente para explicar o que eu realmente esperava discutir. Eu queria perscrutar certas nuances da

realidade, para as quais a experimentação científica, assim como a aceitação dos pares acadêmicos são, em geral, pouco maleáveis. Tentei me contentar em permanecer dentro do quadrado delimitado aos alunos de mestrado, até o momento em que minha vida e a pesquisa começaram a se transformar em uma estranha e única realidade fundida e duvidosa. Claro que, lá atrás, por menos cética que eu sempre tenha sido, em relação ao mundo, jamais imaginara tudo pelo que iria passar e, para ser bem honesta, depois de reler até aqui o que reuni em forma de capítulos, fico um pouco preocupada sobre a minha sanidade, mais do que com a aceitação da escrita. Tudo o que posso concluir é que a verdade do que me aconteceu, ao ir a busca de respostas é esta e, quanto a isso, não tenho muito que fazer.

No início, tentei agarrar-me ao Bruno. Latour. Seu esforço em mostrar as arbitrariedades da produção científica ressoava em minha utópica vontade de fazer a revolução do saber. Estava encantada pelo que ele dizia, mesmo sem ter certeza se entendia, algumas vezes, o que ele realmente queria dizer. A forma, não o método, mostrada como inadequada, me pareceu, de certa maneira, a boia de salvação uma vez que se trata de uma bibliografia aceita pela academia, contraventora, mas aceita. Só que... À medida que os dias passaram, que tudo que narrei foi acontecendo, eu acabei percebendo que a tal boia virou uma âncora. Eu me agarrava à ideia de que a escrita se organizava, a partir dos critérios científicos próprios da realidade perscrutada, como se isso fosse a grande descoberta da epistemologia francesa, até ouvir um professor dizer, em alto e bom som:

– A arqueometria é o cientificismo que você, teimosamente, mantém por perto para ser reconhecida no mundo acadêmico. Deixa isso ir.

Foi um choque. Mas ele tinha razão. Eu estava ostentando a ideia de ser transgressora, mas não abria mão da rigidez hierárquica, usando a arqueometria como escudo para as minhas investidas “fora do script”.

As coisas só começaram a mudar, acredito, depois que percebi o encanto dos representantes das ciências duras por esse material. Depois das várias perguntas que recebi sobre como eu pretendia identificar esse granito. Ao descobrir que existe uma disciplina que se propõe a entender o conhecimento das pessoas do passado sobre as rochas com as quais viveram. Eu não deixava transparecer que precisava enxergar alguma coisa, mas a verdade era esta: inicialmente, insisti na Arqueometria pela necessidade de provar para mim mesma algo que pudesse ser visto! Independente de tudo o que vivi, eu ainda tinha que ver.

Mandei um e-mail para Fábio, marcando uma tarde para nossa conversa, dia, hora e a ferramenta virtual mais adequada.



“A estrada dos mortos, o Marameipeter, aparece em sonhos aos vivos, e é trilhada pelos pajés e seus aprendizes, durante a iniciação, e em viagens que fazem para curar os mortais. Os doentes, os que estão prestes a morrer, vêm-se transportados à vereda fatal. Quem passa deve enfrentar monstros aterrorizantes, obstáculos gigantescos.

Marameipeter quer dizer estrada deserta, sem árvores, ou floresta – nada mais há, a não ser os monstros por vencer.

A coragem, na travessia, é a suprema virtude: os espíritos, os Goraei, os Goanei, amparam seus protegidos, mas abandonam os covardes. A profissão de pajé é, assim, só para os que sabem dominar o medo, aventurando-se por várias ordens de esferas estranhas: o Marameipeter, estrada dos mortos; o reino das águas – dos espíritos Goanei; o reino dos ares ou dos céus – dos espíritos Goraei.”²⁴



Alguns ajustes de áudio e câmera e começamos nossa conversa. Mariana demoraria um pouco a entrar, pois ela tinha alguns compromissos urgentes para resolver. O mundo não parou de girar apesar do isolamento físico, muitos dizem, inclusive, que começou a rodopiar.

– Fábio, ainda não te vejo.

– Não? Ai, meu deus, espera aí

[]

– Ah, deu certo! Olá!– Confirmei que a imagem apareceu.

– Oi! Gente, que legal, você está numa cabana? – Ele perguntou – Onde é isso?

– É a minha casa mesmo. É que esse telhadinho de madeira que você está vendo é o “chão” do meu quarto. – Esclareci.

– Muito bacana! Bom, eu separei as imagens que te mandei para a gente começar a discutir, você já está com elas em mãos aí, mas eu vou ir mostrando aqui a imagem do microscópio direto. Como está o foco?

– Está mais ou menos...

– Deixa eu ajustar... E agora?

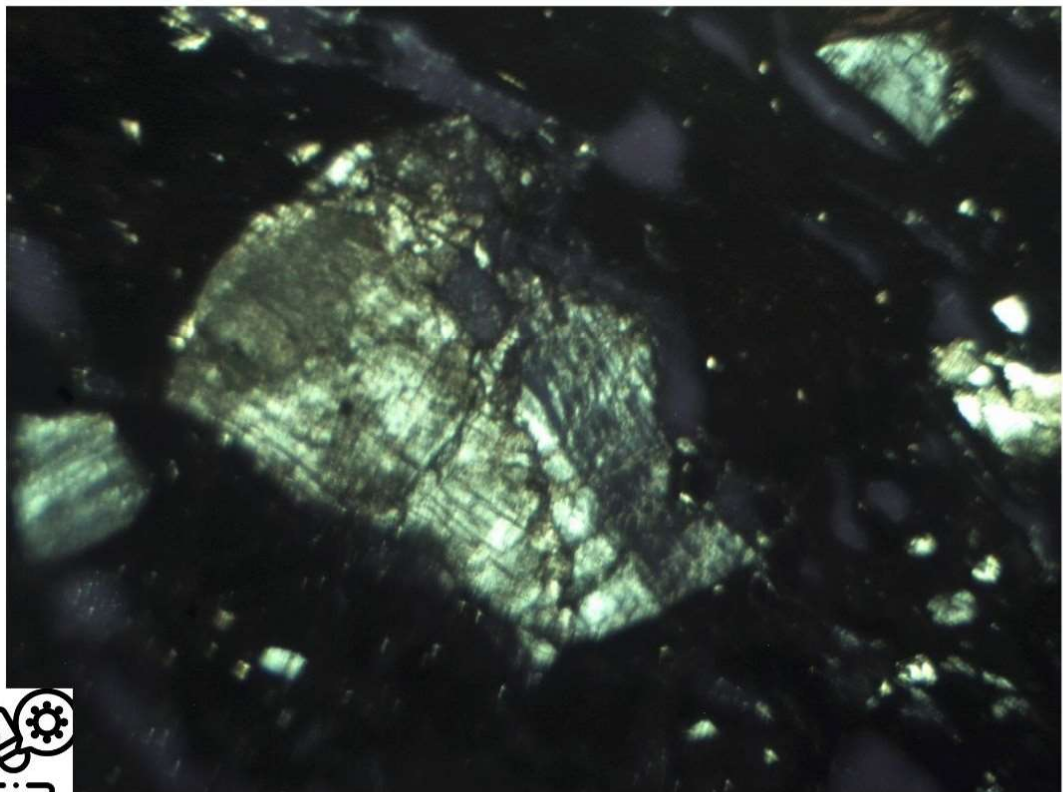
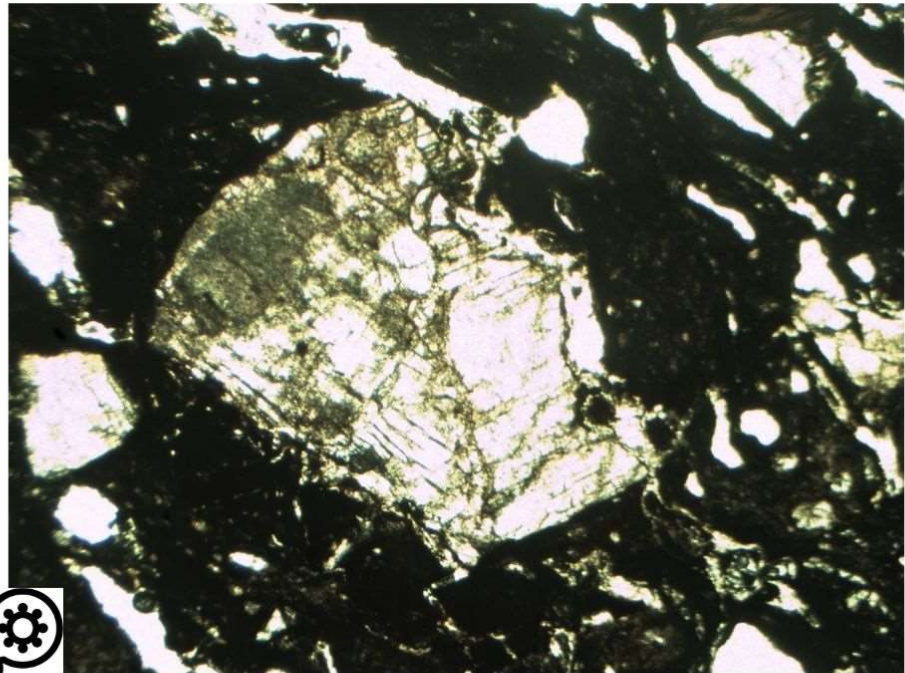
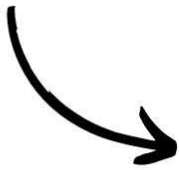
– Ficou bom – Respondi.

– Então, Marina, olha a quantidade de pedaços de granito que tem dentro desse fragmento cerâmico! Consegue enxergar aqui, olha, os conglomerados?

– Sim, com você mostrando, fica fácil ver...

– Então, aí está! O famoso granito na cerâmica megalítica! E tem muito viu! As lâminas petrográficas mostraram, de forma detalhada, o que não dá para ver a olho nu, por isso você achava que algumas das amostras que trouxe não tinham a rocha, mas em quase todas elas tem! E aí, Marina, o próximo passo, é descrever esse granito para buscar a assinatura, o que vai identificar a origem dele.

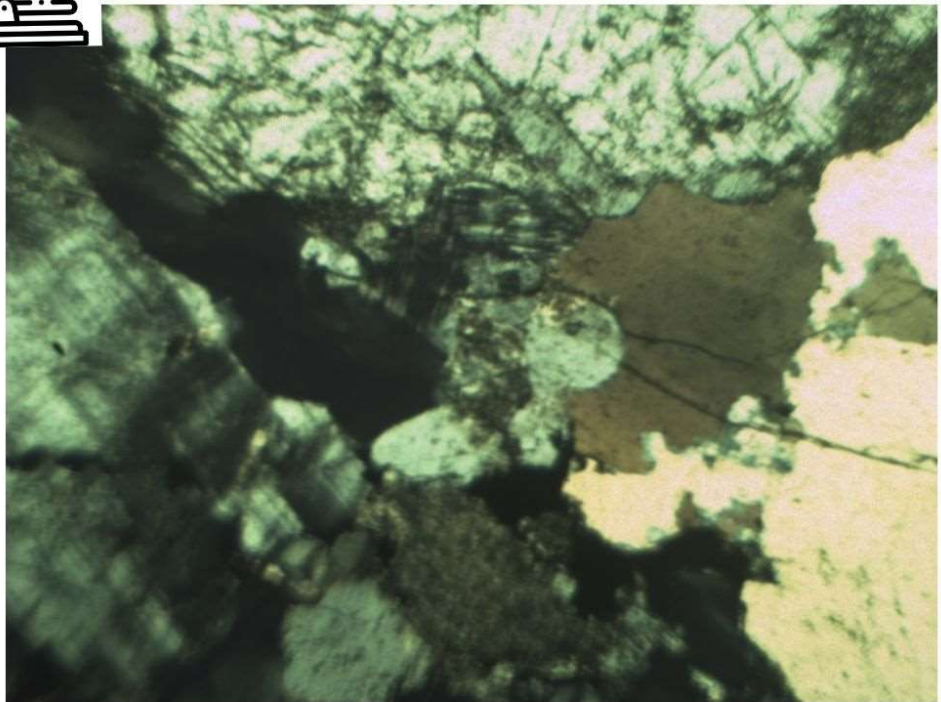
Conglomerados de granitos vistos em microscópio com aumento de 40 vezes. Nicóis paralelos (primeira imagem) e nicóis cruzados (segunda imagem).





Lâmina da amostra 28
(vista em microscópio
com aumento de 40
vezes).

28

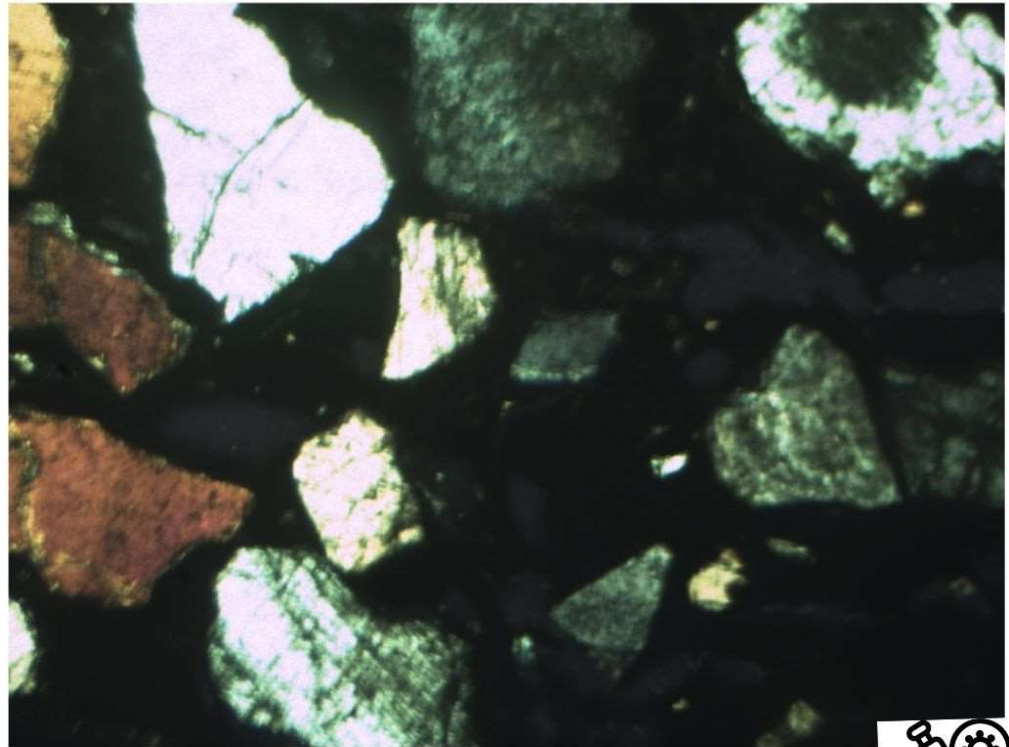


28

Amostra de granito bruto,
armazenada dentro de
uma das urnas
funerárias escavadas no
sítio AP-CA-18.

Lâmina da amostra 52 (vista em microscópio com aumento de 40 vezes).

52

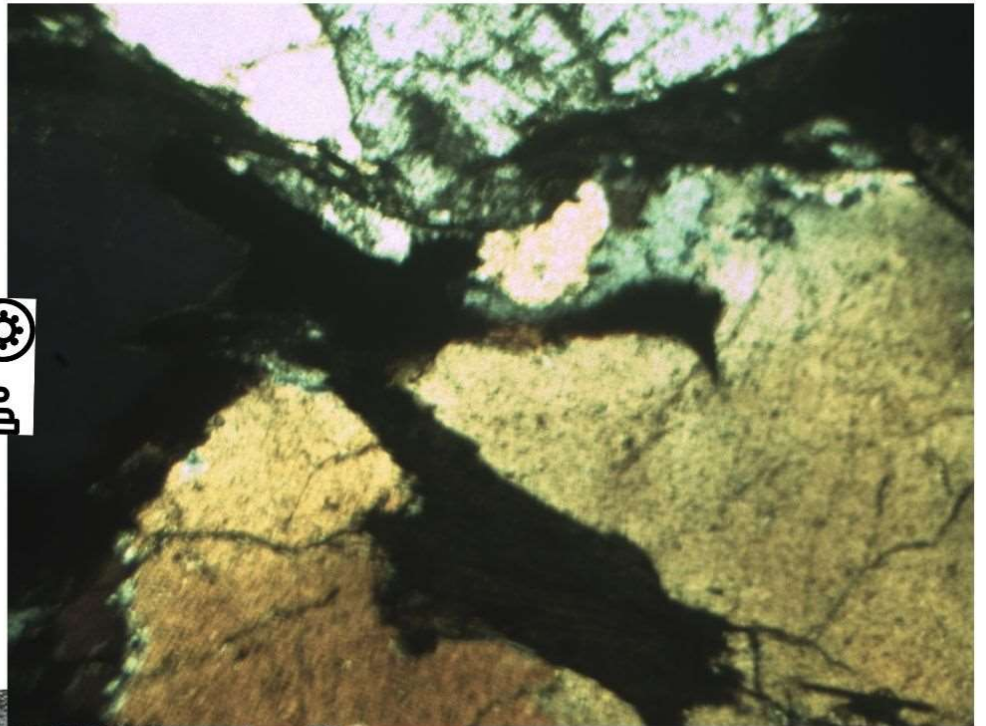
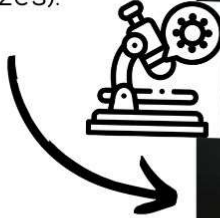


52

Amostra de cerâmica megalítica contendo granito em sua composição, escavada no sítio AP-CA-18.

"X"

Lâmina da amostra
podre coletada in loco
(vista em microscópio
com aumento de 40
vezes).



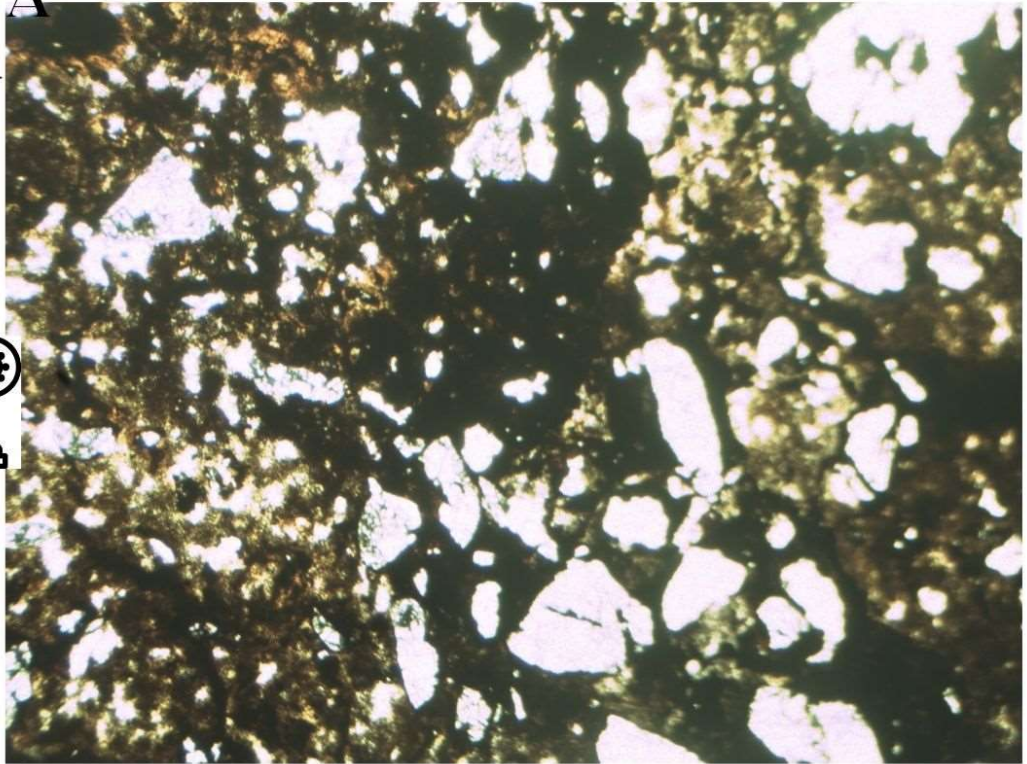
"X"

Coleta de granito em
afloramento, região
próxima ao AP-CA-18.



LATERITA

Lâmina
(vista em micros-
cópio com
aumento
de 40 vezes).

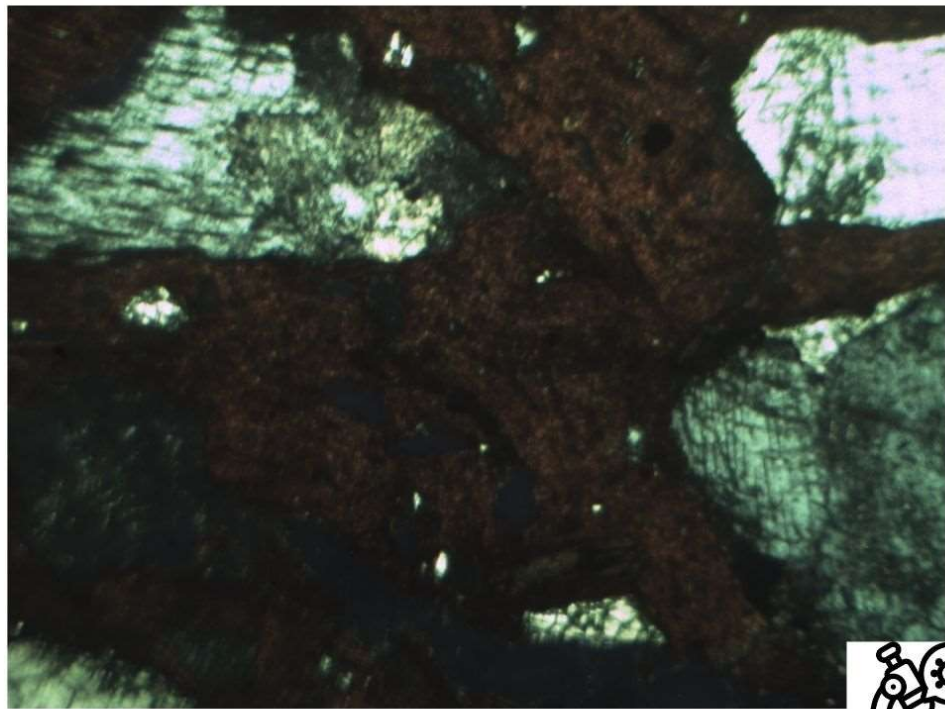


LATERITA

Material
disperso
no sítio
AP-CA-18.

Lâmina da amostra 40 (vista em microscópio com aumento de 40 vezes).

40



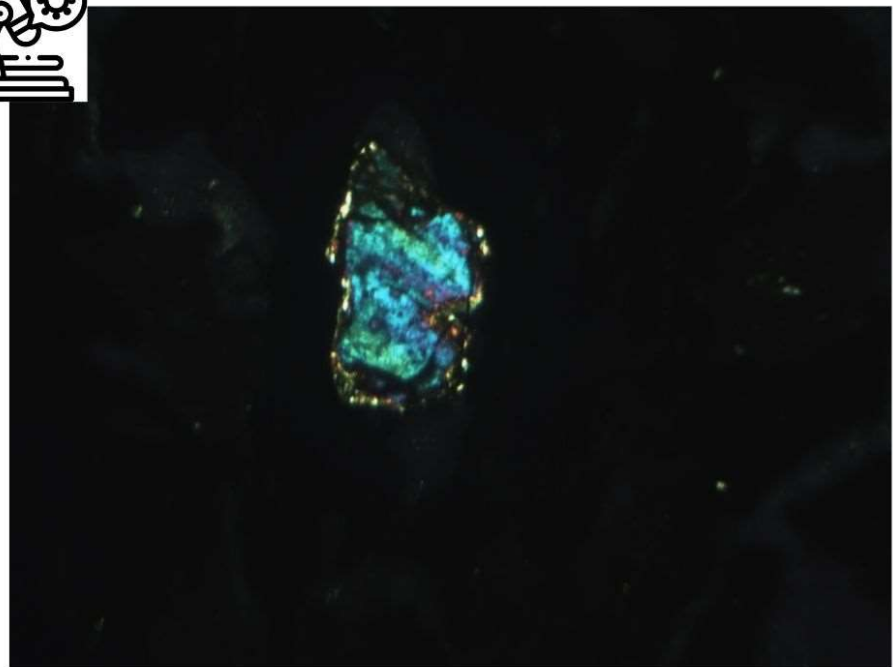
40

Amostra de cerâmica megalítica contendo granito em sua composição, escavada no sítio AP-CA-18.



Lâmina da amostra 32 (vista em microscópio com aumento de 40 vezes).

32



32

Amostra de cerâmica megalítica contendo granito em sua composição, escavada no sítio AP-CA-18.

35

Lâmina da amostra 35 (vista em microscópio com aumento de 40 vezes).

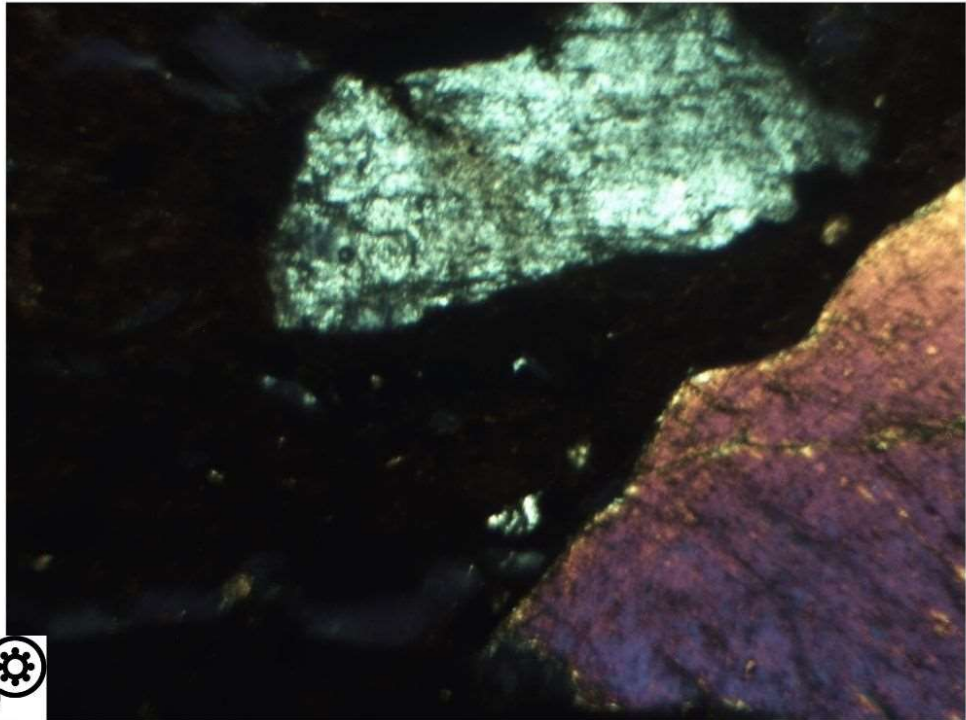


35

Amostra de cerâmica megalítica contendo granito em sua composição, escavada no sítio AP-CA-18.

8

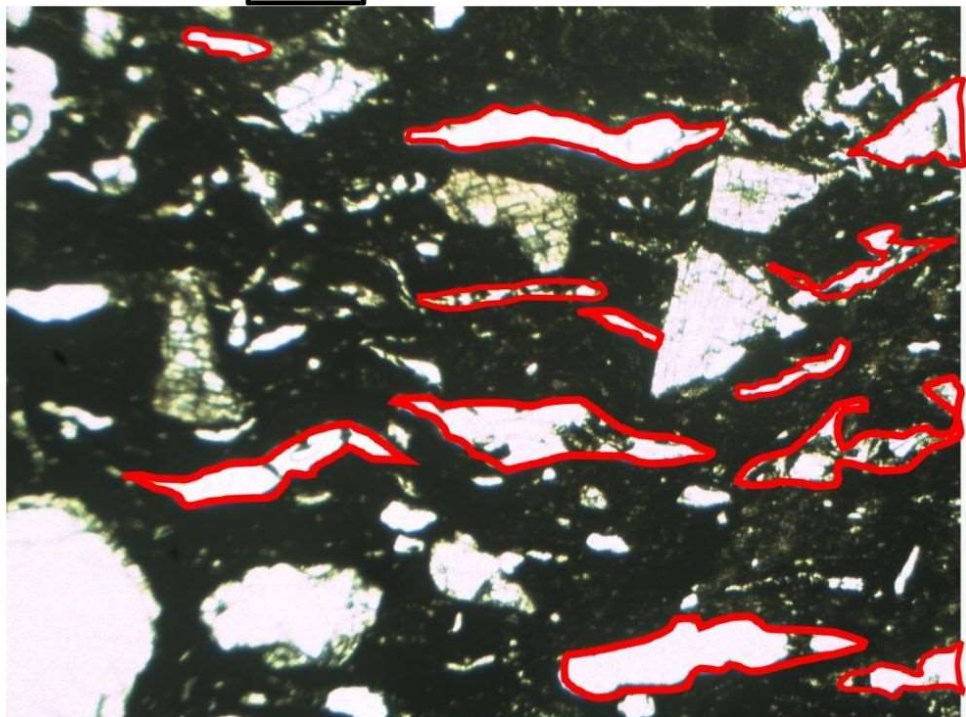
Lâmina da amostra 8
(vista em
microscópio com
aumento
de 40 vezes).



8

Amostra de cerâmica
megalítica contendo
granito em sua
composição, escavada
no sítio AP-CA-18.

Lâmina mostrando poros paralelos e orientados à superfície da peça



Conjunto de amostras cerâmicas selecionadas para laminação.

– Legal demais, Fábio! Agora a pergunta de um milhão: esse granito foi colocado aí, certo? Intencionalmente, algum indígena do passado acrescentou a rocha na cerâmica que depois teve como destino os poços megalíticos? – Eu estava ansiosa para ter a confirmação *ipsis lilteris*. Alheio à minha impaciência, Fábio prosseguiu:

– Olha só... Nós fizemos pouco mais de 90 lâminas no total, ou seja, daquela amostra de 57 cacos escolhemos algumas apenas. Os fragmentos foram cortados, literalmente laminados e essa película de cerâmica foi colocada entre placas finas de vidro para serem vistas no microscópio...

– Certo!

– Então só para você ir entendendo, olha: aqui é uma foto do granito, digo, da amostra de granito. Onde mesmo você disse que coletou?

– Essa aí era um pedaço bruto que foi depositado dentro de uma das urnas funerárias. Chamamos ela de amostra 28.

– Exato! Ele tem vários minerais, está vendo? Pontos amarronzados, alguns cristais mais claros, tem também esses mais amarelados... Consegue ver? É uma peça bem degradada, algumas partes já apresentam um grau alto de erosão, mas todos os elementos que compõe um granito, de acordo com a geologia, estão aqui.

– Sim! – Eu o animava a prosseguir:

– E a gente sabe disso por um recurso que tem neste aparelho, no microscópio, de enxergar as amostras. Esse recurso altera a forma como a luz passa pelo objeto, vou tentar te mostrar.

Nesse momento, os pontos marrons e amarelos ganhavam outros tons

– Os nicóis, como a gente chama, são filtros polarizadores que nos permitem ver as cores reais dos minerais... São os “nicóis paralelos” do microscópio, na verdade, é como se você estivesse vendo a rocha mesmo, sem qualquer interferência da luz do ambiente, que faz com que os minerais ganhem outros tons a olho nu que, aí sim, podem ser diferentes²⁵.

– Você quer dizer que existe o que podemos ver e existe o que é a rocha de verdade? Me parece bem metafísico isso, hein?

– É, mas é isso mesmo! Deixa eu explicar de novo: tem uma série de feixes de luz saindo do material e chegando ao seu olho. Então ele não vai ter a cor que você vê a olho nu, ele vai ter uma cor que a gente chama de cor de interferência, afinal existem vários ambientes interferindo na sua visão. Lembra lá das aulas de ótica? O que acontece quando a gente aciona

os nicóis? A luz passa por dentro dos minerais e chega direto no seu olho, então, não é mais a imagem modificada pela luz refletindo e aí chegando ao seu olho, entende?

– Sim, deu para entender.

– Pensa só: é como se a gente conseguisse ampliar milhares de vezes a rocha no campo. Quando eu ativo essa alavanca e cruzo esses nicóis, as cores de interferência são retiradas, então podemos ver coisas que não víamos antes, por exemplo, aquele mineral, está vendo? Que ficou preto? Esse aqui que a gente nem estava vendo direito, ó, não tinha cor, olha só: ficou amarelo! Nesse outro aqui apareceram essas linhas que a gente chama de ‘maclas’. Então, é assim que vão sendo identificados os tipos de minerais presentes nas rochas. Os geólogos já têm todas essas nuances mapeadas, seja por cores, ou linhas. E é isso que nos permite fazer uma análise da composição do granito, falar quais minerais estão presentes na cerâmica e aí concluir que é granito mesmo! Em resumo, é assim que a gente identifica e descreve as rochas. E, a partir dessa catalogação, a gente pode ver, nas lâminas, as características do granito entranhado na cerâmica que você trouxe, confirmando se ele está ou não agregado à pasta argilosa.

– Fábio, com você explicando, parece tão simples!

– Mas é!! – Ele riu divertido e continuou:

– Vou te dar outro exemplo... Aqui, esse daqui, olha que interessante... Tem um cristal de quartzo aqui... Os cristais de quartzo vão crescendo e encostando uns nos outros... São minerais anédricos, o que quer dizer que não tem uma forma muito definida, lembra daqueles cristais de desenho animado, com várias pontas? É isso, o quartzo vai crescendo disforme. Então, quartzo é um dos componentes dos granitos e vamos classificar o granito de acordo com essa sopa de minerais que o compõe. Assim essa “receita” básica precisa aparecer nas lâminas. Se você observar essa “massa” na cerâmica, então a resposta é sim, ela foi feita com granito.

– Essa “massa” como você diz, é assim, uma receita tão certinha?

– Sim, a natureza é bem metódica nos ingredientes que usa, a questão é saber reconhecer o que você precisa enxergar. Os granitos são identificados a partir da função dos minerais que têm dentro deles e então, do micro para o macro, você pode compreender qual material rochoso foi acrescentado na cerâmica. Entendeu?

– Hum... Não! – E ri, de nervoso.

– Olha, vamos supor que você tenha um granito que seja vermelho, isso significa que veremos, nos feldspatos do granito, inclusões de ferro porque daí o cristal fica avermelhado.

– Certo, mas isso então não acontece na mesma fonte? Em um mesmo afloramento, não vou ter granito vermelho e granito de outra cor?

– Exatamente, isso não vai acontecer na mesma fonte! Se tem granito branco e granito vermelho na cerâmica, por exemplo, eles vieram de lugares diferentes, com certeza. Agora, me deixa pegar uma cerâmica... Pronto, essa é a lâmina da amostra número 52. Consegue ver? Agora vamos pegar a lâmina do granito podre, a amostra que você coletou. Eu sugeri que você trouxesse essas cascas que soltam nos afloramentos, porque elas são mais fáceis de tirar e resultam do intemperismo do granito. Daí, por que eu te falei para trazer um pedaço, uma dessas cascas? Porque pode ser que, ao invés de pegar a bola mais fresca para fazer as cerâmicas, eles usassem esse deslocamento natural. É mais fácil trabalhar com uma lasca intemperizada do que com um bloco maciço, muito duro, muito coeso. E aí, para nossa surpresa, olha só: analisando o bloco que você trouxe e a amostra intemperizada ou “X”, temos a mesma constituição, os mesmos minerais amarelos nos dois...

– Deixa-me recapitular, para ver se entendi. O granito da amostra 28 e o granito que está incluso no fragmento 52 são, da mesma qualidade do granito podre que coletei “descascando” no afloramento? O que identifica esses granitos como o mesmo tipo de rocha pode ser visto nas lâminas?

– Exato, a assinatura ou o que os identifica não muda, é a mesma nessas três lâminas! O grau de alteração dos minerais que compõem a rocha é maior, quando ele está mais intemperizado, mas esses minerais continuam lá. Assim, reconhecemos o padrão de um possível material de origem, que é o que você está querendo identificar dentro da cerâmica.

– Entendi!

– Você trouxe também um pouco de laterita, né? Você vai ver que com essa rocha é bem diferente. Para começar, a laterita é uma massa de ferro puro, envolvendo cristais de quartzo ou buracos, que chamamos de poros. Eu vou cruzar aqui os nicóis e você vai ver que o ferro não vai apresentar cor nenhuma, tudo que ficar iluminado são os cristais de quartzo, enquanto tudo o que ficar com esse padrão acinzentado é poro. A laterita é o produto de um intemperismo muito avançado, é um pouco mais complexo de explicar, mas ela pode vir do granito, sendo um intemperismo dele, muito, muito avançado! Imagina o seguinte: o quartzo é o mineral mais resistente, ele vai sempre sobrando. É por isso que, na areia da praia, só tem quartzo praticamente, bem macerado, bem intemperizado, quebrado em pedacinhos minúsculos que é a sílica. De todas as montanhas que vão sendo erodidas pelo tempo, pela chuva, o que sobra é a sílica. E o que acontece com os outros minerais associados? O ferro, por exemplo, vai migrando na paisagem, junto a uma solução, que pode ser a água das chuvas, e vai se

acumulando em algum local, como um brejo. Essa laterita que você trouxe foi coletada escavando?

– Não, ela estava no chão, em uma área próxima do sítio.

– Tá. Eu não conheço o sítio, para mim, o que parece é que ela pode ser de um antigo brejo, não necessariamente ter sido formada no ambiente do sítio, sabe?

– Bom, pensando na paisagem de lá, é possível que ela tenha se formado lá sim, pelo que você está dizendo. O sítio fica em uma área de alagamento.

– Certo – Fábio seguiu meu raciocínio. Continuei:

– O ponto em que o sítio está exatamente, onde tem um bocado de laterita, é um topo um pouco mais elevado, que não alaga, ao contrário das imediações bem próximas, que são inundadas pela água do igarapé, na cheia. Aí, agora eu te pergunto, pode ser que, em um passado muito distante, toda essa área fosse alagada e tenha se formado, assim, uma camada de laterita?

– Pode! Essa laterita parece exatamente isso que você descreveu! Nesses ambientes alagados, é onde ela costuma aparecer e, como eu dizia: ela é praticamente quartzo puro envolvido por ferro. Essa amostra que você trouxe é apenas isso, ferro e quartzo, ela não tem a mesma diversidade do granito que você coletou. Ela só tem os materiais que mais resistem, que quartzo e o ferro, quase um cimento. Então significa que, seja o que for que deu origem a essa laterita, não me parece alteração direta do granito, entende? Parece outro ambiente, para onde o ferro foi transportado, onde também tinha quartzo e a junção desses dois materiais formou essa amostra, essa laterita.

Fábio parou para uma respirada longa e continuou:

– Agora falando das amostras de cerâmica, você escolheu peças específicas, não é isso?

– É. Eu procurei trazer aquelas com granito mais ou menos visível a olho nu.

– Certo. Eu vi três padrões nas lâminas que fizemos. Por exemplo, essa aqui, a amostra 52. Temos uma cor da matriz argilosa que é diferente, pode ser preto por causa da queima ou porque foi utilizado um determinado material. A petrografia de cerâmica tem técnicas para identificar isso também, se a cor decorre de queima ou do barro usado, dá para ver se existe diferença de material ou de técnica através da petrografia. Olha que interessante, aqui estou na borda da peça, veja os poros, como eles são alongados. Já aqui, temos cristal. Então vamos cruzar os nicóis e olha lá! Os mesmos minerais que aparecem no granito, os poros também ficaram escuros e os mesmos minerais estão aqui, na cerâmica. Eu dei uma olhada prévia em tudo e vejo tanto cristais de minerais isolados quanto pedaços do granito.

– E qual a diferença?

– Uma coisa é ter um granito que tem vários minerais soltos ou grãos monominerálicos outra é ter conglomerados desses minerais.

– Mas efetivamente, isso tem a ver com a intencionalidade de granito na confecção da cerâmica?

– Exatamente, quando a gente muda a visualização no microscópio, como estou fazendo aqui, acompanha aí: um mineral vai apagando enquanto outro acende, está vendo? Isso acontece devido aos planos cristalinos, que são diferentes. Se tem plano cristalino diferente, uma quebra nos minerais, eu sei que o granito foi moído e não intemperizado.

– Uau! – Entender um raciocínio é uma coisa mágica!

– Sim, é muito interessante porque você vê direitinho como se dá a presença dele! De um ponto a outro, temos os cristais, os poros e a matriz, que é a argila né. Dentro dessa matriz, eu tenho os cristais pequenos, então qual deve ser a nossa pergunta em termos de classificação do material? Porque, quando eu olho para os granitos da cerâmica, não vejo cristais pequenos, eles são, na maioria, cristais grandes, então eu não acho que eles moeram esse granito de maneiras diferentes, na verdade, esses cristais pequenos que aparecem em algumas amostras já vieram com a argila que eles utilizaram e misturaram com o granito moído, entendeu?

– Médio! Quer dizer que o barro que foi usado já tinha granito naturalmente adicionado e, além disso, os indígenas ainda incluíram mais granito que também tinham esses cristais?

– Isso mesmo. O granito moído, intencionalmente, está na forma desses cristais maiores!

– Então me deixa fazer outra pergunta: eu lembro que, quando fomos coletar essa peça, o granito podre, no afloramento, existia uma espécie de lama em cima do próprio afloramento. Como estava chovendo muito, essa lama estava espalhada em uma quantidade bem grande em cima de todo o afloramento praticamente. Nós mexemos nessa lama e ela tinha plasticidade suficiente para moldar peças pelo que concluímos no campo...

– Sim?

– Pelo que você está dizendo então, essa lama poderia ser a matéria prima base da cerâmica? A matriz argilosa?

– Poderia! É claro que eu teria que ver isso que você chamou de “lama” no afloramento, para te dar uma resposta mais precisa, mas, como você disse, o resultado do transporte erosivo que recai sobre o afloramento é sim uma espécie de lama, poderia ser bem isso daqui, uma argila com pedacinhos de minerais. A cerâmica que você trouxe é uma mistura. E como a gente sabe disso?

– Como?

– Essa é, para mim, a grande sacada do seu trabalho: não existe um solo que preserve esses cristais de tamanhos tão grandes como os que aparecem nessa cerâmica, nem mesmo nessa lama de afloramento, entende? A dissolução pelo processo de erosão nunca deixaria cristais dos tamanhos que vemos aqui, então, a gente consegue provar, pelas lâminas petrográficas, que os indígenas pré-coloniais usaram um material argiloso, juntaram granito e, misturando os dois, produziram essa cerâmica antiga.

– Então me deixa repetir tudo para ver se entendi direito: é impossível, então, que conglomerados de granitos dos tamanhos que a gente vê nessa cerâmica, pelo microscópio, sejam naturais da argila?

– Exatamente... Não tem um solo que tenha... Bom, para você ter isso daqui, esse barro ou matriz, os conglomerados já tinham que ter ido embora. Porque a argila vem justamente da degradação desses cristais. Então, uma coisa é o solo argiloso de um granito que já foi intemperizado, evoluiu e se transformou num solo com restinhos microscópicos desse granito e outra coisa são cristais grandes como aparecem nas lâminas. Entendeu?

– Entendi! Nossa! Acho que estou emocionada, Fábio. Agora posso admitir que não esperava ter essa certeza!

[]

– Outra coisa engraçada que eu queria comentar contigo, e aí estamos falando de material de origem, são os poros. Consegue ver como o poro está paralelo à superfície? Isso indica que houve trabalho de massamento. Eles misturaram isso, provavelmente manualmente e aí o que acontece, os poros vão ficando retos e alinhados à superfície... É igual fazer pau a pique, sabe, eles vão ficando alinhados à superfície do movimento, a gente consegue ver inclusive a direção preferencial da mecânica, porque os poros marcam pra gente.

– Espera, que eu não entendi bem essa ideia de poros e superfície. Na graduação, quando fiz uma cerâmica colocando granito, aprendi uma técnica que era a de fazer quadradinhos com a argila, jogando eles em uma superfície lisa para “assentar”, tirar o ar da peça, o que evitaria o estouro na queima, como a oleira me ensinou. É mais ou menos isso que você quer dizer com poros?

– É! Só que, no caso dessas cerâmicas, o ar não saiu, o ar está ali, são os poros. Às vezes esse ar aumenta muito a quantidade de CO₂ dentro a peça e na queima aparece o chamado coração negro na cerâmica, conseguimos ver tudo isso pela petrografia, pela lâmina. Para mim

tem algumas peças aqui, de cores diferentes, que não são de argilas diferentes, estão apenas queimadas de outras formas. Toda sua cerâmica está cheia de poros paralelos à superfície, isso é uma indicação de técnica.

– Então, esses poros, sempre mais juntos à superfície, como você viu nos conjuntos, podem ser uma especificação de um tipo de cerâmica local?

– Isso. É claro que não vimos o conjunto todo, para ter essa certeza, a análise precisaria englobar, se não tudo, uma quantidade substancial de peças. Você disse que são milhares de cacos?

– Bem por aí.

– O que demandaria um trabalho gigantesco. Mas poderia ser uma forma de identificar, microscopicamente, uma das técnicas que eles usaram para produzir essa cerâmica megalítica. Os cristais estão organizados de uma forma mais aleatória, mas os poros estão sempre organizados da mesma maneira, retilíneos, planares, o que chamamos de tecno poros: gerados pelo manuseio técnico do material, não são naturais da argila.

Fábio continuou:

– Apareceram umas coisas quadradas que vou precisar olhar melhor, porque isso não é do granito... Bom, pode ser um pedaço de laterita, sabe, preciso olhar melhor. Uma mistura de granito e laterita, talvez. Outra coisa, pode ser que seja o seguinte, o seu granito, os minerais que estão nele não se alteram do mesmo jeito. Tem alguns minerais que a gente chama de filosilicatos, que são micas que intemperizam, às vezes, mais rápido, como as biotitas, por exemplo. Então, pode ser que, dentro desse granito, tinham alguns minerais que já estavam mais podres e outros que estavam mais preservados. Se isso for verdade, então temos a comprovação de que eles estavam usando o granito apodrecido, não o granito fresco. – Mediante meu silêncio, acho que Fábio percebeu a necessidade de explicar melhor e seguiu:

– Veja bem, falando ainda da amostra 52, contém granito, fragmentos de granito e minerais isolados presentes no granito, mas aparecem também alguns materiais grossos escurecidos que são micas degradadas, oxidadas, ferruginizadas!

– A mica degradada vira ferro?

– Isso, a mica oxida e vai se transformar em minerais secundários que são a guetita e a hematita, outros minerais, mas continuam sendo ferro. Esse granito tem mica também, intemperizada, é o que está dando esses pontinhos pretos. Isso me aponta que foi utilizado então um material que já tem um grau considerável de alteração. Concluindo, a peça 52 parece conter mica degradada, portanto, granito podre. Aí, a matriz argilosa que a gente vê envolvendo é de um

tom de vermelho muito escuro, diferente da cor dessa outra aqui, de tom esverdeado. Vamos ver essa daqui, amostra 40: mais amarelada, escurecida, por causa da queima, e a 52 muito mais avermelhada. Então, o que eu acho... E deixo claro que isso é da minha cabeça, tá? Para mim, esse granito nos fragmentos causa muita porosidade e, conseqüentemente, problema de queima na cerâmica, porque os poros deixam muito espaço para circulação de ar, o que leva a temperatura a ficar instável. Essas são as cerâmicas com mais poros que eu já vi, imagino que a acomodação da argila tenha sido difícil... Pensa comigo, é como se você estivesse tentando empurrar todos os móveis da sua casa, que são de formatos diferentes, um guarda roupa, uma cadeira, um quadro, as vasilhas da cozinha... E é como se você pegasse tudo isso e empurrasse tudo para um canto, querendo que eles se encaixassem perfeitamente. Os móveis seriam os minerais presentes no granito que, como já vimos são de formatos diversos, nunca se encaixam! Então, para mim, essa grande quantidade de poros está ligada ao granito acrescido na massa argilosa, porque os minerais não vão se encaixar bonitinho e aí vamos ter vários espaços sobrando entre eles e a argila.

– Entendi! Mas os indígenas que trabalhavam essa cerâmica, essas pessoas do passado, tinham consciência disso, dessa... vamos falar assim, dificuldade de encaixe do granito na argila?

– Exato! E não parece ter sido algo que restringiu o uso do granito. A sensação que eu tenho é a de que era intenção deles ter peças muito porosas, entende?

– Que engraçado... E esses poros, pelo que você disse, vão interferir na queima e também na resistência da peça?

– Vão sim.

– Para mais ou para menos, me explica melhor? Quero dizer, se a cerâmica se torna menos resistente quando ela tem muito poro... Porque, pensando na proposta de um outro arqueólogo²⁶, quando essa história toda começou pra mim, ele acreditava que os indígenas pré-coloniais das Guianas, só para lembrar, fica ali, pertinho do Amapá, enfim... esses povos colocavam granito ou outras rochas moídas para as peças de cerâmicas ficarem mais resistentes.

– Hum, olha só. Com o tempo, pode acontecer uma dilatação dos cristais na cerâmica, tem cristais que se dilatam de maneiras diferentes, vamos imaginar que alguma dessas peças tenha sido usada para esquentar. Esses cristais que se dilatam mais ou menos podem levar a uma expansão dessa rede de poros primária e a peça pode quebrar com o tempo por esse tipo de uso, entendeu? Eu penso diferente desse autor que você citou aí. Você põe granito na peça para ela ficar mais resistente, mas mais resistente a quê? Isso pode ser um tiro no pé, pode até

ficar mais resistente ao impacto, por exemplo, de uma colher, mas à temperatura, ao longo do tempo, poderia promover a criação de superfícies de fraqueza.

– Fábio, deixa eu mudar a pergunta: se essas peças foram confeccionadas para não ir ao fogo, elas efetivamente podem ser mais resistentes ao impacto?

– Podem, e aí você precisa então entender qual o uso dessa peça. Agora, de novo, o que eu estou falando está da minha cabeça, eu teria que provar mostrando eventualmente poros que se formam ao redor de cristais com dilatação diferencial, então a gente teria que fazer uma busca mais acurada nesse sentido, entende?

– Sim, entendi. Mas muito interessante, já comecei a imaginar um monte de outras coisas, aposto que Mariana também!

– Cadê ela, falando nisso hein?

– Vou dar um toque aqui para saber como estão as demandas.

Enquanto eu acionava as mensagens instantâneas, Fábio pegava outra lâmina e, de novo, mostrava a imagem formada no microscópio:

– Mais uma amostra, vamos falar da 32. Essa peça me encucou! Olha só. Ela parece ter muitos problemas de queima, como se fosse uma peça que queimou demais. A sensação que eu tenho é a de que usaram uma argila muito acinzentada, com muita matéria orgânica, a queima dela foi diferente, eu a colocaria em um grupo de cerâmicas à parte. Pegando várias sessões dela no microscópio, vemos que é praticamente tudo poro. Ela está toda quebrada por dentro, toda fraturada. Eu acho que essa cerâmica foi completamente destruída no processo de queima e, olha só, não tem granito, praticamente, eu só achei uns dois pedacinhos de mineral característico. Ou seja, uma peça que quase não tem granito nenhum e além disso uma argila diferente das outras e que deu muito problema.

– Engraçado Fábio, analisando visualmente, essa peça é de um tipo que aparece muito no conjunto resgatado do sítio.

– É mesmo?

– É, no conjunto, como um todo, dá para achar vários fragmentos parecidos com esse e fixei bem isso, porque são fragmentos muito levinhos...

– Eu diria que é uma outra fábrica²⁷, um outro arranjo. Agora vamos pegar a amostra 35 e, olha só... Tem granito à beça, olha a quantidade de pedaços de granito que está aparecendo, com cores diferenciadas, pedaços, inclusive, de fragmentos de rocha. É um caco menos queimado também. Tem um pedaço com muito poro, mas outro que não tem poro nenhum, muito parecida com a primeira que a gente viu...

– A amostra 52...

– Isso mesmo, então se ela é parecida eu vou juntar essas duas, como se fossem padrões de fábrica. Passamos agora para a amostra 8...

Antes que ele concluísse, subiu uma mensagem na tela, Mariana acabava de se juntar a conversa!

– Ei, pessoal – ela nos cumprimentou – desculpem a demora, estava com umas orientações on-line aqui, dúvidas, internet falhando, enfim, o “novo normal”! Como estamos por aqui?

– Mariana – respondi animada – você precisa ver e ouvir um monte de coisas!

– Mariana – Fábio endossou – são peças realmente muito interessantes, como te disse, belíssimas!

– Que legal ver e ouvir isso! Vocês parecem muito animados, continuem, depois eu pego o que vocês já discutiram.

– Ótimo. Mariana, na verdade – Fábio fez uma pequena recapitulação – passamos algumas das lâminas, pontuei algumas considerações mais importantes e já vou finalizar. Basicamente, a conclusão que as lâminas mostram é que teve uso disso do deslocamento natural do granito, o granito podre, na composição da cerâmica. Vamos ver também, nas imagens petrográficas, um pouco de laterita em alguns fragmentos cerâmicos, era sobre isso que eu falava...

– Isso é incrível porque – Mariana o interrompeu – no sítio, tem muita laterita e, já falei isso com Marina, não é? – Mariana me lançou um olhar virtual. – A equipe de campo sempre achou que essa laterita era resquício dos poços que foram cavados e que esse material foi deixado no sítio.

– A Marina me explicou um pouco desse contexto. Se essa laterita foi retirada do fundo dos poços, faz ainda mais sentido, com o cenário de conformação dessa rocha né, a questão do brejo...

– Marina – Mariana se voltou para mim de novo – você chegou a fazer lâminas das suas amostras, com o teu granito moído? O material do seu TCC?

– Da monografia? Não. – Respondi, desapontada comigo mesma, pensando na oportunidade perdida.

– Porque, lembrando da sua experiência, você disse que na hora de moer o granito foi muito difícil de não fazer tudo virar um pó, não foi isso? – Mariana retomava as explicações

da experimentação que fiz na graduação, em 2016... – Porque a minha sensação com esse material arqueológico é que ele não é um pó!

– Ah, isso é interessante! – Respondeu Fábio – Realmente, aqui temos conglomerados grandes de granito. Tem muito granito, muito fragmento, mas, definitivamente, tem granito grosseiramente adicionado aqui. E, outra coisa, olha só, as imagens da cerâmica que não tem granito. Parece que usaram também outro tipo de argila... Algum material com muita matéria orgânica. Duas coisas eu acho que dão para destacar bem – Fábio ponderou – o que vimos foi o seguinte: poros muito ajustados à superfície de grãos, então uma cerâmica muito porosa, com muita inclusão do granito e, quando a gente vai na massa fina dela, a gente vai ver...

– Massa fina, tu diz? – Mariana interrompeu para pedir explicação do termo:

– A matriz, a argila que foi usada – respondeu Fábio – a gente vai ver que essa argila, a massa fina contém também alguns caquinhos, mas majoritariamente quartzo. Então, fica nítido que teve uma mistura de algum solo tipo um latossolo ou argila de uma planície de inundação com quartzo bem desenvolvida, bem madura, o granito. Olha – e ele aponta um ponto escuro na tela do microscópio – isso é um feldspato que já teria ido embora há muito tempo se esse material fosse solo.

– Ahhhhh! – Mariana e eu falamos praticamente juntas.

– Ou seja – retomou Fábio – esse solo pode ter vindo de um granito, mas é uma mistura, dois estágios evolutivos completamente distintos.



Ao contrário do tempo do aplicativo, nossa conversa poderia não ter fim. Discutidas a questão principal pela qual, arqueometricamente, pedimos ajuda à petrografia, passamos a fazer algumas considerações sobre as possibilidades de uso do granito no passado, principalmente o que, durante muito tempo, moveu as conversas com a Mariana: essa adição do granito como ação muito mais simbólica do que funcional. Chegamos à concordância, após todas as conversas e análises, que quando os indígenas do passado colocam rocha granítica na cerâmica dos megalitos graníticos, quando ali são reunidas cerâmicas mais grosseiras com peças delicadamente pintadas, não se trata da questão do saber ou da ausência de saber que esse povo tinha, em relação às práticas de olaria. Entra um fator importante, que é a noção de gerenciar a

cerâmica que era feita para ocupar aquele espaço, afinal, a matéria prima ali disponível, o granito, não era incluído em toda a cerâmica e, quando era, fazia-se de modo muito destacado, muito visível no material!

Pensando sobre os modos de coleta desse granito das cerâmicas, Mariana pontuou que nas análises feitas pelos arqueólogos do Iepa, durante o campo, eles observaram que a construção dos megalitos, os blocos utilizados foram retirados das fraturas naturais existentes nos afloramentos... Ou seja, os indígenas faziam uso das fraturas naturais, retirando essas grandes placas para construir os megalitos e, agora, sabíamos também, algumas peças cerâmicas:

– Bom, meninas – Fábio falou, para fechar nossa conversas virtual – basicamente, a pergunta principal foi respondida: tem granito, intencionalmente, colocado na cerâmica pré-colonial. O caminho agora, que eu indicaria, é tentar entender o porquê desses poros, sua forma de afetar a cerâmica, questões técnicas, para aí desdobrar esse modo de fazer cerâmica megalítica dos indígenas pré-coloniais. Eu e Lílian²⁸ concordamos que esse material é muito legal. São poucas peças, mas todas muito ricas de informação para a petrografia! Se você estiver disposta, Marina, podemos tirar ainda muitas informações dele.

Eu não imaginava que esse processo ia enriquecer tanto o trabalho, como não canso de pensar. Não imaginava, de verdade, ainda que de forma simplória, reconheço, que a ciência dura tinha tanto a agregar na minha tentativa de releitura do passado. Fiquei feliz. Acho que fiz as pazes com o científico, no final das contas. E acho que, de algum jeito, minhas avós estão rindo enquanto tricotam e observam essa caminhada tortuosa que sua neta traçou para concluir que no final, tudo é mundo.

Mas, agora, eu tinha outro problema: tentar enxergar como o povo de Jupira se reunia nos afloramentos, como eles observavam as rochas fraturadas, de que maneira escolhiam a lama de granito a ser coletada e como as mãos dançavam para produzir aqueles potes... O que eles falavam enquanto faziam esse trabalho? Da vida? Da morte? Do medo da água ou da vontade de nunca abandonar a terra? Como eles e o AP-CA-18 se comunicavam? Será que um dia me deixarão ouvir?



“O supremo desejo dos mortos é ir ter com Palop, Nosso Pai, o Criador, que mora no Gorakoi, no horizonte, onde o sol nasce, onde termina a terra, o céu e as águas. Sua maloca é lindíssima, de pedra brilhante como o ouro ou os diamantes. Sua rede é de pedra lisa e suave. (...) Nos domínios de Palop, ficam as almas dos mortos. Podem casar-se e ter filhos. As crianças mortas crescem e se tornam adultos. No Gorakai há ainda grandes riscos. Ixaati-Derê-Derê, a Pedra-Grande-que-Balança, mata muitos com seu sacolejo. A pedra grande vai rolando e quer esmagar quem passa – é preciso pular, o que só os fortes e valentes conseguem. Ixaati chora muito quando deixa alguém escapar, põe-se a gemer. (...) É preciso não esquecer que nas três aldeias existe ainda Ikon-ti, o Gavião Real, a harpia tão assustadora, até mesmo em sua versão animal na terra.”²⁹



Janeiro de 2020 já batia à nossa porta. A prefeitura de Belo Horizonte, por pressão da associação de bares e restaurantes, reabriu os estabelecimentos fechados antes das eleições, e tornou a fechá-los, depois da vitória do político da situação. O feriado de natal era uma euforia histórica, engarrafamento de jatinhos no sul da Bahia, certo jogador de futebol fazendo festa para 500 pessoas e confiscando os celulares delas, para que não fosse “cancelado”³⁰. O mundo fora do Brasil começava a se proteger com as vacinas desenvolvidas, enquanto aqui ainda reinava a desconfiança da ciência, devido a *fake news* que alardeavam a vacina como uma tecnologia que alteraria o DNA humano. Quase 2 milhões de mortos em todo o mundo, por uma doença que virou do avesso a forma como lidávamos com a rotina moderna, e a ciência sendo duramente atacada depois de acreditar, talvez, plenamente estabelecida.

Em casa, eu estava deprimida pela primeira virada de ano longe dos amigos. Tentava enfiar em minha dura cabeça as dimensões do problema muito além da limitação de minhas liberdades individuais. Mas estava cansada de raciocinar, essa era a verdade. Para o próximo ano, tínhamos uma abominável previsão de cortes de bilhões de reais no SUS, entre outras catástrofes sociais. Dos poucos passeios que eu fazia ao supermercado, mais e mais desânimo

voltava dentro das sacolas retornáveis. Uma humanidade assim tão desunida, tão desinteressada quanto à importância de entender que o hoje é consequência direta do ontem, do pensar colonialista do mundo como algo inerte a ser domado, era para essa plateia que eu tencionava entregar uma pesquisa? Eu buscava sentido em concluir meu caminho acadêmico e não encontrava.

Foi aí que pensei em Jupira. Se ela era ou não fruto da minha imaginação, havia mortos sob as estruturas de granito, que por algum motivo foram depositados ali com preparo, com cuidado, com apreço, talvez com esperança... Mortos cujo sangue hoje compõe o meu... Cuja força ainda faz viver o povo do cacique Emyra Waiãpi e do cacique Bepkot Kaiapó Xikrin, assim como os de tantos outros indígenas mortos, por culpa dos brancos que, sentindo-se donos do mundo, pagam o karma vivendo um ano que, muitos talvez mesmo os mais monstruosos, desejariam não ter existido.

Pensei na minha pesquisa como uma forma de honrar a estrutura de pedra. Respirei fundo, tentando me agarrar a ideia de que tudo faz parte da roda de *samsāra*³¹, de que tudo é expressão de Brahm. E a minha individualidade, cansada e limitada, é outra expressão ínfima do absoluto que tudo é.

O azul de outro verão estala no céu da janela. O sol continua brilhando para todos nós, apesar do caos. Somos um sopro. Dentro em pouco, nada restará para comemoração ou lamento e a história do vírus que abalou o século XXI será lembrada e esquecida, muitas e muitas vezes. Se viver na forma que conhecemos de vida não é, segundo os saberes antigos, a realidade última, eu devo acatar e executar da melhor forma o papel que me foi destinado no hoje, cumprido os anseios que emanam da minha atual forma de ser gente. Eu sou o que não sou. Eu sou pedra, eu sou Jupira... Eu sou você. E por isso, entrego o que pude fazer de melhor.



“Quando os Aibüba moravam no Wáipa, houve uma noite muito longa. O sol não quis aparecer. Eles saíram para o campo e se sentaram ali para esperar o aparecer da luz. Mas a escuridão não quis findar e os Aibüba não quiseram sair sem ver o nascer do sol. Assim ficaram sentados até se tornarem pedras. E lá ainda estão...”³²



3.4 As pedras chegam vivas ao fim da história

Percorrido quase todo o caminho planejado, alguns raios de sol de fim de tarde ainda iluminavam espaços gritantemente vazios. O último capítulo já tinha ido para a correção, mas eu também tinha aprendido, graças à pandemia, que tudo no mundo se adequa.



Em 9 de março de 2018, o arqueólogo e ativista Raoni Valle sofreu um atentado em sua casa, na época, em Alter do Chão, no Pará³³. Imediatamente lembrei-me de Alter do Chão em 2012. A famosa praia de água doce, que me foi apresentada por um amigo norte-americano, provocando em mim um ciúme nacionalista que me levara, sozinha e pela primeira vez, à Amazônia Brasileira. De lá para cá, Alter parece não ter mais a calma que eu e Neil conhecemos. Diego Pinho, secretário de turismo de Alter do Chão em 2019, define a região como um lugar de muita riqueza natural: cidade banhada pelo rio Tapajós, com quase 100 km de praia de água doce, que atraiu “não só turistas, mas a cobiça de muita gente”³⁴.

Essa cobiça do paraíso, muitos acreditam, tem relação com atos criminosos, como o atentado contra Raoni, uma vez que o professor e arqueólogo sempre esteve muito próximo de lideranças indígenas que lutam contra os grandes empreendimentos capitalistas, os quais têm destruído a Amazônia brasileira e outros lugares do mundo. Alter do Chão é só mais um triste exemplo; a especulação de terras e de riquezas naturais, em detrimento dos verdadeiros habitantes dos lugares, esbarra diretamente no conhecimento arqueológico e na necessidade de, na posição de buscadores do passado com alguma ética, lutarmos juntos para que o presente não seja ainda mais deturpado.

Mesmo havendo episódios como esse, que afetou a vida de Raoni de forma drástica, ainda existem cientistas que insistem em negar os óbvios laços entre arqueologia e política, lembro-me da fala de Artionka, que também é minha... Foi assim, politicamente interessada, que fui ler a tese dele, tantas vezes recomendada por Mariana. No começo fiquei intimidada por

aquelas mais de 600 páginas. Peguei o telefone e liguei. Ele aceitou ter uma conversa rápida sobre sua pesquisa. Eu esperava que Raoni me ajudasse a aceitar uma das conclusões da minha dissertação: as pedras estavam vivas³⁵.



Ajuru (papagaio) fritou: - O céu vai cair! Vai cair! Lá vão as pedras!

Então se ouviu um barulho parecido com um pau quebrando.

Eram as pedras que vinham caindo do céu.

Quando os Asurini ouviram o barulho das pedras caindo

eles se esconderam embaixo dos paus.

Os outros índios que não se esconderam ficaram embaixo das pedras.

Eles viraram gente que vive na água.

Até hoje quando os Asurini ouvem barulho no céu eles têm medo porque pensam que vai cair de novo.³⁶



– Raoni? É Marina quem fala, tudo bem?

– Oi, Marina! Aluna da Mariana, não é? Por aqui estamos indo. E com você?

– Indo também. Guardada dentro de casa, mas bem! Raoni, não quero tomar muito seu tempo nem perturbar demais sua paz. A proposta é mesmo uma conversa rápida. E obrigada por me atender. Eu estou fazendo uma pesquisa relacionada a uma estrutura megalítica no Amapá, construída com rocha granítica e tenho pesquisado o uso de granito em cerâmicas associadas a essas estruturas. Li sua tese e achei genial a relação que você trouxe entre os saberes tradicionais geológicos e os grafismos rupestres da região que você pesquisou. Bom, algumas questões ainda estão um pouco “densas” para mim...

– Que bacana! Megalitos em granito... Isso me lembrou de uma entrevista que dei para uma revista, acho que foi em 2013, logo depois da defesa, em que falei sobre a subtração de painéis rupestres em granito no Amazonas... – Meu choque interrompeu sua fala:

– Subtração? Você quer dizer que as pessoas estavam “roubando” painéis de gravuras rupestres?

– Eu sei como isso parece absurdo, mas é exatamente o que acontecia! Em dois sítios da região, um se chama *Gruta do Batismo* e o outro era... Deixe eu me lembrar... *Presidente Figueiredo*, era isso. Nesses dois lugares, eu e uma equipe vimos marcas de depredação que indicavam a tentativa de remoção de painéis. Isso foi em 2011, quando fizemos alguns campos por lá. Na verdade, não só tentaram, alguns blocos realmente chegaram a ser retirados e provavelmente enquanto falamos essas peças “decoram” a sala de algum magnata pelo mundo...

– E eu achava que nada mais, em 2020, me surpreenderia... Confesso que a ideia de que alguém pudesse roubar uma parede com registro rupestre nunca me passou pela cabeça... A gente sempre pensa na ação do tempo, em animais ou na deterioração dos painéis pelas pessoas, aquele debate relacionado à noção de não pertencimento e de preservação... Enfim. Mas roubar um painel de rocha?

– Marina, você pode estar chocada, mas essa é uma prática tolerada, pense bem: em quantos museus pelo mundo sabemos que tem produto de saques de outras culturas? O maior problema que enfrentamos, não apenas na arqueologia, mas nas ciências em geral, sempre será a predação permitida por um sistema colonial...

– Sim – suspirei desalentada – espero que os megalitos ainda estejam por lá quando eu terminar o mestrado...

– Honestamente, eu também...

– Raoni, me fala um pouco da sua pesquisa?

– Bom, fiz meu doutorado sob a orientação do Edu Neves. Se você leu, vai saber que trabalhei com painéis de gravuras rupestres, em afloramentos rochosos graníticos e areníticos de sítios ribeirinhos nas margens do baixo rio Negro. Eram sítios de grafismos rupestres, marcações na rocha, não pintura, também chamados de petróglifos pela literatura acadêmica. Todos a céu aberto e parcialmente submersos na região da Amazônia Setentrional, ou seja, na época da seca eles aparecem. Minha proposta então, Marina, naquela época, né, estamos falando aí de quase uma década já, é que haveria uma fronteira geo-cognitiva, ou seja, um conhecimento técnico, vamos falar assim, da geologia das rochas pelos indígenas pré-coloniais. É importante mencionar que esses registros foram reutilizados e reavivados, durante um longo tempo, então, esse conhecimento geológico era passado de geração a geração.

– Que incrível. E qual é o período aproximado das gravuras e com quantas você trabalhou?

– Bom, a gente tem datações iniciais aproximadas, como você bem disse, não tem como datar diretamente os painéis ainda, mas os sítios, a gente acredita, estão situados ali por volta dos 3000 anos antes do presente, talvez um pouco antes disso. Infelizmente não existem também vestígios para fazer aquela famosa datação indireta né, quando você tem um painel e vestígios logo abaixo, o contexto ribeirinho desses sítios torna essa datação ainda mais complexa. Em relação à quantidade, eu trabalhei com unidades gráficas, ou seja, estudei mais de 1000 grafismos, sendo 698 deles confeccionadas em granito e 449 em arenito. Acredito que você sabe essa diferença né, a diferença das rochas, digo.

– Sei sim, estudei um pouco de petrografia básica para poder entender minha própria pesquisa. Basicamente o arenito é sílica, areia em forma de rocha, enquanto o granito já tem um conjunto maior de minerais agregados, né? O que diferencia aí, se estamos falando de gravação rupestre é a densidade de cada matéria prima.

– Isso, isso mesmo. Daí você pode imaginar o que acontece para gravar alguma coisa nessas rochas, certo? O arenito aceita as gravações com maior facilidade em relação ao granito. Isso me levou a pensar que deveria haver certa percepção ameríndia das fronteiras geológicas, e das rochas em geral, o conhecimento das técnicas necessárias conforme o tipo de paredão com o qual iriam trabalhar.

– Entendi. Mais ou menos isto: se, em tese, o arenito é mais “gravável”, qual o motivo de serem feitas gravuras em granito também, pensando naquela lógica vendida de que, no passado pré-colonial, os indígenas primavam pelo mais simples. Digo isso por mim mesma, precisei da minha pesquisa para entender que, quando vi granito na cerâmica, num primeiro momento, ainda lá na graduação, o porquê de os indígenas pré-coloniais optarem por acrescentar uma rocha “tão dura” na pasta de barro já que era muito mais fácil colocar areia ou de cinza vegetal nas argilas, se a questão fosse só a plasticidade.

– É... Acho que posso dizer que é um pouco por aí – Raoni retomou a fala – mas acho que eu, particularmente, pensava mais sobre como nossa percepção a respeito do uso das rochas pelos antigos era inadequada, nosso foco muito objetificado. Fazia sentido começar a pensar as rochas como pessoas não humanas... Eu acreditava, acredito ainda, que a fronteira geológica estava, de alguma forma, unida a uma confluência hidrográfica, pois, veja bem, a área de pesquisa abarca o rio Negro, o rio Unini e o rio Jaú, então, esse conjunto de cursos d’água mais os tipos de rocha da região resultariam na variabilidade estilística, na diversidade de gravuras em diferentes suportes rochosos. Daí foi que tive esse insight: buscar também na cosmologia etnográfica essas referências. A pergunta básica era ‘será que os sistemas de conhecimento

cosmológicos e mitos-rituais indígenas amazônicos podem apontar caminhos de interpretação menos metafísicos?’

– Então, basicamente, você queria saber se os mitos poderiam explicar os diferentes usos de matéria prima, tecnicamente falando, seriam direcionadores primevos de um saber ancestral?

– Basicamente! Tendo em vista a gravura rupestre e sua íntima relação com o substrato rochoso, já que ela é feita naquele suporte, a concepção artística indígena teria que entender as diferenças de cada tipo de rocha para intervir. A partir daí, a ideia foi a de defender uma integração analítica à percepção cultural da geologia. Cognição dando a mão à criação artística, mais ou menos isso. Essas ideias vieram muito de um autor chamado Steven Semken, que discute a etnogeologia, grosso modo, tá Marina? Tudo aqui é uma simplificação da pesquisa.

– Sim, claro – assenti. Ao que ele retomou:

– Pensando a etnogeologia como conhecimento tradicional que os povos indígenas possuem sobre a geologia dos seus lugares e territórios. A gente que trabalha na Amazônia sabe que tem muita referência de lugares de pedras, como as ‘casas dos encantados’, e isso tudo me inquietou. Comecei a rever esse animismo litológico, a ligar, hipoteticamente, estilo e cognição, ou seja, o grafismo era confeccionado especificamente para o tipo de suporte no qual ele iria ser construído, devia haver ali um ponto de vista das rochas que estava sendo considerado.

– Entendi... Quando comecei a trabalhar o granito, Raoni, fiquei pensando sobre como já aceitamos mais facilmente a ideia de que animais e plantas são pessoas, na perspectiva indígena, mas como ainda não direcionamos, pelo menos de forma clara, nosso foco para as rochas nesse sentido.

– Exatamente, é algo bem por aí. Eu queria justamente ampliar essa esfera da etnozologia e da etnobotânica para a geologia, basicamente a diversidade geológica estaria também alimentando a cognição dos indígenas e vice-versa, em uma perspectiva passada, meu recorte específico de pesquisa. Afinal, falamos tanto da forma holística de os indígenas verem o mundo, mas insistimos em compartimentar, o que acaba hierarquizando o nosso jeito de compreender. Enfim, foi dessa abertura que resultou minha proposição: os estilos de grafismos rupestres seriam materializações de estilos cognitivos que se relacionam, casualmente, com diversos níveis da experiência existencial, em uma perspectiva neurolástica.

– Uou! – Eu não consegui me segurar.

– Calma – ele riu e continuou:

– De novo: a matéria prima rochosa seria quem define a inclusão a ser feita nela mesma. Gravuras por abrasão no granito e por percussão no arenito, isso é o que foi constatado no campo. A percepção de mundo dos povos que trabalharam aqueles painéis está relacionada com a rocha diretamente. E a minha conclusão foi a de que determinados tipos de interação com o granito podem gerar um cérebro e pensamento geo-visual granítico diferentes do cérebro e pensamento geo-visual arenítico, compreende? O cérebro deixa uma cicatriz na rocha, mas a rocha também estigmatiza o cérebro.

– Nossa, compreendo... Claro que isso ressoa no fundo do meu ceticismo moderno, mas, acalmando o coração, faz todo sentido se pegarmos o que sabemos hoje, da relação dos indígenas com o mundo natural... Raoni, confesso que depois que li sua pesquisa fiquei também mais atenta a essa diversidade geológica. É uma pena que isso não tenha acontecido antes de eu ir a campo, mesmo eu já tendo um pouco de conhecimento da petrografia. Digo, em geral, as ciências humanas assim como as duras tratam as rochas com a perspectiva de objetos inertes, certo? Pensar nessa agência dos paredões e afloramentos, dar-lhes vida, pode transformar totalmente a forma como passamos a enxergar essa matéria-prima e esses lugares arqueológicos... Enfim, parece uma imensa viagem da minha cabeça, mas de algum jeito acredito que captei o que você quer dizer.

– Marina – Raoni disse, parecendo se divertir com minhas conclusões simplistas – estou rindo aqui, mas concordando, é bem por aí. E não se preocupe, ninguém nunca lê o suficiente antes de ir a campo. Talvez seria honesto da nossa parte se começássemos a admitir que precisamos trabalhar com a intuição, além de andar de mãos dadas com as leituras aclamadas, dar substância ao raciocínio, para ele se tornar mais inquiridor, mais complexo, mas, ainda assim, deixar a mente limpa para ouvir as dobras do tempo...

– Concordo. E nem te conto meus dilemas nesse caminhar acadêmico – falei, enquanto revivia todas as crises e acontecimentos do processo criativo.

– Bom Marina, voltando lá para a pergunta do início da conversa: as gravuras em rochas duras, nas ditas rochas ígneas ou graníticas tendem a ter uma sobrevida mais longa que as gravuras feitas nas rochas sedimentares, essa é nossa concepção técnica. Mas isso também nos leva para a necessidade de pensar o registro rupestre, a partir dos sistemas indígenas de conhecimento, concorda?

– Acho... que sim...

– O que quero dizer é: se sabemos disso, eles também sabiam, concorda?

– Total!

– Basicamente, era esse o principal rumo da pesquisa. Fazer uma conversa entre os grafismos e a etnogeologia antiga que circunda os painéis.

– Raoni, então me deixa puxar um pouco algo que estou tateando ainda: a respeito dos encantados e essa relação mítica com os lugares de pedra... Nesse sentido, teve algo que você percebeu e que ficou gravado? Pedindo desculpas pelo trocadilho pobre.

– Nem foi o pior que já ouvi! – Ele respondeu, rindo de novo. – Me deixa ver... a primeira coisa, e isso as arqueologias e pesquisas antropológicas contemporâneas têm mostrado muito, é que não tem como desconectar a arqueologia dos conhecimentos dos povos indígenas, do seu conhecimento empírico e do conhecimento das realidades que os circundam. Todos nós que fazemos arqueologia precisamos ter minimamente na cabeça, caso não consigamos assimilar isso no espírito, que não validar certas dimensões pelas quais os indígenas transitam, não as invalida. O que podemos fazer é: estudar e aprender com quem acessa, se for da vontade de quem acessa, para então fazermos um trabalho que seja verdadeiramente relevante não apenas para um grupo hegemônico ou seja, para os brancos e seus artigos.

– Sim, concordo muito com isso. Fico pensando, e isso me preocupou demais no início da escrita da dissertação, em como algumas vezes podemos estar deturpando completamente as formas como os indígenas existiram no passado, trazendo os vestígios e hipóteses para uma realidade tecnicista, mas descolada desse jeito de estar no mundo que nossa ciência já sabe, mas desconsidera, tão vergonhosamente.

– Isso mesmo, é bem por aí. É claro que esse é um assunto extremamente denso, muito abrangente, mas basicamente precisamos começar a conhecer, se é que nos será permitido, como eu já disse, essas relações com outras realidades, com os encantados, com os lugares míticos, não apenas pelo olhar, mas pelo sentir, enfim, com as formas de interpretar os saberes que passam longe da nossa racionalidade de laboratório. O conhecimento xamânico, vamos colocar dessa forma, para além de ser uma habilidade de controle de forças não humanas, mediação entre mundos, cura de males, constitui-se também como uma forma de história política que é transmitida oralmente pelos mitos, ritos, cantos, rezas. Esse saber “não acadêmico” não apenas pode como está inserido na paisagem, através dos geoglifos, de grafismos rupestres, dos megalitos que você pesquisa, enfim, através de características físicas do ambiente, de cadeias de montanhas, de rios, de pedras... Ele está no mundo! A Lux Vidal disse algo do tipo, o saber representa um modelo de construção, de representação e de interpretação do passado e do espaço, da história e da geografia de forma viva e fluida.

– Ela quer nos dar a entender o óbvio, que o sistema de ensino indígena, desde os tempos antes do presente, é integrador?

– Com toda certeza! E essa é uma premissa básica! – ele foi enfático – Não se vê o mundo em caixinhas. Ele é uma grande rede, sem começo nem fim. Você chegou a conversar com a Lux?

– Queria muito, mas acho que não tenho mais esse tempo, infelizmente! – Lamentei, de coração.

– Bom seria muito rico! De toda forma, uma última coisa da qual me lembrei agora, ainda sobre essa história das casas dos encantados. Existe uma ideia de cidade subterrânea dentro dos pedrais ribeirinhos, é um saber local, e isso nos levou à percepção de que as rochas e afloramentos rochosos se configuram como elementos e lugares muito importantes dentro das cosmologias e filosofias indígenas na Amazônia. Há uma organização de saber que gira em torno de certa noção sobrenatural das formações rochosas, na condição de corpo-casa-cidade-cosmos, sendo, ao mesmo tempo, esses lugares, uma porta, um tipo de acesso para conexão entre mundos que implica um processo de transformação. É aí que etnogeologia entra, não apenas para certificar que há um conhecimento profundo dos indígenas, em relação às rochas e suas substâncias, mas estudando essas percepções e sua natureza. Na pesquisa, eu pude ver, principalmente através de fontes etnográficas sobre o Alto Rio Negro, que essa consideração acerca das rochas está presente nas mais diversas cosmo-visões e tradições culturais.

– Isso é uma das coisas que me intrigou lendo os mitos que trazem esse elemento, Raoni, a pedra. Fiz um apanhado geral e uma coisa me incomodou muito: a maioria deles simplesmente são transcritos como pedras, uma categoria geral. Fiquei pensando sobre as sutis diferenciações que não foram captadas...

– Sim... Mas acho que esse sempre foi um cuidado dos etnógrafos e das etnografias, talvez atualmente ainda mais observado. A questão é que transpomos para o papel a realidade que vemos, como a conhecemos, não é? Não dá para falar do que não se sabe. Houve uma mudança grande nas formas de trabalhar essas concepções, pós Lévi-Strauss, reforçado pelo Viveiros de Castro. Eu digo que, recentemente, temos dado mais atenção, para não falar espaço, às categorias nativas por elas mesmas. O que posso te dizer, sobre o que pesquisei, é que a percepção indígena das gravuras, aliada a estudos etnográficos de vários autores, mostram a existência de um saber a respeito dos tipos de rochas nas tradições culturais indígenas Alto Rionegrinas. Analisando a literatura, podemos estabelecer várias relações: rocha-origem, rocha-antes da origem, rocha-história, rocha-mito, rocha-memória, rocha-escrita, rocha-

ancestral, rocha-espírito, rocha-mulher, rocha-mortos, rocha-doença, rocha-casa, rocha-caminho, rocha-porta, rocha-sociedade, rocha-mundo, rocha-cosmos e muitas outras, por aí vai. Concluindo, quando proponho um animismo geo-litológico, procuro associar justamente aos espíritos vivos que habitam os mais diversos tipos de rochas.

– Raoni, para eu te dar paz: o que você diria que é a diferença principal, falando de forma muito simplória, entre os grafismos graníticos e os grafismos areníticos?

– Simplória mesmo hein? Vamos lá. Os sítios graníticos apresentam uma identidade gráfica completamente diferente dos sítios areníticos. No caso dos sítios graníticos a zoomorfia e a antropomorfia, as formas de animais ou formas parecidas com os humanos, exibidas nos suportes rupestres parecem dotadas de movimento. Vou te dar um exemplo: parece haver figuras que lembram flautistas, quase uma narrativa performática, pela minha interpretação. Isso tem a ver com a rocha? Bom, eu acredito que a variabilidade estilística rupestre, o que foi gravado na rocha, poderia ser explicado pela proposição de mentes geo-situadas, ou seja, a mente é moldada pela rocha e não o contrário, como se o granito pedisse aquele tipo de gravura, compreende? É claro que essa minha proposta apresenta fragilidades, vem de um lugar ainda muito pouco considerado na arqueologia, uma espécie de herdeiro mal quisto da fenomenologia e, desde então, sigo trabalhando nisso.

– Por favor, continue, preciso das suas pegadas! Queria ter mais tempo para me debruçar sobre esse tema depois dessa nova conversa... – Ele logo me interrompeu:

– Marina, pode acreditar em mim, se você tivesse todo o tempo do mundo, não seria o suficiente!

– Pois é! Raoni, muito obrigada. Mesmo! Sei que já falei que tinha terminado mas se permite uma última, de verdade, pergunta pessoal: como você acha que a sua pesquisa alterou sua percepção de mundo?

– Nissa... – Foi o que ouvi de imediato, seguido de uma risada séria e profunda, – Bom, Marina, não sei se vou conseguir elucidar alguma coisa, seja lá qual for a razão da sua pergunta, mas... Veja bem, entendi que as rochas estão vivas. Elas têm identidades vitais, posso falar de um perspectivismo litológico mesmo, são identidades sócio cognitivas – atuam no mundo e se relacionam com os humanos. Há toda essa questão de lugares sagrados, uma dimensão com a qual não estamos acostumados a lidar e nem mesmo fomos ensinados a considerar. Então, acho que estar tão próximo, passar tanto tempo pensando sobre isso, de alguma forma, despertou algum envolvimento, entende?

– Sensibilidade? Intuição? Mediunidade? – Claramente, eu não sabia.

– Não vou afirmar, mas, talvez sim. Mesmo que isso seja muito pouco acadêmico, convenhamos. Acho que pensar a geodiversidade assim como a hidrodiversidade que compõem as paisagens limiars dos sítios nos quais me debrucei foi algo que fiz com tanta profundidade que pude entender esses espaços literalmente como ponto de transição entre mundos. Quero dizer, há o espaço da superfície, dos vivos, da estação seca dos arenitos e granitos visíveis, e há também o mundo subaquático, dos mortos e ancestrais, do fundo do rio, na cidade dos encantados, durante a estação de cheia e das rochas invisíveis. Há o que vemos e há o que só vemos mediante certas circunstâncias. Isso tudo é muito, mas muito, maior do que grafismos em paredes, grafados há mais de 3000 anos, o que por si só já é muito grande... Isso é um jeito de entender a história do mundo e a própria história. É um saber que não sei se teremos. Acho que nunca mais olhei para um grafismo da mesma forma, compreende? No fim das contas, assimilei que estar no mundo, verdadeiramente, é naturalizar sua estranheza profunda, seja por rituais ou negociando com o estranho a nossa existência e a limitação de assimilarmos apenas parcialmente todas as coisas. Todo dia, quando abro os olhos, penso que é um novo dia de negociação para meu fluir na vida.

– Isso é arqueopoesia pura e perfeita, tenho uma amiga que ia adorar!

– É, ficou bonito isso mesmo né? Coloca aí na dissertação, mas me dá o crédito, viu?

– Combinadíssimo! Um grande abraço, Raoni.

– Outro!

E antes de desligar, pela ducentésima primeira ou segunda vez, desde que Franz Fanon me emprestou a epígrafe inicial da dissertação, eu não sabia mais a quantas armas andava.



*Kwat foi-se deitar. Ao meio dia levantou-se e foi fazer pedra,
e gritava na pedra. Kwat fez de pedra o avô de Caraíba:
de pedra branca [tabatinga], brancos,
e de pedra preta, os pretos.³⁷*



E assim, depois de receber a visão de como começa a história do povo de Jupira eu precisaria calçar todo o caminho por onde andei, para facilitar o caminhar de quem vai vir depois de mim. A ideia é a de que, à medida que a história da pesquisa esteja sendo contada, ela vá se materializando na frente de quem lê... Evocando os cheiros da mata molhada de chuva, o gosto do açaí com peixe do norte, o tecnobrega dos amazônicos, os olhos de harpia dos ribeirinhos, a sensibilidade silenciosa das mulheres do norte, a risada ampla dos sulistas que não entendem, mas amam tudo o que podem ver.

Depois de toda essa aventura, não uma tarefa acadêmica, não um campo, mas um ciclo completo na jornada da heroína, espero ter tornado quase possível que a mão estendida de cada pessoa leitora toque os megalitos do Amapá. Espero poder olhar sempre feliz para essa pequena criança chamada *Da Pedra ao Pó*. Fevereiro de 2021 acena. Depois de viver até aqui, algo que eu não tenho mais é medo de imaginar.



*Havia um tempo (sobre o qual nada sei; meu conhecimento nessas matérias é muito limitado) em que os futuros Mãi (Mäidi) e os humanos se distinguem, habitando esta mesma terra. Em consequência da rejeição da divindade Aranãmi por sua esposa, este, pela dança, pelo canto e pela ingestão de tabaco, ergueu a abóboda celeste, e levou consigo os outros Mai. Alguns subiram ainda mais alto, constituindo o segundo mundo celeste – são os Iwã pidi pa (moradores do céu vermelho). A matéria dos suportes celestes foi um grande itape, uma formação granítica semelhante as que ainda se encontram no território Arawete: pequenos morros de rocha nua e negra, de elevado valor simbólico-rememorativo, em cujas cercanias cresce o alucinógeno pavikã (paricá, *Anadenanthera peregrina*). A pedra é, aliás, a matéria prima emblemática dos Mãi: suas casas, seus arcos, seus machados são de pedra.³⁸*



Notas do capítulo 3

¹ Trata-se de uma resenha sobre uma obra geral sobre o tema: *Arqueologia Funerária Francesa* (TACLA, 2008)

² Conforme explana em seu livro *O Pensamento Selvagem*, (LÉVI-STRAUSS, 1962)

³ Passagem descrita (adaptada) no artigo *Morte e Pessoa entre os Kaxinawá* (MCCALLUM, 1996), segundo a autora em 1990, deu-se esse diálogo entre Zé Augusto, líder de cantos da região do rio Purus, ela mesma e Sueiro, antigo líder dos Kaxinawá do Jordão.

⁴ E aqui não falo do contato, o que como visto poderia ter sido feito de forma fictícia. Mas falo de muitas obras que, por vezes, engendram uma linguagem tal que para mim – pós graduanda da área – não era fácil assimilar o significado. Principalmente após ler escritas de pesquisadores indígenas, comecei a pensar no quanto precisamos, nós acadêmicos brancos, na grande maioria, rever nossos modos de escrita para sermos, verdadeiramente, inclusivos em relação a ampliação dos saberes.

⁵ *Agencies* no original, referência já citada na nota 3.

⁶ Baseado no livro (redigido a partir de sua dissertação de mestrado) *Batismo de Fogo: Os Palikur e o Cristianismo* (CAPIBERIBE, 2007)

⁷ Aqui refiro-me ao artigo *Mito, História e Cosmologia: as diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi entre os povos indígenas da Bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá* (VIDAL, 2001)

⁸ O filme *Bokeh* (2007), dirigido por Geoffrey Orthwein. Não recomendado para momentos depressivos.

⁹ Pesquisador das relações simbólicas contidas na cerâmica Konduri do Baixo Amazonas, Marcony insistiu para que fossemos até a sede do Instituto Iepê em Macapá, uma organização não governamental que visa fortalecer e auxiliar no desenvolvimento de comunidades indígenas do Planalto das Guianas. Para mais infos: <<https://institutoiepe.org.br/sobre-nos/>>.

¹⁰ No extremo norte do país, no Estado do Amapá, moram os povos Karipuna, Galibi Kali'na, Galibi Marworno e Palikur. Somam uma população de cinco mil indivíduos cujo intercâmbio histórico, entre índios e não índios, fez com que esses quatro povos indígenas desenvolvessem características comuns, a partir de uma mesma tradição cultural (informação do site do Instituto Iepê).

¹¹ Segundo o mito palikur da origem do mundo, o primeiro homem nasce do mar, de uma raça da onda do mar; plantas, mato, até o próprio Sol nasciam de dentro da água e a chuva tornou-se o desejo do primeiro palikur de ver a água, criadora de tudo, descer do céu. Esse mito, gravado por Artionka Capiberibe, está descrito na página 18 da obra *Povos Indígenas do Baixo Oiapoque* (Vidal, 2009).

¹² Mariana Cabral pontua que para o povo Wajãpi, nós, brancos somos “filhos da chuva”, surgimos da chuva, das gotas (e por isso somos tantos e infundáveis). Eu acho que no solstício de inverno de 2018, renasci da chuva...

¹³ Recomendação ayurvédica para lombalgias, bursites e outras dores musculares: 1 colher de sopa de cúrcuma em pó, 1 colher de sopa de gengibre em pó e óleo de rícino suficiente para formar uma pasta moldável. Aplique no lugar e passe por cima um plástico filme de forma a abafar a região (o calor vai fazer as ervas agirem). Deixe, de preferência, da noite para o dia e use roupas velhas, cúrcuma pode manchar.

¹⁴ Não bastasse tudo que 2020 trouxera, algumas salas da reserva do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG sofreram com um incêndio acidental, em junho de 2020. Felizmente ninguém se feriu, mas infelizmente algumas histórias que lá estavam, esperando seu momento de serem contadas, se perderam.

¹⁵ Transcrevo aqui o relato-desabafo que Mariana Cabral publicou em seu perfil do Instagram @marianapetrycabral no dia 31 de julho de 2020. Resistimos!

¹⁶ Essa “conversa” é baseada na obra *O Belo é a Fera* (VELTHEM, 2003), sendo que as falas de Lúcia são referências de sua escrita principalmente nas páginas 95, 99, 101, 102, 109, 114, 120, 123, 165, 167, 173, 219, 253, 261, 395.

¹⁷ A partir desse ponto, também utilizei uma entrevista feita com a antropóloga Lux Vidal misturadas às falas de Lúcia Van Velthem, publicada em 2009 pela Revista de Antropologia da USP (MACEDO; GRUPIONI, 2009).

¹⁸ Isabelle Vidal Giannini é uma antropóloga que trabalha pesquisando questões sociais relacionadas a povos indígenas explorando, em seus trabalhos, a relação diversa que os povos indígenas mantêm com o que a ciência ocidental entende como metafísica.

¹⁹ *Lendas do Índio Brasileiro*, um compendio organizado por Alberto da Costa e Silva, diplomata, poeta, ensaísta, memorialista e historiador brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras segundo a wikipédia.

²⁰ Mito transcrito nas páginas 87-91, da referência 19 acima.

²¹ Mário de Andrade, Raul Bopp, Brandão de Amorim, respectivamente.

²² Toda essa descrição vem do citado livro de Alberto da Costa e Silva e de pesquisas da antropóloga Betty Mindlin, uma mistura de mitos indígenas identificados como pertencentes aos bororos, maués, tarianas, taulipangs, tuparis e tyriós.

²³ Excertos extraídos das obras *Vozes da Origem* (1996) e *Tuparis e Tarupás – Narrativas dos índios Tuparis de Rondônia* (1993) ambos de autoria da antropóloga Betty Mindlin.

²⁴ Excertos extraídos das obras *Vozes da Origem* (1996) e *Tuparis e Tarupás – Narrativas dos índios Tuparis de Rondônia* (1993) ambos de autoria da antropóloga Betty Mindlin.

²⁵ Uma explicação mais detalha do funcionamento dos microscópios petrográficos, que são diferentes dos microscópios comuns pode ser obtida nessa página da Universidade do Minho (Portugal): <<http://www.dct.uminho.pt/rpmic/mic.html>>

²⁶ Denis William, em *Prehistoric Guianas* (2001).

²⁷ Fábrica (fabrics). Trata-se da atitude das partículas no espaço e o grau de orientação preferencial delas. Geneticamente pode ser fábrica primária ou fábrica secundária. A primária é dita fábrica aposicional e representa a respostadas partículas ao sistema de forças operante no tempo do transporte ou deposição, o que inclui forças reológicas, a gravidade e o magnetismo terrestre. Se, no entanto, expressa orientação preferencial de organismos usualmente escavadores ousésseis, com relação às correntes prevalecentes, diz-se fábrica reotática. Já a secundária, denominada fábrica deformacional, forma-se após a deposição dos sedimentos por ação de forças externas, como, por exemplo, o fluxo de um sedimento inconsolidado. Essa definição foi proposta por Nowatzki (2019) e encontra-se disponível online no *Léxico de Estruturas Sedimentares e Termos Associados* <http://sbg-rj.org.br/media/publications/Lexico_de_Estruturas_Sedimentares_e_Term.pdf> .

²⁸ Lilian Coeli é doutora em geografia pela UFMG, especialista em análise petrográfica e aluna do professor Fábio, foi uma das mentes essenciais à expansão dessa pesquisa. Vide <<http://lattes.cnpq.br/0340550150604764>> .

²⁹ Excertos extraídos das obras *Vozes da Origem* (1996) e *Tuparis e Tarupás – Narrativas dos índios Tuparis de Rondônia* (1993) ambos de autoria da antropóloga Betty Mindlin.

³⁰ Uma reportagem que explica o contexto e a cultura de cancelamento, muito em voga nos idos de 2020 dado a insistência de anônimos e famosos em furar as regras de isolamento social, mostrando-se incapazes de pensar no coletivo em detrimento de suas satisfações pessoais. Vida a reportagem de 28 de dezembro de 2020: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2020/12/perfis-em-rede-social-expoe-detalhes-de-festa-do-ney-mar-e-cancela-participantes.html>>

³¹ Uma explicação confiável sobre os vedas e Samsara em <<https://www.yoga.pro.br/o-que-e-o-samsara-uma-aula-de-gloria-arieira/>>.

³² Extraído do artigo *Ometanimpe, os “Transformados”* (FRIKEL, 1961).

³³ Reportagem que trata do acontecido ao professor Raoni: <<https://amazonia.org.br/2018/03/arqueologo-raoni-valle-sofre-atentado-na-amazonia/>>.

³⁴ É isso que ele narra no episódio “Paraíso em Disputa” de podcast “Mamilos”, falando dos incêndios ocorridos no município no ano passado de 2019. O episódio 229 do podcast fundado pelas publicitárias Juliana Wallauer e Cris Bartis foi ao ar em 9 de dezembro de 2019.

³⁵ A conversa que se segue, fictícia, foi baseada em uma entrevista concedida pelo professor Raoni para o site Publica – Agência de Jornalismo Investigativo, que pode ser acessada no link: <<https://apublica.org/2013/08/arqueologo-explica-riqueza-patrimonio-rio-negro/>>. Complementar a ela, algumas das falas do Raoni são recriadas a partir de sua tese de doutorado, especificamente a partir de alguns dos apontamentos feitos nas páginas 20, 26, 29, 36, 118, 119, 124, 348, 385 e 463. (VALLE, 2012).

³⁶ Extraído do artigo *Mito e Arqueologia: A Interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatinemu – Pará* (SILVA, 2002).

³⁷ Extraído do Livro *Mitos e Outras Narrativas Kamayurá* (AGOSTINHO, 2009).

³⁸ Extraído do artigo *Os Deuses Canibais – a morte e o destino da alma entre os Arawaté* (CASTRO, 1982).

Epílogo

“O amanhecer era chuvoso, como já esperava a velha Ominarã, que sorriu ao sentir na pele em chamas o frescor da água caindo do céu. Com sua visão ampliada pela idade avançada do corpo, ela podia visualizar a chuva escorrendo pelas pedras, na elevação da planície. Era capaz de sentir o alívio que a tormenta levava aos ossos ressecados daqueles que, antes e muito antes dela, passaram para o lado certo do mundo. A Ominarã sabia ser essa a última celebração de antepassados que faria junto de seu povo, em carne e sangue quente. Sentia que muito brevemente estaria unida aos antigos, para então ser celebrada como eles, raiz e seiva sob as pedras que marcavam o limite dos mundos. Isso a fez pensar na menina Jupira; ainda muito verde nas relações com as gentes gente, mas já muito sábia na conversa com as plantas gente, os animais gente e as pedras gente daquela terra rica. Jupira era arredia, espírito de fúria, sempre a arreganhar ameaçadoramente os dentes a qualquer contrário da vida. A velha ria, divertida, perdida em suas memórias frescas, lembrando dos transtornos já causados pela raiva de fogo daquela pequena mulher. A Ominarã sabia, porém, que a neta tinha o necessário para liderar seu povo. Por isso, brotara de novo e outro vez. Ainda assim Aceanga sentia o peito apertar, não conseguia compreender aquele estranho e sombrio pressentimento que hoje mais forte e sombrio, tomara conta do seu coração. Remexeu-se na rede enquanto com uma das mãos batendo, distraidamente, em uma poça de chuva, espirrando gotículas de água na terra e afogando algumas formigas que andavam em fila. Os Tapurái – o pensar da Ominarã não cessava – eram fortes, grandes e ferozes, mas também doces e inocentes, simpáticos à vida festiva. Aceanga balançou a cabeça. Eles eram respeitados fora de suas terras e tidos como uma das grandes famílias ainda existentes mas por vezes, ela lembrava-se, por vezes eram por demais orgulhosos de tudo que seus antepassados fizeram, certos de que esse tempo não terminaria e agiam feito espíritos ruins,

vorazes e teimosos, não aceitando nada além do que queriam. Jupira era assim. Mas aprenderia, pela dor e sangue quente. Era preciso uma autoridade sábia para liderá-los sem sucumbir. Assim, foi durante os últimos 80 anos, desde que menina ainda seu povo a ungiu como Ominarã dos Tapuraí, Povo das Pedras. Por outro lado, pensou, ela havia visto que Jupira seria uma das maiores ominarãs de toda a longa história de sua gente, erguendo uma grande história antes de tudo terminar... Era isso, o fim definitivo, era isso que dentro da velha a fazia sentir-se pequena como jamais fora, pois os espíritos da água deixaram-na antever o que ela não presenciaria em carne e sangue quente. Uma sombra pairou no ar e sabendo que morreria sem poder ajudar sua pequena menina, ela se angustiava. Inspirou o ar encharcado da manhã nova para dispersar esses devaneios, do futuro que não se reescreve. Apoiando-se nas bordas da rede de arumã trançado, ergueu seu grande corpo e elevou para o céu seus olhos cegos. De repente, feito um estrondo abominável, sua gargalhada trovejou pela mata, espantando algumas aves próximas e deixando seu uiraçu companheiro, que ressonava no poleiro, em estado de alerta. A Ominarã estava satisfeita por pensar no silencioso descanso que finalmente teria. Já quase podia sentir o abraço molhado e escuro da terra, à salvo da confusão das gentes vivas e perdidas da superfície. Ela ergueu seus braços fortes para o alto, buscando sentir com seu espírito a força das placas de granito que os irmãos colocariam sobre sua urna, mas sabia que peso nenhum seria grande demais para fazê-la temer a morada no poço ancestral. Há anos não desejava algo tão profundamente como a própria morte. Indo em direção ao fogo, ela lançou um punhado de ervas secas na água fervendo do pote de barro preto, sorvendo o aroma amargo que dava à sua mente lucidez e destemor. Aquele era um tempo onde o último suspiro significava livrar-se do fardo de ser gente para voltar à paz de ser floresta. A velha cega sonhava em ser, de novo, um grande e frondoso angelim vermelho. Entranhar suas raízes no mais recôndito canto da terra, sorver a seiva da vida até a última folha de seus imensos galhos, formando um canal

unísson entre as nuvens e o chão, tronco e copa firmes, a testemunhar atemporais o tempo. Rindo ruidosamente, ela bebeu a água amarga do chá e preparou-se para receber o espírito antigo, que falaria aos Tapuraí, naquela noite sem lua, as trágicas notícias sobre os próximos ciclos de destruição que estavam por vir. A calma que conheciam há milhares de anos estava prestes a terminar e a maior de todas as tormentas que já enfrentaram dava sinais ameaçadores no horizonte limpo da grande floresta. Ela não estaria aqui e se regozijava com isso. Mas eles... “Eles precisariam continuar”. O Povo das Pedras de Pé – Livro I: A Ascensão da Ominarã (COSTA, Marina, em produção)

Fim

Ah, o granito! O granito está lá, no macro e no micro! Agora é conversar com outras rochas, aprender com outras cerâmicas, quem sabe sentir o silêncio dos afloramentos ou olhar o calor da lava petrificada, símbolos do tempo que explode, esfria, cobre a terra e se liquidifica em lama, em brejo, em megalitos, em nada e então... passa.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, P. *Mitos e outras narrativas Kamayurá*. 2ª Edição ed. Salvador: [s.n.], 2009.

ALMEIDA, F. ET ALL. Inconsciente coletivo e o arquétipo da persona : noções introdutórias. *Revista Saberes da Unijipa*, p. 1–5, jul. 2015.

BARALDI, F. B. Como estudar a emoção musical ? Propostas metodológicas a partir de pesquisa junto aos ciganos da Transilvânia (Romênia). *Sociol. Antropol.*, v. 06, n. 03, p. 699–734, 2016.

BARCELOS NETO, A. Witsixuki: desejo alimentar, doença e morte entre os Wauja da Amazônia meridional. *Journal de la société des américanistes*, v. 1, n. 93, p. 73–95, 2007.

BARREIROS, B. C.; PREVIATTI, D. O sonho como uma produção social. *Sociologias*, v. 21, n. 51, p. 366–380, 2019.

BINSWANGER, L. O sonho e a existência. *Natureza Humana*, v. 4, n. 2, p. 417–449, 2002.

BRÜCK, J. Experiencing the past? The development of a phenomenological archaeology in British prehistory. *Archaeological Dialogues*, v. 12, n. 1, p. 45–72, 2005.

CABRAL, MARIANA PETRY; SALDANHA, J. D. DE M. Sitios megalíticos en Guayana oriental. In: ROSTAIN, STÉPHEN; BETANCOURT, C. J. (Org.). *Las Siete Maravillas de la Amazonía precolombina*. La Paz: [s.n.], 2017. p. 231.

CABRAL, M. P.; SALDANHA, J. D. DE M. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. *Revista de Arqueologia*, v. 21, p. 9–26, 2008.

CAMARGO, M. R. R. M. DE;; SANTOS, V. C. C. DOS. *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação*. São Paulo: [s.n.], 2010.

CAPIBERIBE, A. *Batismo de fogo: Os Palikur e o cristianismo*. São Paulo: Annablume, 2007.

CAPIBERIBE, A. *O Estado contra os índios - Nexo Jornal.pdf*. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2016/O-Estado-contra-os-índios>>. Acesso em: 6 abr. 2020.

CAPIBERIBE, A. Um interminável Brasil colônia : os povos indígenas e um outro desenvolvimento. *Maloca*

Revista de Estudos Indígenas, v. 1, n. 1, p. 53–77, 2018.

CARVALHO, S. I. DE L. *A escrita criativa como instrumento de desenvolvimento de competências de escrita*. . Setúbal: [s.n.], 2015.

CASTRO, E. B. V. DE. *Os Deuses Canibais - a morte e o destino da alma entre os Araweté*. *Acervo Isa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1982.

CRIADO BOADO, F. *Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje*. [S.l: s.n.], 1999. v. 6. Disponível em: <<http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:No+Title#0>>.

FRIKEL, P. Ometanímpe, os "Transformados". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, n. 17, p. 1 - 16, 1961.

FRIEMAN, C.; GILLINGS, M. Seeing is perceiving? *World Archaeology*, v. 39, n. 1, p. 4–16, 2007.

GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GOELDI, E. A. *Excavações arqueológicas em 1895. Memórias do Museu Goeldi*. [S.l: s.n.], 1905

HARAWAY, D. Artigos saberes localizados: n. 5, p. 7–41, 1995.

HIRIART, M. *La culture Aristé , les sites mégalithiques et les puits funéraires en Amazonie brésilienne (Amapá)*. 2012. 167 f. Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, 2012.

HODDER, I. El problema. *Interpretacion en Arqueología*. Barcelona: Editorial Crítica, 1988. p. 225.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, v. 18, n. 37, p. 25–44, 2012.

KAZUO TAMANAHA, E.; RAPP PY-DANIEL, A. Sítio Hatahara: estruturas funerárias, residenciais ou ambas? 2009, São Paulo: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, 2009. p. 63–73.

LATOUR, B. *A Esperança de Pandora*. Bauru: Edusc, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papirus, 2012.

LOURENÇO, L. C. D.; PADOVANI, R. DA C. Fantasias freudianas: aspectos centrais e possível aproximação com o conceito de esquemas de Aaron Beck. *Psico-USF*, v. 18, n. 2, p. 321–328, 2013.

- MACEDO, V.; GRUPIONI, L. D. B. Exposições e invisíveis na antropologia de Lux Vidal. *Revista de Antropologia*, v. 52, n. 2, p. 789–814, 2009.
- MCCALLUM, C. Morte e pessoa entre os kaxinawá. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 49–84, 1996.
- MENDES, E. R. P. No Passo da Gradiva. *Estudos de Psicanálise*, v. 28, p. 51–60, 2005.
- MINDLIN, B. *Tuparis e Tarupás - Narrativas dos índios Tuparis de Rondônia*. São Paulo: Edusp, 1993.
- MINDLIN, B. *Vozes da origem*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1996.
- MORAES, A. C. DE; CASTRO, F. M. F. M. Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envolvidos em intenções pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, p. 1–15, 2018.
- OLIVEIRA, F. D. A. *Estudo das propriedades farmacológicas da resina de Protium heptaphyllum (Aubl.) March. e de seus principais constituintes, mistura de α - e β -AMIRINA*. 2005. 279 f. Universidade Federal do Ceará, 2005.
- PELLINI, J. R. O Jardim Secreto: Sentidos, Performance, Memórias e Narrativas. *Vestígios - Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 65–91, 2014.
- PEREIRA, M. V. A escrita acadêmica - do excessivo ao razoável. *Revista Brasileira de Educacao*, v. 18, n. 52, p. 213–244, 2013.
- PROCHET, N. De que são feitos os sonhos? *Cadernos de Psicanálise*, v. 35, n. 28, p. 11–25, 2013.
- PY-DANIEL, A. R. Arqueologia Amazônica. Práticas Funerárias. Gestos. 2016a.
- PY-DANIEL, A. R. OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS. v. 27, n. 2, 2015.
- PY-DANIEL, A. R. Práticas Funerárias na Amazônia: a Morte, a Diversidade e os Locais de Enterramento. *Habitus*, v. 14, n. 1, p. 87–106, 2016b.
- RAMOS, D. *Fatores emocionais durante uma escuta musical afetam a percepção temporal de músicos e não músicos?* 2008. 266 f. Universidade de São Paulo, 2008.
- RIBEIRO, M. S. *Arqueologia das práticas mortuárias*. São Paulo: Alameda, 2007.
- SALDANHA, J.; CABRAL, M. Estruturas Rituais Pré-Coloniais na Costa do Amapá. *Habitus*, v. 14, n. 1, p. 73–86, 2016. Disponível em: <<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/viewFile/5076/2806>>.

SANJAD, NELSON; SILVA, J. B. P. DA. Três contribuições de Emílio Goeldi (1859-1917) à arqueologia e etnologia amazônica. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 4, n. 1, p. 95–133, 2009.

SERBENA, C. A. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 16, n. 1, p. 76–82, 2010.

SILVA, A. C. *Lendas do índio brasileiro* [org]. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SILVA, F. A. Mito e arqueologia: a interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no parque indígena Kuatinemu - Pará. *Horizontes Antropológicos*, v. 8, n. 18, p. 175–187, 2002.

STARHAWK. *A Dança Cósmica das Feiticeiras - Guia de Rituais à Grande Deusa*. [S.l.]: Nova Era, 1989.

TACLA, A. B. Arqueologia funerária francesa: Novas perspectivas. *Brathair*, v. 8, n. 1, p. 111–116, 2008.

TILL, R. Songs of the Stones : An Investigation into the Acoustic Culture of Stonehenge. *Journal of the International Association for the Study of Popular Music*, v. 1, n. 2, p. 1–18, 2010.

TUTTOILMONDO, J. V. ameríndia , Lisboa , Museu Nacional de Etnologia / Assírio &. *Revista de Antropologia*, v. 47, n. 1, p. 311–31, 2004.

VALLE, R. B. M. *Mentes Graníticas e Mentes Areníticas Fronteiras geo-cognitivas nas gravuras rupestres do baixo rio negro, Amazônia Setentrional*. 2012. 131 f. Universidade de São Paulo, 2012.

VELTHEM, L. H. VAN. *O Belo é a Fera - A Estética da Produção e da Predação entre os Wayana*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia; Assírio & Alvim, 2003.

VIDAL, L. B. Mito, história e cosmologia: as diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi entre os povos indígenas da Bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá. *Revista de Antropologia*, v. 44, n. 1, 2001.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os Deuses Canibais - a morte e o destino da alma entre os Araweté. *Acervo do Instituto Socioambiental*, [s.n], 28 p., 1982.

WERNECK, M. M. F. O trabalho do mito: diálogos entre Freud e Lévi-Strauss. *Ciência e Cultura*, v. 64, n. 1, p. 45–47, 2012.

ZARIAS, A. Decifra-me! Sociologia como ciência dos sonhos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 34, n.

100, p. 1–6, 2019.

Anexo I

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

PORTARIA Nº. 195, DE 18 DE MAIO DE 2016

Dispõe sobre procedimentos para solicitação de movimentação de bens arqueológicos em território nacional.

A PRESIDENTE DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 6.844, de 07 de maio de 2009, bem como a Portaria nº 92, de 05 de julho de 2012, resolve:

Considerando a Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos;

Considerando o §2º do Art. 52 da Instrução Normativa Iphan nº 01, de 25 de março de 2015, que estabelece que “Caberá ao CNA, mediante requerimento, aprovar a movimentação de acervos dentro do território nacional”;

Considerando a Convenção relativa às medidas a serem adotadas para proibir e impedir a importação, exportação e transferência de propriedades ilícitas dos bens culturais, realizada em Paris, de 12 a 14 de novembro de 1970;

Convenção do UNIDROIT sobre Bens Culturais Roubados ou Ilicitamente Exportados, realizada em Roma, em 24 de junho de 1995;

Considerando a necessidade de padronizar, monitorar e gerir a movimentação de bens arqueológicos no território nacional, **RESOLVE**:

Art. 1º. Aprovar o termo de referência disciplinar dos Procedimentos para Solicitação de Movimentação de Bens Arqueológicos em Território Nacional, na forma do Anexo I.

Art. 2º. Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

JUREMA MACHADO

Presidenta

ANEXO I

PROCEDIMENTOS PARA SOLICITAÇÃO DE MOVIMENTAÇÃO DE BENS ARQUEOLÓGICOS EM TERRITÓRIO NACIONAL

Os seguintes procedimentos referem-se à movimentação de bens arqueológicos em território nacional para fins de transferência, empréstimo e análise.

1. Para o requerente:

1.1 - A instituição requerente deverá encaminhar, **em forma de ofício**, solicitação à Superintendência (SE) do Iphan localizada no Estado onde os bens arqueológicos encontram-se. A solicitação deverá ser apresentada em **uma via original assinada pelo responsável pela instituição requerente**, contendo:

- a) Formulário de Solicitação de Movimentação de Bens Arqueológicos (Anexo II).
- b) Duas vias do arrolamento dos bens arqueológicos a serem transportados, contendo fotografias coloridas com escala, (individual ou em conjunto, desde que seja possível sua identificação), números de inventário ou códigos de identificação, descrição, tipologia material, estado de conservação, peso, dimensões e observações. As páginas deverão ser **rubricadas por responsável pela instituição cedente**, além de apresentar carimbo de identificação do mesmo;
- c) Uma via da declaração do responsável pela instituição cedente, assinada com carimbo de identificação e **rubricada**, informando estar ciente da retirada dos bens indicados no tópico 'b', bem como sua previsão de retorno;
- d) Uma cópia do seguro dos bens arqueológicos, quando houver;
- e) Uma cópia digital de toda documentação.

2. Para o Iphan

2.1 - Recebida a documentação, a SE abrirá processo e analisará a solicitação no prazo máximo de vinte (20) dias. No caso de aprovação, encaminhará o processo ao CNA que, emitirá a autorização no prazo máximo vinte (20) dias.

3. Da movimentação

3.1 - Deverão acompanhar os bens durante seu transporte uma via do arrolamento e das fotografias, bem como a autorização emitida pelo Iphan;

3.2 - Em caso de retorno dos bens à instituição cedente, o requerente deverá enviá-los juntamente com toda documentação referente à autorização e com documento da instituição requerente, atestando o término das atividades;

3.3 - No caso do item 3.2, ao receber o material, a instituição cedente deverá - após conferir se os bens coincidem com o arrolamento original e se mantêm sua integridade -, encaminhar à SE, documento comunicando o retorno do material;

3.4 - O requerente deverá entregar à instituição cedente, assim como à SE, cópia das informações referentes às atividades realizadas a partir dos bens, para que estas sejam incluídas no processo.

OFÍCIO nº 004/2019 DIR-MHNJB/UFMG

Belo Horizonte, 28 de janeiro de 2019.

Ilmo. Sr. Haroldo da Silva Oliveira,

Venho por meio deste solicitar autorização para envio de 59 (cinquenta e nove) amostras do acervo arqueológico do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá - IEPA, sob a direção de Lúcio Costa Leite, ao Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG e, na sequência, ao Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, ambas instituições sediadas em Belo Horizonte/MG.

As análises serão realizadas inicialmente no Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB/UFMG), onde a pesquisadora Dra. Mariana Petry Cabral coordena o laboratório de cerâmica, e posteriormente nas dependências do Instituto de Geociências da UFMG, onde estão situados os equipamentos a serem usados nas análises arqueométricas a serem desenvolvidas.

A partir das amostras selecionadas, serão realizados testes de dureza e resistência dos fragmentos cerâmicos e lâminas para análises arqueométricas, no âmbito do projeto de pesquisa de mestrado "Pedras em pé – análise de granito em contexto megalítico" da aluna Marina da Silva Costa, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Área de Concentração em Arqueologia, da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAN/UFMG), onde a pesquisa é orientada pela arqueóloga Dra. Mariana Petry Cabral. Segue junto a este cópia do projeto.

As amostras serão destruídas ou terão danos irreparáveis do ponto de vista de remontagem, durante o processo de análise. A descrição das amostras selecionadas e as fotos correspondentes encontram-se no Anexo 1 – fotos e descrições de amostras selecionadas para análises arqueométricas. As declarações dos responsáveis pela instituição onde se encontram as amostras dando sua anuência às análises encontram-se nos Anexo 2 e Anexo 3. No sentido de garantir uma documentação plena das amostras enviadas, elas foram fotografadas, medidas e pesadas. Ressaltamos que as amostras selecionadas referem-se a fragmentos de parede de potes cerâmicos, sem qualquer tipo de decoração ou elemento diagnóstico usual, sendo, portanto, fragmentos com menor potencial explicativo para o contexto arqueológico.

Também ressaltamos que não foram selecionadas bordas, justamente por seu potencial interpretativo na reconstituição de formas cerâmicas.

Todo o processo de escolha e preparo das amostras foi realizado pela mestranda, nas dependências do IEPA – Instituto de Pesquisas do Estado do Amapá, entre os dias 10 e 19 de dezembro de 2018, sob supervisão da gerência do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas e de técnicos do IEPA. Em contrapartida ao fornecimento das peças, ofereceremos ao IEPA um DVD com filmagens feitas por drone na cidade de Calçoene/AP e no sítio arqueológico AP-CA-18, as quais foram realizadas no âmbito da pesquisa de mestrado supra citada, na data de 21/12/2018 e 22/12/2018, quando a mestranda esteve em campo com a equipe do IEPA para observação do solstício de dezembro, dada a característica astronômica deste sítio arqueológico.

Os resultados das análises serão compilados na dissertação de Mestrado a ser defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais até a data limite para conclusão do mestrado (previsão: março de 2020). A mestranda e sua orientadora se comprometem ainda a enviar artigos para publicação em periódicos nacionais e internacionais e disponibilizar tais materiais gratuitamente para todo e qualquer pesquisador que tenha interesse de estudá-los, além de encaminhar uma cópia da respectiva dissertação para guarda nos arquivos do IEPA. Esperamos assim realizar um trabalho de excelência através das amostras e conseguir novos dados que ampliem as possibilidades das pesquisas científicas cujo foco é a cerâmica arqueológica e usos de antiplásticos minerais pelos povos do passado pré-colonial de nosso país.

Sem mais, apresento meus cumprimentos e me coloco a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Cordialmente,


Prof. Antônio Gilberto Costa
Diretor do MHNJB-UFMG


Ilmo.Sr. Haroldo da Silva Oliveira
Superintendente do Iphan - AP
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Avenida Henrique Galúcio 1242-A Central
CEP: 68900-115
Macapá, Amapá
Tel: (96) 9841-40178

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

ANEXO II - PORTARIA Nº. 195, DE 18 DE MAIO DE 2016

FORMULÁRIO DE SOLICITAÇÃO DE MOVIMENTAÇÃO DE BENS ARQUEOLÓGICOS EM TERRITÓRIO NACIONAL	
1. Dados da instituição requerente	
Nome: Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais	
Endereço: Rua Gustavo da Silveira, 1035 – Bairro Santa Inês – Belo Horizonte/MG – CEP: 31080-010	
CNPJ/número de registro: 17.217.985/0029-05	DDD/Telefone: (31) 3409-7600
Site: https://www.ufmg.br/mhnpj/	E-mail: dir@mhnpjb.ufmg.br
Responsável: Antônio Gilberto Costa	
Descrição e justificativa das atividades: Trata-se de movimentação para análise arqueométrica de fragmentos cerâmicos e amostra de rocha granito conforme pesquisa de mestrado em curso “Pedras em pé – análise de granito em contexto megalítico” da mestrandia Marina da Silva Costa, aluna do programa de pós-graduação em Antropologia, área de concentração em Arqueologia, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da professora Dra. Mariana Petry Cabral. Detalhamento consta nos anexos, inclusive imagens e descrições individuais das amostras selecionadas.	
2. Dados da procedência dos bens	
Nome do sítio: AP-CA-18 – Rego Grande 1	
Os bens são tombados ou pertencem à área tombada () Sim (X) Não	
Detalhamento:	
Portaria de autorização/permissão de pesquisa e/ou indicação do acervo de proveniência dos bens: Acervo coletado como parte do “Projeto de Investigação Arqueológica na Bacia do Rio Calçoene e seu Entorno – Amapá”, Autorizado pela Portaria IPHAN nº 27, de 8 de Fevereiro de 2006, e Renovado pela Portaria IPHAN nº8, de 7 de Março de 2008.	
3. Dados da instituição cedente	
Nome: Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert - Núcleo de Pesquisas Arqueológicas – NUPArq – Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá	
Endereço: Avenida Feliciano Coelho, 1509 – Bairro Trem – Macapá/AP – CEP: 68901-025	
CNPJ/número de registro: 34927285/0001-22	DDD/Telefone: (96) 99154-0204
Site: http://www.iepa.ap.gov.br/nuparq.php	E-mail: luciocostaleite@gmail.com
Responsável: Lúcio Costa Leite	
Descrever os índices de umidade relativa, temperatura e luminosidade adotadas, além das formas de acondicionamento e o mobiliário utilizados pela instituição cedente: O Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert está totalmente enquadrado nos normativos técnicos que norteiam índices de umidade, temperatura e luminosidade para salvaguarda das coleções arqueológicas pelas quais é responsável.	

4. Dados da movimentação

4.1 Remessa

4.1.1 Descrever e fotografar os métodos de embalagem e acondicionamento
Conforme relatório Anexo 1 – Fotos Amostras.

4.1.2 Os bens serão enviados:

por correio

por transportadora

pessoalmente

Responsável pelo traslado:

RG:

CPF:

4.2 Retorno

4.2.1 Previsão de retorno: Sem retorno previsto – análises destrutivas

4.2.2 Os bens retornarão para a Instituição Cedente:

por correio

por transportadora

pessoalmente

Responsável:

RG:

CPF/CNPJ:

5. Observações

Megalitismo, na arqueologia brasileira atualmente, é pesquisado quase de forma exclusiva em sítios localizados principalmente no estado do Amapá. Alguns pesquisadores mostram que o contexto de estruturas de pedra e formações rochosas naturais (abrigos e cavernas) foram utilizados como espaços de usos contínuos pelos povos pré-coloniais, sendo um contexto extremamente rico (Cabral & Saldanha, 2008; Cabral & Saldanha, 2009; Cabral & Saldanha, 2010; Cabral & Saldanha, 2012). Tais estudos atualizam e acrescentam novas informações a levantamentos anteriores (MEGGERS & EVANS, 1957). De forma ampla, apontam que o granito não estaria apenas nos megálitos mas também em instrumentos e ferramentas de pedra, cerâmicas (na forma de antiplástico), em grafismos rupestres registrados em suporte de paredões graníticos, em lajes e blocos dessa rocha intencionalmente posicionados sobre sepultamentos. Em suma percebe-se a existência de uma relação direta e simbólica entre paisagem, cultura material e a rocha granito. Nesse sentido análises tecnológicas e arqueométricas da rocha e da cerâmica contendo granito em sua composição poderão fornecer dados para clarear de que forma se dá a intrusão mineral em cerâmica pré-colonial e como poderemos desenvolver novas técnicas de análise.

Data: 28/01/2019

Assinatura do responsável pela instituição requerente:



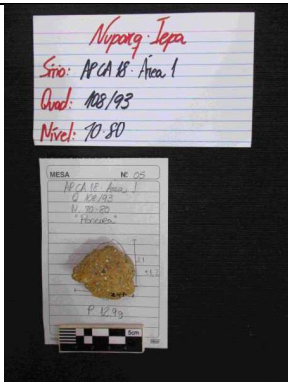

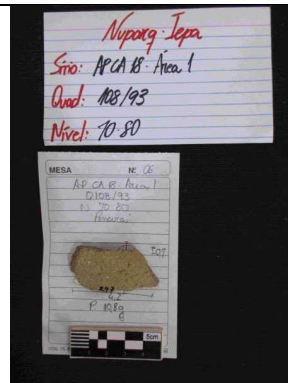

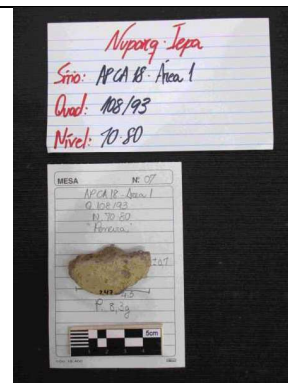




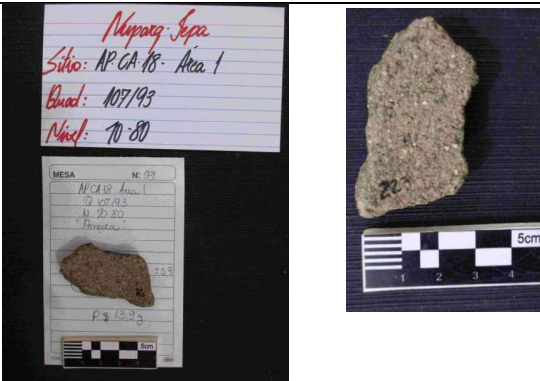


Flávia Santos Faria
Vice-Diretora - MHNJB/UFMG
Insc. UFMG nº 216941

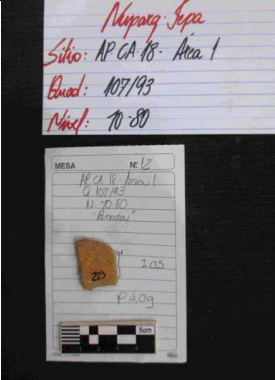

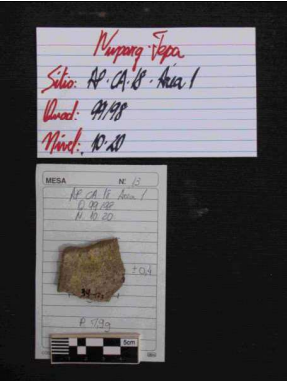

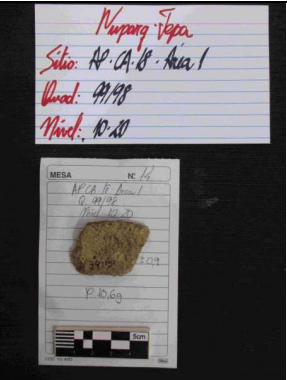

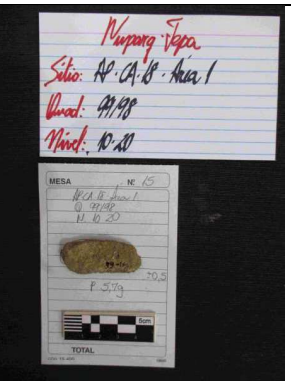



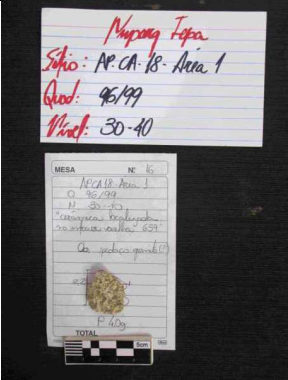

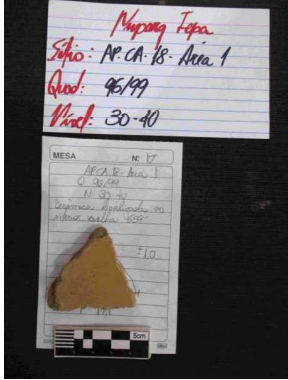

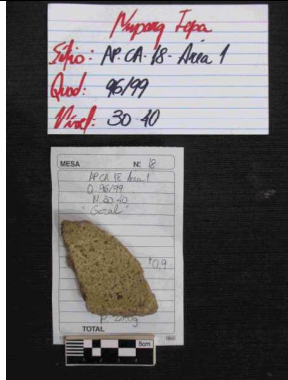

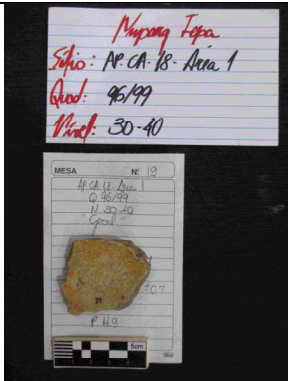

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
 FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
 ANEXO 1 (fotos e descrição de amostras selecionadas para análises arqueométricas).

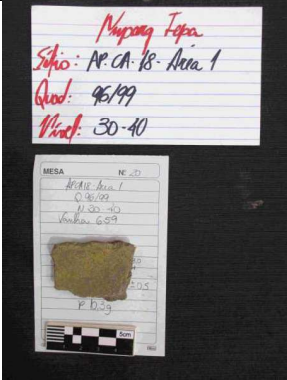

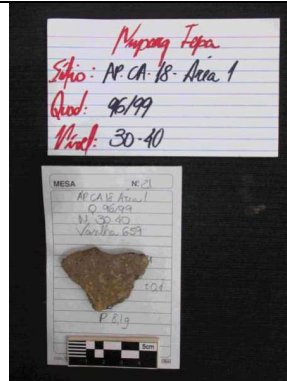

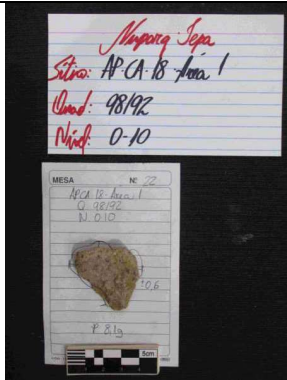

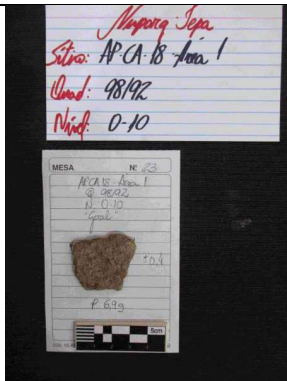

Amostra	Fotos	Informações
01		<ol style="list-style-type: none"> 1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 2. Nº inventário: 153-159 3. Descrição: Fragmento parede 4. Tipologia material: Cerâmica 5. Estado de Conservação: médio 6. Peso: 13,3g 7. Dimensões: 5,5 x 3,5 x 0,8 <p>Observações:</p>
02		<ol style="list-style-type: none"> 1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 2. Nº inventário: 153-160 3. Descrição: Fragmento parede 4. Tipologia material: Cerâmica 5. Estado de Conservação: médio 6. Peso: 14,7g 7. Dimensões: 4,1 x 5,0 x 0,7 <p>Observações:</p>
03		<ol style="list-style-type: none"> 1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 2. Nº inventário: 153-160 3. Descrição: Fragmento parede 4. Tipologia material: Cerâmica 5. Estado de Conservação: médio 6. Peso: 33,8g 7. Dimensões: 4,0 x 5,4 x 1,4 <p>Observações:</p>


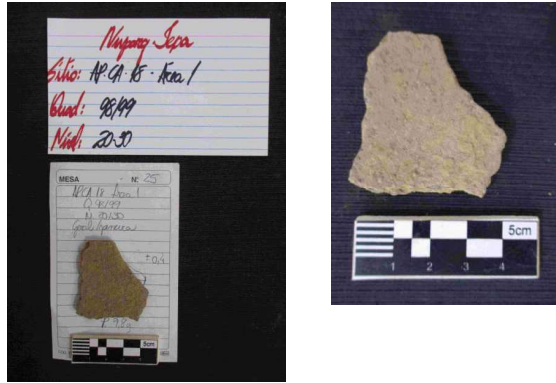

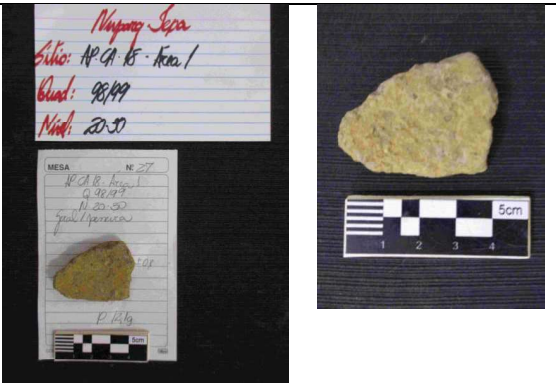
04			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 153-176 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 12,1g Dimensões: 4,2 x 2,4 x 1,6 <p>Observações:</p>
05			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 247 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 12,9g Dimensões: 4,0 x 3,1 x 1,2 <p>Observações:</p>
06			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 247 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 10,8g Dimensões: 4,2 x 2,4 x 0,7 <p>Observações:</p>
07			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 247 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 8,3g Dimensões: 4,5 x 2,6 x 0,7 <p>Observações:</p>

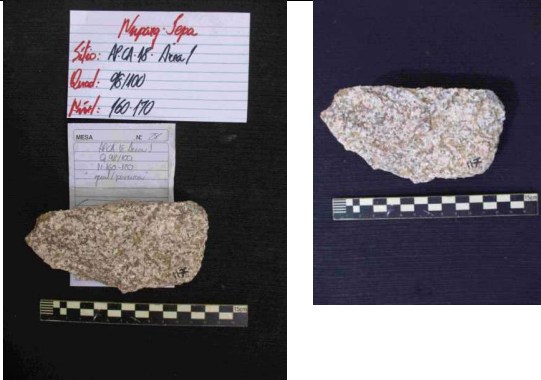

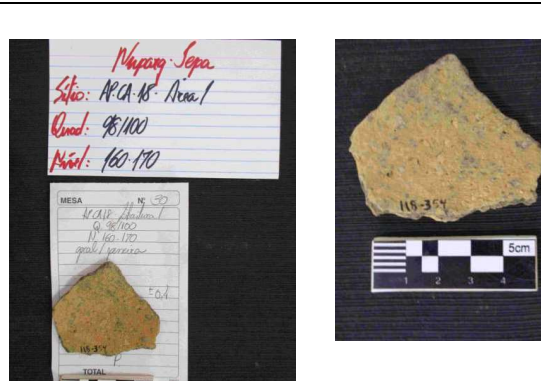

08		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 19,8g Dimensões: 4,9 x 4,9 x 0,8 <p>Observações:</p>
09		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 223 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 13,9g Dimensões: 5,2 x 2,4 x 0,9 <p>Observações:</p>
10		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 223 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 6,4g Dimensões: 3,9 x 2,7 x 1,0 <p>Observações:</p>
11		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 <p>Observações: AMOSTRA SELECIONADA INDEVIDAMENTE, NÃO RETIRADA DA COLEÇÃO POR TRATAR-SE DE BORDA.</p>

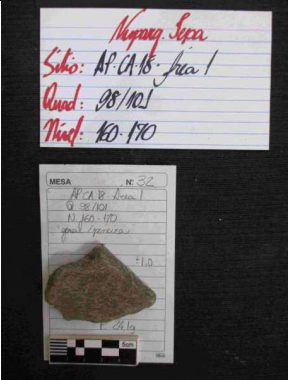

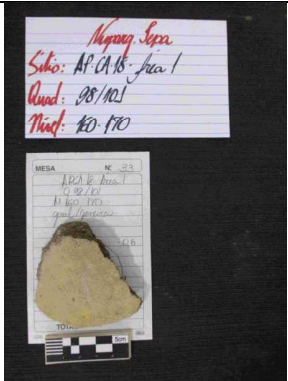

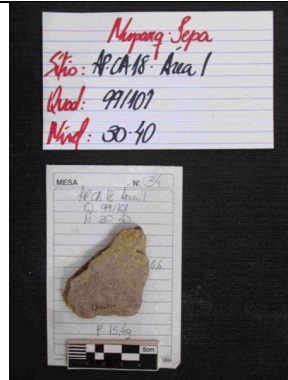

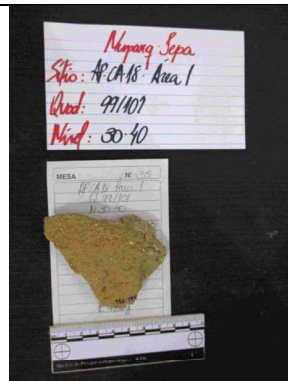

12			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 223 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 4,0g Dimensões: 2,1 x 2,6 x 0,5 <p>Observações:</p>
13			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 34-123 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 7,9g Dimensões: 3,7 x 3,6 x 0,4 <p>Observações:</p>
14			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 34-192 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 10,6g Dimensões: 4,5 x 3,8 x 0,9 <p>Observações:</p>
15			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 34-169 (?) Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 5,7g Dimensões: 4,4 x 1,3 x 0,5 <p>Observações: Sinal “?” refere-se a marcação apagada, deixando dúvida.</p>





16	 	<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento rocha Tipologia material: Granito Estado de Conservação: médio Peso: 4,0g Dimensões: 2,5 x 2,2 <p>Observações:</p>
17	 	<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 17,1g Dimensões: 4,9 x 3,8 x 1,0 <p>Observações:</p>
18	 	<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 81 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 27,0g Dimensões: 5,0 x 3,4 x 0,9 <p>Observações:</p>
19	 	<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 81 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 14,9g Dimensões: 4,1 x 3,3 x 0,7 <p>Observações:</p>

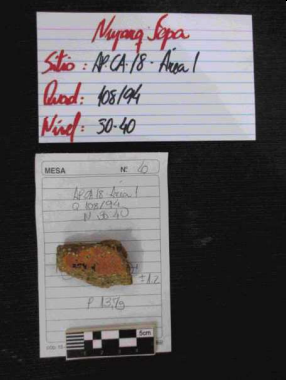

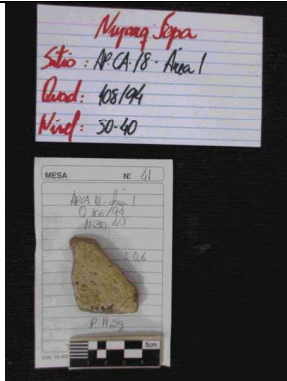



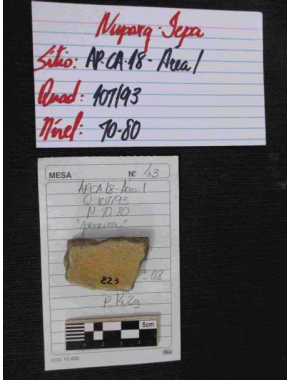

20			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 10,3g Dimensões: 4,1 x 3,0 x 0,5 <p>Observações:</p>
21			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 8,1g Dimensões: 4,8 x 3,1 x 0,4 <p>Observações:</p>
22			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 8,1g Dimensões: 3,1 x 3,4 x 0,6 <p>Observações:</p>
23			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 6,9g Dimensões: 3,2 x 3,0 x 0,4 <p>Observações:</p>

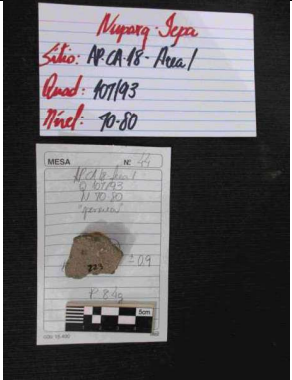

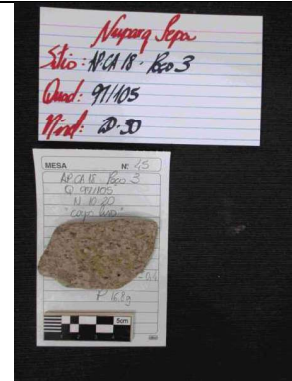

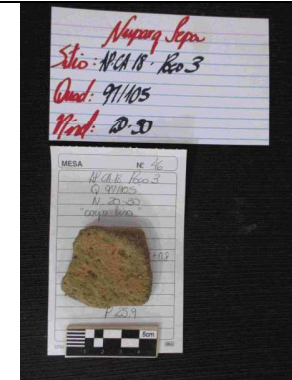

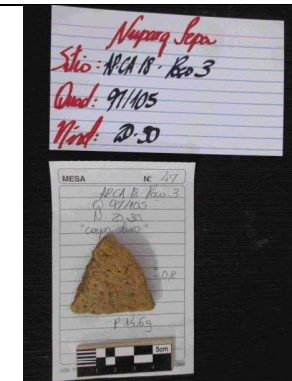

24		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 17,8g Dimensões: 6,1 x 3,1 x 0,6 <p>Observações:</p>
25		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: Dimensões: 3,8 x 4,3 x 0,4 <p>Observações: Categoria peso não medida, será tomado nota no momento de análise.</p>
26		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 11,2g Dimensões: 4,9 x 3,7 x 0,7 <p>Observações:</p>
27		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 12,1g Dimensões: 3,8 x 3,0 x 0,8 <p>Observações:</p>





28		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 117 Descrição: Fragmento rocha Tipologia material: Granito Estado de Conservação: bom Peso: 293,0g Dimensões: 11,6 x 6,3 <p>Observações:</p>
29		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 118 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 24,3g Dimensões: 5,0 x 3,6 x 1,2 <p>Observações:</p>
30		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 118-354 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: Dimensões: 5,5 x 3,5 x 0,8 <p>Observações: Categoria peso não medida, será tomado nota no momento de análise.</p>
31		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 118-354 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 6,5g Dimensões: 2,4 x 2,9 x 0,6 <p>Observações:</p>

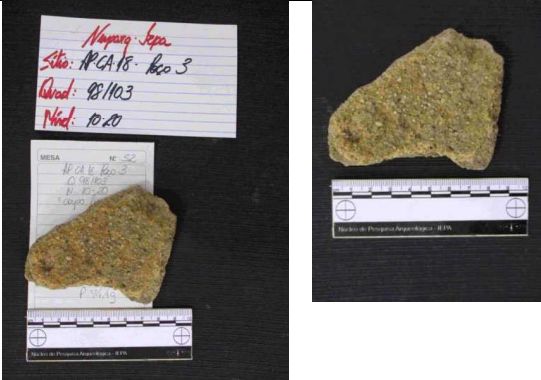

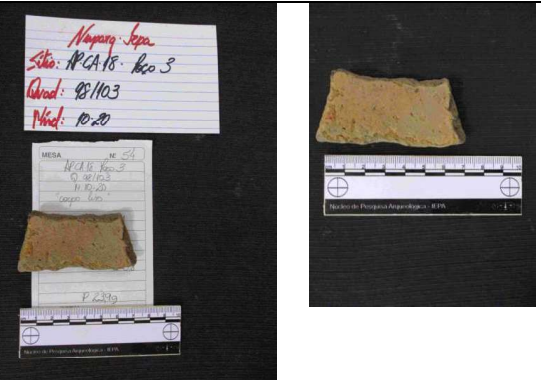
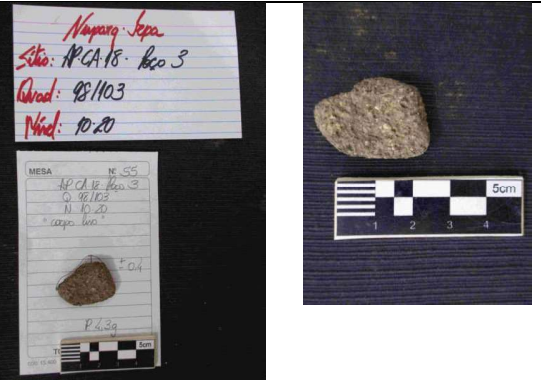
32			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 24,1g Dimensões: 5,4 x 3,5 x 1,0 <p>Observações:</p>
33			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 33,4g Dimensões: 6,3 x 4,7 x 0,6 <p>Observações:</p>
34			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 156-194 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 15,4g Dimensões: 4,5 x 3,8 x 0,6 <p>Observações:</p>
35			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 156-194 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 47,5g Dimensões: 5,0 x 7,5 x 1,0 <p>Observações:</p>

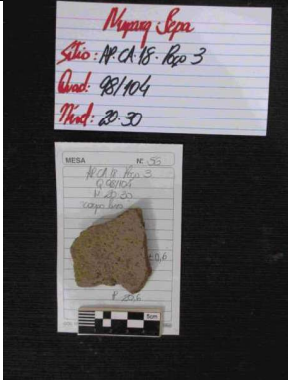

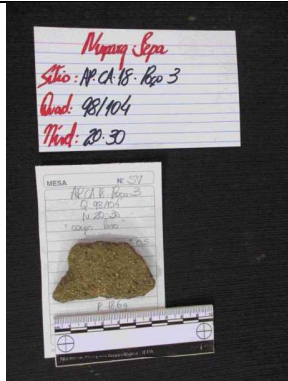

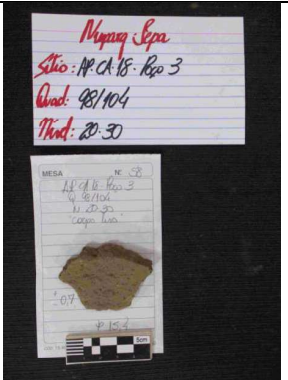

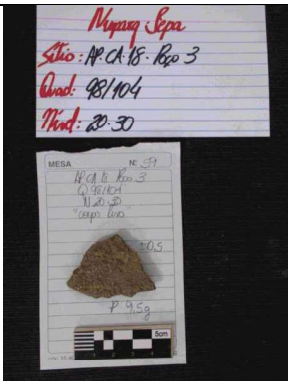

36		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 247- 6 (?) Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 13,0g Dimensões: 3,5 x 3,9 x 0,6 <p>Observações: Sinal “?” refere-se a marcação apagada, deixando dúvida.</p>
37		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 243 - 0 (?) Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 17,6g Dimensões: 3,3 x 4,2 x 0,6 <p>Observações: Sinal “?” refere-se a marcação apagada, deixando dúvida.</p>
38		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 254 d Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 16,8g Dimensões: 5,7 x 2,0 x 0,8 <p>Observações:</p>
39		<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 254 d Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 7,8g Dimensões: 2,6 x 3,0 x 0,4 <p>Observações:</p>




40			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 254 d Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 13,7g Dimensões: 3,5 x 2,4 x 1,2 <p>Observações:</p>
41			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 252 e Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 11,5g Dimensões: 3,1 x 3,5 x 0,6 <p>Observações:</p>
42			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 223 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 13,0g Dimensões: 3,9 x 3,9 x 0,4 <p>Observações:</p>
43			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 223 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 14,2g Dimensões: 3,7 x 2,5 x 0,8 <p>Observações:</p>



44			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: 223 Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 8,4g Dimensões: 3,1 x 2,1 x 0,9 <p>Observações:</p>
45			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 16,8g Dimensões: 6,7 x 4,0 x 0,4 <p>Observações:</p>
46			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 25,9g Dimensões: 4,8 x 4,0 x 0,8 <p>Observações:</p>
47			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 14,6g Dimensões: 4,0 x 4,1 x 0,8 <p>Observações:</p>

48		<p>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1</p> <p>2. Nº inventário: S/Nº</p> <p>3. Descrição: Fragmento parede</p> <p>4. Tipologia material: Cerâmica</p> <p>5. Estado de Conservação: médio</p> <p>6. Peso: 20,8g</p> <p>7. Dimensões: 4,5 x 4,0 x 0,9</p> <p>Observações:</p>
49		<p>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1</p> <p>Observações: NÃO TRATA-SE DE NENHUMA AMOSTRA. NUMERAÇÃO SALTADA NO REGISTRO DAS AMOSTRAS.</p>
50		<p>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1</p> <p>Observações: AMOSTRA SELECIONADA INDEVIDAMENTE, NÃO RETIRADA DA COLEÇÃO POR TRATAR-SE DE BORDA.</p>
51		<p>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1</p> <p>Observações: AMOSTRA SELECIONADA INDEVIDAMENTE, NÃO RETIRADA DA COLEÇÃO POR TRATAR-SE DE BORDA.</p>

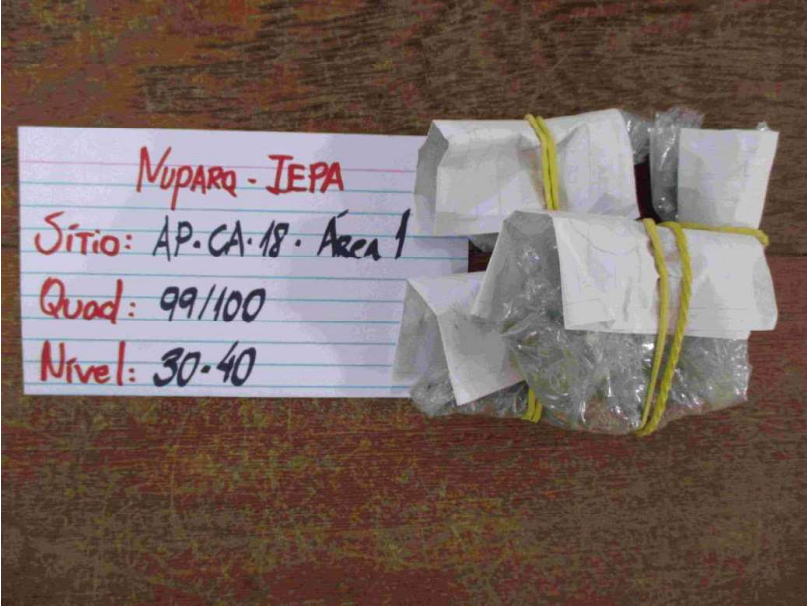
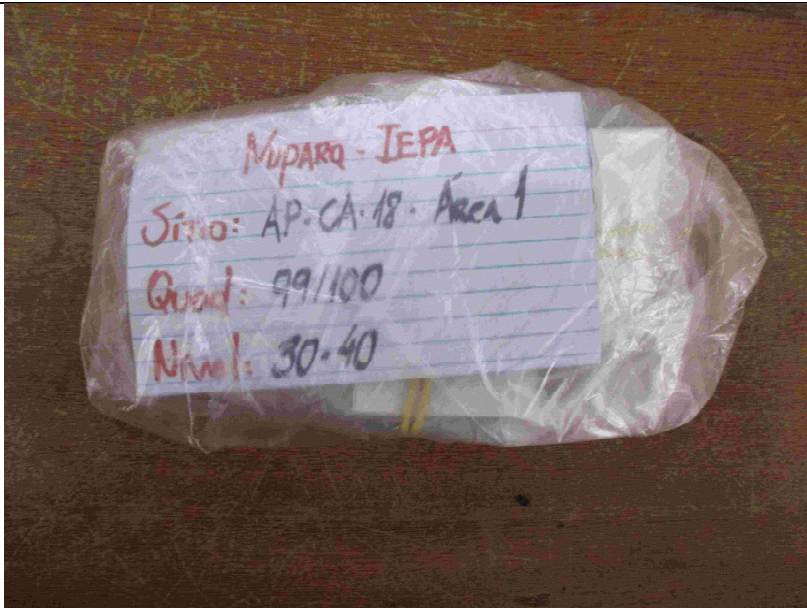
52		<ol style="list-style-type: none"> 1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 2. Nº inventário: S/Nº 3. Descrição: Fragmento parede 4. Tipologia material: Cerrâmica 5. Estado de Conservação: médio 6. Peso: 74,4g 7. Dimensões: 9,4 x 6,6 x 0,9 <p>Observações:</p>
53		<ol style="list-style-type: none"> 1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 2. Nº inventário: S/Nº 3. Descrição: Fragmento parede 4. Tipologia material: Cerâmica 5. Estado de Conservação: médio 6. Peso: 14,9g 7. Dimensões: 4,2 x 4,8 x 0,5 <p>Observações:</p>
54		<ol style="list-style-type: none"> 1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 2. Nº inventário: S/Nº 3. Descrição: Fragmento parede 4. Tipologia material: Cerâmica 5. Estado de Conservação: médio 6. Peso: 23,9g 7. Dimensões: 7,8 x 3,0 x 0,8 <p>Observações:</p>
55		<ol style="list-style-type: none"> 1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 2. Nº inventário: S/Nº 3. Descrição: Fragmento parede 4. Tipologia material: Cerâmica 5. Estado de Conservação: médio 6. Peso: 4,3g 7. Dimensões: 2,9 x 2,0 x 0,4 <p>Observações:</p>


56			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 20,6g Dimensões: 4,3 x 4,7 x 0,6 <p>Observações:</p>
57			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 18,6g Dimensões: 5,9 x 3,1 x 0,5 <p>Observações:</p>
58			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 15,4g Dimensões: 5,4 x 3,2 x 0,7 <p>Observações:</p>
59			<ol style="list-style-type: none"> Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 Nº inventário: S/Nº Descrição: Fragmento parede Tipologia material: Cerâmica Estado de Conservação: médio Peso: 9,5g Dimensões: 4,1 x 3,2 x 0,5 <p>Observações:</p>


60		<ol style="list-style-type: none"> 1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 2. Nº inventário: S/Nº 3. Descrição: Fragmento parede 4. Tipologia material: Cerâmica 5. Estado de Conservação: médio 6. Peso: 16,8g 7. Dimensões: 4,0 x 4,1 x 0,6 <p>Observações:</p>
61		<ol style="list-style-type: none"> 1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 2. Nº inventário: S/Nº 3. Descrição: Fragmento parede 4. Tipologia material: Cerâmica 5. Estado de Conservação: médio 6. Peso: 14,9g 7. Dimensões: 3,8 x 3,5 x 0,7 <p>Observações:</p>
62		<ol style="list-style-type: none"> 1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA-18 - Rego Grande Área 1 2. Nº inventário: S/Nº 3. Descrição: Fragmento rocha 4. Tipologia material: Granito 5. Estado de Conservação: bom 6. Peso: 8,1g 7. Dimensões: 2,1 x 3,7 x 0,4 <p>Observações:</p>

A		<table border="1"> <tr> <td>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1</td> </tr> <tr> <td>2. Nº inventário: Peças inventariadas</td> </tr> <tr> <td>3. Descrição: Fragmentos parede e rocha</td> </tr> <tr> <td>4. Tipologia material: Cerâmica e granito</td> </tr> <tr> <td>5. Estado de Conservação: médio</td> </tr> <tr> <td>6. Peso: Variado</td> </tr> <tr> <td>7. Dimensões: Variadas</td> </tr> <tr> <td>Observações: Trata-se de imagem de todas as amostras (cerâmicas e rocha) catalogadas selecionadas.</td> </tr> </table>	1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1	2. Nº inventário: Peças inventariadas	3. Descrição: Fragmentos parede e rocha	4. Tipologia material: Cerâmica e granito	5. Estado de Conservação: médio	6. Peso: Variado	7. Dimensões: Variadas	Observações: Trata-se de imagem de todas as amostras (cerâmicas e rocha) catalogadas selecionadas.
1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1										
2. Nº inventário: Peças inventariadas										
3. Descrição: Fragmentos parede e rocha										
4. Tipologia material: Cerâmica e granito										
5. Estado de Conservação: médio										
6. Peso: Variado										
7. Dimensões: Variadas										
Observações: Trata-se de imagem de todas as amostras (cerâmicas e rocha) catalogadas selecionadas.										
B		<table border="1"> <tr> <td>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1</td> </tr> <tr> <td>2. Nº inventário: Peças não inventariadas</td> </tr> <tr> <td>3. Descrição: Fragmentos parede e rocha</td> </tr> <tr> <td>4. Tipologia material: Cerâmica e granito</td> </tr> <tr> <td>5. Estado de Conservação: médio</td> </tr> <tr> <td>6. Peso: Variado</td> </tr> <tr> <td>7. Dimensões: Variadas</td> </tr> <tr> <td>Observações: Trata-se de imagem de todas as amostras (cerâmicas e rochas) sem catalogação selecionadas.</td> </tr> </table>	1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1	2. Nº inventário: Peças não inventariadas	3. Descrição: Fragmentos parede e rocha	4. Tipologia material: Cerâmica e granito	5. Estado de Conservação: médio	6. Peso: Variado	7. Dimensões: Variadas	Observações: Trata-se de imagem de todas as amostras (cerâmicas e rochas) sem catalogação selecionadas.
1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1										
2. Nº inventário: Peças não inventariadas										
3. Descrição: Fragmentos parede e rocha										
4. Tipologia material: Cerâmica e granito										
5. Estado de Conservação: médio										
6. Peso: Variado										
7. Dimensões: Variadas										
Observações: Trata-se de imagem de todas as amostras (cerâmicas e rochas) sem catalogação selecionadas.										

C		<p>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP</p> <p>Sítio: AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1</p> <hr/> <p>Observações: Trata-se de imagem de todas as amostras selecionadas para análise.</p>
D		<p>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP</p> <p>Sítio: AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1</p> <hr/> <p>Observações:</p> <p>Trata-se de imagem apresentando processo de identificação e embalagem individual das amostras para transporte.</p>

E		<p>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP</p> <p>Sítio: : AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1</p>
F		<p>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP</p> <p>Sítio: : AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1</p>
		<p>Observações:</p> <p>Trata-se de exemplificação da forma final da embalagem individual de transportes das amostras.</p>
		<p>Observações:</p> <p>Trata-se da forma final de embalagem de várias amostras individuais reunidas e identificadas sob mesmo conjunto lacrado.</p>

G		<p>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP - Sítio: : AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1</p>
<p>Observações:</p> <p>Trata-se da forma final das embalagem de conjuntos (conforme localização das amostras no contexto do sítio arqueológico) contendo em seu interior as amostras embaladas e identificadas individualmente.</p>		

H		<p>1. Dados de Identificação Coleção: Laboratório Peter Hilbert – NUPArq – IEPA/AP Sítio: : AP-CA- 18 - Rego Grande Área 1</p>
<p>Observações:</p> <p>Trata-se do acondicionamento para transporte dos conjuntos contendo as amostras identificadas e embaladas individualmente.</p>		